

MD Magno



# **A Rebelião dos Anjos**

**Eleutéria e Exousía**

**Falatório 2007**

**NOVAMENTE**

editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO  
E-BOOK



MD Magno

# *A REBELIÃO DOS ANJOS*

Eleutéria e Exousía

Falatório 2007



**NOVamente**  
editora

VERSÃO  

---

E-BOOK

**NOVamente**

editora

é uma editora da

**UNIVERCIDADE DE DEUS**

*Presidente*  
Rosane Araujo

*Diretor*  
Aristides Alonso

Copyright 2009© MD Magno

*Preparação do texto*  
Nelma Medeiros  
Patrícia Netto A. Coelho  
Potiguara Mendes da Silveira Jr.  
Paula de Oliveira Carvalho

*Editoração Eletrônica e Produção Gráfica*  
NovaMente Editora

*Editado por*  
Rosane Araujo  
Aristides Alonso

***...etc.***  
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176r

---

Magno, M. D. (Machado Dias), 1938-

A rebelião dos anjos : Eleutéria e Exousía / M.D. Magno – Rio de Janeiro  
: Novamente, 2009.

210 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN – 978-85-87727-50-3

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Título.

CDD- 150.195

---

Direitos de edição reservados à:

**UNIVERCIDADE DE DEUS**

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá  
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Telefax: (55 21) 2445-3177  
[www.novamente.org.br](http://www.novamente.org.br)

VERSÃO  
E-BOOK

Uma vida construída sobre a teoria é diferente de uma  
vida construída sobre a simpatia, sobre o medo, sobre  
a esperança, sobre o bom-senso.

FEYERABEND

*(Diálogos sobre o Conhecimento)*

Fiz uma obra de maior coragem  
Que todas as dos mais valorosos.  
Porém, outra ainda maior daí decorre,  
Que é mantê-la oculta.  
Seria loucura agora divulgar  
A ciência da pedra especular.

JOHN DONNE

*(A Obra)*

Pari meu ser infinito, mas tirei-me a ferros de mim  
mesmo.

FERNANDO PESSOA



## Sumário

### 1. 10/MAR

Oito interior como forma geométrica de representação do funcionamento da mente – Diferença entre experiência de Haver (psicanálise) e ordem do Ser (filosofia) – “Rebelião dos Anjos” depende de anamnese do lugar de Real – Liberdade como *eleutéria* e *exousía* – Três modos de instaurar a rebelião dos anjos: anamnese, emergência espontânea e rememoração à revelia – Explosão tecnológica como propiciadora de turbulência indifferenciante do mundo.

13

### 2. 24/MAR

Vontade de saber da psicanálise é descritiva – Pessoa ou Eu é enxame indeterminado de formações situada no Haver como singularidade – Razões de recusa das noções de sujeito e indivíduo – Propostas filosóficas de conhecimento baseadas na relação sujeito/objeto – Conhecimento é o que resulta da transa entre pólos de formações – Gnômica é gnoseologia da psicanálise – Gnômica inclui saber absoluto (gnose) – Implicação da pulsão no conhecimento como transa de formações – Ordem do Ser é condição de alienação da Pessoa.

26

### 3. 14/ABR

Entendimento da “Rebelião dos Anjos” depende de nova concepção de conhecimento – Psicanálise é uma gnose – Para a mente há equivalência das possibilidades – Gnômica considera válido qualquer conhecimento – Consideração do conhecimento como arte (criatividade) – Obra de Arte (criação) depende de HiperDeterminação – Conhecimento é com-sideração entre formações – Três níveis de conhecimento: absoluto, compreensivo e científico.

40

### 4. 28/ABR

Definição e constituição da Pessoa – O Mundo sou Eu – Estrutura da Pessoa é Revirão – Conhecimento científico é modo específico de conhecimento compreensivo – Produção e transformação de Mundo depende de HiperDeterminação – Creodo Antrópico é referência para entendimento da “Rebelião dos Anjos”.

54

### 5. 12/MAI

Posição da psicanálise em relação ao problema da Lei – Haver desejo de não-Haver é Lei Real – Para psicanálise Édipo é relação da Pessoa com a Lei Real (Haver), e com a Lei e a Justiça (Mundo) – Trilogia tebana mostra três posições da Pessoa em relação à Vocação da Lei – *Édipo Rei* é Invocação e Consistência da Lei – *Édipo em Colona* é Equi-vocação e Inconsistência da Lei – *Antígona* é Re-Vocação da Lei.

67

### 6. 26/MAI

Relação entre Édipo, sexo e sexuação – Creodo Antrópico situa Édipo em relação à sexuação – Invocação, equi-vocação e re-vocação como recursos de escolha e afirmação na ordem sexual.

82



## **7. 16/JUN**

Instrumentalismo radical da Nova Psicanálise – Paradigma, estatuto, ética e estética da psicanálise – Proposição de JusRealismo – Demanda de justiça é pedido de reconhecimento da singularidade da Pessoa enquanto Real – Capitalismo como base dos movimentos do Haver e do Mundo – Diferocracia como política do psicanalista – Diferocracia é governo da diferença em função da Identidade – Vocação diferocrática do Quarto Império.

**94**

## **8. 30/JUN**

Reconsideração do simbólico a partir do Real como experiência – Versão teológica do conceito de Pessoa – Referência de Quarto Império é Pessoa como Real – Estatuto provisório e instrumental dos enunciados legais – Singularidade da Pessoa é encarnação do sagrado – Identidade do Real é geratriz da diferença – Crítica ao conceito de multidão – “Rebelião é afirmação da Identidade causadora de diferença e se faz em dispersão pelo Mundo”.

**109**

## **9. 18/AGO**

Considerações sobre o conceito de Haver como campo do Possível e como campo homogêneo – Quebra de Simetria e o cumprimento d’Alei: supersimetria – Impossível Absoluto (não-Haver) ressoa no Haver e em suas Formações como Impossível Modal – Abandono do problema Natura x Cultura – Gnoma é a exasperação entre Haver e não-Haver – Passagem do Genético para o Técnico – *Thesis* ficcional e *Physis* ficcionada – Toda formação do Haver é uma limitação – Loucura é a condição da razão.

**119**

## **10. 01/SET**

HiperRacionalismo de Bachelard – Gnômica abole as noções de sujeito e objeto – Teoria da Pessoa – Identidade Real e o regime de identificação no

Ser – Política das formações constitutivas da Pessoa – Alei é considerada na *Thesis* como *Physis* – Teoria polar do conhecimento.

133

#### 11. 15/SET

Idéia de necessidade na relação entre *Physis* e *Thesis* – “Toda cura é tarde demais” – Ilusão é um erro de situação de arquivo – Liberdade como *exousia* é mudar de Mundo – Crença é morfose.

145

#### 12. 29/SET

Intervenção no Primário exige mediação do Secundário – Vontade de magia é suposição de intervenção direta no Primário – Denegação cabe no conceito de superstição – Diferença entre simbólico (razão sintomática) e diabólico (razão analítica).

157

#### 13. 21/OUT

Sujeito e objeto são ilusões segundo o conceito de Pessoa – Haver é pura presença sem temporalidade – Razão sintomática sujeito/objeto na língua – Inconsciente é rede que se polariza com foco e franja – Equalização contemporânea entre mercadoria, dinheiro e sujeito resulta em prostituição universal.

171

#### 14. 10/NOV

Ética da psicanálise é determinada por seu estatuto místico – Função analista é estrangeira ao Mundo – Predecessores da técnica psicanalítica – O sentido sempre se apresenta *tardemais* – Exemplaridade da psicanálise – Rebelião dos Anjos analiticamente orientada é conhecimento + revolta.

184

## **ANEXOS**

**SÍNDROME DE TRANSFERÊNCIA INSTITUCIONAL**

**199**

**ENSINO DE MD MAGNO**

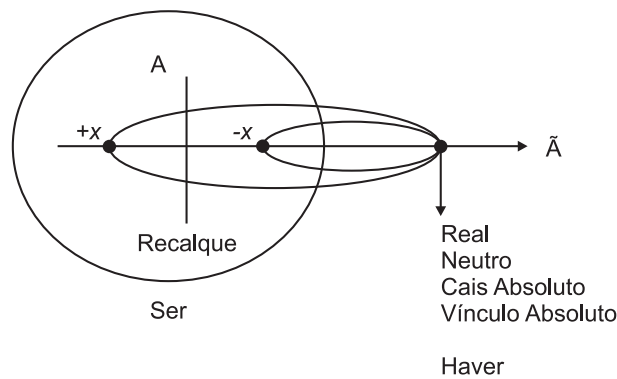
**205**



10/MAR/2007

1. Tenho duas dificuldades para desenvolver este Falatório. A primeira diz respeito aos Falatórios dos últimos anos terem sido realizados internamente, só para os membros da UniverCidadeDeDeus. Isto significa certa dificuldade em entender o que direi a partir dos desenvolvimentos anteriores – que já duram mais de trinta anos, aliás –, coisa que pode ser minorada mediante a remissão a textos já publicados, filmes disponíveis na internet, etc. Mas a dificuldade maior não vem da informação e do conhecimento, e sim do fato de trabalharmos na contramão dos hábitos intelectuais e reflexivos mais comuns em nossa sociedade. É praticamente impossível seguir este pensamento se for aplicada a visão escolar, acadêmica mais corriqueira, que é a que as pessoas trazem naturalmente, pois ele tem algumas radicalidades incompatíveis com o modo de reflexão usual. Além disso, temos a intenção de confrontar o mundo contemporâneo e pensar de maneira adequada aos acontecimentos de hoje. Não é preciso mostrar que a atual turbulência em todas as áreas, locais, países, grupos sociais, etc., não é sem razão ou motivo. O mundo está desconfigurado e não creio que, com as formações teóricas antigas – ou seja, produzidas até os anos 1980 –, consigamos dar seqüência ao entendimento do que está acontecendo.

2. Utilizo como orientação – meio matemática – a forma geométrica denominada **oito interior**, que é, sobre uma superfície plana, a projeção da linha que constitui o encaminhamento mediano de um ponto sobre a superfície unilátera da banda de Moebius. Chamei esta linha de **Revirão**:



Os elementos teóricos aí inscritos visam mostrar como podemos ter a noção de que nossa mente funciona de maneira representável por essa forma geométrica. Isto, a partir da experiência do laboratório da psicanálise – que, desde Freud, é o consultório de atendimento –, dos desenvolvimentos realizados durante seus cem anos de existência, e também dos mais diversos depoimentos de pensadores, filósofos e artistas. Este é apenas um modo de apresentar, mas o que interessa é entender que, numa passagem pela linha que passei, podemos ter o ponto positivo (+x), e, em outra passagem, o ponto negativo (-x). Ou seja, o ponto é meio sem caráter: quando muda de posição, muda para o contrário. E isto é exatamente o que acontece em nossa mente. Se não fizermos um embargo, o que quer que pensemos ou imaginemos pode ser pensado ou imaginado ao contrário. A estrutura originária de nossa mente, seja lá por que motivo for, não tem definição permanente e pode pensar qualquer coisa a qualquer momento. Não fazemos isto por motivos da história, da biografia de cada um. O terceiro ponto, por ser uma espécie de representação dos outros dois antes ainda de tomarem o partido do (+) ou do (-), chamo-o de **ponto bífido**, mas ele tem uns apelidos mais interessantes. É onde posso escrever o Real; é Neutro, nem positivo nem negativo; é o que, tirando de um poema de Fernando Pessoa, chamo de Cais Absoluto; é o lugar em que temos a chance de um Vínculo Absoluto; e é também onde posso escrever o Haver propriamente dito.

Nossa posição é fora da filosofia. Hoje, ainda há certo reinado do

pensamento filosófico sobre os outros pensamentos, sobretudo por causa dos vícios da universidade que insiste na tolice de fazer supor que o pensamento filosófico é o ápice do pensamento e determina e rege os demais. A filosofia é importante? Sim, pois desvela temas e, às vezes, algumas realidades, mas é apenas a história de algo que começou há dois mil e quinhentos anos e conseguiu se impor como dominante sem trazer prova alguma de sua dominância como necessária. São idéias que as pessoas têm, muitas vezes brilhantes, mas só idéias, como outras quaisquer. Mesmo a psicanálise, não com Freud, mas sobretudo com meu mestre Jacques Lacan, acabou se tornando meio subdita à ordem filosófica. Isto, para escapar de outros saberes em conflito naquele momento da história e também por causa da importância do pensamento estruturalista, o qual, de certo modo, facilitava encostar-se no pensamento filosófico. Então, a psicanálise foi invadida pela filosofia, sobretudo a hegeliana, e ficou realmente infectada, o que é ruim. Basta lembrar que a pretensão científica inicial da psicanálise nunca se estabeleceu de fato e de direito por causa dos chiques da filosofia. Até Lacan é capaz de dizer, como disse, que a psicanálise não é uma ciência, conforme ele mesmo se esforçara para mostrar que fosse. Como se deparou com Karl Popper e coisas assim, ficou resolvido que a psicanálise não é bem uma ciência. Mas tampouco é filosofia e não pode ficar dependendo de seus aparelhos para pensar. Se deve se aproximar de algo, suponho que seja mais das ciências. Ou melhor: **a Psicanálise é uma Ciência, resta definir qual.**

No campo da filosofia há uma região, pretensiosa e incompetente para tal, chamada epistemologia, que resolveu decidir o que é e o que não é ciência ou conhecimento. É pura pretensão, pois, para decidir isto, ela precisa fazer referência a certo pensamento filosófico que é apenas a escolha intelectual do Sr. X. É algo inteiramente biográfico, pois o Sr. X faz uma escolha intelectual, diz que é o fundamento do pensamento e, a partir dela, resolve ser, com licença do termo preciso, o caga-regra sobre o pensamento no mundo. Mas as ciências ou os atos científicos precisam dessa obediência? Ou estão pouco se lixando para a existência da epistemologia e, em seus laboratórios e cam-

pos de pesquisa, indo à busca do que querem e achando coisas formidáveis, importantes e capazes de, para bem ou para mal, transformar o mundo? Depois dessa investida do século XX, do mesmo modo que as ciências se lixam para esse tipo de determinação, a psicanálise também precisa se libertar dessas vontades de conhecimento, de saber, que advêm de um campo que não é seu. O campo da psicanálise parte de experiências concretas. Entretanto, por motivo dos próprios fenômenos que acontecem no psiquismo, tendemos a esquecê-las e ficar no delírio da filosofia sobre os elementos que invadiram nossa mente.

3. O que acontece no Revirão é: a experiência bruta que qualquer um de nós pode rememorar é a de aqui estarmos, não entendermos nada do que aqui fazemos, inventarmos entendimentos que não encaixam muito bem, isso dói, é difícil, pesa – e procuramos a porta para cair fora, e não tem. Nem morrendo... Quando morremos não estamos mais presentes para saber que saímos, então, não tem saída. É tolice do suicida, aliás, se pensar que achará a saída. Quanto ao resto, está certo, ele faz o que quiser, mas a suposição de que, em se matando, sairá, é pura tolice, pois não sairá para lugar algum. Seu perecimento exclui qualquer reconhecimento da saída que ficou para trás.

O lugar de soco no estômago é nossa presença aqui, e não é preciso de filosofia, pensamento ou reflexão para cada um ter a experiência dele. Então, para escapar da ordem do Ser, que a filosofia tanto preza, chamo-o de **Haver**. Poucas línguas, como as ibéricas, têm a possibilidade de dizer: o haver, há. Haver não é Ser, pois sobre ele nada sei dizer. A ordem do Ser, que é a da filosofia, é a da falação, da verborragia, do tentar dizer, mas não há como dizer o Haver. Posso, sim, reconhecer que a situação de horror em que vive nossa espécie é causa de um movimento meu de produção de mundo, de frases que tentam conhecer as formações, as realidades que estão ao redor e que, portanto, estão produzindo mundo, mas, para o Haver, não há mundo algum, só um soco. O bebê nasce berrando, sem possibilidade verbal alguma, mas já com essa pancada, sentindo tudo – e imediatamente começam a colocar a ordem

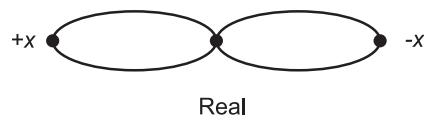


do Ser sobre o pobrezinho. Sem o quê ele tampouco sobreviveria, mas é simplesmente uma enxurrada verborrágica que se joga sobre as pessoas, as quais a acolhem na tentativa de lidar com o mundo que nós mesmos produzimos por causa dessa situação horrível. A experiência básica da psicanálise foi dar de cara com essa situação. As pessoas vinham cheias de estorinhas, falações e as despejavam sobre Freud, mas, em última instância, resta que estavam falando disso e da impossibilidade de cair fora: **Há**, estamos dentro do Haver e é impossível passar a não-Haver.

O que dá para fazer é, de algum modo, tentar não haver, mas como isto é impossível, chegar ao Cais Absoluto, que é a beira final de nossa possibilidade. Neste lugar não **somos** nada: a gente **Há**. Aí, todos estão na mesma situação, não há diferença, é um lugar de indiferença radical. O Real é absolutamente indiferente a qualquer coisa, não toma partido, não é bonito ou feio, não quer nem saber de nada, mas, nesta espécie – que não é feita apenas de real, mas também de carne, que é informada e, depois, entra na região do Ser e da falação através de linguagens, etc. –, causa uma turbulência que produz mundo. Temos, então, duas saídas: ou correr na direção de **Ã**, que é uma saída sem saída, ou na de **A**, que é também uma saída sem saída. Mas, enquanto não se sai, é possível fazer marolas bastante interessantes. Na marola do lado do Ser, a filosofia arranca os cabelos para tentar dizer o que é *O Ser*, o qual simplesmente não existe, pois é: *sendo*. Alguns filósofos falaram em devir para escapar disso. Já o Haver **Há**, não é e nem se diz. No lado do Ser, fala-se, deblatera-se, e não se consegue fazer mais do que marola, pois não se consegue *O Ser*, o qual é essa falação mesma. Cada filósofo, ao produzir sua filosofia, não tem a menor lembrança do lugar do Real, pois o esqueceu. Como todos nós, aliás, que entramos no mundo, que nos enche de idéias e nos deixa envolvidos e esquecidos dessa nossa situação fundamental. O filósofo escolhe uma idéia como fundamento de seu pensamento e a desenvolve, o que é uma escolha e nada mais. Para nossa teoria, não há escolha: é assim porque é uma experiência e ponto! Tentamos, pois, pensar e agir, mas de olho nessa experiência, sem esquecê-la, pois é a nossa referência permanente.

4. Pode-se, portanto, encostar para o lado de  $\tilde{A}$  e ficar numa situação adequada à nossa posição fundamental de haver, a qual é um processo **místico**, que, para nós, diferentemente de beatice ou macumba, significa estar afastado do mundo, recolhido à sua solidão e ao seu horror fundamentais. Em qualquer situação que se procure encostar Lá e se dê de cara com o absoluto, com a neutralidade, com a indiferença, estaremos tomando uma posição mística, que não é o que faz a posição filosófica. Místico quer dizer defrontar-se radicalmente com essa posição indizível, o que dá a impressão de mistério. E mais, a psicanálise não é uma mística e nem pergunta aos místicos o que fazer, apenas reconhece essa experiência, pois é um processo, um modo técnico, ou seja, artístico, de funcionar (também no mundo) na lembrança dessa experiência. Em análise, falam-se todas as asneiras que estão no mundo, mas no sentido de ir indiferenciando para chegar à memória radical – que costumamos esquecer – de que a base é essa. Esquecemos porque o mundo está articulado de maneira a se organizar em formações – das mais materiais às supostamente mais abstratas – muito fechadas, que, enquanto tais, são incapazes de fazer o salto de se abrir para todas as possibilidades, pois são estagnadas. E nós, que podemos fazer isso, não fazemos. O nome que Freud dá a essa estagnação é: **Recalque**.

Redesenho agora a figura que apresentei acima como se pudesse abri-la em lemniscata. O oito interior é essa lemniscata virada para dentro:



Essa borboleta, *psyché*, tem duas asas. Quando as fecha, fica como no desenho anterior, paradinha, pousadinha e não percebemos que tem as duas. Assim, no interesse de sua própria sobrevivência corporal, física, e no da sobrevivência cultural de cada região, as formações recalcentes fazem uma poda. É a isto que chamamos de Recalque. Quando era criança, as galinhas do quintal eram podadas: cortavam-lhes uma das asas para que não fugissem. Mesmo não sendo bichos muito voadores, com as duas asas conseguem pelo menos pular o muro

e ir para o terreno do vizinho. Portanto, cortavam uma das asas – e a galinha inteira vai para o brejo. Pensamos que se perde apenas um pedaço da asa, mas o que se perde é o resto, que é a galinha que voa. Se a galinha não voa, ela é só o pedaço de cá. É o que acontece conosco: somos essas galinhas. (Aliás, as galinhas têm longa história na filosofia. Basta lembrar Diógenes, que, após uma aula em que Platão dissera que o homem era um bípede sem plumas, trouxe uma galinha depenada e disse: “Vejam o homem de Platão!”)

O que nos acontece, embora não sendo definitivo e radical, pois o recalado retorna, é que as formações que chamo Primárias, essas de nosso corpo, de nossa biologia, bem como as formações Secundárias, que são as formações ditas culturais de qualquer tipo, são limitadas e fechadas. Portanto, cortam uma de nossas asas e, quando isso acontece, acabou o voador, só se fica com o pedaço cortado, já que o outro não funciona mais. É o que ocorre com os **Anjos**, que – somos nós, não há outros – são os mensageiros. Nós é que temos a condição horrível que nos causa os movimentos dentro do Ser: somos os que ficam produzindo mundo, mensagens. Mas são anjos decaídos, que perderam um pedaço da asa por recalque, ou seja, perderam a capacidade de voar. Notem que viro ao contrário o mito judeu-cristão em que os anjos se rebelam contra aquele senhor onipotente e onisciente: de castigo, são decaídos, caem no mundo e vão para o inferno. Em meu caso, os anjos nem sabem que são anjos e que estão nessa situação precária desde que nasceram. Mas, depois, entram na possibilidade do angélico, de topar toda e qualquer informação, conhecimento, idéia ou situação – e são podados. Aí, são decadentes, decaídos. Na linguagem de Freud, diríamos que os neuróticos são anjos decaídos.

A **Rebelião dos Anjos** sempre houve, tanto é que os mitos a repetem. Muitas vezes, sabe-se lá por que, os anjos atingem a memória, a lembrança de sua origem, de seu ponto fundamental, olham para aquele lado, perguntam “quem deu permissão para cortarem minha asa?”, e se rebelam. Quando isto acontece, eles, que estavam meio mortos, são ressuscitados. A ressurreição dos anjos é o mesmo que sua rebelião. Eles, que, por forças recalantes, es-

tavam em amnésia de sua essencialidade, se houver qualquer tipo de anamnese, de lembrança, se rebelam imediatamente contra essa situação. Às vezes, se rebelam relativamente a algumas formações que os estão aborrecendo, mas quando levam isso muito fundo rebelam-se radicalmente contra todo e qualquer tipo de imposição recalcante. Rebelar-se não significa que virarão uns porraloucas, e sim que sabem que todas as escolhas são meras escolhas. Se o são, estão subditas a um *princípio de equivalência das escolhas*. Então, por que uma seria melhor do que outra? Uma escolha é dita melhor do que outra na medida em que alguém assim o disse e certamente teve poder para impor que assim fosse. Trata-se, pois, de escolha esteada numa força, num poder – mas podemos lutar com os poderes.

5. O interesse pelas diferenças – já que vivemos numa época em que filosofias da diferença estão na moda – não é autêntico, verdadeiro, se for simplesmente interesse pelas diferenças, pois continua sendo jogo de oposições na ordem do Ser em sua produção de mundo. Esse modo de pensar não reconhece a nossa posição, que está em separação, em indiferença radical em relação ao mundo. Indiferença não significa desinteresse, pois quando sou indiferente, sou radicalmente interessado em tudo. Como, para mim, tanto faz, tudo me interessa: tudo interessa. Naturalmente, fazemos escolhas *ad hoc* durante a vida, mas o importante é que, no movimento de reconhecimento do Haver, cada um está na possibilidade do exercício da única liberdade possível, a qual não há no campo do Ser, pois aí há sempre um dono, e onde há dono há guerra, luta. No campo do Real, temos a única possibilidade de movimento de liberdade, ainda que não a consigamos. Por isso, no subtítulo deste Falatório, coloquei: *eleutéria e exousía*, dois termos gregos para o mesmo sentido da palavra liberdade. Em *eleutéria*, o sentido é: *liberdade de*, ou seja, conseguir ficar livre de algo, desembaraçar-se de alguma potência, de alguma força. Em *exousía* é: *liberdade para*, ou seja, assunção de poderes para ousar. Para algum movimento de liberdade, temos que nos livrar das imposições da ordem do Ser e nos munir dos poderes do Real para ousar outras coisas. Por isso, digo que sempre houve

rebelião de anjos. Pensadores, artistas, poetas disseram ao longo da história: “Não é por aí. Queremos ir por aqui – e podemos!”

O que interessa à psicanálise, portanto, pelo menos à minha, é a anamnese do lugar do Real. Lutamos com as formações psíquicas para, um dia, chegarem a se aproximar da radical indiferença que se pode ter diante das formações. Este é o verdadeiro sentido, para mim, do “Wo Es war soll Ich werden”, do velho Freud. E também para lidar com elas sem sintoma, pois escolhas e preferências são sintomas. O pensamento filosófico é estritamente sintomático, como qualquer outra formação, aliás. Falo dele assim só para derrubar a pretensão e o engodo em que caímos ao pensar que a filosofia seja *Regina scientiarum*. Toda e qualquer formação que se imponha, mediante certos poderes, como sendo a verdadeira é, por isso mesmo, falsa. Nem mesmo o que lhes digo aqui pode ser tomado como o verdadeiro, pois seria falso. A psicanálise pensa, age, opera a partir de uma experiência concreta e radical. Ela pode manejar a ordem da fala e do Ser à vontade, mas sua referência é esta experiência, e não algum produto conseguido mediante escolhas na região do Ser. A psicanálise tem uma experiência radical, lembra-se dela, e ela, como referência, diz que o que quer que aconteça na ordem do Ser lhe é indiferente, mera escolha, não permitindo que se fixe, se nomeie ou se defina a partir dela. Joga-se com as escolhas e vai-se vivendo e fazendo arte, mas Eu sou o que eu causo lá dentro: Eu não sou Mundo, o mundo é que é Eu. E isto é um saber, no sentido de sabor, de conhecimento concreto – isto é, cujo gosto conhecemos – que determina, causa todas as nossas movimentações no campo do Ser.

Assim, fora de qualquer filosofia, posso dizer: **Hei, logo sei**. Sei porque hei: isto dói aqui em meu rabito, então sei como dói. Se quisermos entender porque posso ser, escreverei assim: **Hei, logo sou**, o que não é um cogito, pois o “logo” aí não é lógico, e sim temporal: se hei, logo-logo sou. Ou seja, é só dar um tempinho que sou. Descartes não entendeu nada disso, pois chegou à conclusão, absolutamente delirante, de que “penso, logo sou”. Se sou porque penso, estou delirando. Aconteceu com ele o mesmo que acontece com a maioria de nós, que não rememorou sua experiência do Real.

Uma vez, então, que ela foi esquecida, tamponada por uma série de recalques, o recalque não deixando avessar à vontade – se é isto também pode ser aquilo, se é aquilo também pode ser isto –, mas limitando – o certo é isto e o outro é errado –, elimina minha possibilidade de lembrar e fico na deliração da dúvida. Ou seja, se não recordar uma posição neutra, indiferente, radical, ficarei o tempo todo obsessivamente, como Descartes, numa dúvida infinita e interminável. Ele tentou recortar por dentro sem a rememoração do Real, e, eliminando a dúvida pela dúvida, concluiu: “Penso, logo sou” – isto é: eu sou porque sou obsessivo. Esta não é a experiência da psicanálise. Sua experiência é, começando no âmbito do Ser, junto com o analisando, que está nessa loucura, indiferenciar até que, em algum momento, venha a rememoração. A partir daí, pode-se tratar aquilo de outra maneira. É preciso, pois, ter essa memória como referente permanente, se não, caímos no Ser e ficamos na idiotia dessa conversação.

A referência mística, como digo, é que me livra – no sentido tanto de *eleutéria* quanto de *exousía* – da situação infernal do saber e do Ser. A psicanálise não procura chegar ao Real calando a boca do Ser, coisa que é própria das meditações orientais, que tentam dizer um modo de aproximação mediante esvaziamento e pensar nada. Em nossa espécie, isto não é possível. Quem disser que está vazio e não pensando, está enganado ou está mentindo. Há grande diferença entre estar vazio e estar numa posição serena de indiferença. Mas, talvez, a palavra que usam para vazio fique mal situada em nossa língua, pois os místicos orientais, que tenho lido também, me parecem estar pensando numa situação de neutralidade e indiferença. É o que Buda chamava de “caminho do meio”, que não é ser medíocre – a *aurea mediocritas*, de Aristóteles –, e sim: pulo daqui para ali, dali para aqui, pois estou indiferente, sereno. A psicanálise tenta atingir esse lugar por um exercício (*askesis*, em grego), um processo ascético da indiferenciação no regime do Ser, já que o analisando está esquecido de sua experiência fundamental.

6. O que, para bem ou para mal, para Ser ou para Haver, faz todos os nos-

sos movimentos e suas aplicações é uma força constante, uma *konstante Kraft*, como dizia Freud, que é aquela que aplicamos em qualquer querência, qualquer desejo. Em bom português, chama-se: **Tesão**. Tesão em qualquer coisa é a aplicação de nossa força em algo. Força esta que, em última instância, deseja sumir. Por isso, Freud falou em “pulsão de morte”. Então, como disse no início, posso pulsionar para não-Haver, que não há, que é Impossível, jamais chegarei Lá, mas reconhecerei esse lugar como meu; ou posso pulsionar, colocar meu tesão para o lado do Ser, e artisticamente produzir muita coisa no mundo. Quando produzimos ou usamos as coisas na crença de que são *A* coisa, somos uma pessoa decaída, uma galinha, um anjo que não está podendo voar. Mas quando utilizamos qualquer coisa a partir da referência ao Real e a tratamos com indiferença, ou seja, na equivalência dos valores, somos angélicos e podemos voar à vontade. É o que chamo de Rebelião dos Anjos: alguns anjos se rebelam e dizem *não* à força dos poderes instaurados e constituídos. Mas acontece que, de algum modo, os anjos precisam de uma referência ao lugar neutro para se rebelarem. Precisam trazer de volta, mesmo que medianamente, a noção de seu lugar essencial. Temos, pois, três modos de instaurar essa ressurreição.

Primeiro, por **anamnese**, que significa rememorar essa experiência por qualquer caminho, até mesmo por acidente. A psicanálise é um trabalho, uma técnica, que se esforça por trazer essa rememoração, e é também um pensamento a partir dela. Às vezes – segundo modo –, há **emergência espontânea** dessa memória. Eis senão quando acontece de alguém virar poeta, entrar nesse processo, passar a referir-se a essa dor essencial e, portanto, começar a ficar à vontade para criar ou fazer bagunça (que são *arte* nos dois sentidos). Mas há também – terceiro modo – a possibilidade de **rememoração à revelia** do conhecimento do anjo decaído. É o que, por mera turbulência, assistimos no momento presente do mundo e não estamos entendendo bem: uma rebelião de anjos à revelia de sua própria reflexão. Os anjos estão se rebelando sem saber por que, na lembrança – atenção para o que direi –, talvez semi-consciente, de seu lugar. Isto porque há turbulência no mundo. Então, quando se fala em

quebra de fundamentos ou crise das idéias significa que isso se angeliza. É, aliás, maneira esdrúxula e boba de dizer, pois não sei dizer se, na turbulência, há consciência disso. E consciência não é algo tão importante. O importante é que funciona. Alguma semi-consciência existe, pois adolescentes, favelados, filhos da burguesia, etc., estão dizendo *não*. Eles foram tomados pelo processo, e não adianta os poderes constituídos tentarem frear, pois caíram numa situação paradoxal: interessa-lhes um grande investimento na tecnologia, a qual dissolve os princípios que têm. Há, pois, que entender, segundo o aparelho que apresento, como funciona e como refletir sobre a situação presente de mundo e os encaminhamentos que pode ter.

Isso é uma ampla rebelião dos anjos, os quais estão na *internet* e na explosão tecnológica, que, por sua vez, estão indiferenciando. Vejam que o que está acontecendo é diferente de qualquer século anterior, uma novidade radical. Antigamente, era preciso fazer grande esforço de reflexão para criticar e, eventualmente, poder cair em outro lugar. Um ou outro poeta era capaz de fazer essa rememoração, começar a criticar e a invadir o campo do Ser de maneira mais ou menos radical; ou alguns tinham essa explosão que os faziam, às vezes, se tornar bandidos, que é uma das formas poéticas de haver. Mas hoje a própria produção de anjos no campo do Ser está criando uma turbulência tal que, por si mesma, está indiferenciando. Alguns mais velhos – que são os outros, pois eu sou jovem – ainda pensam em retomadas de valores, mas jamais os retomarão: acabou a festa filosófica! O que há a fazer é entender como funciona e como vamos lidar com isso, pois sem entender não vamos lidar. O movimento dos saberes, das produções do campo do Ser, acabaram por criar uma vasta turbulência indiferenciante do mundo e os resultados estão à vista. Ainda existe neurótico? Sim, há aquele cujo deus é *x* e o do outro é igual, mas entram em guerra só por achar que são diferentes. Ou seja, a neurose ainda está solta por aí, mas acompanhada de uma turbulência de indiferenciação. A pretensão da psicanálise é procurar entender e achar caminhos de cura sem pensar que se vai curar massas ou grupos, e sim curar um a um, cada um, se é que se vai.



- Pergunta – *Podemos dizer que o movimento é coletivo, mas a cura não?*

Não acredito em movimento coletivo. Coletivo é ônibus. É preciso eliminar o termo, em função das consequências políticas que veremos adiante. Coletivo é vontade de circunscrição: há um poder que diz que somos do estado ou da classe tal, desenhada com determinada fronteira. O movimento, a turbulência, é de mundo, dentro do qual, como o processo de indiferenciação, em várias áreas, se dá em função dessa turbulência, o lugar do Real começa a funcionar em seu isolamento, em sua Eu-dade radical. E mais, a tentativa de controle desse funcionamento tem sido reincidir no recalque, mas o movimento da tecnologia e a distribuição de informação a corroem. Por isso, é paradoxal. Há gente correndo atrás, sobretudo nos interesses de propriedade, de autoria, mas cada vez mais entramos num processo de reconhecimento de que as fronteiras estão se borrando, inclusive entre as nações. Não confundir os discursos oficiais e acadêmicos com a realidade, pois aqueles sempre dizem bobagem. Na universidade, o professor arruma tudo bonitinho no quadro, mas é apenas sua vontade, ou do autor que leu, de que seja assim. A força maior do mundo do Ser é a de querer entender como é e saber como *deve* ser. Daí uma palavra séria como “ética” tornar-se ridícula. Falta de ética é o comportamento dos outros, não é? Nós estamos procurando por outra via. Se lhes disser como deve ser, precisarei de um poder capaz de me dar condições de obrigá-los a ser como acho que deve ser. Não tenho esse poder e não o quero. É a anti-ditadura.

- P – *Por que o tesão quer desaparecer?*

Porque incomoda muito.

- P – *Ele não poderia querer se perpetuar?*

Ele não consegue. Você já conseguiu? Em todas as áreas, parece que, segundo uma postura razoavelmente científica, ou seja, sem interesse filosófico, só tentando descrever o movimento de qualquer tesão, verificou-se que sua tendência era morrer. Por exemplo, de acordo com a segunda lei da termodinâmica, que até hoje não foi abolida, a entropia come tudo. Não adianta querer segurar, pois todos envelhecerão e perecerão em algum mo-

mento. Se isto vai renascer adiante, é com outro modo de renascimento ao qual não temos acesso. Por exemplo, não temos acesso para alguém do Big Bang, mas vemos que o universo está caminhando para a velhice total. Não é uma posição filosófica de “achar que o desejo quer morrer”, pois **vemos** o tempo todo que ele quer morrer. Até queremos que não morra, mas ele morre. Observem, então, que, diferentemente de uma escolha filosófica, nós damos de cara com algo duro que é assim mesmo. O filósofo dá um jeito de explicar apontando uma entidade, Deus, capaz de fazer um milagre, mudar o tesão para o lado de cá.

10/MAR

7. Para relembrar alguns pontos da vez anterior, repito que a vontade de saber da psicanálise, sua força cognitiva, não é prescritiva, e sim descritiva. Isto significa que não há *dever* ou opção de obrigação no pensamento psicanalítico: conhecer é descrever, e não dizer como deve ser. Isto pode parecer uma leveza, mas é importante, pois a penúltima psicanálise, se não for a última, aquela de Lacan, diz que o estatuto da psicanálise é ético. A psicanálise que apresento, ao contrário, diz que seu estatuto é místico – distanciamento, afastamento e solidão radicais – e que a última instância de cada um está no regime do Haver, do Real, o que põe uma solidão e uma indiferença também radicais em relação a qualquer movimento do mundo. Brincando com Descartes, disse “hei, logo sou” e que este *logo* não é lógico, e sim temporal. Ou seja, se hei, a qualquer momento serei. E o *sou* é só-depois, no sentido freudiano de *Nachträglichkeit*: só-depois que Há é que pode Ser. Quanto ao conceito de Lei, para nós ALEI, como chamo, não é decidida por alguma reflexão filosófica e tampouco é meramente simbólica ou de caráter jurídico. Ela vem do reconhecimento da realidade do Haver. Isto é mais parecido com o conceito de lei das ciências: lei de funcionamento de alguma realidade. Portanto, ALEI é de estofa pulsional:

uma força no sentido do Impossível, o qual é não-Haver. Freud a chamou de Pulsão, e a chamo de Tesão. Por causa desse movimento, o desgaste das formações do Haver acontece e se costuma chamá-lo de entropia.

Como é duro demais atravessar o deserto da solidão sem alguma companhia que amenize a travessia, buscamos desesperadamente companheiros – mas estar acompanhado não elimina a solidão ou o deserto. Estes permanecem, nós é que tentamos nos enganar e achar que acabaram. Disse também que estamos passando por um grande surto de Insurreição dos Anjos, mesmo que à revelia: uma nova ocasião, que pode ou não ser aproveitada. Esses anjos somos nós, não existem outros. Como defini-los, nomeá-los? **Pessoas** é como os nomeio e os defino. Já foi moda na filosofia tratar das pessoas, sobretudo em certa filosofia existencial, ou em certa filosofia religiosa, como a católica, por exemplo. Não é o conceito que uso. Em meu teorema, as Pessoas são IdioFormações ditas humanas. Como sabem, IdioFormação, seja de onde for – um ET, por exemplo –, é essa coisa parecida com o que somos. Ela é constituída de Primário, Secundário e Originário e, em última instância, tem sua situação no Haver, no Real, como singularidade. Referidos ao Real das Pessoas, somos absolutamente singulares: ninguém é nós, ou, se não, nós é ninguém. Trata-se da singularidade como Haver. Assim, a Pessoa de que lhes falo é um conjunto indeterminável de formações, capaz de se defrontar com outros conjuntos indetermináveis de formações, sejam formações pessoais ou não. Temos o mau hábito, sobretudo de caráter ocidental, de pensar que somos alguém, que “eu sou”. Mas *Eu* quem? Aí já não se sabe explicar. É preciso inventar uma categoria para dizer quem é esse Eu que dizem que está tomando a palavra, por exemplo.

Às vezes, temos a impressão de estar numa situação de observação, de olhar mais ou menos definido diante de manifestações do Haver e de estar acompanhando esse processo de contemplação. Os orientais costumam dizer que, em estado de meditação, podem ver seus pensamentos passando. Mas que Eu é esse que acompanha seus pensamentos? É preciso situá-lo. Está na moda de novo a tetralogia *Quarteto de Alexandria* (Rio de Janeiro:

Ediouro, 2006), escrita por Lawrence Durrell (1912-1990) entre 1957 e 1960. No vo-lume dois, *Balthazar*, diz ele: “As pessoas são ilusões para o místico, como a matéria é uma ilusão para o físico quando a considera sob a forma de energia”. Acompanhando certo movimento da física mais moderna, conseguimos entender que a matéria seja algo cuja dureza é pura ilusão, energia em movimento. E quando perguntamos quem é Eu, podemos ver que também é uma ilusão, como, aliás, está em certos pensamentos orientais, sobretudo hinduístas. Não que isto não tenha dureza, que não haja aí um real inarredável constituinte de uma singularidade, e sim que é preciso perguntar: quando falamos Eu e começamos a discursar, estamos falando do quê? Posso sentir essa coisa real, inamovível, mas ela não fala, é uma porrada que sinto e que está aí. E quando falo, penso que sou muitas coisas, psicanalista, por exemplo, o que é uma loucura. Eu quem? Esquecemos que a Pessoa, que até se chama de Eu – nossa língua é assim, mas há línguas mais inteligentes que não têm Eu –, é um conjunto de formações que está em funcionamento. Uma delas é o lugar que chamo de Real, de Haver, onde sentimos, conhecemos, e nada temos a dizer, pois ele não se manifesta, embora seja capaz de causar um mal-estar tal que começamos a falar, criar e produzir. Quem fala são outras formações.

O que constitui uma Pessoa é um enxame de formações, as quais digo que são Primárias, Secundárias, e com a formação Originária, que é a experiência de Haver. Temos uma constituição corporal, biológica, com formações Primárias, que se subdividem em autossomáticas e etossomáticas. São as formações que constituem o corpo que portamos, dentro das quais estão as que constituem seus comportamentos. São aquelas que chamam de genética, etc., e que viram formações de uma pressão enorme. Em nossa espécie, por haver a formação Originária de reviramento, de despegamento, existem as formações Secundárias, que são os elementos *soft* que usamos com o nome de cultura, língua, etc. É o software da coisa. Portanto, Pessoas são conjuntos enormes de formações, as quais, sabe-se lá por hegemonia de qual delas, costuma-se chamar de Eu. Ou seja, deve ter uma formação que toma a hegemonia de chamar o conjunto de todas as formações de Eu, mas é só uma maneira de

dizer já que a língua é assim. Quero, portanto, tratar de *Pessoas*, e não de *indivíduos* ou mesmo de *sujeito*, que é a nomeação que está mais em voga e contra a qual estou. Não é de graça, espontâneo, que sejamos sujeitos, e sim que alguém, em sua caraminhola – assim como a minha está dizendo outra coisa –, resolveu, em função de movimentos gramaticais e lógicos, chamar de sujeito certa instância que resulta em Eu. Mas o tipo de mundo em que vivemos está eliminando esta categoria, embora o vício continue em filósofos e em ditos analistas, mormente lacanianos, pois em Freud não há sujeito. Pessoas são um aglomerado de formações que costumamos chamar de alguém que, quando abre a boca, chama-se de Eu. Todos se chamam de Eu, é um nome genérico das pessoas. Eu é primeira pessoa do singular, como costumamos dizer em gramática.

Darei alguns motivos para não querer saber de indivíduo ou de sujeito. Primeiro, **as afecções pessoais não são totalmente incomunicáveis**. Não são facilmente, ou todas, comunicáveis, mas não são totalmente incomunicáveis. Isto é grave, pois, se não são totalmente incomunicáveis – comunicar é: tornar comum –, onde passa a fronteira entre Eu e Eu? Se me chamo de Eu e vocês também, se há comunicação possível, onde passa a fronteira? Vejam que já se borrou – um pouco, pelo menos – a noção de indivíduo. Segundo, **não sabemos onde passa qualquer fronteira entre interior e exterior**. Em nossa transa com o Haver e com o mundo, sabemos situar a fronteira? Quando falam em subjetivo, *sub-jectum* é estar jogado dentro, mas dentro de onde, de quem? Não se sabe onde passa a fronteira entre dentro e fora, se é que há fronteira aí e se é que há dentro e fora. Talvez não haja e seja mais uma ilusão. Terceiro, **não sabemos discernir precisamente, num dito conhecimento, o que é do sujeito e o que é do objeto**. Sempre que se coloca a idéia de sujeito, sobretudo depois das descrições e decisões cartesianas para cá, sujeito tem objeto, o qual corresponde ao sujeito, pois sujeito é para dentro e objeto é para fora. Mas se já não sabemos precisar a distinção entre dentro e fora, não sabemos onde passa a distinção entre sujeito e objeto. É claro que tentam explicar de maneira forçada, mas

onde está a fronteira que diga que até aqui é sujeito e até ali é objeto? Como não se sabe dizer, isto derroga meu interesse por sujeito e objeto.

Quarto, **não sabemos onde passa a suposta fronteira entre consciente e inconsciente**. O ato freudiano de introdução da idéia de Inconsciente deixa mais ou menos em suspenso, equivoca de certa maneira e torna ambígua a noção de sujeito. Foi preciso Lacan dar um salto por cima para reinventá-la como categoria e continuar usando. Mas mesmo quanto à idéia de Inconsciente, onde fica a fronteira entre consciente e inconsciente? Ela existe? Ao acompanhar o raciocínio da psicanálise até hoje, vemos que tudo é inconsciente, sendo que há um pedacinho seu que aflora ‘a tal ponta do *iceberg*’ e o chamamos de consciente. Mas consciente exatamente do quê? Ter consciência é ter consciência de algo, ou ter alguma consciência sabe-se lá do quê, ou sem o “do quê”, mas só sei que a consciência é muito relativa. Já a inconsciência não, pois é tudo. Aliás, se formos rigorosos com o pensamento, toda consciência é apenas uma semi-consciência, uma certa consciência. Há inúmeros discursos que se apóiam sobre a consciência para estabelecer suas verdades, princípios, etc., mas de que consciência estão falando? A rede inteira das emergências no Haver constitui certos *Pólos*. Quando tomo um *Pólo* desses e focalizo, tenho uma *região focal* e uma ampla *região franjal* da rede. É uma experiência que todos têm: qualquer assunto ou tema que tomarem tem certa focalização, e se continuarem acompanhando verão que vai se expandindo até se perder de seu centro ou em outras articulações que já começam a se associar independentemente da focalização, o que faz uma rede. Assim, ao falar de consciência, estou falando de certa focalização, pois, se tentar fazer todas as associações com essa focalização, isso se perde, a fronteira vai embora. Então, trata-se de meia consciência já que há uma série de fatores na rede que está influenciando na constituição do foco, mas que não está sendo levada em consideração por aquilo que chamamos de consciência. Vejam que sempre estamos agindo meio inconscientemente. Não é apenas questão de certo recalcado estar faltando para me constituir a visão, e sim que jamais se consegue percorrer a rede por inteiro. Isto é inconsciência, pois apenas *focalizamos* uma coisa. É bom entender isto

para saber que o que quer que se diga é da ordem da bobagem já que é só uma focalização. É sempre uma tentativa de definir, descrever, entender...

Quinto, **não sabemos onde passa a suposta fronteira entre indivíduo e grupo ou entre indivíduo e ambiente**. Se estamos todos em relação com a atmosfera, o sol, a luz, a comida, a água, onde passa a fronteira entre o indivíduo e o ambiente? Se separarmos o indivíduo do ambiente, ele morrerá, logo ele estava no ambiente e o ambiente fazia parte dele. Por isso, não gosto da noção de indivíduo. Na verdade, somos “divíduos”, pois isso racha com a maior facilidade. O mesmo vale para a fronteira entre indivíduo e grupo: sempre fazemos parte de algum grupo de pessoas. Por mais que um anacoreta se tranque numa caverna para dar de frente com sua posição real de solidão absoluta, sempre há uma situação de grupo a seu redor, queira ele ou não. O exemplo mais absolutamente isolado de que temos notícia no Ocidente é o do famigerado santo Antônio, ou santo Antão, que ficou setenta anos metido numa caverna e exorcizando o mundo para ver se entrava em contato imediato com Deus, ou seja, consigo mesmo. Não conseguiu, pois imediatamente formou-se ao redor o que chamam de Tebaida: uma porção de cabaninhas de pretensos santos em torno do pobre do santo Antônio que queria ficar quieto e sozinho. Um de seus discípulos, Pacômio, ainda por cima inventou o monastério que povoou a Idade Média de monastérios, edifícios cheios de pessoas separadas (do grego: *mónos*), cada uma em sua cela. É claro que, às vezes, aquilo pulava de uma para outra cela... O isolamento radical só acontece na ficção. Por exemplo, em *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (publicado em 1719), e mesmo assim não foi o tempo todo. Portanto, não dá para acreditar em indivíduos. O que sabemos é que há IdioFormações enquanto pólos, com seu foco e sua franja – é possível apenas deslocar o foco e ampliar o desvelamento da franja –, as quais funcionam em rede. Então, se o fato de haver um isolamento radical no nível do Real da Pessoa faz com que tudo funcione em rede no nível da manifestação desse elemento radical, onde *Eu* termina? Mesmo supondo que *Eu* começa no Real de Haver, onde terminam as consequências dessa Causa? (Aliás, esta é **a verdadeira Causa Freudiana**). Pelo

que sabemos parece que isso não tem fim ou fronteira e o limite é infinitamente deslocado.

Sexto, **só aceitamos o termo *sujeito* em sentido lógico-lingüístico**: aquilo de que se fala e a que se poderia atribuir um predicado – o que não é das pessoas, e sim da língua. As pessoas usam línguas, mas essa articulação é da língua, e não das pessoas. Hoje, no campo adequado, para evitar essa baderna filosófica e essa suruba intelectual, nem se usa mais falar em sujeito e predicado, e sim em *tópico* e *comentário*. Aquele que fala e diz Eu pode ser incluído como sujeito da frase que profere, mas não é ele mesmo um sujeito. Esta é uma questão lógico-lingüística e resultou na confusão dos gramáticos entre o sujeito da frase e a pessoa. Quem diz Eu é primeira pessoa do singular e ponto! Sétimo, **não existe sujeito da enunciação** – que é uma invenção de Roman Jakobson (1896-1982) –, **só existe sujeito do enunciado**. Só encontramos sujeito – esse que acabo de definir – como meramente lingüístico, no que já foi proferido. No que não o foi, não temos enunciação, e sim apenas um sofredor *causando* problemas. Como pensar em enunciação se ninguém disse nada? E se disse, era enunciado. Se houvesse enunciação, seria o movimento, consciente ou não, no sentido da expressão, verbal ou outra, da Pessoa. Pode ser com um berro, mais nada.

Gostei de uns comentários de Paul Ricoeur (1913-2005) (o que não significa que eu esteja na dele): “Consciência: como se poderia ainda crer na ilusão de transparência associada a este termo depois de Freud e da psicanálise? Sujeito: como se poderia alimentar ainda a ilusão de uma fundação última em algum sujeito transcendental depois da crítica das ideologias efetuada pela Escola de Frankfurt?” Observem que, para ele, sujeito kantiano é inteiramente ideológico. É claro que isto não pega o sujeito de Lacan, que é maroto, um intervalo, mas ainda assim continua sendo nomeado. Sobre o Eu: “Quem não sente com força a impotência do pensamento para sair do solipsismo teórico”. É difícilimo simplesmente nos deslocar teoricamente de nossa posição, pelo menos, habitual. Portanto, o que tentamos é derrogar todas essas categorias em função das categorias de **Formações do Haver** e de encontro, embate, conflito, **agonística entre Formações**.



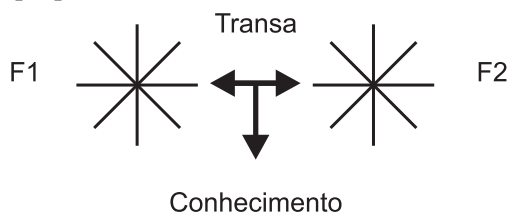
8. Estamos acostumados, cartesianamente e em consequência filosófica ao cartesianismo, com as idéias de sujeito e de objeto. A idéia da relação entre um e outro está intrincada à idéia de **conhecimento** e, na última psicanálise, à idéia de pulsão, com o nome de **desejo**. É o tal objeto causa do desejo, em Lacan. Como funciona essa relação – que pode ser esquematizada assim:  $S \rightarrow Ob$  – conforme trazida por Descartes? O sujeito é determinado pelo objeto, ou seja, gira em torno dele. Na verdade, isto é uma imitação da cosmologia disponível na época, segundo a qual o Sol girava em torno da Terra. Então, sujeito ou Sol e objeto ou Terra são a mesma coisa. E a suposição de que o sujeito é determinado pelo objeto implica a idéia de conhecimento: o objeto, em suas emanções, atinge o sujeito e este, em torno daquele, descreve o objeto. Assim, quem determina o sujeito é o objeto.

Tempos depois, aparece Kant e faz uma revolução nas teorias do conhecimento e do sujeito. Ele mesmo a chamou de “revolução copernicana” por causa, outra vez, da imitação da cosmologia. Copérnico, depois ratificado por Galileu, afirmara que a Terra gira em torno do Sol. Como isto é algo descritível com caráter de ciência, vira um paradigma a ser copiado. Kant, então, toma essa idéia e diz que é o sujeito que determina o objeto, e não o contrário. Ou seja, o objeto, que era transcendente ao sujeito, estava por fora, passa agora a ser subdito a um sujeito que, ele, é transcendental ao objeto. São as caraminholas do sujeito que determinam o objeto, pois objeto não fala. Essa revolução durou muito, foi um grande acontecimento na história da filosofia. E quanto à tal fenomenologia, Kant dizia que, por trás dos fenômenos, para o lado de lá ou de cá do sujeito, há o noumeno, a coisa-em-si que escapa ao sujeito transcendental. Ora, isto é um absurdo total. Então, para poder sair dessas aporias kantianas, a fenomenologia, com Edmund Husserl (1859-1938), inventa a possibilidade de um retorno às coisas, o que é mais ou menos voltar a Descartes, mas de maneira pós-kantiana. Trata-se de entender os fenômenos de modo a retornar aos objetos, às coisas enquanto tais. O melhor que conseguiu foi falar de uma intuição sentimental e da essência como valores. Esse retorno às coisas acabou se tornando um idealismo mais idealista que o

próprio Kant: de tanto procurar pelas coisas, Husserl deu a volta e caiu na determinação de tudo para o sujeito. Vejam como são as grandes ilusões da filosofia, nas quais não queremos nos meter.

Já Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), a face existencialista mais recente, tem uma idéia mais bacana e diz que há um quiasma, uma troca entre sujeito e objeto. Chama-o de *carne do mundo*, que transpassa quiasmicamente de um lado para outro. Num livro belíssimo, que deixou inacabado, intitulado *O visível e o invisível*, tenta explicar essa transposição e fugir das situações, até mesmo da fenomenologia, em que vivia mais ou menos metido. Quanto a Lacan, aqueles versados em psicanálise sabem que, para sair dessa confusão, vai à lingüística, ao estruturalismo de Lévi-Strauss e inventa o sujeito barrado: o sujeito desejante e imiscuído com as coisas e com as palavras. E, em frente desse sujeito, inventa o tal objeto *a*, causa do desejo do sujeito. Os analistas ditos lacanianos estão até hoje nesse negócio de saber qual é o desejo do sujeito para ele não abrir mão. Com o que, abrem mão de qualquer pensamento...

Para além dessas propostas de relação entre sujeito e objeto, interessa-me mostrar o que proponho:



Como disse, uma **Pessoa** (F1) é um Pólo – em que há um Foco e uma Franja extremamente grande. É uma rede que ultrapassa sujeito, indivíduo, etc. Vamos supor essa Pessoa, com suas formações, defrontada com outra situação (F2) cheia de formações, seja outra Pessoa, uma coisa, etc. Importa saber o que acontece entre essas duas Formações, pois não há sujeito nem objeto, e sim um bolo de formações sempre defrontado com outro, de qualquer ordem ou natureza. Tudo depende do que está sendo emergente de algo naquele momento. O que se passa entre esses bolos de formações é uma **Transa**: F1 transa com F2 e F2 transa com F1. Pessoal ou não, a transa se dá. A relação que se chamava de

sujeito-objeto, que hoje digo que é a transa de um Pólo de formações com outro, é a alma de todo e qualquer **Conhecimento**. No processo de conhecimento, supunha-se que o sujeito tinha um objeto transcen-dente a ele, caso de Descartes, ou que o sujeito transcendental produzia o objeto enquanto tal, caso de Kant, mas digo que **um Pólo de formações na transa com outro Pólo de formações resulta em alguma coisa**. Portanto, para desgraça da epistemologia, **a qualquer coisa que resulte desse tipo de transa posso chamar de Conhecimento**. Tomar esses conhecimentos e arranjá-los de alguma maneira ou classificá-los em função de outro Pólo de formações é de outra ordem. Ou seja, toma-se um terceiro Pólo de formações para classificá-los e diz-se que conhecimento é isto porque se classificou assim. Por isso, digo que **o que quer que se diga é da ordem do conhecimento**. Pode ser um louco varrido falando, pois apenas não sabemos que conhecimento que é. Temos que ver qual é a transa. Sem procurar entendê-la, não entenderemos qual conhe-cimento ele está nos dizendo. Mas é conhecimento dali, produzido ali. Não produzido por ele, e sim pela transa entre os Pólos. É preciso, portanto, acabar com a idéia de que fulano produziu um conhecimento, pois quem o produziu foi a transa entre formações.

A Pessoa são as formações dadas (espontaneamente) (percepções, conhecimentos, tudo que foi gravado naquela cabeça, ou seja, naquele computador) mais uma série de próteses (telescópio, máquinas, etc). Tudo isso compõe a Pessoa e a rede que a determina em transa com outra parte da rede. Isso transa, resulta em algo e é ao que dou o nome de **Gnômica**, que é uma gnoseologia e não uma epistemologia. **Todo conhecimento é simplesmente a resultante de uma transa**. Pensar assim dispensa as idéias de indivíduo e de sujeito. Há que entender-se no mundo como essa coisa dura, impenetrável, que não se consegue dizer, que é o Real; e também como as formações que entraram na caraminhola. Como já lhes disse, temos a ordem do Ser e a do Haver. Ser é o que se pode dizer: disse, é. Além do mais, não se pode distinguir Ser de Ter. Para Lacan, as mulheres *são* o falo e os homens *têm* o falo. Mas *só se é o que se tem*. O verbo Ser, em termos lógicos, reduz-se facilmente ao verbo Ter.

Embora tenha estudado Lacan, tive a sorte de conhecer pessoalmente

um Lacan que já tinha superado tudo isso. Não se fala dele por aqui. O Lacan que conheci, o analista que tive, já funcionava no nível da pura equi-vocação. Lacan chamou Hegel de a mais sublime das histéricas, pois este supunha que, se fizesse muita força, iria para o céu, ou seja, encontraria o saber absoluto. Estou dizendo que já o temos, sempre o tivemos. O saber absoluto é o Real, a experiência de Haver. O resto é conversa. Hegel queria, através do Ser, chegar a constituir um saber que desse conta do Real. É o que se chama de histeria, como Lacan bem detectou. Para nós, trata-se de rememorar um saber absoluto que temos, o que é Gnose, e não filosofia. Tenho o saber absoluto, sempre o tive, qualquer de vocês o tem, basta lembrar dele. Isso se rememora de algum modo, é só tirar o lixo de cima que isso aparece. Tire a falação, a alienação ao mundo e se encontre sozinho, radicalmente só, e verá que você sabe isso e sabe que isso dói. Talvez preferisse não ter existido e sumir, mas não tem para onde, nem morrendo. Eu sabe isso absolutamente.

9. O esquema da transa entre formações, formações de formações, também implica a questão da própria Pulsão em seu funcionamento. O movimento do desejo tem sido: o sujeito deseja o objeto; ou o objeto causa desejo no sujeito, como está em Lacan. Não quero e não preciso separar Desejo de Pulsão. Só aparece desejo em movimentos pulsionais de algum tipo, não necessariamente os propriamente ditos sexuais, pois todo e qualquer movimento é sexual, é: Haver desejo de não-Haver – isto é absolutamente secado, cortado, sexuado. De modo algum continuaremos concordando com  $\$ \diamond a$ , como na fórmula de Lacan. E menos ainda com objeto  $a$  como causa do desejo. Eliminamos tanto a categoria de sujeito quanto a de objeto. Em qualquer formulação de tesão o que há são: formações pessoais indiciadas e indiciantes por sua transa com outras formações do Haver, também elas indiciadas e indiciantes. Algumas formações, pessoais, podem mesmo estar em contradição com as que indicam o *co-pathos* da pulsão ali aplicada, mas funcionam mesmo assim, propiciando-se então um conflito intrapessoal. Não quer dizer que tudo seja de acordo, pois a contradição pode aparecer, mas são as formações. O importante é que há uma indiciação de

formações por formações e isto é empático. Então, se disser que estou aqui e aquilo lá me causa tédio, estarei iludido. Também não se trata daquele objeto, no sentido lacaniano, causar movimento desejante aqui, pois o que acontece é que formações transam, bem ou mal, com formações. Assim, certas formações (F1) quando postas diante e confrontadas com outras (F2), uma empatiza com a outra. Por isso, há os sintomas das pessoas, seus tédios estão misturados, etc. Em função das formações, tal qual foram constituídas na estorinha plena (primária, secundária e originária) de cada Pessoa, uma coisa empatiza com outra. Ou seja, a sede se junta com a vontade de beber: temos sede porque existe água. Se não existisse, não existiria sede, logo é a água que tem sede em mim ou sou eu que tenho sede nela? Nunca sairemos desta, pois na transa tudo é recíproco. Outro exemplo: o que é o belo? Só “acho” algo bonito porque “fui feito” para achá-lo bonito e “ele” para “me” fazer achar bonito.

● P – *A transa pode ser produzida por antipatia?*

Empatia é sempre positiva? Vejam o cristianismo nos perseguindo! Nele, só há o lado do bem. O amor e o ódio são a mesma empatia e passam de um para o outro com grande facilidade. Por isso, Fernando Pessoa dizia: “Não me amem porque não gosto” – tinha medo de que comessem a amá-lo e daqui a pouco matá-lo. Em função do que ocorre agoraqui, produzimos o bom e o ruim, o bem e o mal, que são apenas resultantes momentâneas de transas. Há certas formações que não podem conviver com outras, pois estas lhes são danosas. Isto é que é um mal.

Ao situar coisas como sujeito, objeto, ideologia do eu, fortifica-se o fato de estarmos sempre em **alienação** em relação às formações. Nosso conceito de alienação não é o de Marx ou o de Lacan, é simplesmente que: situamos o Eu Real, em última instância, no ponto Neutro (cf. desenho, item 2 acima); no entanto, a Pessoa está em movimento com as formações, as quais estão em possível reviramento permanente; o Haver que se constitui no ponto Neutro está, portanto, sempre se alienando à ordem do Ser (+x / -x). Os orientais, embora não o saibam exprimir, de certa maneira vêem isto quando dizem que é preciso sair das palavras para ver nossa situação verídica, separada dos saberes, das fra-

ses, da ordem da linguagem. Vivemos sempre alugados ao Ser. Mas, se *somos* isso (aliás, melhor dizendo, se isso é nós), essa alienação se refere ao verbo Ser, e não ao verbo Haver. Se conseguir um processo que faça rememorar minha posição *indiferente* as processos que se passam na ordem do Ser e se continuo restando aí indiferente às transas, será desalienação, cura. Vivo no mundo com as transas, pois é preciso transar, mas não sou infectado como se as transas, *sendo* Eu, pudessem reduzir minha existência em seu meio para fora do Haver, o qual permanece sempre o mesmo. Eu (é) sempre o Mesmo: Eu hei. Minhas transas são factícias e de conjuntura, tudo ali é circunstancial. A doença é acreditar que, *sendo* Eu no mundo, estou alienado a ele definitivamente. Não estou, pois sobre para alguém das transas. Portanto, se sobre e, afinal de contas, se as transas só existem porque há Eu, posso modificá-las à vontade, basta ter poder para tanto. Se algum princípio de Cura é válido, é esse de afastar-se do mundo, verificar que Mundo é pura transa e que se pode transar em outra circunstância, mas que nenhum Mundo não me aprisione, pois embora seja Eu, trata-se apenas de Ser. O que há para cá para o Real, está muito alguém, e não além, de todo esse bobajal. E não me deixarei aprisionar por Ser algum, pois, embora isso seja Eu e Eu só possa *ser* o conjunto das formações, só posso *haver* para alguém das formações.

Hoje, no Mundo, vivemos a tentativa de certos poderes – que estão inclusive dentro do Ser que sou – determinarem o que *devo* ser. Mas felizmente o movimento e a velocidade de informação e de transa estão de tal modo que vêm nos obrigar a relembrar o Real, o Haver. É um surto produzido pela pressão da tecnologia, que ocorre à revelia dos próprios anjos, mesmo que estejam com as asinhas cortadas. O movimento informacional é tão grande que isso tende a ser rememorado, pois tudo está se relativizando. Quando considero o mundo, a relativização está cada vez maior e não adianta dizerem como *devo* ser. Seria bom, aliás, que dissessem que Eu não fosse: “Está vendo isso assim-assim? É melhor para você não *ser* isso”. Mas há as formações instaladas em posições de poder – as quais *somos* nós mesmos, não adianta xingar os outros – que ficam nos dizendo como *devemos* ser. Vejam, por exemplo, o Bené dizendo por aí que o segundo casamento é praga social, quando praga social é o bordel lá dele,

24/MAR/2007

cheio dessas coisas que ainda restam no mundo atual que está sendo abalado. O mundo que vem aí, se conseguir chegar – pois a coisa pode dar para trás –, nos dá a grande chance desse movimento de indiferenciação, em que todos venham a ter a possibilidade de ser curados a ponto de bem lidar com as transas, pois saberão então que são apenas transas. A cura é essa desalienação.

No desenho da p. 31, F1 e F2 são pólos com seus focos e suas franjas, e não sabemos onde vão terminar. O que sabemos é que há que ir transando com o mundo, pois a cauda da resultante é longuíssima. O que temos é uma rede e se tomarmos qualquer região sua, teremos um pólo, polarizaremos. Podemos ficar focalizando o pólo ou entender que a rede continua, espalha-se e o ponto de cá que focalizamos tem a ver com o ponto de lá e não o estávamos levando em consideração.

● P – *Todo conhecimento tem como base a anamnese do ponto de Haver?*

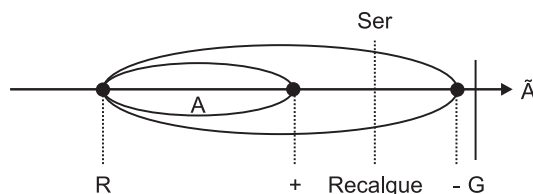
Todo conhecimento o tem como *causa*. Se lá não estiver, não transo, mas como hei, transo. Se transo, então se causa isso, mas os conhecimentos, as transas entre si, transam para lá e para cá mesmo sem rememorar isso. É o que chamamos de (In)Consciente. Quando lembro que tenho duas asas, indiferencio e minha referência passa a ser isso. Ou seja, não tente me alienar, pois não vai dar certo, estou sacando. Posso até brincar, mas trata-se de brincar direito, coisa que, aliás, neurótico não sabe fazer. Ou seja, não sabe brincar, pois acredita numa tal verdade que, se sair dela, reclama. Ele não sabe que está brincando de Eu em qualquer situação. De modo geral, nem queremos reconsiderar o outro lado das questões, funcionamos na alienação, ou seja, amputados. Se considerarmos o outro lado, já ficaremos ambíguos, equivocados. O procedimento de dialetização – e vamos dar um novo sentido à palavra dialética: dialetizar entre os alelos do Revirão – é que ajuda a lembrar que Eu estou aqui mesmo que não entenda nada, que tudo seja tanto faz como tanto fez. Isto é **antidepressivo**. Quando alguém está deprimido é porque queria porque queria que desse certo algum alelo que não deu.

24/MAR

**10.** Para acompanhar as bases do que venho dizendo, indico um livro como certo resumo da teoria da Nova Psicanálise em comparação com outras teorias contemporâneas: *A Interpretação do sonho de Freud*, de Maria Luíza Kahl (Santa Maria: UFSM, 2000). É uma tese de doutorado feita sob minha orientação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que as coisas estão razoavelmente arrumadas, claras e precisas. O único senão está nos dois últimos capítulos, que são um pouco confusos. O interesse da doutoranda, na época, era em relação à teoria do conhecimento, sobretudo o conhecimento científico, a epistemologia. Ela tentava mostrar que a Nova Psicanálise conseguia endereçar uma boa teoria do conhecimento. O problema do texto, que venho tentando eliminar e do qual agora continuarei tratando, é o do que chamo **Gnômica** como teoria de conhecimento da Nova Psicanálise. Ela não pôde fazer melhor na ocasião, pois, como eu estava desenvolvendo a teoria e ainda não elaborara certos desenvolvimentos, ela tentou ir um pouco mais à frente e a coisa ficou confusa. O entendimento do fenômeno da Rebelião dos Anjos que, conforme coloquei, é um verdadeiro surto contemporâneo, depende do entendimento da teoria do conhecimento conforme a Nova Psicanálise. É preciso certa crítica das teorias do conhecimento para entendermos como os processos de conhecimento entendidos assim levam ao fenômeno que chamo de **Rebelião**. Determinar o que é e o que não é conhecimento é um problema sério que dura, mesmo entre os filósofos. Sobretudo, quando, com vontade epistemológica, querem precisar o que é e o que não é ciência, coisa que, aliás, está inteiramente abalada depois das epistemologias da segunda metade do século XX, algumas anarquistas, como a de **Paul Feyerabend (1924-1994)**, que **estrapalharam a possibilidade de dizer o que é o conhecimento científico – se é que isto tem alguma importância.**

Antes ainda de tratar da questão do conhecimento, preciso voltar ao esquema do Revirão para entendermos que há zonas radicalmente diversas de posição das Pessoas. Como lhes disse, as Pessoas são constituídas assim:





Digamos que na região (+ / -) está a ordem do Ser e no ponto R está a ordem do Haver, que é o fato bruto de estarmos aí, sem nenhuma reflexão ou decisão.

Temos a experiência bruta, dolorosa até, de estar metidos numa situação que não entendemos e da qual não temos recursos anteriores para tratar. Em termos de mundo, na ordem do Ser, as coisas se equivocam facilmente, pois o que quer que se diga, pode-se dizer ao contrário. O Ocidente tem feito tentativas sérias de bloquear, estancar essa loucura do movimento das oposições na ordem do Ser constituindo saberes que recortariam o mundo de maneira a termos um conhecimento arrumado e o mais preciso possível do que fosse o mundo e de como funcionaria. As filosofias e em parte também as ciências operam nessa ordem.

O verbo *ser*, que os filósofos tanto utilizam para evocar uma entidade quase que sobrenatural, pode, como já disse, facilmente reduzir-se ao verbo *ter*. Por isso, afirmo algo que, na ordem da filosofia, pode parecer heresia: *você é o que você tem*. Pessoas pudicas têm certa dificuldade de escutar frases assim, pois talvez as achem com cheiro de capitalismo, possessivismo, etc., mas a relação desses dois verbos é importante para a comparação com outras estruturas de pensamento que estão mais ou menos em vigor hoje. Seja o que for que pensemos que possa alguém ou algo ser é, como aliás se costuma dizer, o conjunto de suas *propriedades*, a respeito das quais fala o verbo *ter* – o que temos é de natureza a mais diversa: coisas materiais, espirituais, intelectuais. Seja o que for que pensemos, é o conjunto de nossos *bens*, do que *temos* na ordem do Ser. Na ordem do Haver é simplesmente o fato bruto de nossa presença aqui em absoluta solidão e separação de tudo. Experiência esta que é fundamental e que a psicanálise vive de tentar rememorar. *Mundo* são as formações que *existem*, decorrentes de atos desta nossa espécie. O homem

constitui mundo, tudo isso que está por aí. Esta espécie, portanto, em sua ordem bruta de Haver simplesmente, antes ainda de qualquer apropriação ou produção na ordem do Mundo e do Ser, *há* bruta e *tem* a experiência de estar aí. Ela é a causadora do mundo, o qual não *existe* para um animal.

Nossa espécie, que é aquela do ponto R e que, em nosso planeta – em outros pode ser de outro tipo –, chamamos de humana, é brutalmente colocada em derrelição, isolamento e solidão absolutas e começa, por causa de seu mal-estar no Haver, a funcionar nas outras ordens que ela também inclui: a ordem do Ser, a ordem das oposições, e a das possibilidades plenas. Os grupos humanos, então, inventam maneiras de ser que fazem exclusões, que, em psicanálise, chamamos de **Recalques**, pois não pensam no nível das oposições possíveis – se isso pode, o contrário também pode –, mas fazem recortes: isso pode / isso não pode, isso é / isso não é, isso é pertinente / isso não é pertinente. Vivemos há milênios subditos às ordens culturais – e por isso Freud falava em mal-estar na cultura –, em que as possibilidades são bloqueadas porque a construção do aparelho cultural é limitada e cerceada. Qualquer lugar, qualquer tipo de cultura, qualquer tipo de produção é bloqueante de outra possível que não está em jogo naquele momento ou que não se permite estar em jogo. Por isso, digo que uma Pessoa, que é cada um de nós, é estruturada como está no desenho acima. Em nossa posição de Haver bruta e nossas confusões no nível do Ser, ou seja, nossas produções em movimentos de articulação em qualquer nível.

Vejam o caso de Sócrates, que dizia “só sei que nada sei”. Mas se ele nada sabe, nem isso sabe. Engolimos essas produções culturais sem a menor crítica. Ele sabe algumas coisas e está mentindo. Os agnósticos são aqueles que ficam nesse fingimento, que está na base da história da filosofia, de que nada sabem, de que vão conjeturando e procurando construir o saber. Nós não somos agnósticos, e sim gnósticos. Há uma Gnose em jogo, pois a psicanálise precisa confessar que sabe o que está fazendo. Encontramos muitos psicanalistas dizendo o contrário, mas só o fazem porque colocam o pensamento psicanalítico subdito à ordem da filosofia. A psicanálise não é submissa à ordem da filosofia porque a filosofia é cliente da psicanálise, é sua analisanda.

Afirmo que a **psicanálise é uma Gnose** porque, antes ainda da constituição de saberes na ordem do Ser, onde moram a filosofia, a ciência e outros conhecimentos, cada um de nós, independente de qualquer ensino, desde que se afaste suficientemente da cultura, do mundo e se perceba – e todos já se perceberam, em algum momento, em abandono, solidão –, SABE que há. Isto é um **saber absoluto**, cada um de nós o tem, e não precisa perguntar a ninguém. Está aí um modo de conhecimento bruto, dado de maneira que não é reflexiva. Não foi pensamento algum que fez isso, basta afastar-se e sentir as agruras de estar no mundo que cada um se dá conta de que sabe que Há e, pior, de que não pode não haver. Não tem saída e nem adianta se matar, embora não seja proibido. Quando alguém tenta ou deseja se matar fica na esperança de continuar vendo o que acontece depois. Foi assim que inventaram esse negócio de céu e inferno: a pessoa morre, mas não morre, há certa esperança de que vai curtir o fato de estar morto, de que estará numa boa. Por exemplo, dizemos que as pessoas partiram dessa para melhor. A melhor, se não for aqui mesmo, não existe. Então, embora haja essa esperança, que é uma produção cultural do lado de cá, na verdade, de fato, não há saída. Era melhor não ter havido. Felizes são aqueles que não nascem, mas, se caiu aqui, não há saída: vai haver e não pode não haver. E isto é um saber absoluto, um conhecimento que cada um tem em si mesmo, o qual saber pode estar esquecido, mas existem maneiras de nos lembrar radicalmente para começar a tratar o mundo a partir dele, ou seja, com referência ao Haver inarredável.

Vários caminhos podem levar à referência ao Haver, mas a função da psicanálise, se ela tem alguma, é esta, de reconsiderar as construções de mundo de maneira que a pessoa se afaste e retorne à sua absoluta posição de haver, em que ela está sozinha e diante da possibilidade de libertação de qualquer uma das produções do mundo. Qualquer uma, mesmo a teoria psicanalítica que estou dizendo, não pode ser impositiva para ninguém, é apenas uma conjectura. O que fazem as construções de cultura? Tentam convencer-nos de que encontraram a maneira boa, a salvação, a verdade. Mas a verdade não habita o mundo. Não há verdade de espécie alguma no mundo, só há con-

jeturas e aplicações. Verdade só há uma: você há e não pode não haver. Todos podem entender isto na própria carne. Construir aparelhos que se dêem por verdade é, no mínimo, vontade de dominação. Seja qual for o discurso que construa um aparelho cultural qualquer, ele está em processo de criatividade, de criação. Uma vez que esse processo é criado, se ele se congela e tenta ser a verdade do mundo, está mentindo e usando de algum poder para submeter pessoas à sua construção.

11. A psicanálise tenta nos fazer lembrar do nível de conhecimento inarredável do Haver mediante a indiferenciação das oposições no mundo, na cultura e no saber. Quando nos dizem que isto sim e aquilo não e ficamos subditos à ordem do sim, estamos recalcando a outra parte que é uma possibilidade dentro do mundo. No que a esquecemos, ficamos aprisionados por uma formação, mas no que se constitui algum procedimento capaz de indiferenciar, de fazer re-memorar o outro alelo, entramos em processo de Indiferença e reconhecemos que isto é possível e que aquilo também. As guerras e conflitos do mundo contemporâneo são a estupidez da neurose, da separação de possibilidades que estão aí e que são válidas. A convivência das pessoas é que terá que organizar as possibilidades para um não ferir o outro, mas as possibilidades são elas mesmas todas válidas e equivalentes. Há, em nossa mente, uma lei de equivalência das possibilidades, mas o Mundo age na base do recalque, da separação de verdades que não são verdadeiras. Quando algum dispositivo consegue nos fazer indiferenciar o mundo, temos a chance de retornar à lembrança do Haver. Todos, em algum momento, tivemos a experiência de estar sozinhos e danados, e perceber que, desde esse lugar, nada nos determina. Pelo contrário, nós é que podemos determinar. Há sim poderes que insistentemente nos obrigam, mas não são originariamente determinantes.

Nossa época está em turbulência, pois as indiferenciações estão se tornando possíveis, mesmo aleatoriamente, por causa dos movimentos de mundo, como tecnologia, etc. As indiferenciações estão vindo à tona e dá a impressão de que os velhos fundamentos, que não eram fundamentos de coisa

alguma, e sim imposições, estão indo para o brejo. Não tínhamos fundamentos, tínhamos fundações: alguém fundou determinado troço que conseguiu poder e, por pressão, começou a determinar o comportamento e a vida das pessoas – e levamos milênios subditos àquilo. Quando a própria produção de conhecimento no nível de mundo começa a indiferenciar as coisas, elas balançam e todos começam a ver que o tal fundamento era fundamento de coisa alguma. Temos, pois, um nível de conhecimento absoluto que todos têm, mas quando falamos de conhecimento, de modo geral falamos dele dentro do mundo, que é outra região de conhecimento. É a partir da posição de **havermos aqui** que nos defrontamos com o mundo e é também porque temos uma maquininha de reviramento que temos a máquina de produção de linguagem, cultura, etc., a qual se defronta com os surgimentos e constitui mundo com essas emergências.

Vamos, então, de modo didático, chamar de Gnoseologia a produção de conhecimento no sentido amplo de tentativas de compreensão do que acontece. Isto para nos separar da filosofia, que tem o hábito de utilizar o termo epistemologia para a compreensão do conhecimento dito científico. Ora, se partirmos da idéia de que todos os possíveis são equivalentes enquanto possíveis, poderemos dizer que **qualquer conhecimento que se produza na área do mundo é válido**. Ou seja, o que quer que se consiga dizer a respeito de qualquer coisa é conhecimento e é válido. Pode ser o louco mais varrido, ele está dizendo algo importante, para o qual dito, se procurarmos, acharemos aplicação adequada. Então, o que quer que se diga é da ordem desse tipo de conhecimento. E isto nada tem a ver com *verdade*. Temos o mau hábito, produzido sobretudo pelos discursos religiosos e jurídicos, de confundir os saberes com as verdades. A verdade nada tem a ver com o saber. A verdade é: Haver quer não-Haver – e não consegue, pois não-Haver não há. Nos conhecimentos não há verdade, e não temos que procurar por ela. Se quero empurrar a alguém que tal conhecimento de que estou falando é verdadeiro ou que minha teoria é verdadeira, estou mentindo, pois minha teoria é só possível e aplicável. Não existe teoria verdadeira. Ficamos perdidos numa massa enorme e multiforme de procedimentos articulatórios – teorias, idéias, obras de arte,

religiões, filosofias, etc. – que são apenas produções possíveis no mundo, no campo do Ser. Então, se tal teoria tem tais e tais qualidades, ela é aquilo que ela é. Já o Real não *é* coisa alguma, ele *há*.

No entanto, buscamos conhecimento na área do saber do mundo, na área do Ser. Trata-se de outra consideração da palavra conhecimento. Já comentei aqui de raspão a idéia que se fazia do conhecimento em função da filosofia do sujeito, que propôs que há um tal sujeito e um tal objeto e foi se recompondo através dos acontecimentos de maneiras diversas: Descartes, Kant, etc. A última, ou a penúltima psicanálise estava no regime da filosofia do sujeito, que é obra de Jacques Lacan. Digamos que ela encerrou o processo: aquilo se esgota ali quando o sujeito vira algo que é simplesmente o intervalo entre isto e aquilo. Nós estamos escapando definitivamente da filosofia do sujeito: não se trata de sujeito ou de objeto na ordem de conhecimento de que estou falando. O que temos são Pessoas, cada uma sozinha e por si – e sozinha não quer dizer indivíduo, que é também um conceito dessa filosofia –, podendo até agrupar-se de vez em quando, coisa que, aliás, não dá muito certo, como vocês já notaram. Portanto, as coisas estão por aí – e coisa pode ser até uma Pessoa, pois quando está diante de mim é outra coisa – e o que temos são **formações** muito complexas: o que quer que compareça diante de mim posso tratar como uma formação, que é o que se pôde constituir como tal. Quando consigo operar uma formação dessa, isto já é da ordem da constituição da Pessoa no nível do Ser, no nível do Conhecimento. O que é, então, possível é o enorme conjunto de formações diversas – materiais, corporais, psíquicas, arquivos de conhecimento, informações dos mais diversos níveis e âmbitos – se juntarem numa complexidade enorme e essas formações se depararem com outras formações também complexas, pois não se sabe qual é o limite dessa complexidade.

Em nosso caso de gente, de Pessoa, as formações psíquicas perceptivas e associativas se defrontam com outras formações, seja de uma coisa ou de uma Pessoa, as quais formações são de algum modo compatíveis. Por exemplo, vejo porque tenho olho. E se o olho foi feito para ver, vê aquilo

que pode ver. O que não pode ver, não vê. Posso até criar próteses para acrescentar o ver do olho – microscópio, luneta, lente, aparelho de visão no escuro –, as quais são formações complexas que se deparam com outras formações e o que temos como conhecimento produzido é o efeito, o resultado da transa que aí ocorre.

Vejam que não há sujeito ou objeto, como se queria. Há, sim, formações que se deparam com formações, cada uma com suas competências, e como resultante aparece um conhecimento, seja qual for. Se o maluco olhou para a Lua e achou que era sua mãe, está certo. Outra coisa é onde e em que outras formações isso será aplicado para se conjecturar um conhecimento possível. Como não é possível aceitar qualquer conhecimento a respeito de qualquer coisa porque há níveis de articulação, procura-se constituir conhecimentos diversos, múltiplos – e todos são conhecimentos, uns melhores outros piores. O que se descobre no século XXI é: Não me venham dizer isso porque acho aquilo, e agora, o que fazer? Qual discurso regerá os outros? Verdadeiro nenhum é. Vai-se, então, procurar alguma eficácia? Em relação a quê? Para conseguir o quê? É isto a chamada falta de fundamentos.

**12.** Toda vez que um conhecimento se produz de fato, que algo se cria, podemos colocar na conta da **Arte**, no sentido de *articulação* (do radical ART). E mais, toda vez que se faz obra de Arte, houve recurso à **HiperDeterminação**. Escapou-se da sobredeterminação do Ser e, de algum modo, invocou-se a relação exasperada em que ficamos quando, afastados do mundo, estamos entre Haver e não-Haver. Era melhor não haver, mas *há* e não tem saída. HiperDeterminação é um conceito que não está em filosofia ou pensamento algum, nem mesmo contemporâneo. Aproxima-se apenas do pensamento de François Laruelle, que não é filósofo, e sim não-filósofo. HiperDeterminação é o recurso ao Haver, invocação do lugar de absoluta solidão, derrelição, de estar fora do mundo. Algumas pessoas, quando não querem aprisionar-se a formações culturais, costumam dizer que são cidadãos do mundo, mas aquele referido ao Real nem mesmo é cidadão, pois cidadão é quem está compromissado com as

coisas do Ser. Para a não-filosofia de Laruelle, o homem é um estrangeiro absoluto, mas não concordo, pois estrangeiro tem terra própria, é de outro país. Aquele absolutamente só nem ao menos consegue ser isto, pois não é de lugar algum. É o absolutamente Sem Terra. Então, quando conseguimos constituir algum conhecimento no mundo, não o fazemos sem algum modo de emergência da HiperDeterminação. A sobredeterminação é o conjunto de elementos do Ser, do mundo, que se organizam de modo a produzir outra coisa, que não é senão a arrumação desses elementos. É a confusão que há entre *criatividade* e *criação*. Se misturarmos coisas, aparece algo com cara de novo, mas é simplesmente mistura de elementos que já estavam por aí. Já o ato de criação quer o Novo, o que ainda não foi posto nas possibilidades do Mundo. Por isso, digo que é um ato de Arte, uma obra de arte.

Quando me refiro à minha posição no Haver, estou invocando a HiperDeterminação porque estou indiferenciando o Mundo. Afirmando que o Mundo que está aí disponível não é meu, não diz o que quero e não é o que me interessa. Afasto-me dele, recuso-o, pois esse Mundo não é Eu. Como quero outro, vou buscar onde não se tem nada – o que hiperdetermina minha posição. Daí escolho qualquer coisa dentro do Haver para trazer para o Mundo. Assim, com base estritamente nesse lugar do Real, consigo produzir algo novo no Mundo – e isto é o *ato de criação*. Alguns poderão dizer que é uma experiência horrível, mas a outra é estúpida. Segundo Fernando Pessoa, há que escolher entre a estupidez e a loucura. As pessoas não gostam de fazer análise porque têm que ir ao horrível para se libertar do imbecil – e para se libertar do horrível, têm que ficar imbecis o resto da vida...

O que acontece entre as formações não é sujeito ou objeto, e sim **com-sideração**: as formações sideram-se umas as outras, há sideração entre elas. A idéia de sujeito é pretensiosa, sobretudo no idealismo de supor que o sujeito determina e produz a realidade do objeto. Já **no pensamento da psicanálise, há um realismo**: o Haver está aí como minha posição de jogado aqui como todas as coisas estão aí. Quais são essas coisas? Não sei, pois, no encontro das formações que estão para cá com as que estão para lá, as coisas começam



a siderar-se umas às outras e, às vezes, se indiscernem: não sei se estou olhando para o micróbio no microscópio ou se é ele que está me olhando. Na melhor das hipóteses, temos o que, a partir da teoria da ciência, chamo de *gnômones*: aparelhos com os quais o mundo se visualiza para nós. Na consideração, então, na melhor das hipóteses – e didaticamente, pois não sei onde passa a fronteira –, posso dizer que as formações que estão para cá são formações gnômones, que, aplicadas a outras formações disponíveis, resultam num conhecimento qualquer. Para ser bem brasileiro, tomando da obra de Hélio Oiticica, chamei os gnômones de **Parangolés**, que, aplicados a outras formações, faz com que estas comecem a se mostrar através deles e resulta que há produção de uma grande parangolagem, que se chama conhecimento. Qualquer conhecimento, qualquer um, do mais louco ao mais supostamente sábio, é assim que acontece. Mas é preciso fazer o levantamento para saber como saiu aquele resultado e não outro, quais formações estavam em jogo de um lado e de outro...

Há, então, outro nível na gnoseologia, que é problemático no pensamento em geral e na filosofia em particular. Como distinguir o conhecimento científico? Quando queremos enganar, basta dizer que tal coisa é “científica”. É uma questão de prestígio, suponho. Isto que lhes trago também é “científico”, só que dizer assim não serve para nada no seio do pensamento aprofundado. O problema está justamente em não conseguirmos bem, ou pelo menos consentaneamente, estabelecer o que é científico. Cada filósofo dirá o que é científico, outro dirá o contrário, e outro dirá que os dois são idiotas, pois nem existe conhecimento científico. Mas aqueles que trabalham no nível do científico são os chamados cientistas, que organizam modos de apreensão e consecução de resultados que são previamente desenhados e limitados para que possam chamar de científicos. Ou seja, produzem o tal *método*, segundo o qual têm resultantes de uma relação entre formações. É uma relação de determinado tipo, que eles limitam, definem e precisam. Não esquecer, então, que o cientista, por mais boa vontade que tenha, está subdito à metodologia que lhe dá resultados, mas também fracassos, pois o método limita suas pos-

sibilidades. Esquecemos disso, ficamos filosofando sobre autores do século XVII, por exemplo, e deixamos de ver que a quantidade de ignorância deles era menor do que a nossa, pois somos tanto melhores quanto mais ignorantes somos. A ignorância deles era pequena porque seu saber era diminuto.

Apontamos pelo menos três níveis de conhecimento: 1) **Conhecimento Absoluto**, do Real, como experiência bruta, que será referência em qualquer procedimento de criação, de conhecimento inclusive, capaz de suspender e deslocar, por HiperDeterminação, as formações de conhecimento dadas. 2) **Conhecimento Compreensivo**, que está no lado do **Ser**, sem referência ao Real necessário: um mapeamento qualquer entre formações. 3) **Conhecimento Científico**, que se supõe mais próximo de refletir com precisão e igualdade sobre as construções do que chamo de Primário. Um xamã, por exemplo, reza e faz coisas que são um tipo de conhecimento que não tenta atuar diretamente, e sim magicamente nas formações primárias. Aliás, abrindo um parêntese, Bené, o XVI, vem aí para canonizar o tal Frei, pois fica chato não ter um santo brasileiro, e também vai canonizar Jana Pawla. **Fazer milagre é a suposição de que houve intervenção no Primário e a igreja é esperta a ponto de exigir esta intervenção, se não, como disputaria com a ciência?** Mas é a coisa mais fácil de comprovar: alguém rezou para são fulano e ficou curado. **Como, para os médicos, que são muito ignorantes, surge um processo que não entendem, dizem que não sabem curar aquilo, mas realmente se curou sozinho, então deve ter sido Jana Pawla.** Aí junta-se a fome com a vontade de comer. Fechando o parêntese, o conhecimento científico tem a intenção de estabelecer entre tal conjunto de formações e tal outro conjunto de formações uma reflexão exata, precisa, correspondente ponto a ponto. Por isso, inventam métodos e, às vezes, conseguem resultados. **A ciência é sempre ciência de formações primárias.**

As ciências ditas humanas vivem no problema de que, quando se coloca de um lado uma pessoa e, de outro, outra pessoa, fica muito complicado: são pessoas enquanto formações com-siderando pessoas enquanto formações, e nisto entram o Secundário e o Originário. Por que as ciências

duras pretendem e conseguem ser o modelo de ciência, sobretudo a Física? Porque limitam o campo à dureza do Primário. E como o mapeamento se dá entre formações de um lado e de outro – elas se mapeiam, se com-sideram, há sideração recíproca –, os cientistas se deram conta de que a presença do observador interfere no objeto. Mas não é presença de observador algum, e sim que as formações são equivocáveis e, além disso, aplicamos uma zona focal e não damos conta de toda a zona franjal que está em jogo. As coisas se com-sideram: em qualquer formação que aproxime qualquer outra formação, há mutação. Não é preciso de presença de sujeito para pensar isto, pois quando um conjunto de formações está em sideração com outro, há interferência, não pode não haver. Como colocaram um sujeito compacto e inteiro do lado de cá observando lá, demorou séculos para vir à cabeça deles que a presença do sujeito interfere no processo, mas são apenas formações que, como formações, se com-sideram e a resultante nunca será de acordo com o gosto do conjunto de cá. Qual é o sujeito e qual é o objeto? O que os átomos pensam a respeito dos cientistas que supõem estar olhando para eles? Temos certeza de que os átomos não pensam? O Haver, o que há, pensa por si mesmo. A humanidade ficou milênios na pretensão de que pensa o Haver, mas **é o Haver que pensa através dela**. É nisto que deu o Princípio Antrópico na física contemporânea. E se formos apenas formações do Haver para ele se enxergar? É, aliás, o que suponho que somos: formações que o Haver produz artisticamente para poder se ver. Quem está pensando? Ninguém pode dizer que sabe, pois, se existe a maluquice de supor que há um Deus lá fora pensando, não será justamente porque o Haver pensa sozinho, independente de mim e me usa para se conhecer? Stephen Hawking deve concordar plenamente comigo.

● P – *Você aceitaria um raciocínio que estabelecesse a relação entre a posição gnóstica que a Nova Psicanálise assume e seu entendimento de conhecimento enquanto Gnômica? Ou seja, que o modo como concebe o conhecimento nessa relação está conectado de forma estreita à sua posição gnóstica?*

Sim, de forma estreita. Foi aí que Maria Luiza Kahl, que citei no início, se perdeu no final de sua tese. Na região de conhecimento dentro do mun-

do, as formações precisam ser adequadas entre si. É a questão da *adequatio* que ela percebe, mas de modo confuso. A *adequatio* de Aristóteles faz sentido, mas não entre sujeito e objeto, e sim entre formações e formações. É porque as formações se adequam de alguma maneira, pois se mapeiam reciprocamente, que há resultante de conhecimento em termos de Mundo, mas nenhum conhecimento brota no Mundo se não tiver referência ao conhecimento absoluto. Referência esta que me desprende das formações que estão aqui e me permite equivocar dentro do Mundo. Não significa que arranco algo do nada e trago para o Haver, pois a coisa *está* no Haver. Significa simplesmente que, quando me afasto do conhecimento do mundo, consigo pegar algo que nunca foi pego e colocar para o Mundo.

● P – *Desde meados dos anos 1980, podemos ver que você chama para o diálogo áreas da ciência que incluíram com mais força o que elas próprias chamam de aleatoriedade, fractalidade e caos, por exemplo. Você se apropria disso com uma visada gnóstica, ainda que elas não se posicionem em relação a isso?*

Sim. O pensamento ocidental passou séculos exorcizando o caos como se fosse bagunça, quando *o caos é a ordem que há*. O cientista, em sua pasmice, toma o conhecimento que está dentro do mundo, arranja uma ordem para ele e, quando essa ordem não funciona completamente, diz que é o caos. Mas é ele que está falando besteira. Não esquecer de que, ao pensar, estamos pensando merda, que há limites. Se algo não funciona direito dentro do Haver, vou xingá-lo de caótico? Ele não é caótico de maneira a se xingar, ele é felizmente caótico. Sua ordem é o caos, é muito maior do que a ordem que posso implantar. Eu é que sou pequenininho. A arrogância dos últimos séculos, sobretudo do século XVII para cá, tem sido esta. O senhor René Descartes é a ordem da racionalidade, mas só existe a racionalidadezinha que ele trouxe? Há outras. Encontramos ainda hoje filósofos cartesianos achando que o Haver está errado, pois quem deu a ordem foi Descartes. Aí, ficamos sabendo que o nome de Deus é Descartes.

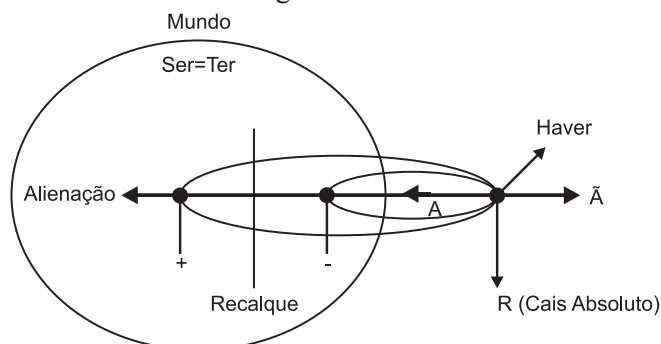
● P – *Você não distingue o louco do cientista, mas mesmo assim mantém uma diferença?*

Não distingo genericamente, pois um é tão produtor de conhecimento como qualquer outro, mas posso *distinguir conhecimentos*. Por exemplo, não pedirei ao maluco para me fazer uma cirurgia, pois tenho a informação de que há o cirurgião, outro tipo de maluco, que é mais especializado nisto. Há que procurar em todas as formações para saber qual é sua eficácia aqui e agora. Cada recorte é feito *ad hoc* e será necessariamente mal feito. Considerem, por exemplo, o caso de alguém intelectual de primeira linha, brilhante, inteligente, conhecedor e que, ao saber que está com uma doença incurável, corre para o curandeiro. Tivemos recentemente um claro exemplo aqui entre nós. Incurável significa: o maluco da medicina não dá conta, então vamos para outro maluco. Vejam, pois, que, no fundo, todos equivalem os saberes. É de se esperar certa coerência, mas as pessoas entram em processo regressivo, que não é da alma, e sim da história. É o que fazemos a todo momento. Não pensem, porque o endereçamento do mundo pode ser no sentido de todas as possibilidades, que chegaremos lá. A recrudescência das religiões é um princípio reacionário, de retorno. As pessoas estão olhando para a frente, não acham o cientista que possa curá-las, então vão procurar outra vez lá atrás. É o que está acontecendo: ao invés de caminhar para a frente para ver se conseguem outro saber, vão para o saber de trás.

● P – *Se tudo é saber, por que não o curandeiro?*

Se der certo, acho ótimo. Só que não dá, pois seu saber não é, aparentemente, aplicado diretamente sobre o Primário. O saber mágico dá a impressão de aplicá-lo lá, tanto é que o verdadeiro mágico vive de truques, que parecem nos convencer de que interferiu no Primário. Mas mandem-no interferir mesmo e verão que não o faz. Como uma vez ou outra alguém não estava com uma doença realmente ruim, era apenas algo desconhecido na medicina e melhorou ou ficou bom, atribuem o milagre àquele que ele foi procurar. Será que é?

**13.** Nosso conceito de Pessoa é algo estruturado assim:



Ele inclui Primário, Secundário e Originário. A Pessoa que se constitui assim, do ponto de vista de suas transas no Haver, funciona em **rede**. Cada um, cada Pessoa, é simplesmente um **pólo** dentro dessa rede. E qualquer pólo dentro de uma rede tem seu **foco**, centrado em determinado lugar, e sua **franja**, a qual não sabemos determinar onde termina e pode ser considerada infinita. Dela fazem parte todas as outras formações que se incluem no Haver, inclusive outras Pessoas. Então, é muito complicado. Na melhor das hipóteses, podemos centrar no foco do pólo e tentar as abrangências da rede. É, pois, do ponto de vista analítico, uma tolice buscar esgotar as peripécias de uma Pessoa, seja sua história, sejam suas transas no mundo. O possível é aproximar-se de um foco, recomendar que a Pessoa se espalhe, reconheça as formações de suas franjas, etc.

É claro que todos têm muito assunto para falar, sobretudo um monte de bobagens. Este é o nosso cotidiano. Em análise, por exemplo, essas tolices todas devem aparecer, pois a Pessoa não tem como se focar e se espalhar por suas franjas sem tentar dizê-las todas, pois elas vão invadindo o campo. Do ponto de vista do analista, o que interessa não é recompor a história, como já se pensou, nem mesmo forjar uma história para cobrir lacunas, e sim trazer a Pessoa de volta para sua base em Haver, para sua base original como havente. Ou seja, trata-se de praticar o exercício da indiferenciação de tudo que ela viveu, pois é apenas um monte de estorinhas – e isto todos têm. Reconhecemos as próprias estorinhas, reconhecemos nossos sintomas, mas o importante é fazer

a suspensão permanente de seus valores. Observem que as pessoas são recalçadas, não oscilam entre os acontecimentos de sua história e a possibilidade de ser justamente o contrário. Elas não oscilam em suas possibilidades, pois ficam aprisionadas em determinado histórico de suas vidas. É isto que tem que ser equivocado, sobretudo quanto a seus valores. Ou seja, há que fazer a suspensão dos valores produzidos pelo recalque. Se ficássemos à vontade, livres, não teríamos aprisionamentos sintomáticos, mas os temos. A análise procura simplesmente indiferenciar: ir equivocando até a pessoa tornar-se indiferente. Tornando-se indiferente, onde vai ela se recolher? No Real de que ela há. A partir do lugar em que Eu hei, se me refiro a ele, onde posso tomar como indiferente qualquer coisa que aconteça? No mundo, nessa joça em que existimos.

Notem que é diferente a gente *haver*, de *existir*, que é a implicação de haver Eu dentro do Mundo, do Ser. Quando minha havência aqui e agora se projeta no Ser, dentro do Mundo, estou *ex-sistindo*. Ou seja, estou sistindo para fora de mim. O mundo nada tem a ver comigo originariamente, só tem a ver na medida em que me aproprio dele. Posso não me apropriar, mas meu percurso no mundo vai fazendo com que me aproprie dos acontecimentos, dos outros existentes, das formações disponíveis para meu uso, etc. Portanto, *Existir* é implicar-se, como havente, dentro do Ser, o qual não é senão o Ter: **Eu sou o que tenho**. É preciso fazer o rol de todas as minhas propriedades para saber o que estou sendo agoraqui. Sou o conjunto de minhas propriedades, as quais são apenas as implicações que essas propriedades têm em minha existência enquanto causada por Eu haver. Digo metaforicamente que o estatuto da psicanálise é *místico* porque o que garante o funcionamento de uma análise é afastar-se do Mundo e recolher-se ao Haver. O trabalho, o exercício da análise é afastamento do Mundo, e não sua aproximação. Trata-se de indiferenciá-lo, jogá-lo para lá, para Eu reconhecer para cá meu lugar Real, que independe do Mundo. Não posso ficar aprisionado às estorinhas, às questões de poder, de autoridade, que estão me situando como Ser. Isto sou Eu agoraqui, mas não necessariamente, pois Eu está esteado em Haver. Eu, Ego – não estou falando de sujeito algum –, é o que na Idade Média chamavam de *ipsis ipsissimus*: Eu

mesmo, Eusíssimo. Para definir isto, poderíamos parafrasear Edmund Husserl dizendo: o Ego há em si mesmo e há para si mesmo com uma evidência contínua e, por conseguinte, se instancia continuamente como havente bruto. Ele é aquilo ali curto e grosso.

A cada momento, se é que me aproximo do mundo, posso perguntar: quem sou Eu? As invasões excessivas da filosofia na psicanálise fizeram muitos erros de processamento. Por exemplo, o de supor que “o sujeito faz análise para se conhecer”, para saber quem ele é. Embora no percurso da análise possamos procurar saber quem estamos sendo, **fazemos análise para ver se lembramos que havemos**. Isto está esquecido por estarmos envolvidos na fofoca do mundo e acreditarmos que somos essencialmente, radicalmente, a estorinha besta que vivemos. Somos aquilo, mas não essencialmente – e não temos que ser, pois podemos ser qualquer coisa se ousarmos um pouco. Quando me lanço em minha *existência* no mundo e caio na região do Ser, que é a região do Ter, quem sou Eu? Sou as minhas propriedades no mundo. Se as sou, então **o mundo sou Eu**. Para cada Pessoa, em sua singularidade, em sua solidão, em sua irrepetibilidade, o mundo que ela tem é ela, não há outro. Posso não me dar conta de uma série de coisas que tenho em meu mundo, elas podem estar numa região franjal que não vislumbro, mas esse mundo é Eu. A frase correta é: o mundo sou Eu, pois se eu sumir daqui o mundo some junto comigo. Não sei se já notaram que só há mundo para quem está vivo. Defunto não tem mundo – a não ser aqueles que vão para o céu ou para o inferno... Esses devem ter algum mundo, mas gente “normal” acaba por aqui mesmo. Se estou aqui e agora, se estou havendo e existindo em relação às minhas propriedades em minhas transas com o mundo, o mundo sou Eu, e se Eu apagar, não há mundo nenhum.

As pessoas se acostumaram, sobretudo mediante percursos da filosofia, a acreditar que há um Mundo que rege tudo, no qual elas entram pedindo licença. Há a piada sobre o caçador, na África, que entra numa ponte de corda para atravessar o rio. Quando está no meio, vê cinco leões vindo em sua direção. Vira-se para o outro lado e vê mais cinco leões também vindo. Ele fica



encurralado, não sabe o que fazer, então vai andando e falando: “Olha a patinha, olha o rabinho, dá licença...” Aqueles que se apropriam demasiadamente das coisas começam a dizer às crianças que o mundo é deles, e que elas têm que lhes pedir licença, pois são os leões do mundo. Mas o mundo sou Eu, e quando me dou conta disto começo a ficar um pouco impertinente e a achar que, se têm direito de ser donos do mundo, também tenho. Se determinaram que tenho que viver na miséria, posso começar a roubar suas casas. Se podem pensar que o mundo é eles, também posso pensar que o mundo sou Eu. A estrutura da Pessoa é o Revirão. O núcleo Real da Pessoa é o Cais Absoluto em sua havência real absolutamente concreta, singular e “imexível”, como dizia aquele ministro. E haver realmente é causa de qualquer Mundo. Sem Eu haver aqui e agora, não há Mundo: a causa do Mundo sou Eu. Ou seja, não só o Mundo sou Eu como Eu é a causa de haver Mundo. É a partir do Real de sua havência que, indiferentemente, cada Eu, cada um, determina o mundo de sua existência. O mundo que Eu sou é efeito do Real que Eu hei.

Quase poderíamos dizer que o mundo é uma secreção da Pessoa, enquanto Real, em transa com outras Formações do Haver, pessoais ou não. Nessa transa vai-se secretando o mundo. Onde, as propriedades da Pessoa, pois foram secretadas por ela. *Secretar* vem de ‘segredo’. E o segredo está no Haver, a respeito do qual nada se pode dizer. Aí se sente, sofre, reconhece, mas quando se começa a falar cai-se no Ser, e não se consegue dizer. Por isso, Lacan supunha que o real é impossível de se dizer. Então, a verdade última de cada Pessoa é secreta porque real e, portanto, intransmissível. É um segredo inconfessável, não por ser proibido ou feio, mas porque é impossível. No entanto, é transmissível por minhas secreções de mundo: transmito minha havência por minha existência secretando mundo. E há o Vínculo Absoluto que é nossa mesma estada de todos no Haver.

Ninguém *existe* fora do Mundo. No ponto Real, cada um há, mas não diz nada, apenas causa dizeres. Então, caímos para o lado do Mundo. Desalienar não é deixar de viver no Mundo, e sim saber que o Mundo nos é indiferente por sabermos que o Real é a referência. Não se vai abandonar o

Mundo, mas sabe-se que ele há absolutamente indiferente. Quando desalienamos, olhamos para o mundo como formações que lá estão, lidamos com elas, mas sem as confundir com verdade alguma. Minha verdade está no Real, o resto é apenas o que existe por aí. Então, se já nascemos com a maquininha do Real disponível, também já nascemos com ela recalcada pelas formações auto e etossomáticas do Primário, que precisam sobreviver e, portanto, são recalcentes de saída. É difícil desrecalcar porque vivemos das estruturas de recalque. Não há como funcionar no mundo fora do recalque, a não ser que mantenhamos vigorosamente a referência ao Real e substituamos recalque pelo que Freud chamava Juízo Foraclusivo. Ou seja, não ter mais sintomas, não recalcar nada, mas saber escolher o que fazer de acordo com as Situações de Mundo. Aliás, se não fizermos isto nos arrebentaremos. Quando retiramos o sintoma, não estamos mais agindo de acordo com o recalque, e sim de acordo com escolhas e juízos. É muito difícil tentar viver neste estado, pois sempre nos sobra um restinho qualquer de sintoma. Antigamente, gente como Platão e outros falava em viver intelectualmente, com juízos intelectuais, o que significa podermos viver *ad hoc* com *juízos de exclusão*, não por ter medo ou cacoete, e sim por decisões em função das situações.

**14.** Falei em três definições de **conhecimento**, mas, na verdade, são duas mais outra que é consequência da segunda. Há um conhecimento absoluto, um *saber absoluto* que cada um tem só porque há. Ele pode estar esquecido por estarmos perdidos na selva do Mundo, mas se nos afastarmos, nos equivocarmos, indiferenciaremos e começaremos a nos lembrar de que Há. Não é preciso ser necessariamente mediante análise, pois há várias maneiras de alguém levar um susto e se lembrar de que *há*, independentemente das formações do mundo. Há também o *saber compreensivo*: formações como parangolés em relação a outras formações e a transa entre as formações produzindo a compreensão na ordem do Ser, na ordem das formações que há dentro do Haver. Um é conhecimento absoluto, e o outro é sempre relativizável. Por isso, só há saber absoluto no Haver, e não há ciência absoluta no lado do Ser. A melhor

das produções científicas é provisória. Entretanto, o saber compreensível é genérico. O que quer que se diga do lado do Ser é conhecimento. Pode ser um conhecimento doido, mas é conhecimento; pode ser um conhecimento completamente delirante quando visto em função de outro interesse, mas, em função do interesse do delírio, é um conhecimento perfeito; pode ser um conhecimento mágico, mas faz parte do conhecimento compreensivo, e pode dar errado, mas a maioria dos conhecimentos também dá.

O *conhecimento científico* não é uma terceira forma de conhecimento, e sim um modo específico da forma de conhecimento compreensivo. É um conhecimento protocolado com certas exclusões para restringir-se a determinado campo fechado e cada vez mais, supostamente, aproximar-se da composição concreta das formações do Haver – que é o que a ciência procura –, mas mesmo ele é freqüentemente precário. Pode funcionar em relação a certas formações, mas se ampliamos o campo franjal de nosso foco de observação, de transa com o mundo, ele se mostra imediatamente falho. A cosmologia de Newton, que pensava ter entendido o universo como tal, funciona até hoje, mas Einstein já mostrou que a teoria da gravitação é apenas uma região da teoria da relatividade. Neste sentido é que o conhecimento, mesmo científico, é sempre relativizável. Ainda que seja perfeito, completo, em relação a certas formações, a transa dessas formações com outras não tratadas na transa do cientista modifica a compreensão.

Todo conhecimento enquanto tal, em seu interesse do momento, é perfeito, só que está errado, pois não é total. É perfeito na transa entre tais e quais formações, entretanto, se entrarem mais formações, ele desliza. A pergunta, então, é: que formações estão em jogo num conhecimento qualquer? Vejam o caso de Montezuma, o rei dos Astecas, que tinha uma transa meio astronômica, meio mágica com o Mundo: subia nas grimpas das montanhas e ficava olhando o céu. Um dia, passou algo que nunca tinha visto – que chamamos de cometa – e achou que se tratava de Quetzalcóatl, o deus dos astecas, a Serpente Emplumada. Era uma mensagem que o deus lhe enviava sobre uma grande transformação em sua existência. Observem que é um conhecimento

perfeito. Quando os espanhóis chegaram, todos pensaram em Quetzalcóatl... Como sabemos, os espanhóis destruíram e roubaram tudo. Ou seja, estava tudo certo, Montezuma apenas teve um pequeno erro de interpretação do seu deus. É o mesmo que acontece na ciência.

**15.** A transa das formações das Pessoas com outras formações do Haver resulta em conhecimento. Ela força o que chamo de **HiperDeterminação**: algo se hiperdetermina para além da sobredeterminação reconhecível das coisas. Como sabem, para Freud, um sintoma, um conhecimento, qualquer coisa, é sobredeterminado por um conjunto grande de formações, pois a determinação é complexa. Propus o termo HiperDeterminação para indicar que as sobredeterminações se dão no campo do Ser, no campo do saber compreensivo, mas que, quando algo de novo emerge, quando há criação ou, às vezes, simples percepção de algo nunca antes visto, recaímos em nossa solidão. No caso de Montezuma, acontece algo novo, ele busca uma explicação dentro de sua ordem de saber, mas também tenta produzir um saber novo. Ele foi hiperdeterminado e fica atarantado dentro do Haver. Quando isto acontece, recaímos em nosso lugar de Haver: estamos em derrelição, abandonados pelo saber. Então, quando uma Pessoa, passando pelo Cais Absoluto, indiferencia o Ser, isto lhe permite determinar – como causa real que essa Pessoa é – qualquer outro arranjo das formações do Haver. HiperDeterminação não é mágica, não cai do céu: a Pessoa se recolhe à sua posição de havente e está em derrelição porque nada sabe a respeito. O fato é novo, algo ocorreu que a deixou, como se diz – aliás, bem, pois é da ordem do Mundo –, sem pai nem mãe. A partir desse ponto, ela topa qualquer parada, pode fazer o que quiser com o Ser. É isto que hiperdetermina uma criação. Quando vai ao Cais Absoluto, como chama Fernando Pessoa, a Pessoa está disponível para hiperdeterminar o surgimento do mundo, fazer algo novo existir a partir de sua existência, dela, Pessoa.

Notem que o recolhimento ao Cais Absoluto, esse momento de HiperDeterminação, é capaz de fazer emergir qualquer **Rebelião dos Anjos**. Nesse momento, o Anjo se rebela e diz: “O Mundo sou Eu e não é como estava

antes, pois foi modificado, acrescentado, por mim”. Os Anjos somos nós, não existem outros – já disse isto várias vezes. Então, quando o Anjo se rebela – e lá naquela religião engraçada, chamam-no de Lúcifer, *aquele que traz a luz, o fazedor da luz* –, ele diz: “o Mundo sou Eu e agora sou Eu com acrescentamento meu”. Ou seja, fui eu que, com minha existência, causei uma transformação do Mundo. Não há ninguém além de nós que produza Mundo, somos nós que o fazemos. Alguns espertos aproveitam-se do esquecimento freqüente da maioria de que Há – e, portanto, pensa que tem que pedir licença para entrar no mundo que, se for assim, é dos outros – e querem determinar o mundo como eles querem. Fazem muito bem, mas eu também quero. Então, a rebelião é possível. Não fôssemos tão esquecidos, tão distraídos com nossa havência, seríamos um pouco mais rebeldes. Mas é possível – apenas possível, não necessário nem garantido – induzir uma **Rebelião Serena**. Talvez o interesse da psicanálise seja tentar exercitar a Indiferença em relação ao Mundo para relembrar, fazer a anamnese de sua própria havência, provocando uma rebelião de transformação do mundo que você é. É uma rebelião, mas pode ser serena. Não se trata de revolução, que sempre cai no mesmo lugar, como a francesa, a russa e outras que deram no que deram... Uma rebelião transformadora, de fato, é possível e com certa serenidade.

Não podemos conversar o suficiente para, colocando-nos dentro do processo de rebelião, eclodir as transformações com o máximo de acordo possível? A psicanálise acha que isto é possível. Para cada um e para muitos. Mas quando emerge abruptamente, à revelia de qualquer ascese – que, em grego, quer dizer *exercício* –, a rebelião é explosiva. Isto porque não houve exercício para a Pessoa aí recolher-se, mas exercitando a Indiferenciação dos valores do Ser. Quando a ascese não é promovida – e é justo o que a psicanálise quer promover –, geralmente a rebelião não é serena, e sim explosiva. É com o que estamos nos defrontando neste momento de nossas vidas. Não houve preparação para o que está acontecendo hoje e muitos estão com suas cabecinhas formadas em séculos antigos. O Mundo está emergindo com uma série de coisas novas, as pessoas estão sendo acuadas e os movimentos as empurram

sem preparação, mediante qualquer tipo de horror ou terror, para o lugar de Indiferenciação do Mundo. E a psicanálise pretende ser Cura do Mundo que sou Eu. Dissipação da informação, disseminação dos conhecimentos em todas as áreas, científicas ou não, caotização produzida pela tecnologia em expansão, tudo isso resulta no lamento que fazem quanto à perda dos fundamentos. Se não há mais parâmetros, como viver em sociedade?

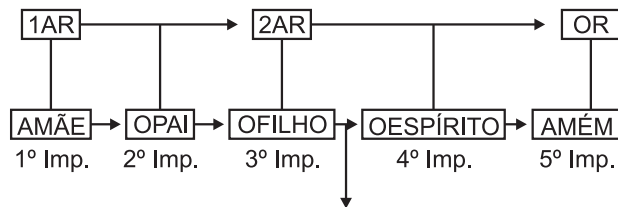
A aceleração dos movimentos no Mundo começou a rememorar, para cada um, sem preparação, sem ascese, seu lugar no Haver. Cada um está ficando sozinho diante do Mundo, sem parâmetros, querendo acrescentar, fazer algo, mas como não tem preparação no sentido da indiferenciação calma e trabalhada do mundo isto é explosivo. Tento, portanto, a partir desta psicanálise, explicar o que acontece hoje. Está difícil existir nesse mundo que não só parece como está ficando caótico. Já lhes disse que o caos é a ordem verdadeira. Os donos do mundo, as *otoridades*, tentam imprimir certas ordens como se fossem as verdadeiras. Como são apenas provisórias e regionais, ao explodirem, surge a verdadeira ordem por trás delas, o caos, que não é bagunça, e sim ordem, só que não a conhecemos em sua plenitude. As pessoas tomaram o susto de esbarrar na Indiferenciação e começaram a entrar em ebulição. Uma grande quantidade ficou perdida, achou que vale tudo, que não há regra, e outra fez o contrário, entrou em regressão, o que é tão ou mais perigoso que a bagunça. Estamos, pois, diante de movimentos explosivos, bagunceiros, e de grandes movimentos regressivos.

● **P** – *Por que o caos assusta tanto?*

O caos é a ordem que há, mas como não a abrangemos por inteiro, arrumamos uma ordenzinha local, que está subdita à ordem geral e, portanto, entrará em entropia, e se estragará a ordenzinha que arrumamos. Como queremos manter a ordem que demos, achamos que o caos é um sacana que fica destruindo as coisas, mas o que o Haver tem a ver com as ordenzinhas locais e sintomáticas?

**16.** Acontece no mundo o que, desde 1995, venho chamando de **Creodo An-**

**trópico**, que são os Cinco Impérios do périplo cultural:



(Nosso momento: zorra)

Como sabem, chamo nossas formações de base de: Primário, Secundário e Originário. É possível pensar que, em nossa espécie de IdioFormações – pode haver outras no universo, não humanas –, dado o tipo de Primário que tem, com seu corpo biológico de base carbono, haja um processo de *encaminhamento obrigatório* (do grego *cre-ódos*), que é movimento, e não destino ou determinação absoluta. Por exemplo, não posso sair desta sala senão pela porta que está ali. Então, se me movimentar, passarei por tal caminho, uma vez que é o caminho que há. Assim, dada nossa formação biótica, faço a suposição de que a humanidade, em seus processos de desenvolvimento, tem se encaminhado do Primário para o Secundário e para o Originário. Encaminhamento este que funciona em *cinco movimentos* ou Cinco Impérios.

O Primeiro Império, d'AMÃE, ocorre quando a referência é tipicamente o Primário, o biótico do corpo. Procurem em certa antropologia e verão que, em tribos muito primitivas, a referência é sempre materna. No Segundo Império, d'OPAI, temos, por volta do Neolítico, o nascimento da referência do Pai. Nele, há uma passagem do Primário para o Secundário, que não é de natureza a cultura, pois não se trata de Lévi-Strauss, e sim da passagem de a referência ser o Primário para a referência principal do funcionamento de Mundo ser o Secundário. Mas a referência só será especificamente o Secundário no Terceiro Império, d'OFILHO. No Quarto Império, d'OESPÍRITO, temos o encaminhamento de a referência ser Secundária para tornar-se Originária. E no Quinto Império, d'OESPÍRITO, a referência é o Originário. Digo, então, que, em nosso movimento, hoje estamos passando do Terceiro – que é bem representado pelo cristianismo, e está acabando – ao Quarto Império. A tur-

bulência contemporânea é a passagem da referência ao Secundário – ao saber, às articulações languageiras, etc. – para a Indiferenciação do Secundário. Como nossos saberes, informações e referências ideológicas estão se indiferenciando progressivamente, as pessoas ficam assustadas. Dizem que não há mais moral ou que esta já não é mais a mesma – e estão certas, pois os discursos estão se indiferenciando e ainda não chegaram a uma estrutura de Quarto Império, que é de aceitar a indiferenciação e laborar de outra maneira. Quanto a mim, quero ter a pretensão de tentar ajudar a emergência do Quarto Império. Esta é a minha tarefa aqui, do ponto de vista teórico e clínico.

O Quarto Império, assim como foi o Segundo entre Primário e Secundário, é intermediário entre Secundário e Originário. Portanto, jamais será um Império francamente estabelecido sem certas pressões como ocorreu com o Império d’OPAI no Neolítico. Lá, antes ainda de se instituir como Império de saber, organização languageira e conhecimento articulado, oscilou muito e viveu sob certas imposições muito violentas. Ainda viveremos sob muitas imposições secundárias, o que é deveras difícil já que as imposições são secundárias, mas o destino e o movimento são para o Originário. Reconhecendo isto, como articular discursos que ao mesmo tempo sejam referências e não sejam congelados? **Como criar uma civilização em que haja discursos referenciais, mas não ideológicos?** É quase como **viver numa situação *ad hoc***: a cada caso, recorre-se a certo discurso. Não será possível ter um único discurso ou ideologia estabelecida para agir, pois não dará certo. Teremos um catálogo a ser usado como um computador em que se procura qual discurso aplicar a cada momento. É parecido com as cabecinhas das crianças de hoje que usam computador e é nelas que emergirá esse mundo. Mas o que acontece de fato no momento horrível em que vivemos é muita gente começar a se referenciar ao movimento discursivo do *ad hoc* e as grandes majorias regredirem. Morreram de medo da Indiferenciação e vão correndo para trás agarrando-se a ideologias do Terceiro Império. Isto, quando não tentam voltar para o Segundo. São recrudescências de fundamentalismos religiosos e ideológicos por conta de as massas e os governantes estarem apavorados por não saberem como segurar



a situação e, então, reforçarem a ideologia. Mas não dará certo, pois a porradaria vai ser geral e continuar pior, já que a tecnologia e o desenvolvimento dos movimentos comunicacionais não deixam isso se estabilizar. Teríamos que cercear todas as comunicações para poder manter uma tribo fechada em sua ideologia. E como para os processos econômicos de hoje é preciso o movimento comunicacional, uma coisa contradiz a outra. A zorra contemporânea está situada entre o Terceiro e o Quarto Impérios.

Haver movimento, no sentido do Creodo Antrópico, não garante que se movimentará, mas, segundo minha hipótese, se movimentar-se, será nesse sentido. Como não é garantido que se movimente, não sabemos se a coisa vai degradingolar de tal maneira que recuemos. Mas se recuarmos, teremos que, de algum modo, isolar a tecnologia, pois ela não deixa isso acontecer. Estamos, portanto, em francos movimentos retrogressivos por pavor. O Bené está apavorado porque há um por cento a menos de católicos a cada ano, mas seria engano pensar que isto é bom, pois essa gente não está saindo daquela igreja para a lucidez, e sim para o evangelho, o que é um pouco pior.

● P – *OESPÍRITO se encarna em alguma materialidade?*

Não existe diferença entre espírito e matéria. O espírito é pura matéria. Computador não tem matéria? O espírito tem hardware. O Espírito sou Eu. Se alguns filósofos resolveram separar espírito de matéria, é problema deles, pois, tradicionalmente, o espírito é a manifestação das Pessoas, a qual é da ordem do mundo, da articulação, do Ser. **O espírito é o nosso entendimento de como a matéria se articula.**

No Quarto Império, o espírito está como referencial: sua referência máxima é a articulação do saber. No Império anterior, havia uma ideologia formada como referencial: aquela que vemos no cristianismo como a ideologia do Filho do Pai. É a referência ao homem conhecido como tal, fazendo diferença entre o humano e o desumano, o humano e o inumano. No Quarto Império, nada há mais inumano que o humano, pois o que interessa são as articulações. Nele, essas pressões ideológicas não funcionam. Com licença do termo técnico, a Pessoa do Quarto Império diz: “Não me venham cagar regras

porque também sei fazê-las”. Esta é a situação difícil que vivemos. Talvez se lembrem de que, num momento em que havia uma turbulência policial aqui na zona sudeste, eu disse que ficava difícil estabelecer precisamente a diferença entre Planalto e Beira-Mar.

● P – *Quanto a essa dificuldade em estabelecer fronteiras, vemos, nos games eletrônicos, as crianças jogarem com aliens, com não-humanos, sem problema.*

Porque são iguais a elas: são todas ETs. Começa a aparecer – apenas começa, pois ainda falta muito para se instalar – um tipo de formação mental que é relativa às articulações como tais. Analistas que tratam de adolescentes sabem que é preciso olhá-los do ponto de vista do ET, mas que há também o filho do pastor e outros de mesmo tipo. Às vezes, eles são completamente rachados entre uma ideologia familiar e um jogo, e ainda não conseguem articular as duas coisas, pois estamos naquele ponto de passagem do Terceiro para o Quarto. O lugar, por ser passagem do Secundário para o Originário, já é difícil, bambo, mas se o atravessarmos – e não sei dizer como isto ocorreria, pois não enxergo o futuro – e o Quarto Império se instalar, é possível que surja uma humanidade de **referência originária, que é a referência do psicanalista**. Como nem hoje há psicanalista, é difícil concebermos isso. Quem sabe, um dia haja uma sociedade de psicanalistas... Há por aí sociedade de psicanalistas, mas são apenas ensaios para daqui a dois milênios.

● P – *A indiferenciação necessariamente cria algo novo?*

Sim, mas é preciso saber em qual regime. Pode ser algo que só é novo para nós ou para aquele momento de criação: entramos em processo de desvelamento dentro do Haver de algo que para nós era velado. Importante aí é não confundirmos criação com criatividade, pois nesta apenas juntamos isto com aquilo e sai uma resultante. **Criação**, ao contrário, é a experiência que a pessoa tem de **acrescentamento de Mundo**. De repente, no que lidamos com o Mundo no sentido mais geral, tem-se uma experiência que é acrescentamento de Mundo para qualquer um e nos apropriamos de algo que está no Haver. Ninguém cria coisa alguma, pois o Haver já está aí com tudo. “Nada

12/MAI/2007

de novo sob o sol” teria dito Salomão, portanto, o que há é nossa ignorância, o não saber. Ao criar, desvelamos algo: alguma formação, na transa com as formações de cá, se desvelou.

- P – *A pessoa pode ter essa experiência e voltar, agir regressivamente?*

Ela pode apavorar-se e voltar. Caso em que ela não terá experimentado isto como desvelamento, e sim como susto: não houve ascense. Esse lugar é o terror e só lidamos com ele porque articulamos a indiferenciação do mundo. Quando a pessoa cai lá sem articulação, entra em pânico, afoga-se, quer sair correndo. Isto é muito comum em consultório: quando se dá um empurrãozinho mais forte, a pessoa vai embora. É como se dissesse: “Vim fazer análise, e não tomar susto”.

- P – *Quando criamos ordem também é recalque?*

O que faço eu aqui? Crio uma teoria, o que é recalcante. Não há como dizer sem excluir. Tento excluir o mínimo possível, mas o que digo é capaz de recalcar outros discursos. Não há saída, basta lembrar disso. É o que tenho para oferecer. Melhor, hoje, não tem.

28/ABR

### 17. Choraís em vão, no aspérrimo desterro

Em que ficais; e, amaldiçoando os céus,  
Inútil voz ergueis, que o vosso erro  
Não é a vossa dor, é o vosso Deus.

Não houvessem à vossa juventude  
Falado num Deus justo e onipotente;  
Houvesse a infância vossa recebido  
Testemunho sombrio, certo e rude  
Dos veros deuses, caprichosa gente,

Que sem cura de mal ou bem, iguais  
A nós na incerteza e na inconstância,  
O justo e o injusto com igual sentido  
Derramam pela terra, pouco mais  
Que nós salvo na força e na distância...

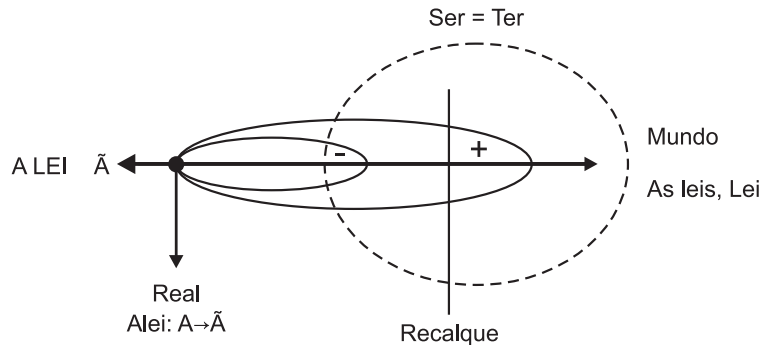
Ah, quem vos disse que ao injusto e ao justo  
Há quem destine um fado diferente?  
Que mentirosa língua vos falou  
Que devemos'sperar do fado augusto  
O bem por bem e o mal por mal? Que gente  
Vos mentiu de um Deus só?

Decerto não houvéreis esperado  
Prêmio ou justiça dos supremos reis  
Nem contra o céu ergueréis o vão brado  
De quem sofre a casuística das leis.

É um poema de Fernando Pessoa, que deixou incompleto o último verso. Eu, abusivamente, o completei.

Estamos falando de Justiça. Será que isto existe? Há um pedido de justiça quando as pessoas se sentem mal com os fatos. Imploram por justiça, não se sabe a quem. É um problema sério. O que pode ser a Lei? O que podem ser as leis? A psicanálise tem a ver com isto, pois desde sua fundação com Freud, passando pela vontade jurídicista de Lacan, há a questão da Lei a se resolver analiticamente. Na verdade, só se pode falar de justiça dentro do Mundo, na ordem do Ser, do Ser = Ter. Só se tenta produzir justiça dentro do Mundo, o qual não faz a menor idéia do que ela seja. A justiça pela qual se clama é aquela causada pelo Haver: o mal-estar no Haver nos faz pedir justiça. Sou sempre injustiçado, não há ninguém que esteja contente com a justiça, não só porque os fatos e os fados não são propícios, como também porque os

outros sempre me aborrecem, sempre querem, pelo menos, a mesma coisa que quero. Isto incomoda e, afinal, não é justo que queiram o mesmo que eu... Elas deveriam procurar outra coisa, mas não há outra coisa porque quero tudo. Este é o problema de cada um.



Mas a partir da situação do não-Haver, do Real, imploramos por justiça. Como disse, justiça só é possível ser elaborada, exercitada, no Mundo, e não é possível consegui-la também ali. As coisas vão a juízo, a julgamento e, por mais que ganhemos, o resultado é sempre ruim. E quando perdemos, é uma desgraça, mas continuamos implorando por justiça. Como só há justiça no Mundo, portanto não há justiça, só há jurisdição. Na verdade, o que existe é requisição de justiça causada pela certeza de Haver, de que isso não tem alibi algum ou apelação possível. ‘Jurisdição’ vem do latim *jurisdictio, onis*, ação de ministrar justiça, judicatura; direito de ministrar justiça; julgamento de causa; tribunal. Assim, o que existe é apenas: administração de justiça – e se a justiça precisa ser administrada, logo não há. Se houvesse, funcionaria por si mesma.

**Alei**, que escrevo como uma palavra só, é: Haver quer não-Haver ( $A \rightarrow \tilde{A}$ ) – e não-Haver não há. Esta é a **Lei Real**, mas é intocável e não se consegue fazer nada a favor ou contra ela. Só conseguimos continuar falando sem fim. As leis – ou, pelo menos, a Lei no sentido de ordenação, administração da justiça – funcionam no Mundo. Por isso, a ordem jurídica vive da chicana, da futrica que produz efeitos sobre certos enunciados chamados de legais, que foram produzidos mediante poder: *manda quem pode, obedece quem tem juízo* – e quem tem muito desjuízo desobedece. Está aí o problema com a lei.

Os interesses requerem lei; o poder institui leis; e as leis instituem o crime, o qual é o que uma lei disse que o é. Portanto, o crime é designado pelo poder, o qual designa aquilo que é interesse de alguém que tem poder para isto. Alguém é qualquer um, inclusive nossos interesses mais ou menos idiotas, segundo as formações mais ou menos neuróticas que portamos. Uma vez que não existem leis ou justiça no nível do Real, para conviver precisamos de alguma organização mínima para evitar que a guerra seja total. Então, *para que a guerra seja apenas parcial*, inventam-se leis, as quais só se determinam pelo poder no interesse disso ou daquilo, deste ou daquele, e a lei constitui o crime.

Nas relações de Mundo, das pessoas – como haventes ou como Ser –, estamos de algum modo submetidos à **Vocação da Lei**, que, em sentido jurídico, é: chamamento de alguém para exercer certa função obrigatória ou para posse de um direito. Ou seja, chamamento da Pessoa ao exercício da Justiça. Então, somos chamados ao exercício da Justiça. E agora? Como devemos nos comportar?

**18.** Desde Freud, a questão da Lei é posta sobre **Édipo**. Não é bem assim que começa a historieta na produção de Freud, mas continua sendo assim, sobretudo em *Totem e Tabu*, e bate na mão de Lacan com essa história da Lei, de seu funcionamento, etc. Quero mostrar que podemos abordar de maneira mais abstrata, as relações do que Freud chamou Édipo ou complexo de Édipo – se não me engano, foi Jung quem chamou ‘complexo’ – com a lei e a Justiça.

Da vez anterior, disse que **o Mundo sou eu** e falei das manifestações de retrocesso, das tentativas de pensamento retrô em função da dificuldade dos Cinco Impérios em dar um passo à frente. Hoje, estamos numa posição intermediária entre Terceiro e Quarto Impérios e, mais, numa posição intermediária entre duas posições dessa passagem. Não é preciso lembrar que o movimento é retrô quando temos a presença na mídia de um Bené XVI fazendo apologia de seu retrocesso. Aliás, é normal, pois ele foi feito para ser retrô. A meu ver, quando Constantino institui o cristianismo como religião, isto já é um retrocesso. O Império Romano, sobretudo, mediante as inter-

venções de Caio Julio Cesar, já estava no movimento de instalar o Terceiro Império sem necessidade de religião, muito menos de origem judaica. Mas o pior é a mentalidade de retrocesso e de fundamentalismo mesmo no campo da psicanálise, que teria vindo com certa vocação de esclarecimento. Ou seja, se agora, começo do século XXI, reencontramos várias posições reacionárias, de retrocesso no movimento da história da espécie, o pior é ver ditos psicanalistas colaborarem francamente com isto. É o caso de alguns que tomam as articulações de Lacan como um catecismo religioso – coisa que se faz sobretudo na América Latina –, ou que vão ao começo da história da psicanálise para reanodotizar um achado freudiano metafórico como o Édipo para reinstaurar uma posição reativa.

Exemplo disto é o livro de Juan Nasio, *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa* (Rio de Janeiro: Zahar, 2007). Fiquei horrorizado, pois o gajo era discípulo de Lacan e nem ao menos lacaniza o Édipo. Ao contrário, toma o anedotário freudiano e o reinstala da maneira anedótica como Freud o colou no mundo. Em Freud, é uma metáfora, uma tentativa de entender a relação da pessoa com a lei. Imediatamente depois de Freud, cai em posição de mitologização da psicanálise: esquece-se que era metáfora dessa relação e instaura-se uma historinha que cada um tem a obrigação de seguir. Se não seguir, palavras desse autor, você não é *normal*! Vejam para onde estamos de volta no começo do século XXI: à normalização, sobretudo da sexualidade. Como na historinha freudiana havia aquele negócio de comer a mãe, vai-se agora normalizar a sexualidade mediante o Édipo. Freud dizia essas bobagens, mas ia abstraindo para ver se limpava a sujeira que fez. Em Lacan, isto bate com um sentido abstrato, no entanto ainda preso à ordem fálica, de: Nome do Pai, significante no campo do Outro como significante da lei...

Hoje, onde se faz a pesquisa, do lado da psicanálise ou das ciências cognitivas e neurológicas, quando o cientista pensa à vontade, sem limitações ideológicas de outros campos – limitações religiosas, ideológicas do cientista, e não da ciência –, cada vez mais fica claro que o comportamento sexual de cada pessoa é absolutamente... pessoal. Não há parâmetro algum razoavel-

mente respeitável para afirmar que alguém seja do sexo a, b ou c, no sentido do comportamento sexual, ou para dizer qual deva ser esse comportamento. As ciências neurológicas encontram certas formações, mas encontrar formações diferentes, mesmo para macho ou para fêmea, não significa que homem seja assim e mulher assado, pois não há condição de tirarmos uma resultante dali. Os cientistas sabem disto, e se dizem o contrário é por serem católicos, fascistas ou algo dessa ordem, pois não há condição para tal. Num artigo que li recentemente, um cientista dizia que, de fato, certas formações, certos funcionamentos cerebrais aparecem nos homens, pelo menos em média – vejam que o negócio é apenas estatístico –, pois parece que o cérebro deles acende luzinhas de um lado e o das fêmeas de outro. Mas pode ser que a função que está nos machos num lado, nas fêmeas esteja de outro. Ainda que houvesse determinações cerebrais, isto não significa grande coisa, pois existe na espécie a determinação que chamo de Revirão: reviramos qualquer coisa. Quando entra o processo cultural – o processo Secundário, como chamo: a entrada na ordem da articulação –, tudo pode ser reformulado. Portanto, só se pode ter noção de alguém, o conhecendo: cada um é cada um.

Mas o tal Nasio chega a definir de novo a historinha edipiana no sentido do primeiro Freud (que a corrigiu depois): Édipo é a atração do menino pela mãe, e da menina pelo pai. Em seguida, finge que dialetiza, mas a toda hora retorna para a questão de que a definição do Édipo é a atração pelo sexo oposto. Ora, sexo oposto é aquele que está em frente, não existe outro. Por isso, resolvi retomar o Édipo e lhes pedi que relessem a trilogia tebana, o terceto de Sófocles: *Édipo Rei*, *Édipo em Colona* e *Antígona*.

**19.** Lembrem-se de que Freud fala em Édipo referido ao texto de Sófocles, *Édipo Rei*, e não ao mito ou sua leitura em algum outro autor. Então, continuemos a nos remeter a um artista importante da época, que fez a trilogia certamente sob condições mentais de comoção local das histórias em torno das cidades. Além disso, segundo Freud e Lacan, remeteremos o entendimento do Édipo às relações das pessoas com a Lei e veremos que, mesmo



em Sófocles, trata-se de algo extremamente complexo e bem pensado, e não da bobagenzinha que remetem ao anedótico. A primeira tragédia do ciclo tebano que Sófocles escreve não é *Édipo*, e sim *Antígona* (-441). Quase dez anos depois escreve *Édipo Rei* (-430), e, muito depois, acho que se dá conta de que falta um pedaço, então escreve *Édipo em Colona* (-401). Vejam como deve ter sido difícil para ele, pois há um intervalo de quarenta anos entre *Antígona*, um trabalho de juventude, e *Édipo em Colona*, sua última obra, escrita à beira da morte.

Minha leitura, como as de Freud e Lacan, continua sendo a de fazer alguma relação do Édipo com as questões da Lei e da justiça, que é o que está no texto de Sófocles. Quero supor que nas **três peças colocam-se as três posições possíveis da Pessoa em relação à Vocação da Lei e a conseqüente Justiça que dela possa derivar**. Dá a impressão de que Sófocles pensou em sua cidade, na ordem política grega e distinguiu, como também fica evidente mediante meu esquema que, diante da lei e de todo seu funcionamento, inclusive da idéia de crime, temos apenas três posições possíveis. Portanto, paremos com a bobagem de utilizar Édipo para falar da sexualidade das pessoas. A não ser que sexualidade seja entendida (nem mesmo como em Lacan nas fórmulas quânticas, mas) como modos de relação com a ordenação do mundo. Ao falar em leis, estamos falando o mais genericamente possível, não só da legislação de comportamentos obrigatórios pela ordem jurídica, mas também de toda ordem de regulação, do que a cultura diz ser certo e errado, etc. Ora, tudo isso diz respeito à Vocação da Lei, à ordenação do mundo. **Sugiro, então, que o que está em Sófocles é, por via literária e dramática, a tentativa de distinguir as três posições possíveis de uma Pessoa diante da Lei.**

Retomemos a historinha. Estamos em Tebas, perto de Atenas, onde há um casal real meio safadinho, Laio e Jocasta. Laio não gostava muito de obedecer às leis, e de maneira desleal, pois estas nem eram contra seus interesses. Por exemplo, não era preciso ir até a terra de Pélopes, um rei vizinho, e comer seu filho sem permissão, pois isto não era proibido na Grécia. Ao contrário, era até incentivado na aristocracia, mas tinha que pedir permissão

ao pai, o qual a daria com a maior facilidade, pois também queria comer o filho do outro vizinho. Mas Laio vai lá, fatura o garoto na moita e passa a ser perseguido pelo pai ofendido... A história começa com Laio e Jocasta, que vão ter um filho e procuram a Pítia de Delfos, a qual fala em nome de Apolo, para saber o destino do filho. Segundo a Pítia, ele iria crescer, matar o pai e se casar com a mãe. Freud destaca aí a relação de tentativa de posse do que a criança já nasceu possuindo – incesto não é algo que se vá praticar, e sim que já se começou praticando, pois ninguém come mais a mãe do que o filho, seja macho ou fêmea: suga aquilo tudo – e a luta contra o poder, no sentido de querer poder também para si. Esta é a história de qualquer um e Freud se centra aí para mostrar dentro da família, que é onde os tesões e os poderes estão em jogo. Seja com quem for que vivamos, qualquer que seja o tipo de família, funciona freqüentemente assim: aparece tesão para lá, guerra para cá.

Retomando, trata-se de como a criança, de algum modo, lidaria com a ordenação do mundo. O tal casal real achou, então, que o melhor negócio era matá-la, caso contrário iria causar uma guerra tremenda. Envia-na a Citéron, a Montanha do Amor, mas o encarregado de matá-la se penaliza e a entrega a um camponês. Como tinha os tornozelos furados e amarrados como um porco quando o sacrificaram, tomou o nome de Édipo, que, em grego significa *pés inchados*. O camponês, por sua vez, dá a criança aos reis de Corinto, Políbio e Mérope, que não conseguiam ter filhos e passam a tratá-la como filho. Um dia, já garoto crescido, alguém com raiva lhe diz que era filho adotivo. Ele procura, vê que, pelas circunstâncias, é adotivo mesmo e resolve ir embora, pois também sabe que a Pítia dissera que iria matar o pai e se casar com a mãe. Numa estrada encontra a carruagem de Laio com alguns soldados e o arauto à frente. Alguns autores dizem que Laio vinha fugindo justamente de Pélopes, esbarra em Édipo no meio de um caminho que só dava passagem a um de cada vez e o agrida ordenando que saia da frente. Édipo reage, mata Laio e os serviais, com exceção de um que consegue fugir. Em seguida, chega a Tebas e vê a cidade perseguida pela Esfinge, que, na entrada, propunha um enigma e matava quem não o soubesse resolver. O enigma era: *O que é que, de manhã,*

*anda de quatro; de tarde, de dois; e de noite, de três?* Édipo responde: *O homem!* Como um humano consegue resolver o enigma, a Esfinge se precipita no abismo e Édipo entra na cidade. Ao entrar, é saudado como o salvador de Tebas, aquele que destruiu a esfinge e lhe são oferecidos o lugar do rei, que havia morrido, e a rainha, com quem se casa. Tudo dá certinho: casa-se com a mãe, faz um reino perfeito e o acham um grande rei.

Um dia, Édipo tem a notícia de que há uma peste sobre a cidade, a qual está matando muitas pessoas. Tirésias – poeta, adivinho, um vate cego que vê mesmo sem ser pelos olhos da cara – é chamado para entender o problema. Na refrega entre Édipo e Tirésias, e também nas discussões com Creonte, irmão de Jocasta, acaba ficando claro que a peste lá está porque Édipo matara o pai e se casara com a mãe, o que é contra a lei. Por isso, a cidade está sendo punida pelo destino e pelos deuses. Édipo reluta em aceitar, pensa que é uma jogada de Creonte para tirá-lo do poder, mas depois entende e, como todo bom obsessivo, entra num processo de arrependimento e culpa. Jocasta histórica, por sua vez, enforca-se. Édipo toma os broches que seguram a roupa dela e fura os próprios olhos para que nunca mais vissem a merda que fizera (na verdade, é por isto).

**20.** Édipo vai, então, sofrer o que determinara quando, antes, soubera que a peste ocorria só por causa do parricídio: que o assassino fosse banido da cidade. Assim, a pena recai sobre ele: é banido da cidade por ordem dele mesmo, mas, sobretudo, por injunção do próprio filho. Banido, cego, sem poderes e bens, passa à condição de quem? De Tirésias: vai errar pelo mundo pedindo esmola (apoiado sobretudo por Antígona, e depois por Ismênia, suas filhas). É o que está em *Édipo em Colona*, a localidade natal de Sófocles, uma cidadezinha secundária da grande Atenas. É para onde Édipo se bane. As divindades que tomavam conta de Colona eram as Eumênides, que são o mesmo que as Erínias – que estão n’*As Moscas*, de Sartre – perseguidoras das pessoas em busca de justiça a qualquer preço. Elas têm duas posições, tanto perseguem os injustos como acolhem os justos. Outro nome delas é: as Fúrias. É interessante que Édi-

po, apesar de ter reconhecido ser o assassino e o incestuoso, continue em busca de alguma justiça: busca as Erínias e pede amparo ao rei de Atenas, Teseu.

*Édipo em Colona* é uma peça longa, ligeiramente chata, que, de acontecimento, só tem, no final, a morte de Édipo no lugar onde tinham mandado matá-lo. Apenas a presença de Teseu é permitida à sua morte, pois Édipo sabe que vai morrer. Como Teseu está previamente proibido de falar, não sabemos o que aconteceu. É como se Édipo tivesse sumido para dentro do Hades, que é para onde os mortos vão. (Aliás, naquela época era mais legal, não se ficava na dúvida, já se sabia que, morreu, vai-se para o Inferno). Fora a morte de Édipo, que é significativa, o importante é que todas as falas da tragédia conduzem no sentido da **Equi-Vocação da Lei**, no sentido de desculpabilizar Édipo e relativizar sua culpa: ele não tinha culpa porque não sabia. Quem fala do destino é o próprio Édipo, o que é algo interessante, pois não tem Tirésias em *Édipo em Colona*. Quem lá funciona como se fosse Tirésias é o próprio Édipo, que, seguro por seus dois bordões, suas duas bengalas, como chamava Ismênia e Antígona, declara estar esse tempo todo completamente desvalido como uma mulher, como as filhas. Na Grécia, as mulheres eram desvalidas. Qual é a passagem de Tirésias de *Édipo Rei* para *Édipo em Colona*? A passagem de Tirésias de homem para mulher. Como sabem, Tirésias é o poeta grego que, um dia, na estrada, vê duas cobras transando e interfere com seu bastão para as separar. Os deuses o punem – empata-foda, não! – transformando-o em mulher. Depois, ele consegue um acordo e volta a ser homem, mas cego. De outra feita, numa disputa das deusas no Olimpo para saber quem goza mais, se os homens ou as mulheres, chamam Tirésias, que já fora mulher, para decidir. É claro, diz ele, que são as mulheres, os homens gozam muito pouco. Tudo correto porque o que estava chamando de homem era *Édipo Rei*.

Em Colona, acontece que Édipo é despido de seus poderes, é um desvalido, como são as mulheres naquela situação social. Ao mesmo tempo que a ordem, a série discursiva, da tragédia não faz senão equivocar, relativizar a relação com a lei, querendo desculpabilizar todos porque não sabiam. Se

Édipo não sabia, como poderia ser criminoso? Destaco em *Édipo Rei* o fato de haver uma lei, não se sabe quem a fez, que, no caso, é uma lei contra o parricídio e contra o incesto. Já lhes disse que, em meu teorema, não entra a idéia de que a interdição do incesto seja universal. Nem a do parricídio, pois há tribos primitivas em que, para que o pai não sofra, os filhos devem matá-lo quando envelhece. (Uma boa desculpa, aliás, para ficarem livres do velho). Lévi-Strauss fez um esforço danado para mostrar que a interdição do incesto é o fundamento da passagem de natureza à cultura, mas não há passagem alguma de natureza a cultura. Interdição do incesto é a invenção da ordem paterna, coisa de Segundo Império.

21. *Édipo Rei* é o mais fácil de todos para entender. Há a injunção da lei, ordenada não se sabe de que poder, que vige no interior da cidade. O parricídio e o incesto como crimes são um sintoma da cidade instituído pelo poder. Então, *Édipo Rei* mostra a pessoa centrada no enunciado da lei e, no entanto, falhando em seu cumprimento, com a conseqüente punição. É o império da lei, em seu sentido menor, dentro da ordem do mundo. Lembrem-se de que é a lei que institui o crime e se institui pelo poder. Como temos aí a relação da pessoa diretamente com o enunciado da lei e falhando em seu cumprimento, trata-se, na fala de *Édipo Rei*, da **Invocação da Lei**. Assim, além da Vocação da Lei, de que falei, há a relação da pessoa com a Invocação da Lei se exercendo com seus rigores. O próprio Édipo se pune, se exila por invocar que a lei funcione como deve funcionar. Lembrem-se também de que a rivalidade e o ataque começam com Laio, e não com Édipo. Laio não só é sacana quando manda matar o bebê, como quando quer forçar no tapa a retirada de Édipo da estrada. Por isso, com razão, Deleuze diz que Édipo é uma paranóia de adulto, e não de criança. Em *Édipo Rei*, a pessoa está referida à lei do mundo, à autoridade. A função de Édipo Rei em Tebas é ser *Tyranos*, o representante da ordem e da imposição da lei. Tirésias lá está presente e, como já passou por um lado e pelo outro, é aquele que consegue ver tudo. Ele sabe dançar, não é um idiota preso apenas à invocação da lei.

Estamos, pois, no que poderíamos chamar de postura clássica, em sentido estético mesmo: exclusão, mediante canônica, de várias posições estéticas. O descumprimento da lei desencadeia desgraça, a diferença é legislada e, se considerarmos uma posição binária entre *Édipo Rei* e *Édipo em Colona*, teremos *Édipo Rei* no **tempo forte do binário**: são duas posturas. Se lembrarem de coisas que já falei, verão que, em *Édipo Rei*, segundo a invocação da lei, trata-se da Consistência da Lei, que não é senão a Consistência do Sexo. Então, levando-se em conta o comportamento sexual como legislável, estamos aí na ordem da vigência do sexo segundo a Consistência, e vigência da lei segundo a mesma Consistência. Portanto, vigência do sexo segundo a Consistência da Lei. É o que chamamos de **Sexo Consistente**, em contraposição à sexuação de Lacan, que, por ter trabalhado apenas na ordem binária, chamou este sexo de macho ou masculino. Isto porque, na tragédia grega, é o sexo masculino, o sexo do Rei, o sexo de Édipo.

**22.** Em *Édipo em Colona*, começa-se a equivocar a lei. Então, em vez da Invocação, temos a **Equi-Vocação da Lei**. A lei que parecia rígida e ordenadora de que se gozasse conforme seu ditame – pois é o que faz a lei: manda gozar conforme seu gosto –, começa a ser equivocada pelos discursos de todos, de Édipo, de Antígona... Tirésias não está presente, mas basta Édipo lá estar para assumir o papel do equivocado. Inclusive em seu sexo, quando diz que está como as mulheres, desvalido. Vejam a dificuldade de Sófocles em entender isto no final da vida, pois o que primeiro entendera como poeta e como Anjo rebelde não foi o *Rei* ou *Colona*, e sim *Antígona*. Em *Colona*, temos a Pessoa em sua falta essencial para com a lei, situando-se fora dela, ou melhor, em contraste com ela. Se dissermos que em *Édipo Rei* a coisa está centrada, em *Édipo em Colona* estará descentrada. E se ficarmos equi-vocados entre as duas posições, questionaremos o recalque e a ordem recalcante da lei. Em *Édipo Rei* é a lei em sua força, ou seja, segundo sua ordem de repressão e de recalque. Na equi-vocação, o que se relativiza é a força do recalque, o poder, etc. Estamos, pois, entre uma

posição consistente e uma posição inconsistente, no sentido sexual. Estamos no **Sexo Inconsistente**. Os críticos atribuem ao texto certa índole barroca. Acham-no estranho, diferente dos outros dois, pois fica num rebuscamento e numa discussão infinita. Em *Édipo em Colona*, estamos no **tempo fraco do binário**.

23. Vamos a *Antígona*, que foi a primeira obra. Édipo e Jocasta tiveram quatro filhos: Polinício, o mais velho; Eteocles, o segundo; Antígona; e Ismênia. Sófocles vai à mitologia e toma a figura de Antígona para ser aquela, que, depois do que acontece em *Édipo em Colona*, volta para Tebas levando Ismênia com o intuito de parar a guerra entre Polinício e Eteocles. Embora o trono fosse de Polinício, o mais velho, os dois irmãos combinaram dividi-lo, um ficava um ano no poder, depois entrava o outro. Depois do ano de Polinício, foi a vez de Eteocles, que puxou ao avô, era um canalhazinho e não quis mais sair, começando assim a guerra. Polinício, então, vai à cidade vizinha, Argos, pede apoio e traz guerreiros contra Tebas para demitir Eteocles. Ora, Eteocles era o mau caráter, mas como Polinício trouxe os estrangeiros, ficou ele sendo o mau caráter e a briga se deu entre o mau caráter oficial e o de fato. Édipo havia jogado uma praga em seus filhos em Colona, pois, embora tivesse feito a lei de ser banido, esperava que tivessem piedade. Sobretudo, Polinício, o primeiro a reinar, que o escorraçou e lhe tirou tudo. Em suma, na guerra, os irmãos se matam. Antígona, que nada pode fazer, fica em Tebas com um irmão morto oficial e o outro morto marginal. Quem toma poder é Creonte, irmão de Jocasta. Ele manda fazer as honras e exéquias a Eteocles, que tinha lutado a favor de Tebas, e proíbe as homenagens fúnebres a Polinício, que viera atacar sua própria cidade. Assim, o cadáver de Polinício deveria ser deixado exposto para ser comido pelas feras, e quem tentasse enterrá-lo seria morto.

Antígona não aceita a ordem e vai enterrar o irmão. O texto dá a impressão de que ela, ao dizer que há uma lei maior que a de Creonte, a Lei dos deuses, está se referindo ao fato de ser um irmão. No esquema

que apresento, sendo irmão, em qualquer sentido, ou não, ao fazer isto ela escorrega do Segundo Império, em que Tebas estava, para o Terceiro. Ela diz que, diante dos deuses, não é possível fazer isto a uma pessoa que morreu e já foi punida. É preciso enterrá-la como gente. Portanto, coloco Antígona no lugar do Real. Ela é aquela que, contra as leis do mundo, exige o cumprimento da Lei Real: Polinício houve, e não se pode condenar morto algum a ser exposto. Se quisermos politizar a coisa, diremos que é a Lei da Democracia Absoluta. O que Antígona promove é a **Re-Vocação da Lei**. Não só a lei fora equi-vocada no jogo de questionamento do crime, em *Colona*, como a posição de Antígona agora é: a Lei maior, o Haver, revoga – que é o mesmo que revocar – qualquer solução dada pelo Ser. Posição alguma de mundo pode dar conta do Haver, pois posição alguma de mundo é justa diante do Real. Aí está a Pessoa Real como estranha, estrangeira à lei. Qualquer ditame da lei lhe é injusto, pois ela está referida imediatamente à Alei maior do Haver, a qual indiferencia qualquer lei. A re-vocação da lei é considerar a Alei maior como exterior ao mundo, como Causa Real e fundamento de qualquer lei. *Haver quer não-Haver* revoga e equivoca qualquer lei.

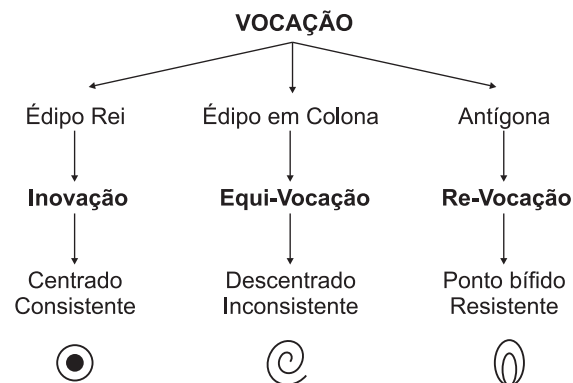
Interessante que, em *Antígona*, Tirésias está presente. Édipo morreu e volta à cena aquele que é capaz de equi-vocar a lei e por isso sacar todos os lados. Ele é chamado novamente como testemunha sobre as besteiras de Creonte, que não quer reconsiderar o que fez. Creonte é Édipo Rei, de novo: assume seu lugar e fica na Consistência, apesar de todos lhe dizerem que não é bem assim, que não deve fazer aquilo. Ele insiste em que a lei é aquela e ponto. Muitos, inclusive o povo na forma de coro, tentam equi-vocar a lei, mas ele não sai do lugar. Seu próprio filho, Hémon, noivo de Antígona, tenta peitá-lo – com todo respeito, pois não quer passar por cima da lei – e, como o pai se recusa a ouvi-lo, se mata. No final, Creonte perde tudo.

Com Antígona, estamos no **Sexo Resistente**, ou seja, em plena vocação do Maneirismo. Referida à Alei, parte para o Cais Absoluto e invoca,



contra a lei, em revogação, o Vínculo Absoluto que há entre ela e o morto. Aí, saímos do binário e temos o **tempo fortíssimo do ternário**, ou seja, do **Unário**. Parece ternário porque os outros dois – em *Édipo Rei*, o tempo forte do binário e, em *Édipo em Colona*, o tempo fraco – são decorrências do primeiro, mas, na verdade, o Sexo é um só, com duas possibilidades de funcionamento, Consistência e Inconsistência. A relação com Alei no sentido do Real é uma só. É no sentido de Mundo que pode ser consistente ou inconsistente.

24. Portanto, aí estão aí as três posições das Pessoas diante da lei:



Édipo é isto, e não a bobagem de comer mamãe e matar papai, que é mitologia. Diante de qualquer enunciado legal de mundo, há três posições possíveis que podemos assumir. Basta reler Freud para vermos as crianças assumindo estas posições: ou invocam a lei na Consistência, ou equi-vocam a lei na Inconsistência, ou revogam a lei na Resistência. A cada momento, as três posições são possíveis. Então, **se Édipo serve de metáfora para algo é para as posições possíveis de uma pessoa diante da lei, tanto a Lei do ponto de vista do mundo, quanto da Alei Real do Haver.**

12/MAI

**25.** Acaba de sair a segunda edição brasileira, em dois volumes, da *História do Estruturalismo*, de François Dosse, da EDUSC, que quer dizer Editora da Universidade do Sagrado Coração. (O que terá o sagrado coração a ver com o estruturalismo?) Leiam, sobretudo o segundo volume, para fazerem melhor noção de duas coisas: 1) da experiência que tive com o lacanismo, principalmente em Vincennes, que frequentei como professor quando ela já estava em franca crise; e 2) de minha tentativa, embora isolada, de achar uma saída, necessariamente muito própria, para quem, pelas condições de vida, estava afastado do centro dos acontecimentos. Uma saída como esta da Nova Psicanálise, que não jogasse fora os bons achados do estruturalismo, mas que, ao mesmo tempo, de algum modo pudesse escapar de suas inadimplências e impasses. Em suma, de seu evidente fracasso. Fiz coisas como: a passagem da Lei para o campo do Haver, tornando equivalentes, senão idênticos, natureza e artifício (portanto, também natureza e cultura); o abandono de Real, Simbólico e Imaginário, em favor de Primário, Secundário e Originário; o reconhecimento de estruturas, mas provisórias em função de sua duração; o destacamento de desenho do Revirão e do 1Ar, 2Ar e Or em substituição a Real, Simbólico e Imaginário; a dinamização do conceito de Recalque em sucessivas quebras de simetrias, reconceituando, portanto, o Recalque Originário. Estes pontos são suficientes para termos noção das transformações, das metamorfoses, das tentativas de continuar com a psicanálise.

**26.** Da vez anterior, considerei Édipo e utilizei as três tragédias de Sófocles para delas tirar que o importante em Édipo e na construção destas tragédias que tentam dar conta do mito na Grécia parece ser o destacamento de três posições nítidas diante da lei exarada. Em *Édipo Rei*, temos a evidência do que pode ser uma vocação para a tirania, a autocracia, a monarquia. É o representante do tal Pai, do troglodita, do orangotango do *Totem e Tabu*, de Freud. *Édipo em Colona*, com a tentativa de debater a validade da lei, fica mais perto da vocação das democracias, parlamentares, representativas, diretas ou indiretas, tanto faz. Talvez possa funcionar como representação do Filho, mesmo

no caso do Olimpo grego, onde Zeus é quem toma o poder e tenta fundar alguma ordenação. Isto, ainda que Zeus seja meio autocrático. Em *Antígona*, teríamos a vocação para a Diferocracia, que já introduzi em textos anteriores. As filosofias enquanto ideologias também podem ser pensadas a partir das três posições diante da lei. A filosofia da unidade, em *Édipo Rei*: a unidade de Deus e, portanto, transmitida à unicidade do rei, do autocrata. Em *Édipo em Colona*, as filosofias da diferença, que tratam da particularidade “de cada sujeito”, como dizem. Em *Antígona*, das filosofias da identidade, que tratam da singularidade da pessoa.

Engraçado é que Freud toma *Édipo Rei* para entender completamente a estrutura que chama de Édipo e a coloca no masculino. São dificuldades resolvidas a cada momento com soluções precárias e mal assentadas. No Édipo da criança, assim como Édipo é masculino, as meninas freudianas nascem meninos e depois trocam de sexo, o que é algo esquisito. Como Freud toma *Édipo Rei* para si, Lacan toma *Antígona*, a qual, a meu ver erroneamente, coloca no feminino. Seu problema é diferente do de Freud, é com o feminino. Já que não existe A Mulher, quer saber o que são as mulheres. Freud fica meio invocado com as mulheres sem saber o que querem. Ele acha que querem algo. Também, basta ver as mulheres com quem conviveu... Lacan fica impressionado, procura em *Antígona* e destaca a questão do que chama “segunda morte”, a qual não tem necessariamente a ver com o feminino, pois trata-se de ser esquecido para além do próprio falecimento. Mas coloca a questão no feminino, o que é um erro de época. Observem que deixam para mim o *Édipo em Colona*. Ninguém o quis, eu o peguei.

Se observarmos de perto os três trabalhos, se é para colocar algum feminino, será em *Colona*, embora não se deva fazer isto. Ao colocar em *Colona* a questão da Equi-Vocação da Lei, que fica mais próxima do que Lacan pensou encontrar em *Antígona*, imediatamente Antígona se desloca para o lugar Terceiro: sai do feminino lacaniano e vai parar no Angélico. De fato, recuso-me a sexualizar estas posições no sentido macho / fêmea. Isto é uma tolice na história da psicanálise. Compatível, aliás, com a história do mundo

que se vivia nesses momentos sucessivos. Não quero tratar de masculino / feminino, ou homem / mulher, de que Lacan chega a colocar para falar das fórmulas quânticas da sexuação. É uma grande pretensão da psicanálise querer definir a sexualidade em paridade com os corpos, a partir do Secundário em sua relação com a diferença imaginária (no sentido de Lacan).

A determinação da sexualidade é sobredeterminação, depende de inúmeros fatores. Não é preciso grande esforço para notar que existe o dimorfismo sexual, pois as formas são evidentemente diferentes. Os pesquisadores do campo da biologia afirmam que ele é menor na espécie humana do que em outros primatas, e que há forte tendência para sua diminuição do ponto de vista biológico. Se fizermos uma coleção de determinantes da sexualidade no sentido primário, que é mais abrangente que o biológico, certamente encontraremos uma curva de frequência parecida com a curva de Gauss: uma pequena quantidade de grande semelhança entre os dois sexos; uma pequena quantidade de radical diferença; e a maioria no meio com coisas parecidas. A maioria é o que vemos por aí, que dá a impressão de que é homem ou mulher, não sabemos bem, pois depende de arranjos como indumentária, etc. Digamos que seria este o desenho geneticamente determinado, mas é também geneticamente determinada uma enorme quantidade de funções, como as hormonais, que fazem variações às vezes extremas entre aparências primárias e, sobretudo, em relação a comportamentos. Então, o dimorfismo sexual que podemos chamar de homem e de mulher é algo que deveríamos considerar como dado pelo Primário, e com uma curva de variação mais parecida com as curvas de Gauss no campo do que chamam de natureza.

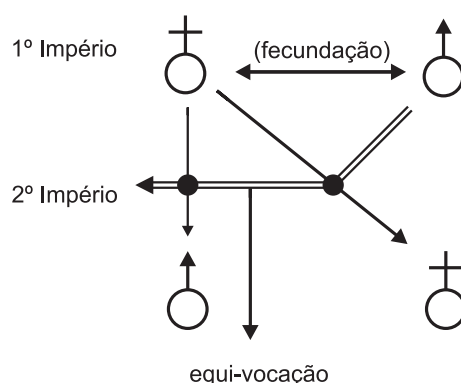
Freud faz um enorme esforço para, com certa força, juntar de algum modo à castração a diferença sexual anatômica. Esta, aliás, observável por qualquer um, desde que se tire a roupa. Coisa comum entre os índios, por exemplo, e tão pouco comum nas sociedades do tempo dele que não sei como conseguiu ver alguma menina. Os índios têm uma lida cotidiana com isso e deveríamos lhes perguntar, pois devem achar a coisa mais natural do mundo: são diferentes, já estava assim quando chegaram, não fizeram nada, e não é

preciso criar mecanismos de culpa sobre alguma castração. Freud tenta fazer cruzamento aí, e temos essa coisa deletéria perseguindo a história do pensamento há pelo menos um século: a distinção natureza/cultura, como se a cultura não fosse natural e a natureza não fosse artificial. Lévi-Strauss, por sua vez, tenta mostrar o lugar onde uma passa para a outra, mantendo certa pressão na distinção natureza / cultura, coisa que, no final da vida, tenta desmanchar: tenta naturalizar as diferenças e passar para o lado das ciências duras. Freud mantém o problema natureza / cultura, vai primeiro à diferença sexual, e não à interdição do incesto, para construir a posição da criança na passagem do reconhecimento da diferença anatômica para a inserção na ordem do mundo, e faz o cruzamento com o tal Édipo. Aí é que entra um segundo momento, da interdição do incesto e, junto, o parricídio.

Freud inventa que há dois modos de lidar com o Édipo: o masculino, que é o normal – é claro, pois, naquele momento, só podia ser –; e o feminino, que é esquisito, pois começa masculino e tem que se virar para passar a feminino. Aparece, então, a dissimetria de que as meninas entram no Édipo no lugar onde os meninos saem. Na verdade, há muita determinação. Se há uma quantidade enorme de determinantes primários, por cima deles ainda acontecem os determinantes secundários. Como aparece uma quantidade enorme de determinantes estéticos na práxis entre o Secundário e o Primário, a coisa é complexa: cada um é uma historinha, não dá para generalizar. É possível, sim, apenas fazer um levantamento e perceber que, num momento  $x$ , temos a frequência  $y$ . Coisa que tem a ver até com a moda. O que importará na relação conflituosa da criança com os genitores é a posição da criança envolvendo qualquer elemento do Primário, com certo destaque para a diferença sexual anatômica por ser mais ou menos evidente, no sentido da relação que ela poderá estabelecer com as ordenações de mundo, que são as três posições diante da lei, sobre as quais falei da vez anterior.

Freud confundiu-se um pouco com o fato de, infelizmente, nossa reprodução ser sexuada. Se não fosse, seria mais simples, poderíamos ser amebas pensantes, que podem ser mais inteligentes... Para o surgimento de uma

nova pessoa, o que acontece é uma fecundação entre macho (♂) e fêmea (♀). É uma transa compelida por razões primárias, sobretudo, no nível do tesão que vai no corpo. E, dada a fecundação, pode começar a sair de dentro da fêmea um macho ou uma fêmea, ou um de cada, ou quantos forem. Como saem da fêmea, isto cria uma confusão dos diabos. Então, como não sai neném de macho, se perguntarmos sobre a transa corporal direta dos filhos com a mãe, veremos que os meninos são heterossexuais e as meninas são homossexuais, de saída. E Freud confunde este melê corporal com ser menino ou menina. Há uma transa, necessariamente erótica, de corpos que já funcionam como tais em compleição de Primário com a fêmea, sendo que o macho fica meio de lado, a ponto de algumas tribos primitivas não imaginarem que ele participe da fecundação. Acreditam algumas que são os antepassados que entram nas mulheres para nascerem de novo. Esse negócio de transar nada tem a ver, é só brincadeira, pois custam a entender que haja correlação entre cópula e fecundação.



Freud se saiu bem da jogada, pois disse que todo e qualquer indivíduo da espécie é estruturalmente bissexual. Ou seja, quando qualquer criança acaba encontrando aquele que estava fora (♂), também cria uma transa erótica com ele. Além disso, como a fêmea perde muito tempo com as crianças, isto faz com que saia um pouco do regime de comando do paizão, o qual, então, intervém conflituosamente – coisa encontrada até nos primatas: tira-se a criança que está aporrinhando. No início, estamos num raciocínio de

Primeiro Império: a referência é necessariamente materna, o corpo da mãe. Depois, aparece uma intervenção (marcada por ●, no esquema acima): a entrada daquele de fora como referência dominante e conflituosa. Mas o que acontece na passagem de Primeiro para Segundo Império não é apenas que ele reclama que “a mulher é minha, ninguém tasca”, e sim que também diz que “o filho é meu”. Ou seja, apropria-se de tudo e as fêmeas são destituídas da propriedade e de serem a referência. Lembro a vocês que essa intervenção de Segundo Império necessariamente *produz* a interdição do incesto, pois é esta que garante que a mulher e o filho são do Pai. Notem que historicizo a interdição do incesto e a retiro do campo do universal. É uma formação que funciona longamente na história, mas apenas circunstancial, e não universal.

27. No fundo, está a bissexualidade. Mas o que há mesmo é *disponibilidade erótica*. A espécie não tem marcação sexual, tem empuxos de sobredeterminação, cada indivíduo variando de acordo com seu repertório de sobredeterminação, mesmo do ponto de vista primário. A intervenção de diferenças eróticas – e não de diferença sexual anatômica ou qualquer outra – acaba por necessariamente equi-vocar a determinação do Segundo Império. O Primeiro Império é horda, o Segundo está descrito em Édipo Rei como já funcionando: é mito, depois corroborado pela tragédia, inventando verdades para o social. E as verdades inventadas são: “a mulher e o filho são meus”; está interdito o incesto; e, para organizar bem as coisas, como a reprodução só se dá entre machos e fêmeas, também começam a entrar em organização, mais ou menos, as transações hetero e homossexual. Observem que, em regiões de nítido Segundo Império – por exemplo, nas cidades gregas –, a organização da atividade homossexual não é excludente, apenas uma organização. O que importa mesmo é que tal garoto ou tal menina não mate o pai, e que se ponha a reprodução em linhagem de interdição para com a origem fêmea. Isto é fundação de Segundo Império.

O próprio conflito que há aí é um causador de equi-vocação, diante da qual e junto com ela, a ordem só é sustentável por um processo de legife-

ração que, da vez anterior, chamei de Vocação da Lei: a lei é vocada, entra em processo de legiferação. No primeiro tempo, aparece a lei no sentido menor como interdição do incesto, e, no segundo, como afirmação do valor maior da reprodução. Se o valor maior vai para a reprodução – pois é ela que vai garantir toda a ordenação em função dessa intervenção –, a homossexualidade fica suspensa. Então, no aspecto da lei entra não só a interdição do incesto como também há algum tipo de suspensão da homossexualidade (que Freud chamava de bissexualidade): ou é proibida, ou só é possível em tais casos, tal classe social... Ou seja, há legiferação a respeito, não se deixa solto mais. No tempo do Primeiro Império, era possível transar com a mãe, o pai, o filho... Isto, desde que cada um fosse filho da mãe. No Segundo, o filho é do pai. Se só muito recentemente, fim do século XX, temos algum modo biológico de saber quem é o pai, imaginem a dificuldade na fundação do Segundo Império. A coisa precisava ser vigorosa quanto a incesto, infidelidade, etc., para se poder assegurar a lei. Por isso, disse que a equi-vocação reforça a necessidade de legiferação, de vocação da lei no sentido de interdição do incesto e da valorização da reprodução.

Daqui para a frente, o conflito e a equi-vocação continuam e teremos: a invocação da lei, no sentido de Segundo Império; a equi-vocação da lei, no sentido do conflito; e a possibilidade de re-vocação da lei, que suspende qualquer tentativa de universalizar o incesto ou outra qualificação a respeito da sexualidade. No Terceiro Império, continua valendo o pai como fósil do Segundo, a mãe, a interdição do incesto, mas a legislação passa a ter referência no Filho, como está na ordem cristã, por exemplo. Ou seja, para esconder a veracidade do ódio, entra-se com a lei do amor, a *fraternidade* universal. A entrada do Terceiro Império equi-voca por caridade, amor, mas os fósseis da mãe, do pai, etc., ainda são mantidos como substrato. Acontece que, em nosso momento histórico, cresce a equi-vocação da lei, perde-se o fundamento, e entramos na possibilidade de, declaradamente, re-vocar a lei. Começa a brotar o Quarto Império, o que dá possibilidade às sexualidades, por exemplo, se tornarem um motivo de conflito e rearrumação social. Já existem movimentos gay e feminino, que são uma revocação da legiferação, mas ninguém



ainda ousou revocar a interdição do incesto. Fazem, mas não se fala a respeito. Talvez daqui uns cem anos cheguem lá. Não necessariamente, pois também podem dar para trás.

A verdade da interdição do incesto é reprodutiva, e não gozativa. Por isso, disse que ela nasce junto com a sobrevalorização da reprodução. E quando, mediante *n* técnicas como as que temos hoje, entramos numa capacidade tecnológica de distinguir claramente a reprodução do gozo, quem segura? As legiferações de Segundo e Terceiro Impérios foram longe, tomaram a interdição do incesto que era só com a mãe, um pouco com o pai, e levaram para irmão, sobrinho, tio, primo, filho adotado... Isto já é loucura dentro do simbólico: entra-se no regime obsessivo das religiões e se esquece de que tudo isso tem função, não é um ditame divino a respeito de todas as transas e produções de pecado, e sim produção e classificação de corpos. Então, repetindo, os recursos que temos para lidar com escolha e afirmação na ordem sexual são: **invocação, equi-vocação e re-vocação**. E estamos diante da situação de emergência de Quarto Império, de movimentos politicamente assentados e com práticas de re-vocação da lei. O engraçado na trilogia tebana de Sófocles é, finalmente, a tragédia de Édipo ter sido – sabendo ou não (em Édipo em Colona diz que não sabe e faz a defesa de sua inocência) – ele cumprir os dois desígnios da lei e um d’ALei, que é real. O cumprimento foi irreversível e terminou em sua morte – isto é trágico, pois não tem volta. Irreversibilidade.

**28. ●P** – *O conceito de família foi formado no Segundo Império sobre a ordem reprodutiva. Com o Quarto Império, o conceito está deixando de estar ligado à reprodução?*

A passagem de um Império para outro não elimina o Império anterior. Infelizmente, o sintoma fica como fóssil e, às vezes até segurando a passagem de um Império a outro. As pessoas que se apavoram com o desmanche das estruturas anteriores ficam lutando pela família, por exemplo, mas ela está em franca transformação. A grande família já desapareceu praticamente e a

família nuclear está se tornando completamente *ad hoc*. Basta ver a tentativa de constituir famílias com relações homossexuais, o que nada tem a ver com reprodução, e sim com economia, gerência dos bens. É claro que muitas pessoas do mesmo sexo, ao constituírem família, ficam na nostalgia sintomática de sua família e vão arranjar criança ou fazer algo para reproduzir aquele teatro, mas basta haver modificação das leis num país para o teatro ser dispensável. As seguranças baterão em outro lugar e as anteriores não serão mais necessárias. Não podemos, pois, confundir o que é da ordem da reprodução dos corpos com o que é da ordem do gozo, coisas que estavam misturadas durante o processo, mas que, hoje, temos clareza e tecnologia para separar.

Por isso, digo que não se deve colocar homem ou mulher na formulação da sexuação, pois trata-se aí da sexuação do gozo, e não dos corpos. Tanto Freud quanto Lacan ficam confusos quanto a isto, um achando que a menina é primeiro menino para passar a menina, outro dizendo que homem é assim e mulher é assado. E como vê que não funciona, diz que alguns homens são mulheres e algumas mulheres são homens, mas isto não vai a lugar nenhum. E se estiver falando do ponto estritamente secundário, no máximo poderá colocar masculino e feminino, mas também é abusivo submeter masculino e feminino àquela formulação. Se formos pela via dos corpos, veremos que, no nível da reprodução, mesmo segundo uma curva de Gauss de sobre-determinações, os corpos existem para reprodução mais ou menos assim, mas isto nada tem a ver com comportamento sexual, e muito menos com a sexuação no sentido da relação do tesão com a lei. O que acontece no nível do gozo é a relação do tesão com a legiferação e, à medida que esta vai abrindo, vale tudo, não apenas do ponto de vista jurídico, mas também comportamental, independentemente das regras.

A ordem da sexuação, no nível da reprodução, tem a ver com a constituição dos corpos no Primário e, no nível do gozo, com a relação do tesão com as ordenações. As fórmulas quânticas que acrescentei – Sexos Resistente, Inconsistente e Consistente – são neste nível, e não de homem ou mulher. Como disse, Lacan tomou duas posições sexuais supostamente em função do

reconhecimento da castração e chamou de homem e mulher, mas não dá para manter isto. Freud tampouco separou bem uma coisa da outra, deixando misturados os níveis da reprodução e do gozo. Foi o século XX que começou a distinguir, inclusive do ponto de vista de laboratório, de precisão biológica.

● P – *No âmbito das ciências cognitivas, em que essas coisas estão ganhando certa clareza de leitura e mapeamento, vemos uma regressão quando recolocam essa polêmica de homem e mulher. Segundo alguns, as mulheres seriam, por exemplo, menos cientistas que os homens. E chegam, como faz Steven Pinker, a reforçar a abordagem da estética e dos movimentos artísticos segundo essas determinações. No entanto, foram justamente eles que já mapearam o bastante para mostrar que não é mais preciso distinguir por aí.*

As feministas, por exemplo, começaram uma briga por igualdade total, mas já mudaram de padrão. Primeiro, porque dizer que as mulheres são assim e os homens assado é abuso. Pode-se dizer que, no presente momento, a curva da distribuição coloca a maioria das mulheres em tal posição e a dos homens em tal outra. É o máximo em qualquer nível, hormonal, anatômico, cere-bral, mesmo porque não se sabe tanto. Pensam que as neurociências sabem muito quando sabem é muito pouco. Supondo possível fazer um elenco de qualificações precisas e descobrir que, do ponto de vista da inserção primária, parece que as mulheres tendem para cá e os homens para lá, tudo bem, não há problema. São aparelhos reprodutores, aparelhos de Primário, que são diferentes, embora não tão diferentes assim, apenas nos extremos da curva. É preciso sair do estruturalismo para retornar a isto. Lá se colocava o universal e ponto – isso é assim e aquilo é assado –, mas morreu, faliu. Podemos pensar em termos de estrutura, mas não em termos de estruturalismos, pois é preciso reconsiderar o movimento, a dinâmica, a temporalidade. Então, as estruturas passam por essas curvas. Se, numa curva, dissermos que a maioria dos homens está lá, e, em outra, que a maioria das mulheres está acolá, o *está* é presente do indicativo. Significa que está funcionando assim e se, mesmo do ponto de vista cerebral, houver diferenças, a pergunta é: e daí?

E mais, há um pequeno detalhe: no teorema com que trabalhamos existe o Revirão. O que define a espécie é, pois, sua competência de reviramento, que é capaz de subverter qualquer ordem. Isto, em se querendo, pois é claro que o mais comum é as pessoas se entregarem às suas determinações primárias, se entregarem ao animal. Mas o Revirão é da família da re-vocação de Antígona, e não da família de Édipo Rei, ou das mulherzinhas do Secundário, de Édipo em Colona. Se tomarmos verdadeiramente o que Lacan pensou, o lugar das mulherzinhas está em Édipo em Colona, mas não tem nada de mulherzinha aí, o que tem é Ismênia junto com Antígona e Édipo castrado. O Revirão é da ordem de Antígona, é dizer: seja qual for a tendência da sobredeterminação, a espécie é capaz de subversão. Vejam, então, que o caminho da reprodução em face da tecnologia é abertíssimo. Quando se movimentarem a tecnologia movida por Revirão e a reprodução até agora aprisionada no Primário, onde chegaremos? Por enquanto, ainda é preciso tomar um espermatozóide e um óvulo, mas quando não for mais preciso? Isto, em termos bióticos, de base carbono, pois na base silício como será? Se for verdade o que diz um Ray Kurzweil, por exemplo, a respeito do que ele chama *singularidade* da produção tecnológica, ocorrerá um empuxo inarredável neste sentido. Se não for verdadeiro, a coisa pode retroceder e voltarmos às cavernas. Entretanto, o empuxo está nesse sentido, o momento já ultrapassou a equi-vocação, e já está na re-vocação de vários casos.

● P – *Isto sempre por via tecnológica?*

Chamo de via protética, pois as próteses podem ser simplesmente lógicas, secundárias. É o Quarto Império, o Império do Espírito, o que quer dizer que a matéria está considerada em seu *soft*. Para mim, não há distinção entre espírito e matéria: sou materialista, isto é, espiritualista. Tampouco há sujeito transcendental. Se não há sujeito, menos ainda transcendental. Na transa entre as formações, podemos ter Pessoas como resultado, não é preciso situar sujeito algum, nem transcendental acima e parálem de todas as articulações, e muito menos *a priori*. Não existe *a priori*, sempre é só-depois.

- P – *A re-vocação da lei implica a suspensão das formações configuradas como...*

...legiferação, como enunciados legais. Só existe uma lei, a Alei, que não é da ordem do Mundo, e sim do Haver: Haver quer não-Haver – que não consegue porque não-Haver não há. Aí já está todo o trágico: o que se quer é impossível. Alei é de pura condenação. Chegou aqui, está condenado, quem mandou nascer? Dentro do jogo, já que não tem saída, a gente se diverte... Não tem saída da Alei do Haver, pois ela inclui o desejo ao dizer: Haver quer não-Haver, mesmo não-Haver não havendo, continua querendo. A base de qualquer equi-vocação, de qualquer re-vocação é o desejo que está inscrito n' Alei de querer de qualquer maneira o impossível. Vejam que são raciocínios para-paradoxais.

- P – *Então, existem ordenações localizadas aqui agora e há ordenações para a frente?*

À medida que as ordenações são equi-vocadas e re-vocadas, outras ordenações têm que ir surgindo, compatíveis com a equi-vocação e a re-vocação das anteriores. Alguma ordenação surgirá, talvez mais efêmera e mais *soft*.

- P – *E sempre com alguma exclusão?*

Não há como escapar disto. O que há a fazer é pensar uma Diferocracia, que não é bem uma democracia, pois esta é falsa em sua própria constituição. Sócrates, por exemplo, morreu de mostrar que ela é falsa. Sua falsidade está em que, nela, na melhor das hipóteses, resolve-se por maioria. Ora, isto é uma exclusão enorme. A última eleição na França mostrou quase que dois países. Então, como fundar uma *cracia* dentro da qual TODOS os valores sejam positivados e preservados? Aí sim teríamos uma democracia verdadeira, que chamo de Diferocracia. É impossível? Não. Hoje, até em nossa repu-bliqueta fazemos uma eleição rapidinho, mediante computadores. A consulta pode ser instantânea para saber o estado da situação de um dia para o outro, o que dá uma mobilidade enorme ao reconhecimento das situações, pelo menos. Não se trata de fazer eleição e a maioria ganhar a respeito de tal caso, e sim de que

é preciso saber como anda a situação para saber administrá-la.

- **P** – *É o que fazem os responsáveis pela audiência das telenovelas.*

Mas fazem por amostragem. Estou falando de totalidade de eleitores, e não de votar qual deve ser a resultante. Trata-se de mostrar como está o quadro para discutir o que se faz *provisoriamente*. Sempre no provisório.

- **P** – *O problema é que quando se começa a mostrar, eles abafam.*

Eles quem? Eles é Nós. Não existe *eles*. Um dia, Hitler ficou nervoso e resolveu fazer aquilo tudo na Europa sozinho?!

26/MAI

**29.** Nos papeizinhos que estão em minha mão, vou anotando algumas idéias sobre o tema que me proponho a falar cada dia que venho aqui. Uso estes papéis feito cartas de baralho: embaralho-os meio aleatoriamente para que o trabalho consiga vir a ser de fato um mero Falatório – ou seja, um faleatório.

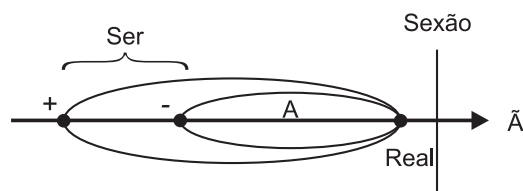
Dedico o Falatório de hoje à pessoa do recém falecido Richard Rorty (1931-2007), enquanto descendente de uma linhagem cuja influência passa necessariamente pela minha pessoa através de meu saudoso mestre Anísio Teixeira (1901-1971). A linhagem pragmatista vem de William James (1842-1910), Charles Sanders Peirce (1839-1914), John Dewey (1859-1952) e, no Brasil, cai na mão de Anísio. Pragmatismo é o nome dado por William James, Peirce preferia chamar pragmaticismo, e Dewey instrumentalismo. A filosofia de Rorty tem um detalhe interessante, embora criticado, que é, na linhagem dos pragmatistas, colocar a democracia acima da filosofia. Ele achava que a filosofia não tinha o direito de se arrogar a dona da verdade e que o jogo democrático era mais importante do que ela. No pensamento dos pragmatistas há a idéia de que as crenças são necessárias para o jogo democrático, o jogo da vida. Defendem as crenças, até mesmo as religiosas, como sendo uma espécie de motor do movimento humano.

16/JUN/2007

Neste ponto, não sou concordante com eles. Sabemos que, do ponto de vista da psicanálise, toda crença, qualquer que seja, até a na psicanálise, é recalcante, paralisante do movimento da mente. Embora estejam sempre presentes, não podemos afirmar o valor das crenças. Como o que nos interessa é o contrário da crença, a Indiferenciação de todos os valores, de todas as formações, só podemos afirmar a aposta: **aposta sem crença**. O que é difícil de conseguir, pois as pessoas preferem acreditar. Por exemplo, sempre perguntam se acreditamos em Deus, mas não precisamos acreditar, pois Ele faz seu estrago na face do planeta de qualquer maneira, nós acreditando ou não. Ele funciona por si mesmo na cabeça das pessoas. Portanto, investimos na aposta – no que somos mais instrumentalistas que os pragmatistas. É um **instrumentalismo radical** utilizar toda e qualquer formação como mero instrumento, mera ferramenta de operação, o que é outro termo grato aos pragmatistas, sobretudo Dewey: operacionalismo. O que importa é que o pensamento seja operativo, resolva os problemas da vida, no caso deles, do Mundo. Vai aí uma forte vocação política, como em toda e qualquer filosofia, aliás, para não dizer em todo e qualquer pensamento, pois, em última instância, vai-se checar a atuação de um pensamento é na política do Mundo.

30. A psicanálise que lhes trago é específica em suas colocações diante de todas as categorias que dizem respeito à posição da Pessoa no Haver e no Mundo. Retomarei algumas destas categorias para nos perguntarmos sobre a relação da psicanálise com a política. Coisa que já está adiantada em textos antigos. Desde 1981 existe um Seminário sobre isto – *Psicanálise & Polética* (Rio de Janeiro: Aoutra, 1986) –, mas de lá para cá as coisas se movimentaram.

Quando digo que o **paradigma da psicanálise é sexual**, isto significa que o que quer que se pense em seu campo está ordenado, subdito ao conceito mais abstrato de Sexo, que é a falta absoluta de relação entre Haver e não-Haver, mediante Alei do Haver, com seu vetor que vai de Haver para não-Haver:  $A \rightarrow \tilde{A}$ . Não-Haver é impossível, então há uma secção, que escrevo: **Sexão**.



*Sexo*, como sabem, do verbo latino *secare*: cortar – as coisas são cortadas. Mesmo se tivéssemos a sexualidade da ameba, o que talvez fosse mais prático, seria uma secção, pois, afinal de contas, cada ameba se parte em duas mediante cissiparidade que é um seccionamento em dois. Portanto, o que a psicanálise tem como começo e base, e que se torna paradigma de seu movimento de pensamento, é o Sexo, com todas as conseqüências que venha a ter. No campo do Haver, temos a Sexão, o corte entre duas partes, o qual, na verdade, como pensa a psicanálise, desinstitui toda e qualquer relação entre essas partes. Sempre temos duas partes que querem se acoplar e não conseguem, as relações sexuais são sempre frustradas. Não é que cada um não tire seu prazer e sua casquinha, mas a relação não se dá, a coisa não se junta. Haver não consegue juntar com não-Haver, Haver não passa a não-Haver, assim como duas pessoas poderão transar infinitamente que não conseguirão fazer um nexo e muito menos um plexo. O que Lacan dizia da relação sexual ser impossível é simplesmente que toda e qualquer Sexão determina que não há colagem possível nos níveis da mente e do Haver. Na verdade, parece que o Haver é uma grande prática esquizo, um processo esquizo (e não, esquizofrênico).

Digo também que **o estatuto da psicanálise é místico**. Alguns acham que sou beato, que tenho certa vocação para misticismos de quitanda, mas trata-se do fato de que toda e qualquer prática mística que já aconteceu na face do planeta não se dá mediante outra operação que não a de **afastamento do Mundo**: afastar-se do que está dito e posto no mundo. Afastamento e consideração em distanciamento que, em sendo uma atitude mística, são a tentativa de se colocar no lugar de Indiferença para com as diferenças. Na fala dos místicos cristãos, por exemplo, isto comparece como um encontro com Deus, de tal modo que todos os valores ficam equivalentes e o Mundo



é entendido e aceito como ele é. Isto quer dizer: situar-se na **Indiferença**. Portanto, **o esta-tuto – o que dá base à prática e ao pensamento psicanalíticos – é o estado de espírito de afastamento do mundo e visão com Indiferença**.

Lacan supõe que o estatuto da psicanálise é ético, pois baseia sua ética no dizer freudiano de que é preciso chegar a conduzir o Eu até o mais essencial do Isso – *ao mais essencial do Haver* é, na verdade, o que, segundo meus termos, dizia Freud: *Wo Es war soll Ich werden*. Mas Lacan, a partir daí, coloca que a ética da psicanálise é: não abrir mão de seu desejo. Para nós, **a ética da psicanálise**, em sendo místico o estatuto, **é a ascese mística**. Como sabem, ascese quer dizer exercício, então, qual é o comportamento dentro da psicanálise? Em última instância, qual é o comportamento do psicanalista? É praticar, exercer a mística que lhe dá estatuto. Ou seja, exercitar-se em seu movimento para o Cais Absoluto, para a Indiferença. Uma tarefa impossível, pois ninguém consegue lá viver, mas é a prática, o exercício permanente da indiferenciação máxima que se conseguir. A ética da psicanálise nada tem a ver com as éticas do Mundo, quaisquer que sejam, pois estas são locais e sempre têm como referência uma formação cultural qualquer.

Não existe um fundamento da psicanálise, mas o que empresta fundamentação a cada passo no exercício de sua ética segundo seu estatuto e seu *paradigma* é a **aposta sem crença**. O que fundamenta a prática do analista é ele apostar em determinado modo de ver a mente e o Haver sem *acreditar* nele. Um dos maiores defeitos na história da psicanálise é, sempre que alguém, seja Freud, Lacan ou quem for, propõe um teorema, imediatamente aquilo ser transformado em crença e virar um aparelho religioso. Portanto, não é para acreditar, e sim *apostar enquanto funcionar*. Isto, *em sentido inteiramente instrumental*. A vontade de crença é evitação da angústia. Uma pessoa que supõe praticar a psicanálise, por não poder não passar por angústia diante de um paradigma, um estatuto e uma ética como estas, quer, então, ser fundamentalista como os religiosos. Aí sai dizendo: “sou lacaniano”, “sou freudi-

ano” – o que é coisa de maluco. A pessoa pode estar rigorosamente referida a determinado corpo conceitual, teórico, etc., como instrumento de sua prática, mas sua prática é indiferenciar inclusive seu instrumento.

Assim, dado tudo isso, digo também que **a estética da psicanálise é a estética do valetudo** (que, em latim, significa: **saúde**). Uma frase velha que todos conhecem: gosto não se discute.

**31.** É impossível, na prática, aplicar uma idéia de **justiça** da psicanálise. Os aparelhos jurídicos, políticos, etc., têm suas definições de justiça sempre comprometidas com algum artefato (cultural, naturalmente). Se a psicanálise pensar o que seja justiça, cai em algo que dá a impressão do velho jusnaturalismo, em que há um direito natural acima de qualquer direito positivo no mundo. Se, para nós, natureza e artifício são a mesma coisa, como ficamos? O jusnaturalismo viraria direito positivo? Não é o nosso caso. Afora o fato de o jusnaturalismo, no Ocidente, estar demasiado comprometido com a idéia de catolicismo. Ou seja, ser uma teodicéia secularizada. Então, não é bom aproximar isto de nós, pois podemos pegar uma constipação católica. Mas, se tivéssemos que dar um apelido à idéia de justiça nesta psicanálise, seria preciso criar um nome novo, que não consta no rol dos termos jurídicos: **JusRealismo**.

Dentro do escopo do que temos dito, **toda demanda de justiça é requerimento de reconhecimento da singularidade da Pessoa enquanto Real**. Sempre nos achamos injustiçados porque, seja qual for o hábito de justiça, nele efetivamente não cabe o reconhecimento de minha singularidade, a qual é da ordem do Haver e não está no Mundo, nos alelos da ordem do Ser. A demanda de justiça que fazemos necessariamente acaba sendo frustrada porque a ordem jurídica não vai até o Haver por sempre funcionar na cultura, na ordem do Ser, portanto do Ter. A justiça não dá conta do que qualquer pessoa peça como justiça. A pessoa sempre se achará de algum modo injustiçada, pois está se referindo à sua posição Real, em Cais Absoluto diante do não-Haver. O pedido de reconhecimento da singularidade, se conseguido, resultaria em reconhecimento de diferença irreduzível de cada um por referência ao

16/JUN/2007

Real. Lembrem que a Pessoa é Primário, Secundário e Originário, portanto, está metida na ordem do Ser, do mundo, mas o que a garante é sua posição no Cais Absoluto diante do não-Haver. Esta é sua *experiência fundamental*. Cada Pessoa enquanto Real encontra sua verdadeira identidade em sua posição no Haver. Identidade esta que não é descritível, jamais comparece explicitada nas formações do Ser, do dizer, da cultura, etc., pois é ela que *causa* o movimento. Minha posição singular causa em mim o movimento de dizer minha singularidade, mas não consigo explicitar minha identidade, não é possível, pois aquilo não tem fim. A falação é infinita.

A ordem jurídica faz recortes no meio dessa falação e os aplica, mas eles jamais funcionarão para cada um, que sempre continuará pedindo justiça. Sem conseguir. Na melhor das hipóteses, ficará relativamente satisfeito com a solução que a justiça deu, mas continuará se considerando injustiçado. Por esse motivo, as subversões e corrupções são possíveis no campo do Ser. Ficamos impressionados com a corrupção que aparece cada vez mais na política e na ordem jurídica, mas não adianta levantar bandeiras de moralismo, pois aquilo é a corrupção e temos sim é que levantar alguma bandeira de instrumentalismo. O dizer é corrupto, corrompe-se facilmente pela simples razão de insistir em separar o Ser do Ter. Mesmo a última psicanálise cai nessa quando Lacan diz que os homens *têm* e as mulheres *são* o Falo, como se isto fizesse alguma diferença. Nas intenções cristãs faz-se um esforço para dizer que ter é diferente de ser, mas sou o quê? Sou o que tenho, sou as minhas *propriedades*. E, no campo das propriedades, quem tem mais sempre se vira. Onde a corrupção possível. Então, como administrar essa coisa corrupta por natureza se a ordem do Ser está necessariamente apegada ou é a mesma coisa que a ordem do Ter?

**32.** Um problema sério é – dentro ou não da reflexão sobre política, embora ultimamente esteja subdito ao pensamento político, mesmo não o sendo necessariamente – a discussão sobre posturas capitalistas e socialistas como se fossem uma oposição. Já lhes disse que, segundo Lacan, ainda que não tenha explicado direito, o Inconsciente é capitalista. Continuo afirmando que o Ha-

**ver é capitalista.** Portanto, não cabe fingir que exista na face do planeta alguma transa, interpessoal ou outra, que não seja nuclearmente capitalista. Não estou falando do capitalismo histórico, pois este é apenas uma maneira de datar certo surto que dura até hoje, e sim do capitalismo no seu sentido mais genérico. Lembro que o que está na base do capitalismo é, sobretudo, apropriação – pela força, pelo poder do que se tem – mais subordinação mediante esta apropriação e conseqüente exploração em busca de mais, em busca de lucro. Marx gostava de chamar isto de mais-valia, seja qual for o sentido dado ao termo.

Segundo pesquisas recentíssimas de laboratório, estamos à beira de produzir vida a partir do não-vivo. Já se conseguiu, a partir simplesmente da química orgânica, replicar em laboratório uma bactéria que antes não o era. Cada vez mais sabemos que o que chamamos vida, e resultou nesse boneco desengonçado que somos, no começo, não é senão uma molécula que se tornou replicante. Só falta explicar este pedacinho e fazer uma molécula tornar-se replicante para então sermos capazes de constituir vida a partir do não-vivo. Isto, apesar das catoliquices e beatices dos reacionários. Notem, então, que as moléculas não-vivas replicantes que começaram a vida neste planeta já eram capitalistas. Basta ver a descrição biológica de seu funcionamento e de como se tornaram vivas. Naquele época, a mais-valia era apenas mais-vida. Tratava-se de lucrar vida às custas da exploração da vida de outras moléculas replicantes. Foi assim que conseguiram sobreviver, algumas mais fortes comiam outras. Em qualquer filme sobre a África vemos como os leões fazem com as corças. É a exploração da força do outro, só que, em sendo mais poderosos, comemos o outro. A exploração lucrativa das moléculas replicantes só era possível mediante a propriedade privada, privativa e exclusiva de terem sofrido mutações adequadas. Aquelas que não as sofreram ou que nelas conseguiram menos força foram comidas.

Quero dizer que o capitalismo é a base. Por isso, fica difícil lidar com ele. E é ingenuidade querer eliminá-lo. Alguns pensam em fazer algum socialismo eliminando-o, mas nunca deu e não dará certo, pois a fundação é capitalista. A exacerbação do capitalismo ferrenho, poderoso e vigoroso no nível

16/JUN/2007

do *socius* contemporâneo pode ser questionado, sim, mas por dentro. A Psicanálise diz que, se quisermos amainar a virulência e a violência do capitalismo, é preciso entender que ele é a base, que não se pode contrapor a ele, e sem ele não iremos a lugar algum. Podem fazer um Estado como a falecida União Soviética, supostamente anticapitalista, mas como o capitalismo está na alma de cada um de seus membros, o que se consegue é uma burocracia violenta com um capitalismo interno pior do que o externo, e que foi deglutido. Então, do ponto de vista da psicanálise, podemos denunciar e criticar nos socialismos a suposição de que existem em oposição ao capitalismo. O que se tem a fazer é a suposição de que só serão exequíveis por dentro, a partir do próprio construto capitalista, fazendo a crítica e a reformatação deste construto. Seria o mesmo se Freud fosse o idiota de pensar que lidaria com o Inconsciente opondo a consciência a seus movimentos. Ele sabia bem que o que há é Inconsciente, e que a consciência pode freqüentar seus movimentos com certas perspectivas de arrumação, mas é por dentro que isto pode ocorrer.

No campo da política, imagina-se que o capitalismo seja estritamente histórico. Ele tem história, mas não é histórico. A coisa é capitalista, como o Inconsciente é... inconsciente. No entanto, antes da psicanálise, e no corpo do discurso das morais vigentes, pensava-se em fazer algo contra as pressões do Inconsciente. Ou seja, fazer um trabalho de conscientização, de aplicar a consciência contra e em oposição aos movimentos do Inconsciente. Isto não é possível. Podemos, sim, nos conscientizar destes movimentos e, por isso, ter alguma regência sobre seus processos. Isto porque reconhecemos que o movimento é inconsciente e abrange os movimentos conscientes. É a mesma a relação do capitalismo com os socialismos.

**33.** Falei de paradigma, estatuto, ética, fundamentação, estética e justiça, mas qual é a **política da psicanálise**? Não a política que a psicanálise possa propor ao Mundo, e sim a **política do psicanalista**? Só haveria psicanálise onde houvesse psicanalista, segundo esse paradigma, estatuto, ética, fundamentação, estética e justiça. Portanto, praticamente não há analista, mas, se

houvesse, qual seria sua política? É o que, há tempo, chamo **Diferocracia**. É muito delicado pensá-la.

Estamos acostumados à idéia de que o máximo do máximo que já se conseguiu em pensamento político seja a democracia. Dizem que o primeiro a utilizar o termo foi Heródoto (485?-420): o poder ou o governo do povo. A definição que mais se usa vem de Abraham Lincoln (1809-1865): o governo do povo, pelo povo, para o povo – o que não quer dizer nada, significa apenas que podemos traduzir de maneiras as mais diversas. Quem é povo e por onde anda? Cadê esse cara, como se constitui, fala, pensa? Parece que estou de brincadeira, mas as teorias políticas sobre democracia mostram que é um termo relativo, pois baseado em quê é o governo do povo, para o povo e pelo povo? E funciona como? Os pensadores da política têm idéias que vão desde o populismo – algo perigoso, pois mais ou menos entregue às mãos da demagogia – até a uma monarquia institucional, como a Inglaterra na *Commonwealth*. Ou seja, a república britânica é uma monarquia constitucionalista e parlamentarista. Então, qual é o mais democrático? Sabemos que, na melhor das hipóteses, consegue-se uma boa oligarquia, consegue-se que a elite política – nome que se dá ao pessoal que tomou o poder no campo da política para governar o mundo – seja brilhante, inteligente, equânime, tudo que um Congresso Nacional parece ser... Portanto, o jogo das aparências democráticas pode ter muitas conseqüências. No tempo da chamada revolução no Brasil, que hoje temos o direito de dizer abertamente que foi golpe militar, diziam algo que deixava as pessoas enfurecidas, mas é verdade, que a democracia é relativa. Tanto é verdade que era fato visível naquela época que era uma democracia oligárquica de tipo x.

Por isso, disse e digo, e alguns ficam impressionados, arrepiados e horrorizados, que a psicanálise não pode ser democrática. Ou pensamos psicanaliticamente ou acreditamos na baboseira democrática. Não estou dizendo sobre a psicanálise ser ou não democrática no Mundo, pois a política que está aí é ainda melhor do que muitas outras: a democracia é um mau governo, mas não há nenhum melhor. Refiro-me a um escopo de comportamento, da ética

16/JUN/2007

e dos princípios da psicanálise, sobretudo, quando faz a suposição de que pode se organizar institucionalmente. Acho, aliás, que não pode e não consegue, pois, na melhor das hipóteses, conseguir-se-ia fazer uma democracia institucional para a psicanálise. Portanto, falsa, pois, como toda democracia, seria oligárquica de algum modo. Desde a escola de Lacan, pelo menos, sabe-se que não há possibilidade de manejar democraticamente um bando de psicanalistas fingindo ser instituição. Sobretudo, não é possível decidir por voto sobre o que importa na psicanálise, assim como não se decide assim o que importa na ciência. O que qualifica essencialmente uma democracia é a vontade geral explicitada no sufrágio universal. Numa instituição psicanalítica jamais se votará se continuamos ou não com o Inconsciente. Tampouco isto é possível em qualquer ordem que pretenda conhecimento o mais eficaz como instrumento. Por isso, também digo que politicamente o que cabe à psicanálise é o termo Diferocracia.

Ouvindo isto, muitos podem facilmente pensar nos Deleuzes da vida e outras filosofias da diferença, mas Diferocracia não é um conceito das filosofias da diferença. Isto porque estas pensam e operam no regime do Ser, das oposições, dos alelos. Elas defendem as diferenças enquanto tais dentro da ordem cultural, social, dos saberes, dos conhecimentos, em que tudo se organiza e se explicita secundariamente como oposição e, portanto, em última instância, como diferença pura em emergência. Entretanto, o que dá base ao pensamento da Diferocracia não é o mero reconhecimento da diferença, pois este permanece no jogo das diferenças, e sim o reconhecimento da Identidade, do Real e do Cais Absoluto para cada um. Discutir a respeito da diferença, como ela é e como funciona é infinito. Já referir-se à experiência que todos têm de Haver *tout court*, sem qualquer discussão, é uma experiência radical de cada um e não tem discussão. Quando minha referência é minha singularidade, o reconhecimento da singularidade de cada um e de que esta singularidade é causadora de movimentos os mais diversos na ordem do Ser, aí então respeito a diferença e a coloco como intocável. Isto com base na Identidade, e não com base nas próprias diferenças. Vejam que falo de uma força maior de garantia

das diferenças, que está fora das diferenças: a força Real da Identidade permanente, à singularidade de cada um. Dado que cada um é singular, sabe-se lá que movimentos, diferenças ou loucuras esta singularidade produzirá, e temos que respeitá-las *todas*, pois estamos antes no respeito de cada *singular*.

Chamo este pensamento da psicanálise de Diferocracia por ser o governo da diferença, pela diferença, para a diferença em função da Identidade. No lugar do Real cada um tem sua identidade, é idêntico a si mesmo e a qualquer outro. É o que chamo de **Vínculo Absoluto**. Há aí uma vinculação absoluta que não há entre as diferenças, onde todas as vinculações são relativas. Mas quando todos estão absolutamente vinculados enquanto singulares, idênticos a si mesmos e, como singulares, idênticos a qualquer outro singular, há que respeitar cada singularidade segundo sua expressão dentro do Ser. Do ponto de vista político, no mundo que temos, isto é inexequível. Por isso, afirmo que é a política *do* psicanalista. Ele a colocará no mundo, fará uma revolução diferocrática? Não, pois toda revolução dá em dominação. A psicanálise pode apenas *apostar* na possibilidade de haver psicanalista. Em havendo, ele se comportará no mundo dentro de seu paradigma, de seu estatuto, segundo sua própria ética, sua fundamentação, sua estética, seu senso de justiça e entrará com esta política diferocrática. Declaro que nunca vi isto ocorrer. Mas se se tornarem psicanalistas mesmo e tiverem para si a política diferocrática, aposta-se no contágio e na epidemia. Aposta-se, pois, em que se tornem exemplares. Assim, para além da democracia, ter-se-ia uma Diferocracia em processo, em movimento.

Os movimentos de Quarto Império que surgem no mundo já servem para começar o contágio. Por exemplo, mesmo a idéia mais ou menos idiota do politicamente correto é uma idéia diferocrática, ainda que vinculada às filosofias da diferença. No estado de mente a que me refiro, é preciso não levar em conta a diferença pela diferença, pois a diferença pura e simples é irritante para a diferença. Levá-la em conta recai no regime da tolerância. Não se trata, portanto, de *tolerar* o próximo por ser diferente, e sim do *direito* que ele tem de ser diferente em função de sua identidade. Aí seria a justiça que podemos



reconhecer como pedido para fora de qualquer formação habitual da cultura. Em termos de psicanálise, a postura política do psicanalista em seu trabalho é acolher todas as diferenças do mesmo modo. Não importa se, na ordem jurídica da cultura, a atitude de uma pessoa seja considerada crime, pois o psicanalista está no movimento de entender e levar isto à sua identidade para que ela, no esclarecimento de sua posição de identidade no Mundo, consiga até fazer diplomacia com esse Mundo, e não receba de saída um sopapo de julgamento a respeito de sua identidade.

Observem que já estou chamando alguém de psicanalista. Se ele o é, sua política, sua ética, sua estética, tudo dele é assim. Isto para vermos que não há psicanalista no mundo, pois é um exercício difícil a ser praticado sem parar. Aqueles que se dizem psicanalistas, o mais freqüentemente, têm preferido apostar em sua idiotice sintomática, mostrando que entre eles não há identidade, e sim identificações. Cada um desses se coloca como um identificado no nível de seu Ser. Ora, do ponto de vista estritamente psicanalítico, um psicanalista não se vê como *sendo*, e sim como *não sendo*. É a velha guerra de Freud contra o narcisismo na formação do analista. Ser é narcísico, de baixa extração. Se Haver é narcisismo, é de altíssima extração, pois não tem configuração, apenas presença.

● P – *Diante da dificuldade de implantação da Diferocracia, como o Quarto Império se implantaria?*

O Quarto Império é um exercício de acontecimento de vocação diferocrática, e não conseguirá implantar-se. Se conseguisse, seria o Quinto Império. Ele é, digamos, parecido com o que gostaríamos que fosse a Formação do psicanalista. Precisamos entender que é Quarto Império não por uma questão reflexiva, e sim de *emergência*. Isto em função mesmo das próprias práticas de Terceiro Império, que o estão dissolvendo. Por exemplo, a singularidade da tecnologia é um efeito da exacerbação produtiva do Terceiro Império que está produzindo Quarto Império. Por isso, era bom que houvesse psicanalista, até para as pessoas do Quarto Império terem um referencial de tratamento para se entenderem dentro desse jogo.

34. Fazer referência ao Cais Absoluto, ao Real, é fazer referência ao lugar desde onde, na distância das diferenças, considera-se o não-Haver. Aí consideramos nossa relação de havente com o não-Haver desejado e, no entanto, impossível. O não-Haver é o que chamam de *Sacer*, o sagrado, que em latim designa o que não se pode tocar. Reportem-se ao esquema desenhado acima e vejam que o *Ã* não pode ser tocado por ser absolutamente impossível tocá-lo. Já o Real, desde seu lugar de havência na consideração da Alei que o relaciona com o *Ã*, é o sagrado *dentro* do Haver. O singular é, pois, sagrado. O *Ã*, não pode ser tocado por ser impossível tocá-lo. No ponto do Real, não pode ser tocado em outro sentido da palavra poder: deveria estar proibido no Mundo que seja tocado. Mas se há, é porque houve; se houve, ele tem imediatamente que ter dentro do mundo o direito de haver; o resto é o *como* jogar com isto. Ainda estamos em pensamentos democráticos que dizem que certas singularidades não podem haver. Portanto, não há sacralidade alguma a não ser aquelas definidas pela cultura, a quais são falsas. Vejam como é difícil lidar com isto se considerarmos qualquer singularidade como sagrada. E mais, sabemos que uma singularidade, no campo do mundo, pode ser prejudicial a outra. Por isso, as políticas de mundo têm que, mediante todos os artifícios possíveis, inclusive tecnológicos, inventar modos de manter a existência de ambas sem que haja destruição recíproca. Mas o que a democracia faz é dizer que tal singularidade não pode se manifestar e a trancafia. Ora, isto é igual ao que qualquer macaco sabe fazer.

● P – *Nesse processo, as singularidades são iguais?*

Não usei a palavra igualdade. Disse que são idênticas enquanto singulares. Igualdade é um princípio cultural e democrático, cujo sentido vemos em discussão nos tratados políticos. Mais um motivo para criticarmos as filosofias da diferença, que não escapam do jogo da igualdade. A tríade definidora no mundo ocidental da democracia é a da Revolução Francesa: *liberté, égalité, fraternité*. Esta última já nos joga no Terceiro Império, mas *liberté* e *égalité* querem dizer o quê? Qual é o parâmetro para medir a igualdade? O menos ruim parece ser o que foi dito por John Rawls (1921-2002) com a idéia de

*equidade*, que, como já comentei alhures, é uma bobagem democrática como qualquer outra. Os jogos das filosofias da diferença estão no regime da igualdade, a qual é impossível estabelecer. No nível do Real, o parâmetro não é de igualdade, e sim de **Identidade**: todos são idênticos a si mesmos e aos demais e o vínculo é absoluto. Neste lugar, não há discussão ou bate-boca a respeito de valores.

● P – *Como articular a idéia de JusRealismo com a do Inconsciente capitalista? Como a psicanálise pode tentar situar uma demanda de justiça, de requerer reconhecimento da singularidade da Pessoa enquanto Real, e, ao mesmo tempo, afirmar que o Inconsciente é capitalista? Não é o movimento capitalista articulado ao JusRealismo?*

É o capitalismo para todos, parafraseando o poeta que dizia “luxo para todos”. Já lhes disse que o que há de ruim no capitalismo não é ser capitalista, e sim ser imbecil, viver com o pé no freio. No movimento político do mundo, não há um desenfreamento do capitalismo. Consegue-se manter relações de classe, etc., segurando o movimento capitalista, se não, como denunciou Marx, a prostituição é universal e todos estão na mesma. O capitalismo é a prostituição universal. E daí? Também já disse que, ao contrário de pensar que a prostituição é a mais antiga das profissões, há que saber que é a única. Então, por que não o capitalismo para todos? A pessoa lá da favela, de repente, não pode achar que a suruba do mundo está mal organizada, que ela também quer participar? Daí os conflitos. Isto é comunismo ou socialismo? É a pulverização do capitalismo, mas ele não se deixa pulverizar. É preciso entender que a identidade não reconhecida é que faz a violência no capitalismo. Quando reconhecida, permite que se entenda que o outro tem o direito de ser egoísta como eu. Por que só eu o seria? As pessoas acusam as outras de serem egoístas, mas querem é que só elas sejam as egoístas!

● P – *Mas querer o mundo para si não significa tirar do outro?*

Sempre foi tirar do outro, mas a pergunta teórica e abrangente a fazer é: esse outro precisa ser necessariamente uma pessoa?

● P – *E quando se paga pouco ao empregado?*

É uma maneira de roubar o próximo, mas temos processos de produtividade, de exploração da matéria inanimada, etc.

- P – *Mas a exploração é social, e não da matéria.*

Por que não? A porcaria em que vivemos começou com uma molécula safada. O que pode evoluir de tal maneira que, sabendo disto, considerando que a singularidade é intocável, cada vez mais em processo, procuremos dentro desse regime fazer com que uma distribuição cada vez mais equânime, digamos, aconteça. Não estou dizendo que isto ocorrerá automaticamente, porque não ocorrerá, e sim que não é preciso fazer a oposição socialismo e capitalismo, porque o capitalismo é geral. É, portanto, por dentro dos mesmos princípios, reconhecendo a sacralidade do Real que mexemos na estrutura capitalista. O pensamento político ocidental que vem desde Marx tomou um surto de certa relação social e disse que era capitalismo. Quanto a certo outro surto, disse que não era. Mas é também. Não o é na configuração escolhida por Marx, no jogo armado naquele momento, em que capitalismo está em oposição a socialismo, mas são duas atitudes do capitalismo, que é genérico. Notem que busco deslocar a idéia de capitalismo daquela de um momento histórico em que se viveu fazendo tal tipo de exploração. Não é preciso outra concepção para sair do capitalismo, pois é por dentro dele que saímos. Portanto, quero ser tão egoísta a ponto de querer que o mundo seja uma beleza para achá-lo lindo. Coisa que não posso fazer com um bando de favelas e nojeiras a meu redor. É por ser egoísta que quero que não haja isso, e não por ser bonzinho. Não sou do Terceiro Império, não faço caridade. Assim pensou a Psicanálise.

- P – *E o caso de uma pessoa que vive explorando seu próprio talento?*

É capitalista em estado puro. Isto porque a exploração não é entre pessoas, e sim entre formações, são formações usando formações. Segundo Marx, só existe exploração em estatuto de mais-valia, mas como dar conta deste conceito, como o aplicar? Quando usamos nosso talento e produzimos algo, estamos explorando quem? Quando pensamos em termos de Pessoa não estamos pensando em termos de indivíduo, e sim em termos de formações,

30/JUN/2007

das formações que estão em exercício. Por exemplo, em meios extremamente pobres, há pessoas se dando bem até por explorarem aqueles onde vivem. Então, há sempre que buscar saber quais são as formações em jogo, quais devemos manter, quais aplicar. Formações estas que não são individuais. O Ocidente tem pensado em termos de indivíduos, mas temos que pensar em termos de formações, as quais são jogadas entre os indivíduos. As Pessoas não são necessariamente individuais.

● **P** – *A Diferocracia seria um comunismo das singularidades?*

Por que a palavra comunismo? François Laruelle tem uma expressão que já tomei para mim porque acho perfeita: o Homem Com'Um. Ele é como Um, ou seja, qualquer um tem sua identidade como qualquer outro. Então, melhor do que em Rimbaud, "eu sou um outro" – não por razões *imaginárias*, ou simbólicas, mas por razões absolutamente *reais*.

16/JUN

**Poema Dada**

*Eu já ri, já ri, já ri  
Do Nome do Pai Ubu  
Pois um dia eu decidi  
Mandá-lo tomar...*

35. Dadas as condições de pressão, só sendo muito irreverente. O poema acima é uma tentativa de dar um tiro definitivo na herança maldita do cristianismo, que dura tanto que chegou a infectar a psicanálise através do discurso de Lacan. A herança que bateu na última e na penúltima psicanálise é nitidamente a mesma herança judeu-grego-cristã que atravessa malignamente o pensamento ocidental. Não apenas este, mas este de ponta a ponta. Em primeiro lugar, situar sobre o simbólico a estruturação do que possa pensar a psicanálise não

exige que se tenha que situar no mesmo nível de metáfora da cultura judeu-cristã. Trata-se de uma escolha cristã. Em segundo lugar, com o conhecimento que temos hoje, não é necessário estruturar a psicanálise sobre simbólico. Ao contrário, podemos estruturar o simbólico sobre o Real reconhecido como experiência e decantado em vários discursos (simbólicos, mas supostamente referidos a algum real) que indicam claramente que ‘Haver desejo de não-Haver’ é inscritível como Alei do Haver. O que resulta retirar-se do simbólico para considerar a pura *informação*.

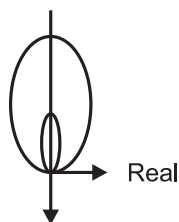
Vejam um livro interessante, *Dogma e Anúncio* (São Paulo: Loyola, 2007), que é do Bené, o Ratzinger, chamado Luis XVI... não, Bento XVI, no qual há um capítulo sobre a **Pessoa**. Como já lhes disse, a Pessoa foi apropriada pelos católicos em certo momento de grandes concílios por causa da tal Pessoa deles, a qual, aliás, é bem interessante. Como Ratzinger é bom professor e explica direitinho as coisas de sua igreja, diz nesse capítulo que Deus tem uma só substância e três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O interessante da teologia católica é que, a partir do tal Livro, chamado Bíblia (Velho e Novo Testamentos, este com certas reformas), faz-se uma evidente reversão teológica. Garante-se que o que podemos surpreender com clareza como pessoas na maioria das línguas – primeira, segunda e terceira: eu, tu, ele –, entendemos na língua porque, primeiro, entendemos as pessoas de Deus. Portanto, elas não vêm da língua, e sim de Deus. Ou seja, o que perceberam que há na língua, pois o verbo deles está escrito naquele papel de cuja leitura e exegese partem, viria de lá. Então, ao invés de tirarem as pessoas do verbo enquanto língua, tiram as pessoas do verbo enquanto palavra de Deus, que é o discurso que apresentam. É um truque bem bolado: as pessoas vêm da palavra de Deus, logo, as pessoas que falamos na língua vêm da palavra de Deus. Assim, desde que se coloque o texto da Bíblia em primeiro lugar, a teologia está resolvida. É claro que outras reflexões – a da lingüística, por exemplo – não se submetem a isto.

No texto teológico, nas razões da igreja católica apostólica romana – e neste ponto eles se acham iguais aos gregos –, é explicitado que a primeira

pessoa é, como dizíamos na escola primária, *aquele que fala*: Eu. E, bem boladamente, a que pessoa da divina trindade atribuem a primeira pessoa? Ao Espírito, pois é quem fala, ou seja, a articulação é que articula. Nós dizíamos que a segunda pessoa é *aquele ao qual se fala*, e eles dizem que é *aquele ao qual fala*. Não é *se fala*, pois quem fala àquele ao qual fala é *aquele que fala*. É a primeira pessoa que fala com a segunda, a qual é o Pai, o Tu. A terceira pessoa, dizem eles, é *aquele do qual fala*, do qual a primeira pessoa fala com a segunda, é o Filho. Está aí a *sagrada família*. A mãe está fora, pois só entrou séculos depois quando inventaram a virgem Maria. Não foi por menos que organizei os **Cinco Impérios** como: Amãe, Opai, Ofilho, Oespírito e Amém. Eles não usaram o Primeiro Império, que tem uma espécie de aparência de horda, embora não o seja, pois é bem organizado em torno da figura mais indicativa do Primário, a Mãe. Já começaram civilizados no Segundo Império, junto com os judeus, que é do Pai. Neste, a referência é o Tu, que manda em tudo, faz tudo, faz o Haver... Quando a passagem é de Primário para Secundário, estamos no regime do Tu. No Terceiro Império, que é a tentativa de instalação definitiva do Secundário, quem vai falar e ser a referência é o Filho, mas é o filho do Pai, pois no primeiro era filho da Mãe, como referência primária, e não havia pai na jogada. Cria-se o Pai no Segundo Império e, depois, a reforma é entender que, mantém-se o Tu do pai, mas a referência é aos irmãos, ao amor e à fraternidade. É o Terceiro Império, d'Ofilho, que, em nossa linhagem, é do Jesuscristinho, o filho dileto.

A igreja não tem condições de ultrapassar estes três Impérios, pois, como põe o Espírito de lado – não o põe nem como um nem como nada, é apenas enunciação do um –, não inventa o Quarto Império, que é do Espírito e cuja referência é a *pura e simples articulação*. É, então, o Império da Primeira Pessoa. O que está emergindo no Quarto Império é referência da Pessoa enunciando em cada um, em cada homem como Um. Eu = Anjo (que enuncia todas as mensagens) = Real. Em meu esquema, o Anjo é Real, o qual Real é a coisa bruta, experienciada, do Eu enquanto Real. Esta palavra pega bem para nós: é real de rei, *rex regis*; de coisa, *res rei*; e do valor, Real (R\$), ou seja,

dinheiro verdadeiro. O valor verdadeiro é o valor de Eu enquanto Real, e não o dinheiro falsificado, que é o do Mundo (embora seja o que corre por aí, não tem garantias, vive oscilando na bolsa). Todas as moedas do mundo são falsas. Quando o Anjo se joga no mundo, perde a identidade, que é Real, e começa a ter identificações.



Pode parecer que estou dizendo coisas nunca ditas, mas não é verdade. Como as pessoas gostam mais de ler romance do que teoria, leiam o velho livro de André Gide (1869-1951), *Les Faux-monnayeurs* (1925), e também *Uno, Nessuno e Centomila* (1926), de Luigi Pirandello (1867-1936), este um romance famoso sobre a perda de identidade dentro do mundo. São autores dizendo estas coisas que digo aqui.

**36.** Alei está referida ao Real, não vem do pai, nem do Nome do Pai para garantir o lugar de Lei. O lugar d'Alei é onde há Anjos. Se a Alei é igual a verdade, que é igual a *Haver quer não-Haver*, portanto ela obriga a desejar o impossível, é uma condenação, não se tem escapatória. Não tenho que reconhecer Alei como se fosse meramente simbólica para que ela funcione ou para que eu esteja subdito a ela. Desejar o impossível é condenação: o Haver requer o não-Haver, que não há, e, por conseguinte, se o que ele quer é isto, vai sofrer Quebra de Simetria como limitação radical. Assim, está tudo instalado, não é preciso chamar algum Papai do Céu, o guarda ou a polícia, coisas que são derivativas ou derivadas. Para alguém da radicalidade d'Alei Real, a lei, no sentido da existência de enunciados legais, de legiferação, é interdição ou proibição que finge ou imita o impossível. As leis fingem estar apontando para o impossível, mas não se trata de impossível aí, e sim apenas proibido. O im-



possível imitado é o Impossível Absoluto, e temos também como referências localizadas os impossíveis modais, que só são impossíveis provisoriamente por ainda não termos conseguido ultrapassar sua impossibilidade modal.

Até o Terceiro Império, buscaram enfiar nas cabeças das pessoas que a lei tem uma garantia absoluta no Nome do Pai. Mas o que o Quarto Império descobre – e chamam de quebra de fundamentos ou algo deste tipo – é simplesmente que **toda lei é estritamente instrumental e provisória, portanto, discutível**. E só deve ser obedecida no reconhecimento disto. Para mais do que regra instrumental e provisória, não há que obedecer. E não é preciso promover alguma desobediência civil, pois esta já está inscrita na provisoriedade da lei. Assim, o que chamei de Diferocracia reconhece o **Caos**, que não é bagunça ou zorra, como **a ordem fundamental do Haver**. Como esta ordem é maior que as pequenas ordens que queremos impor às formações do Haver – as quais não obedecem à nossa imposição, que é legal no sentido de provisória e instrumental –, achamos que o caos é uma baderna. Então, repetindo, a Diferocracia, que reconhece Alei com sua aparência e sua realidade real, reconhece o Caos como ordem fundamental. Portanto, considera qualquer outra ordem (com ou sem progresso) como provisória, regional e meramente instrumental. O que incomoda em nosso momento histórico é este entendimento da provisoriedade de todas as ordenações estar brotando na cabeça das pessoas, com ou sem informação, pelo simples movimento que sacode a sociedade e deixa isto claro.

Não há Nome do Pai algum que empreste garantia a Alei senão, lá no Terceiro Império, como metáfora mesmo no tal simbólico. Se isto é verdadeiro, em função da visão de Quarto Império, então qualquer metáfora aplicada do mesmo modo serve, e não é preciso nos submeter à historinha caseira da igreja cristã. Serve porque é metáfora do Real da Alei. O Nome do Pai é, portanto, a versão do Segundo Império sustentado no Terceiro como o Tu do Filho. A crença numa lei é da ordem da religião. E uma vez que esses aparelhos vieram de um grande aparelho religioso, tudo ficou com cara de religião. Trata-se tudo, até um código civil, como algo religioso, o que é colocar *crença*

na lei, tratá-la como texto religioso. Outra coisa, é nossa possível **aposta** na *eficácia* da lei, a ser perenemente verificada. Aposta esta que é da ordem da **Arrelição** que a psicanálise aponta.

**37.** A Pessoa Real está inarredavelmente submetida à Alei a partir de sua experiência de Haver, e inapelavelmente em Solidão. Onde, sua **singularidade**. Uma coisa, é reconhecer as muitas outras solidões mediante o que chamo Vínculo Absoluto, outra, é pensar que vai-se escapar da solidão em um “Nós” da irmandade segundo a ordem d’Ofilho. Não há escape, o que há é possibilidade de transa: cada um sozinho. É o jogo da **Solitariedade**. Já lhes disse que a singularidade de cada um, Real, Pessoa, é encarnação do **sagrado**, do *Sacer*, do intocável absoluto, do Impossível Absoluto, que comparece no Haver como aquele cuja Alei é desejo de não-Haver. É nele que comparece o não-Haver como pedido, como desejado. Então, é como se o não-Haver fosse encarnado, visível de algum modo, através do Real. Logo, o Real da Pessoa é sagrado, intocável. É intocável no sentido de lei exarada, pois é preciso haver lei enunciada sobre a intocabilidade de cada um – que hoje chamam de direitos humanos –, já que é impossível tocar o Real de cada um. É isto a **encarnação do sagrado**. Pode-se fazer o que quiser com ele, torturar, matar, mas não se tocará esse lugar, que é Real e intocável. A psicanálise vem justamente para fazer a **anamnese** da intocabilidade de cada Pessoa. A singularidade é, pois, a encarnação do sagrado enquanto exasperação por seu desejo de não-Haver. Por isso, naquele ponto entre A e ã indicado no esquema acima, as culturas inventam qualquer coisa que possam chamar de Deus para marcar essa exasperação.

Ao contrário de Protágoras, o sofista de Abdera, que declarou que o homem é a medida de todas as coisas (as mulheres, inclusive), declaro, e devemos declarar (aliás, freudianamente): **A Coisa é a medida de todos os homens**. A Coisa é o que Freud chamava *das Ding*, não que seja fundamentalmente perdida, pois é fundamentalmente desejada e impossível de ser encontrada e tocada. A Coisa é a medida de todos os homens porque é com ela que cada um tem que se medir. O tamanho de cada Pessoa, sua dimensão, se mede

em seu confronto com o não-Haver. É no *como* encarar isto que se mostrarão as nossas dimensões. Os menores restam perdidos na chicana do Ser.

Pensar uma Diferocracia – em que se considera a realidade de cada um – é difícil e é produção para Quarto Império desenvolvido. De saída, peço que não a confundam com as idéias fornecidas pelas filosofias da diferença. Estas tratam das diferenças enquanto emergentes e as consideram diretamente. Por isso, sua consideração pode se apropriar das diferenças e fazer delas um sucedâneo das classificações, coisa que acontece com facilidade. No pensamento que trago, isto não pode acontecer, pois **a referência não é a diferença**. Ao contrário, a diferença prolifera porque **a referência é a Identidade do Real**. Por cada um – como idêntico, realmente idêntico a si mesmo como a qualquer outro, intocável, inviolável – ser capaz de produzir uma manifestação praticamente infinita no campo do Ser é que é possível estabelecer discursos de diferença. No entanto, cada um não pode ser tratado como um diferente originário, pois originariamente é idêntico a si mesmo e a qualquer outro enquanto Real. A referência é o Real, a Identidade Absoluta, e as diferenças são *causadas* por esta realidade original. Não devo me referir às diferenças enquanto tais, pois tenho que me referir à causa que as gera, que é geratriz das diferenças. O respeito absoluto pelas diferenças não é respeito por elas enquanto tais, e sim por sua geratriz.

**38.** Há que prestar atenção a certo discurso hoje em moda na esquerda do mundo e do Brasil, que é o discurso da **multidão**. Refiro-me à herança de marxismo cruzado com Deleuze & Guattari, que, como imitação barata, resultou na nova dupla Michael Hardt & Antonio Negri. Os livros deles estão por aí: *Império e Multidão* (Rio de Janeiro: Record, 2001 e 2005). Além destes, faz pequeno furor em certos regimes universitários do Rio de Janeiro o livro de um discípulo deles, Mauricio Lazaratto, *As revoluções do capitalismo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006). Esse marxismo fantasiado de filosofia da diferença caiu no gosto da cultura brasileira já que, depois de certos acontecimentos, a esquerda fica sem pai nem mãe e se

vira para agarrar-se em algo. Não entra na cabeça de ninguém que conheça um pouco da obra de Deleuze & Guattari, ou que tenha entendido o movimento que aconteceu em Paris naquela época, que eles fossem de esquerda. Eles são explosivos em todas as situações. Como Deleuze abandonou certas posições, que ficaram entregues a outros estruturalistas (como Lacan, Barthes, etc.), e se apegou à linhagem de Leibniz – um discurso interessante sobre a dispersividade das mônadas e a possibilidade de sua conjunção nas mais diversas formações –, esse tipo de pensamento de esquerda arrumou uma relação entre a herança leibniziana em Deleuze & Guattari, misturou com Marx e fez disto uma ideologia da revolução pela multidão. Ou seja, como ficou feio e se tornou complicado falar em classe operária e luta de classes em função da aceleração dos discursos mediante a tecnologia, foram para as mônadas leibnizianas através de Deleuze, juntaram com Marx, e agora podem dizer que não é mais a re-revolução da classe operária, e sim a revolução da multidão.

O troço se arruma assim: não estamos mais falando de classe ou de luta de classe, mas de... classe e de luta de classe. É o que está declarado em entrevista feita com Hardt sobre uma crítica feita a ele por Francis Fukuyama (Folha de São Paulo, Mais!, 04 agosto 2004): “Não argumentamos realmente que a esquerda deve abandonar os conceitos de classe trabalhadora ou de proletariado. Contudo dizemos que eles devem ser mudados para acompanhar as transformações existentes nas próprias classes trabalhadoras. [...] Assim, em vez de opor-se a esses conceitos, a multidão é uma tentativa de atualizá-los e completá-los”. Cito para mostrar que não se trata disto em nosso pensamento. Substituir o conceito de classe – sobretudo de classe operária, chamada proletariado, que iria tomar o poder para fazer o que fez na falecida União Soviética, por exemplo – pelo de multidões, e, mediante isto, fazer a revolução de esquerda, é apenas mudar as moscas. Que a Escola de Frankfurt me desculpe, mas não é possível ser freudiano e marxista ao mesmo tempo. Não me refiro a possibilidade alguma de revolução, pois, como dizia Lacan, toda revolução dá a volta e cai no mesmo lugar.

O que pode dar a impressão de estarem falando o mesmo que eu é terem a cara de pau de definir a multidão como uma “infinidade de singularidades não representáveis”. Mas como falar em multidão no sentido deles, que não é senão a reformulação das classes, se ela não é representável? Não posso concordar sobre a multidão ser uma infinidade singular de não-representáveis, pois isto não faz uma multidão. Eles tomaram o conceito de multidão de Gabriel Tarde (1843-1904) – sociólogo brilhantíssimo, obnubilado na história pela fama ganha por Émile Durkheim (1858-1917) –, que considerou Leibniz e fez uma sociologia da pulverização e da aglutinação das mônadas em qualquer nível. Ou seja, dito em minha linguagem, pulverização e aglutinação das formações. Assim, para Tarde, a sociologia e a arrumação de átomos são a mesma coisa. Ora, o que fizeram, então, foi tomar a monadologia de Leibniz através da leitura de monadologia sociológica de Tarde, o qual também está na moda e nas livrarias com seu *Monadologia e Sociologia* (São Paulo: Cosac & Naify, 2007). Leiam para ver que se trata de outra coisa.

Lazaratto, na página 64 do livro que citei, evoca o espírito de Michel Foucault (1926-1984) para dizer que “para Foucault, as disciplinas transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em classes organizadas” – aliás, coisa bem típica de Foucault dizer. Rebato isto dizendo que não existem multidões confusas, inúteis e perigosas, no sentido deles. Se multidão é o que colocam, já é classificável. Mesmo num show realizado na praia, a multidão que lá está é bem classificada pelo artista do palco. Eles não vieram a meu Falatório: são aquela classe, esta aqui é outra – portanto, são classificáveis. As multidões deles já são enquanto tais, de algum modo, sintomaticamente organizadas, não sendo preciso necessariamente destacar a ação direta e imediata de um Estado, embora até possa lá estar presente quando o Ministério da Cultura, por exemplo, promova o show. Anotem, pois, a seguinte receita de bolo: (1) tome-se uma suposta multidão confusa (no sentido deles); (2) distingam-se os sintomas que a polarizam em grupos; (3) usem-se esses grupos como classes; e (4) faça-se a passagem, por persuasão, daqueles sintomas para outros a serem configurados nessas classes. A disciplina, de que fala

Foucault, é o trabalho dessa passagem. Então, se multidão é o que definem – a qual, quanto a nós, percebemos organizada por algum sintoma separado, junto, claro, e cujo círculo de Euler até podemos enxergar a seu redor –, não estou falando de multidões.

**39.** Desde o início, falei em Rebelião dos Anjos: *Eleutéria e Exousía*. A psicanálise não tem condições teóricas ou clínicas para acreditar em revolução, mesmo que psicanalítica (o que, aliás, seria pior ainda). Sabemos, sim, que pode haver **Rebelião**, a qual é **afirmação da Identidade causadora de diferença e se faz em dispersão pelo Mundo**, pois as singularidades são dispersas pelo Mundo, e não estão organizadas em nenhuma multidão. Cada Anjo, cada Pessoa, é um **Dispersóide**. Dispersão vem do latim *dispersio*, *dispersionis* e é o mesmo que se diz em grego *diasporá*, termo este que não usaremos por dar a impressão de designar certo povo, certa classe, que foi espalhada pelo mundo, seja judeu, negro, etc. No entanto, seu sentido original não é de dispersão de algo classificado, mas simplesmente de que as coisas são dispersas pelo Haver. O latim *dispersio* é melhor para desfazer confusões. Ele é claro na física e na química: determinado líquido dentro do qual se jogam coisas diversas que, mexidas, ficam inteiramente dispersas sem serem dissolvidas. Não há aí nenhum dissolvente universal, como, no caso da multidão, temos, por exemplo, a última moda chamada Ivete Sangalo. Onde vamos, há uma multidão ivetessangalizada...

Eleutéria: só há liberdade no processo de indiferenciação, já que não conseguimos a indiferença. Exousía: em liberdade, qualquer vontade é equivalente a qualquer outra. Aliás, até o chato do Kant nos dizia *Sapere Aude*, saber ousar.

● P – *Mediante a Trilogia Tebana, você colocou três possíveis posições da Pessoa na relação com a Lei e, a partir do que colocou hoje, vemos que há uma diferença entre a invocação divina de Antígona e a que condena Édipo no primeiro tempo. Há uma lei dos deuses que condena Édipo, o qual a en-*

*tenderá só-depois, e há uma invocação divina de Antígona que é a evocação que sustenta a posição de rebelião.*

O que varia é a consideração a respeito dos deuses. Os de Édipo Rei são aqueles do Panteão. Segundo minha leitura, na verdade, Antígona invoca o Real e, em Édipo Rei, invocam-se as leis exaradas. Não havia como dizerem de outro modo, pois não tiveram a sorte de conhecer a Nova Psicanálise.

● P – *Você também falou em requerimento de justiça. Então, por que, culturalmente, justiça e religião vêm sempre coladas?*

Pelo óbvio do Terceiro Império. Retirou-se do texto produzido na cultura a designação de palavra divina, de deus. Daí Carl Schmitt dizer que, no fundo, tudo é teologia, pois a herança dessa versão da lei é teológica.

● P – *Teológica segundo o Terceiro Império?*

E com herança do Segundo, da dominação da figura paterna inventada no Neolítico. Podemos dispensar esta figura, pois nos basta o Real para garantir que é possível metaforizar como legiferação. O Real é Alei radical e inarredável, e toda legiferação é pura metáfora, pura maneira de dizer tentando fazer falar Alei Real. Além disso, tampouco é preciso de alguma divindade, pois o lugar do Gnoma é o da exasperação, onde, aliás, as pessoas costumam meter seus deuses, mas que pode ser deixado vazio. Por isso, falei em Arreligião: o trabalho de esvaziar esse lugar que é pura exasperação e não precisa de divindade.

Para encerrar o semestre, isto é suficiente.

30/JUN

40. Tomarei aleatoriamente alguns pontos da teoria para refinarmos os conceitos:

**Haver / Não-Haver.** Haver é o Possível (o Campo do Possível). ALEI que o rege é: Haver (A) desejo de não-Haver (Ã), ou: Haver quer não-Haver (A→Ã). Em termos de Ser, de discorrência a partir de Haver, a teoria considera Haver como supersimétrico. É, aliás, uma aposta cujo acerto possível,

infelizmente, o acelerador de partículas de Genebra (LHC), por estar atrasado, ainda não pôde confirmar. Embora esta teoria seja psicanalítica, baseada em achados de dentro da psicanálise, sempre faço questão de supor que haja congruência com teorias científicas, sobretudo da física. A aposta que gostaria de ganhar é a da tese mais genérica: **Haver é homogêneo**. É importante considerá-lo assim, no sentido de eliminar e transpor para outro nível uma série de dicotomias de teorias anteriores: o problema mente-corpo, a oposição *Physis* x *Thesis*, etc. Se conseguirem detectar a supersimetria, ocorrerá uma verdadeira violência na recomposição da física. Minha aposta é que ela ficará parecida com a Nova Psicanálise.

A primeira **Quebra de Simetria** se dá no retorno de Haver sobre si mesmo. Ou seja, Haver permanece no cumprimento d'ALEI – o que significa: não encontrando não-Haver, Haver retorna a seu próprio périplo. Pode parecer esquisito falar em retorno aí, mas se seu destino era passar para o outro lado e se este outro lado não há, é como se ele retornasse. Mas há mais acontecimentos nesse lugar que propõe uma Quebra de Simetria e uma reversão. Segundo a mitologia que está nesta teoria e também segundo a teoria científica que gostaria que fosse verdadeira em função da supersimetria, haveria passagem brusca e imediata de implosão para explosão. A segunda quebra de simetria se verificaria, então, na cisão de Haver em matéria bariônica e matéria escura, por exemplo. Ou seja, minha aposta é que aquilo que os cientistas procuram como matéria bariônica e matéria escura é quebra de simetria na estrutura de Haver. Daí por diante, temos uma infinidade de quebras de simetria que não são senão a repercussão da primeira quebra no seio de Haver. Quero muito que a física encontre essas soluções, pois demonstrariam haver passagem contínua e homogênea do físico para o psíquico, o que eliminaria bobagens como corpo x alma, etc. Se não for nada, é pelo menos um belo mito a ser reconhecido (ou não) como consentâneo com a realidade. Esperemos, então, pelas experiências do LHC.

Outro lembrete: **Impossível Absoluto é o Não-Haver** – o qual repercute, ressoa no Haver (em suas Formações) como Impossível Modal.



- P – *As modalizações nos níveis primário e secundário são simetrias quebradas?*

São quebras de simetria repercutidas.

- P – *Por isso, ao considerarmos um alelo do Revirão, temos sempre que saber que o outro alelo está recalcado.*

Nesse lugar sim, mas também no lugar de cada uma das formações. Em havendo alguma formação, não precisamos nem considerar o anti-alelo, só de considerar outra formação já vemos que ela é limitadora. Qualquer formação é limitadora e acaba sendo efeito de uma Quebra de Simetria.

- P – *Você re-situa o conceito freudiano de recalque para arranjar macro-regiões de simetria quebrada: Recalque Primário, Recalque Secundário...*

... e, sobretudo, o Recalque Originário, que não tem explicação em Freud ou Lacan, a não ser como mitologia. Observem que substituo o termo *castração* e o retiro da mitologia corporal para jogar no genérico do Haver como pura Quebra de Simetria. Ou seja, onde há Quebra de Simetria, há modalização e é com ela que as pessoas se embatem. Até podemos encontrá-la fantasiada de castração na estorinha caseira de alguém, mas não se trata de nenhum universal, pois é Quebra de Simetria, a qual pode ou não ser encontrada referida à diferença sexual. Freud a encontrou assim algumas vezes e a colocou como universal, mas não o é, pois a fabulação a respeito dos corpos pode ou não organizar-se desse modo. Isto porque a Quebra de Simetria sempre aparecerá configurada nalguma estorinha, no simples fato de falarmos, por exemplo.

- P – *Sua proposição de Sexo, ou melhor, de Sexão, decorre da idéia de Quebra de Simetria. Assim, embora o sistema permanentemente requeira a Simetria Absoluta – esta é sua Alei –, se ela houvesse, não haveria nem Nada.*

Por isso, algumas pessoas se apavoram um pouco e começam a me xingar. Se digo que Alei é: Haver desejo de não-Haver, parece que se sentem mal, como se fossem conseguir não-Haver. Desistam, pois, como o nome diz, o não-Haver não há. O funcionamento d'Alei é no sentido de não-Haver que não há – e, como sabem, ao falar em lei, vou às teorias da *Physis*, como entropia,

como o que Freud achou em psicanálise como pulsão de morte, etc. O fato de haver perecimento das formações não significa algum encontro com não-Haver, apenas destruição. Entretanto, é o próprio funcionamento d’Aleí como desejo de não-Haver que quebra a cara na falta de simetria. Este é o fenômeno mais difícil de lidarmos no psiquismo, e nas relações que chamam de terapêuticas, pois a estrutura é louca: pede o impossível, seu funcionamento é sempre no sentido de querer mais, entretanto, quebra a cara por não haver o “mais” último.

● P – *As elaborações em nível de língua, de linguagem, de cultura, de supostos universais, de esquemas de proibição, do ponto de vista desta teoria, são sempre reconduzidas à sua situação de ruído de um desejo impossível e absoluto de última instância, só que num nível reduzido. Por isso, você diz que o que quer que compareça como articulação dada por nossa espécie, em nível secundário ou de formações no nível primário, em algum lugar, tem tradutibilidade. Esta é sua tese da homogeneidade do campo.*

O que a Ciência tem que procurar é a tradução, e não fazer dicotomias radicais para fugir da questão.

● P – *Sobretudo, as dicotomias das áreas da filosofia e da linguagem, que supõem que essas articulações são de um nível privilegiado e diferente em relação ao restante.*

A pobreza das línguas, apesar de suas enormes riquezas e possibilidades poéticas, dá a impressão, no manejo do conhecimento, de algo ser constitucional, quando é sintoma da língua. Como pode ser sintoma da matemática ou de outra área que não esteja conseguindo tradução de serventia *ad hoc*. Se há ciência, por exemplo, é porque há aposta na tradutibilidade. Se não, o que o cientista estaria fazendo?

● P – *Quando Ilya Prigogine, referindo-se à flecha do tempo, defronta-se com a questão retomada por Heidegger – por que há antes o ente e não o nada? –, sua resposta é também de entendimento de que tudo no universo resulta de quebra de simetria.*

A pergunta de Leibniz – por que há o Haver e não o não-Haver? – é tola, pois não se está vendo que só há?! É uma evidência.

- P – *Se o conhecimento físico a respeito da cosmologia avançar no sentido da demonstração de uma supersimetria, haverá demonstração da continuidade entre o físico e o psíquico?*

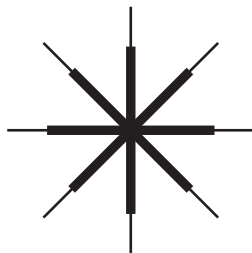
Por enquanto, é cedo. Talvez haja a demonstração de que há certa homogeneidade entre a física e a Nova Psicanálise, pelo menos. Isto porque parto daí, ponho como homogêneo. Como fazem as pessoas das ciências ditas humanas ou sociais, eu poderia bancar o especialista e dizer que estou falando apenas do psiquismo, mas prefiro arriscar. Por que motivo iria surgir o psiquismo dessa forma se o Haver assim não fosse? E mais, como não contamos senão com o psiquismo para falar de Haver, o Haver que se comporte conforme o psiquismo! Caso contrário, ficarei fazendo dicotomias entre *Physis* e *Thesis*, as quais não me servem.

**41. Abandono do problema Natura x Cultura**, pois não há oposição aí. Portanto, também **abandono do problema *Physis* x *Thesis***, ou seja, da oposição insuperável para sempre entre o que é da natureza e o que é do dizer, do conhecimento. É preciso homogeneizar *Physis* e *Thesis* como: Primário, Secundário e Originário.

**O Haver como lugar de ARTiculação.** Portanto, como puro ARTifício: Espontâneo ou Industrial. Espontâneo é o que encontramos por aí; industrial, é aquele que alguma formação, de dentro do Haver, produz, e não precisa ser humana, pois já há certa indústria no trabalho das abelhas e das formigas, por exemplo. Ele é precário nelas por não terem Originário, Revirão, mas, ainda que etologicamente, está inscrito no processo industrial. Na espécie humana, então, é radicalmente industrial, pois nela existem Originário, Revirão e a possibilidade de suspender e zerar o conhecimento, que é HyperDeterminação. No entanto, é modalmente impossível estabelecer fronteira entre Espontâneo e Industrial. E nem interessa, pois o que pensamos como possibilidade de conhecimento não depende de teoria dos conjuntos. Há um vício ocidental de pensar segundo a **teoria dos conjuntos**, mesmo antes de ela existir. É o vício de, num campo, fazermos recortes, que, na teoria dos

conjuntos, chamam-se círculos de Euler:  $x$  pertence a  $A$  ( $x \in A$ ),  $y$  não pertence a  $A$  ( $y \notin A$ ).

Não estamos pensando segundo a teoria dos conjuntos, e sim segundo **polaridades**.

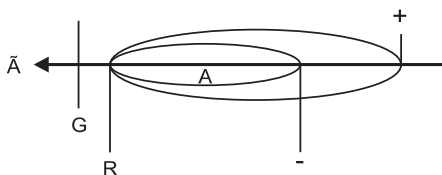


Se tomarmos um **pólo (linhas grossas no desenho)** dentro de uma **rede**, sempre considerada infinita ou infinitamente grande, ele terá uma **zona focal**, que será o que conseguirmos abranger *ad hoc*, aqui e agora, e também uma extensa **zona franjal** (linhas finas). Observem que se trata mais de reforço de focalização do que de força de focalização. Portanto, pensar qualquer tipo de fronteira está fora desse campo, está no campo da teoria dos conjuntos. É preciso a matematização cada vez maior das redes de Pólos e de suas zonas focais e franjais, pois nós ocidentais temos o vício de pensar em termos de fronteiras, nações, países, estados ou regiões, quando se trata de pólos com forças focais e abrangência franjal, tudo em funcionamento. Não sei dizer o tamanho das franjas, não tenho condições de explorá-las completamente, pois, se for explorando a franja, é o foco que irá crescendo, mas a franja não irá embora, continuará lá. Então, não nos interessa fronteira entre, por exemplo, **artifício espontâneo** e **artifício industrial**, já que ela se perderia e o que temos são focos. Ao olhar para determinado pólo, notamos um processo industrial das abelhas ou dos homens. Isto veio espontaneamente? Deve ter vindo, pois estava aí. Mas onde está a fronteira? Desistam de procurar. O problema de fronteira é um vício da mente.

Ao falarmos em Quebra de Simetria, trata-se de polarização e focalização sobre determinadas formações, as quais não são fechadas, nem quando são polarizadas. Tomem o campo da biologia, por exemplo. Onde se limita

uma célula? Na película externa? Como ela tem transas, há certas polarizações e certas forças de focalização, mas há também a franja senão a célula morreria. Ou seja, como a célula transa com outra, com o meio, troca substâncias, etc., ela tem franja, e se traçarmos limites absolutos dentro da idéia de conjunto, o “de dentro” morre, perece, pois não consegue permanecer sem transas. Por isso, a teoria do conhecimento, para nós, é uma teoria de *pólos – focais e franjais* – na transa. Não há *sujeito* ou *objeto*, são formações em transa. Como somos pólos focalizados, ficamos crentes que somos alguém, um sujeito, mas isso não existe. Nem subjetivo nem objetivo, mas transitivo. Nem subjetivismo nem objetivismo, mas transacionismo.

**42.** O lugar que proponho para o que chamo de **Gnoma** (G) é a exasperação entre Haver (A) e não-Haver ( $\tilde{A}$ ), a qual só é sentida a partir do Cais Absoluto em Real (R) e causa muitos problemas.



Por que motivo quase sempre colocam algo ou alguém no lugar do Gnoma, como Deus, etc.? Suponho que seja por desejo de metalinguagem. Como não há metalinguagem capaz de dar conta do que se pode dizer dentro de alguma linguagem, fica-se na busca permanente de algo que dê conta disso, no desejo de uma instância superior que venha decidir corretamente sobre os impasses da prisão numa língua, numa forma qualquer de expressão. Do ponto de vista de sua experiência, enquanto crianças, as pessoas acreditaram encontrar nos adultos, parentais ou não, essa instância decisória e aparentemente precisa, que, mais tarde, virão distribuir por funções sociais, como juízes, mestres, médicos, padres, policiais... É nostalgia de ter a quem perguntar. Por isso, é praticamente impossível não colocar coisas aí dentro. Produzir teoria é também uma maneira de tentar calar esse lugar ou de colocar algo que tente afastar sua exasperação.

43. É preciso suportar a **ignorância quanto à passagem do Genético para o Técnico**. Vemos que há formações espontâneas – genéticas, por exemplo – e formações industriais, técnicas. A ignorância do passado assustou a ponto de as pessoas acharem que há o técnico separado do genético, quando temos é que suportar a ignorância de não saber dizer como um passou para outro. Ignorância esta que diminui no dia a dia, pois já há trabalhos que prometem para logo não só a clonagem que já temos do vivo para o vivo, como a produção do vivo a partir do inorgânico, o que é uma maneira de entender a passagem do genético para o técnico. Há que suportar essa ignorância, e não acreditar em separações do tipo ou Deus ou o homem, que não cabem em nosso pensamento como artigo de reflexão. Reconheçamos a ignorância e, na suposição da homogeneidade, esperemos que o conhecimento, ou seja, a **produção das Próteses**, se amplie. E nem sei se isto será diminuição da ignorância, pois considero que quanto mais adquirimos conhecimento, mais ignorante ficamos.

44. Por um lado, jamais saberemos decidir sobre o que se põe como *Thesis* senão o conduzindo heurísticamente à condição de *Physis*. Ou seja, se quisermos saber o que se põe como *Thesis*, não conseguiremos acrescentar esse conhecimento senão supondo que isso há dentro do Haver. Por outro lado, o que se possa saber como *Physis* só se consegue ao colocá-lo como *Thesis*. Assim sendo, nada sabemos de *Physis* senão como *Thesis* ficcional, assim como nada sabemos de *Thesis* senão como *Physis* ficcionada. Ao encontrarmos coincidência entre uma teoria física e um achado de laboratório, não é preciso fingir que tratamos diretamente com a *Physis*, pois o próprio laboratório já é uma formação linguageira. No entanto, estamos tratando com a *Physis*, sim, pois não haveria linguagem se ela não adviesse do Haver. Como, para nós, a imanência é absoluta, se veio, é daqui mesmo que veio. Onde a vantagem de meu conceito de **FIXÃO**, que pode ser tomado para juntar num só termo as ciências duras e as moles. Isto, sem jamais esquecer que toda Fixão é provisória. É preciso, pois, pensar na eliminação da oposição a que estamos habituados entre ciências da natureza e ciências sociais. Nossa ignorância em

relação a aspectos ditos materiais e a aspectos ditos psíquicos ou sociais não nos deixa ver ainda a homogeneidade do campo, mas pensar de maneira polar é pensar supondo que a homogeneidade pode ser surpreendida em algum lugar lá na franja. Nós que tratemos de ampliar o foco para nos aproximar cada vez mais da homogeneidade do campo. Vejam que esta postura diante do conhecimento é consentânea com nossa época. Não estou inventando nada novíssimo, pois está aí no mundo do saber.

● P – *Quanto à questão da Thesis ficcional e da Physis ficcionada, lembro-me que, em dado momento, você colocou sua teoria do conhecimento como, ao mesmo tempo, realismo e nominalismo. A falsa oposição entre os dois seria uma replicação da suposição que afirma que há uma maneira de conhecer que coloca o que é a realidade (realismo) e outra que a oblitera, pois, no fundo, o conhecer seria só repetir a si mesmo (nominalismo).*

São a mesmíssima tolice.

● P – *No livro de Lewis Carroll, Alice através do espelho, temos um cavaleiro que pede para cantar uma canção, que “é chamada ‘Olhos de eglefim’”. Ao que Alice retruca: “Ah, é esse o nome da canção?” Responde ele: “Não, você não está entendendo (...) É assim que se chama o nome da canção. O nome verdadeiramente é ‘O homem velho, muito velho’”. Ao que ela diz: “Então eu devia ter dito ‘É assim que se chama a canção?’” Ele responde: “Não, não devia: isso é outra coisa. A canção se chama ‘Modos e meios’. Mas isso é como ela se chama, veja bem!” E por aí vai. Pergunto eu: posso falar de algo sem supor que esse algo de que falo está comparecendo, ou seja, que, em seus termos, há um Gnomo, uma formação recortada a partir de um dito?*

Há uma formação polarizada, e não, recortada. A questão que você traz é a do Significante / significado / Gnomo (S / s / G), conforme tentei aproximar desde 1989. Há uma distância grande e de índole arbitrária na colocação de qualquer significante na língua. Arbitrária é maneira de falar, pois, no fundo, vemos que se entronizou no processo e se tornou necessária. Lewis Carroll está falando de marcas significantes que apontam para outras marcas significantes, e isto é infinito. Em termos de conhecimento, ao situar uma

marca para apontar para um foco, terei, por exemplo, vários pólos e, para os distinguir, chamarei de “pólo 1”, “pólo 2”, etc., que são marcas significantes. E uma discorrência de conhecimento a respeito de um desses pólos assim marcados é um significado. Então, introduzi a idéia de Gnomo, que não é o referente de Ogden & Richards e tampouco coisa ou objeto, e sim as formações que puderam ser tomadas em consideração no trabalho de significação. Assim, o trabalho de significação é uma operação de formações: o Gnomo que está em jogo é um aglomerado de formações; o que há é transa entre formações; o resultado é conhecimento dito como significado; e se colocarmos um rótulo para separar, daremos um Significante para isso, o qual significante pode nada ter a ver necessariamente com isso. Além disso, em meu esquema, digo que não há sujeito ou objeto, e sim uma pletora de formações que chamo Gnomo e outra que chamo Gnômone. Essas formações transam e resulta algo. Portanto, marcarmos um número, um significante, etc., para separar um pólo de outro, isto, fora o ato de marcar assim, nada tem a ver necessariamente com o pólo.

Vejam que Lewis Carroll, no exemplo retomado acima, está brincando com os significantes que vão nomeando, nomeando, nomeando... Ele não considera a significação, apenas faz um jogo com as marcas, com os nomes, para mostrar que formações são apelidáveis. Nem mesmo vai à canção, pois quando o cavaleiro a canta, aquilo é uma maluquice. Alice fica zonzinha, pois não aparece significação alguma. Daí, Lacan inventar o Nome do Pai, que, como em Carroll, é o nome que é o nome do nome, o qual nome é o nome... Sua saída foi brilhante: o Nome do Pai é o significante que, no campo do Outro, é o significante do Outro enquanto lugar da Lei.

● P – *No jogo das transas entre formações, se temos uma mapeando ou transando com outra, temos a marcação de significado disso que também é formação.*

Por exemplo, tomemos uma formação que é um molho de formações, a qual externalizamos e chamamos de Gnomo, e outra que também é um bolo de formações, que, como Kant, podemos dizer que são formações *a priori*, pois estão em jogo em nossa constituição. Estas encontram aquelas – não direi *encontrei*, pois não sei quem é esse eu –, ou seja, temos formações que en-



contram formações. Além do mais, não são todas as formações que ali estão, são algumas, isso transa, e no que isso transa, decorre outra formação que chamo de conhecimento. O fato de colocar um rótulo nada tem a ver diretamente com isso. A única coisa que isso tem de homogêneo em relação aos dois outros molhos de formações é que também é uma formação. É homogêneo, sim, enquanto formação, mas isso não é um retrato daquilo, e sim apenas marca colocada ao lado para nomear o significado, ou seja, o conhecimento que houve na transa. Temos, então, a Formação Gnômica; uma resultante dita Conhecimento, que foi a transa; e dizemos “S”, isto é, damos uma marca para aquilo, que pode ser apenas uma marca com o dedo. Saussure é quem estava certo, pois o significante só tem sentido dentro do sistema. Fora, não tem sentido algum, é nada.

**45. Vamos agora à Teoria das Formações. Toda Formação do Haver é uma Limitação** (portanto um Sintoma Primário no seio do Haver), o que não significa recorte, e sim que há uma força de polarização e que o limite está na força de foco desse pólo. Daí é que vem a idéia meio tola de funcionarmos como indivíduos. Como cada um é, sem dúvida, um pólo – por ser Primário, Secundário e Originário, ter certa autonomia de funcionamento polar e uma força focal grande –, supõe-se que o indivíduo seja recortável. Não é, pois, no nível franjal, não tem recorte, está emendado à rede e não tem saída. Se a rede for cortada, ele perecerá. Ou seja, alguém se chama de indivíduo com arrogância só porque a rede está funcionando bem. Se tirarmos suas franjas, ele morrerá. Logo, como tal, ele não existe. Está-se chamando de autonomia individual o que é simplesmente a força polar e focal agoraqui em funcionamento. A qualquer coisa que diminua essa potência, acaba o indivíduo. Se ele tiver um colapso cerebral, por exemplo, deixem-no lá em sua individualidade para ver o que acontece...

Toda Proibição, ou melhor, toda limitação secundária é sintomática – e funciona como imitação de um impossível modal do Primário. Isto significa que toda regra de jogo é só regra de jogo. As supostamente universais, são fal-

sas. Por malentender isto, o pessoal ligado à pedagogia fica perdido. Como as organizações e formações entraram em periclitância, ao invés de procurarem outras, insistem nas velhas comparativamente com o comportamento atual. Ainda estamos no sonho de transcendência de Papai do Céu, Papai Noel, Nome do Pai, se quiserem, de pensar que cairá de algum lugar a precisão a respeito do universal do comportamento. Isto não existe e é o trágico de nossa experiência. A antropologia do século XX inventou que a interdição do incesto era um universal cultural, mas sabemos que não é. A interdição, sim, é que é um universal. Ou seja, a limitação é um universal, nada funciona sem ela. Qual limitação? Esta é outra questão, sobre a qual podemos conversar. Dizer, por exemplo, “é proibido proibir” é brincar na mesma ordem da Alice com o nome da canção. É preciso proibir, pois sem recalque não dá para viver. Podemos suspender o recalque, algum juízo foraclusivo é necessário, mas qual? Não sabemos. Esta é uma questão política a ser discutida. Se não, é uma inércia sintomática que chamamos de cultura.

Quando cheguei por aqui, havia uma inércia sintomática que me dizia o que pode e o que não pode. Como não sou propriamente um animal, perguntei *por quê?* Pronto! Está fundada a esculhambação. É o caso das crianças, que, ao se darem conta de que está arrumado demais, começam a perguntar *por quê?* Elas querem saber qual é o fundamento e será bastante difícil explicar-lhes que não há, que se combinou assim, que as pessoas transam desse modo, mas, atenção!, é tudo maluco, só tem doido. O que os adultos fazem é empurrar o por quê – como Lewis Carroll fez com a canção – para ver se cansam as crianças. Não dizem que, na verdade, só há o *como*, e que, cuidado!, o *como* é importante. Ou seja, está funcionando assim e, se sair da regra, ela pode se ferrar – ou não, pois aqueles que saem da regra também podem se dar bem...

Toda formação repressiva – que é formação de dominação necessariamente – é repressiva simplesmente por ser uma formação, e não o contrário. Entender isto implica sérias repercussões políticas. Enquanto pensarmos que existe uma instância repressora que produz ou utiliza formações de repressão

não conseguiremos um pensamento político adequado ao mundo de hoje. Em havendo alguma formação, sempre haverá pessoas adeptas, se não mesmo militantes dessa formação. Trata-se de apropriação por vinculação sintomática, na qual estão arrolados interesses, gostos, outras formações sintomáticas atradoras, etc. Em qualquer luta política não há que buscar as pessoas que são as repressoras, e sim que destruir as formações onde quer que estejam, pois elas estão no aparente repressor e podem estar no reprimido, ajudando o repressor. Trata-se de lutar contra a pujança das formações, que são necessárias, mas temos que lhes dar um mínimo de suspensão, pois toda formação é opressora. As funções de poder, repressivas, de dominação, espontaneamente vão se juntando, produzindo aderência e pensamos que estão situadas em alguém lá fora, quando estão sobretudo dentro de nós. Temos que lutar contra a formação, este é o processo de análise. Utilizar uma formação é uma coisa, outra, é colocá-la como insuperável e natural. O drama da espécie é precisar de formações e, por precisar, aprisionar-se nelas.

Vejam, então, que um grupo, dado que há as formações, pode tirar mais vantagens do que outro, mas não é para lutar contra isso, e sim contra a formação. E de preferência contra a formação aqui do nosso lado, pois a ela temos acesso. Quando alguém em análise reclama de papai e mamãe e perguntamos por que não os manda às favas, o mais comum é ele ficar assustado por apenas imaginar que possa fazer isto. Ou seja, ao tocarmos em algo assim, surge nele a formação que é responsável por ele estar naquela situação, demonstrando assim onde está a formação opressora, a qual pode ser mexida agoraqui.

**46.** Michel Foucault foi quem melhor tratou da questão *Razão x Desrazão*, mas não ousou dizer tão claramente o que afirmo agora: **a loucura é a condição da razão**. Ele chegou perto ao mostrar que a oposição loucura / razão não era sustentável e que tampouco era possível o não haver loucura como condição de haver razão que se sustentava desde o século XVII, com Descartes e o *cogito*. Digo um pouco mais, que a espécie é, de saída, como espécie, essencialmente

louca, e que ela produz razões na perda absoluta que tem de razão do ponto de vista originário, ou seja, na loucura. Tentamos produzir razões para escapar da loucura essencial, mas justo o essencial e o original nesta espécie é nela estar instalada a loucura – ela é a espécie louca. Qualquer outra espécie viva está regulada por formações autossomáticas e etossomáticas bastante rígidas, e não pira com facilidade. O que nossa espécie tem de Originário é o Revirão, ou seja, é capaz de enlouquecer qualquer formação etossomática. Quando a criança fica perguntando *por quê?* é puro ato de loucura. Se não, seria assim porque é assim e ponto! Do século XVII até quase o final do século XX, ficamos convencidos de que, fora da maneira – delirante, a meu ver – de René Descartes produzir a certeza de um *cogito*, era a loucura. Já não é admissível que a condição de a razão funcionar seja afastar toda a loucura, pois a condição de haver produção de *razões* – uma vez que não existe A Razão – foi o fato de se perder a certeza que poderia ser encontrada em uma formação etológica. Por isso mesmo, quando as pessoas constituem alguma razão, não querem tomá-la como uma razão constituída, e sim como neo-etológica... para ficarem paradas de novo. Com isto, perdem a razão de outro modo, ficam estúpidas, ou seja, viram quase animais.

● P – *Quando, por via da teoria da informação, surgiu a noção de criação de automatismo mediante feed-back, talvez tenha sido um dos primeiros momentos em que se pensou isto com nitidez: um campo em constante desagregação e mecanismos de regulação de determinados sistemas.*

É preciso mecanismos de regulação, mas não é preciso aderir a eles, transformar-nos sintomaticamente nessa formação.

● P – *Criam-se mecanismos de regulação que se tornam tão absolutistas que são eles próprios psicotizantes.*

Nós é que os tornamos assim. Agarramo-nos neles para evitar a manutenção da loucura, mas, ao contrário, é preciso ter o estofa de manter a loucura, sustentá-la. Um pensador é alguém que se arrisca permanentemente na loucura. Aliás, uma idéia brilhante de Heidegger foi dizer que pensar é estar no risco da loucura. Então, para não sermos loucos, escolhemos ser estúpidos.

01/SET/2007

Quanto a isto, sempre lembro Fernando Pessoa, para quem não há saída: ou a loucura ou a estupidez.

A razão cartesiana (nem sempre, mas freqüentemente) é apenas menos razão do que outras razões que a cartesiana poderia considerar loucuras. O esforço de constituir uma razão radical tem falhado em todas as teorias lógicas e matemáticas. Onde o valor da Intuição em qualquer aproximação de conhecimento. **Intuição** se define aqui precisamente como **toda a rede franjal que não sabemos agoraqui computar no rol de nosso conhecimento, mas que intervém mesmo assim na constituição desse conhecimento**. Sacamos que algo está nos dizendo que pode ser por ali. Não temos foco para nos dar certeza, mas de algum lugar temos esse saque e isto tem um valor. No entanto, sempre desconfiar, pois pode ser só um ataque histérico.

18/AGO

47. Gaston Bachelard termina seu livro de 1928, um verdadeiro manifesto, dito um *Essai sur la Connaissance Approchée* (Paris: Vrin, 1969), dizendo: “A aproximação é a objetivação inacabada, mas é a objetivação prudente, fecunda, verdadeiramente racional, pois é consciente, ao mesmo tempo, de sua insuficiência e de seu progresso” (p. 300). Para evitar alguns mal-entendidos, gostaria de traduzir não por *Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado*, e sim por *Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado*, como se diz muito no nordeste brasileiro. (Aliás, pensa-se que *aproximado* seja uma questão de fazer contas: aproximação das casas aritméticas, por exemplo). E depois, porque não me apetrecho com objeto ou com sujeito, substitua-se, nessa declaração terminal, a palavra *objetivação* pela palavra **transa**. Mas o que interessa neste ponto é estarmos aqui de volta à lucidez de Bachelard, que inventou o termo **surracionalismo** num texto de 1936, que há anos traduzi (*Revista LUGAR 1*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1972. p. 6-9). Quando escapamos da racionalidade

dade corriqueira, de preferência cartesiana, acham que entramos no irracional, mas há muitas racionalidades, mais simples e mais complexas. Lidar com o Inconsciente, por exemplo, se é lidar com o que ainda não foi racionalizado, é uma atividade de racionalização do suposto irracional, é trazer para dentro da racionalidade outra razão, isto é, trazer para dentro de outra razão o que supostamente ainda não está adscrito a nenhuma razão. Então, como não se trata de irracionalismo, é melhor pensar com Bachelard que se trata de um surracionalismo (se não for um HiperRacionalismo). Ele coloca isso em relação ao conhecimento científico, mas, na verdade, está lhe pedindo que deixe de ser besta, pois existem sutilezas na razão que é preciso que a ciência considere. Basta ver a quantidade de livros que publicou com incursões em regiões das quais a ciência ainda não deu conta. Em sua aproximação, ele tenta tirar alguma racionalidade desses casos, procedimento que chamava até de psicanálise, ainda que infelizmente com certo odor junguiano.

48. Do ponto de vista do conhecimento – do que chamamos **Gnômica** –, temos a abolição não só da suposta relação entre *sujeito* e *objeto*, como também destas próprias noções. Há dificuldade em abandoná-las radicalmente, pois estão entranhadas na mentalidade das pessoas desde o século XVII pelo menos. Acham que não podem sobreviver, e muito menos pensar, sem elas. A idéia de sujeito é ilusão de certa cultura ocidental. E uma vez posto o tal sujeito – que pensa que existe, é autônomo, capaz de decidir e fazer escolhas –, é posto também o objeto desse sujeito. Quando se faz a análise do Eu, desde Freud, o que temos é uma série de instâncias, de várias formações em jogo, como dizemos, onde se cata e não se encontra centro algum. Não adianta deslocar o que anteriormente foi tomado como centro para o intervalo entre as formações – entre significantes, no caso de Lacan –, pois isso, na verdade, nada designa. Temos, sim, **Pessoas**, que são **pólos** de formações – primárias, secundárias e a formação Originária –, as quais transam com outras formações. Onde resulta algum conhecimento – de qualquer nível, pois não estou falando de conhecimento científico, que é um tipo possível de organização do conhe-

cimento. Mesmo um animal pratica conhecimento, sabe das coisas, embora supostamente não tenha HiperDeterminação, formação Originária. Mediante suas formações, as quais transam com outras formações, existe ali uma série de saberes – ou seja, de conhecimento, já que não faço distinção entre essas duas palavras. Assim como não há distinção entre Ser e Ter. Pensar desse modo nos afasta da idéia lacaniana de que os homens *têm* e as mulheres *são*. Você é o que você tem. O que quer que haja é o somatório de suas propriedades. As propriedades de algo são o somatório das coisas que algo tem. Somatório este numa conta sempre incompleta, impossível de completar.

**49.** Sobre a **Teoria da Pessoa**, retomarei algumas frases célebres, mas afirmando o que **Eu** pode dizer. As religiões são safadas, tomam enunciados de seus patrocinadores para dizer que o Eu de que se trata é aquele deles, aquela personalidade que teria dito. Mas, uma vez que o enunciado diz *eu*, qualquer um sabe dizer Eu. “Eu sou o Alfa e o Ômega / o Início e o Fim / o Primeiro e o Último”, como disse o João do *Apocalipse* – a meu respeito, é claro! “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, como disse, também a meu respeito, o Jesus do *Evangelho*. E Eu digo: **O Mundo sou Eu**. Eu é quem? Esta é a questão.

● P – *Isto não é um exercício gnóstico?*

Sim. Não só estou dizendo isto, como *sei* do que estou falando. Só posso dizer no nível do Ser na medida em que estou esteado no inarredável do Haver, então *Eu sei*, e isto é uma *experiência*. Apesar ou parálem de todas as transas entre as formações, portanto também entre as Pessoas, qualquer um pode afirmar que ninguém pode ser nada por ele. O resto vem depois.

Uma Pessoa é constituída de Primário, Secundário e Originário. E isto é o inferno, se não for o céu. Haver Pessoa é referido ao Originário, ao Real, Neutro, Cais Absoluto, Vínculo Absoluto. Haver como Pessoa não é *Dasein*, o qual, como o nome diz, é: estar aí. O Haver não está nem aí. Quem está aí é o Ser. Infelizmente, o verbo de Heidegger é *Sein*. Ou seja, como não tem *haver* em alemão, é uma língua que diz mal. Estou brincando com o fato de Heidegger achar que só se poderia pensar em alemão. Se não tem *haver*,

não pode. O Haver só há – sem tempo, sem lugar, apenas como experiência gozosa de dor ou de júbilo de cada um. **Haver é pura presença**, aquilo que os filósofos, Heidegger inclusive, ficam procurando e acham que perderam em algum lugar, na Grécia antiga talvez. Mas não se pode achar a presença do lado do Ser, pois ele é escorregadio. **Presença pura é experiência de Haver**. Aí sabemos que estamos presentes e que pimenta no dos outros não arde, mas no seu arde muito, demais. Já ser Pessoa é algo da ordem do conhecimento, dos alelos do Revirão. Por aí é que podemos ser Pessoa parálem de Haver como Pessoa. Pessoa é também pólo = foco + franja – e tudo isto é possível de ser modificado.

Mas uma Pessoa, mesmo sendo isso, tem como fundamento o *Idios*, o *Ipsis* do Haver. Então, a afirmação renitente da Pessoa Real não é da ordem do egoísmo. Ego é uma formação de Ser, é o que pensamos que *somos*, ou, pelo menos, o que podemos *ser* no momento. Então, Haver como Pessoa não pode ser da ordem do egoísmo, pois egoísmo é do Mundo. O trabalho de anamnese do Cais Absoluto conduz a Pessoa a tornar-se (não egoísta, pois desfaz o ego a cada momento, mas) *ipseísta*. Ou seja, a não abrir mão do *Ipsis*, que é seu Real. Há que ser ipseísta: afirmação absoluta de Haver como Eu. Assim, as frases de João e Jesus que li há pouco falam do verbo Ser, mas são a ressonância do Haver no seio do Ser, do ipseísmo representado como *Eu sou*.

**50.** Em termos de *identificação*, isto é, no nível do Ser, X não é idêntico a X, é sempre diferente de X ( $X \neq X$ , como no estruturalismo), o que jamais entrará na cabeça de um lógico clássico. Esta, aliás, foi a novidade que a psicanálise trouxe. Quando perguntamos o que é X, ele resvala sempre. Então, em termos de identificação, ou seja, em termos de Ser, se continuar discorrendo sobre o que sou, o X se deslocará cada vez mais. Mas, em termos de *identidade*, isto é, no nível do Haver, o Real é absolutamente sempre idêntico ao Real ( $R=R$ ). Nem posso dizer “idêntico a si mesmo”, porque não há “si mesmo”: o Real é sempre o Idêntico. Então, posso discorrer sobre minhas identificações, elas podem modificar, até um simples acidente pode fazer com que sumam, mas,



do ponto de vista de Haver, sou sempre o Mesmo, sempre Idêntico. Vejam que identidade só há no nível do Haver. Identificação é processo e procedimento, identidade é fixa. Minha identidade não está situada em nenhuma das formações que descrevem minha Pessoa no mundo, e sim apenas na experiência dura e pura de Haver. Posso passar por todo tipo de deformação de minha identificação – um problema cerebral, por exemplo – e ela ir para o bebelê, mas minha identidade continuará lá enquanto arder.

● P – *O raciocínio de que não é possível localizar a identidade no nível do Ser e só no nível do Haver decorre do raciocínio que faz a equivalência entre Ser e Ter. Mas a Pessoa também tem atributos, e isto não se insere no nível da identificação?*

Esses atributos podem ser perdidos, e o Ser ficará decepcionado por perder o que tinha. Basta tirar um pedaço do cérebro para ver como a Pessoa perdeu. No entanto, a identidade fica. É preciso essa Pessoa não haver de algum modo, ou parecer não haver, para supormos que a identidade sumiu, pois ela está lá.

● P – *A idéia de Ser = Ter é uma questão de atribuição sem sujeito e sem objeto.*

Quando entramos no regime da língua, ou, pelo menos, das línguas que operam assim, começa a aparecer o Ser nesse regime. Aí confundimos o sujeito de que a língua precisa para se organizar com a existência de um sujeito do lado de cá. É, aliás, a confusão do Ocidente. A língua tem sujeito, mas Eu não. Retomem com essa perspectiva a idéia de enunciado e enunciação, pela qual Jakobson tentou escapar. Caímos na conversa, porque era bem bolada, de que haveria o sujeito do enunciado e o da enunciação. Mas vemos que, no regime da enunciação, não há sujeito da enunciação, pois o que não há é sujeito. A enunciação é à revelia do sujeito inscrito na frase, coisa que foi demonstrada por Freud no chiste, no ato falho, no sonho.

● P – *A noção de sujeito da enunciação foi postulada porque a própria noção do sujeito do enunciado ficava capenga em relação à crise pela qual a noção de sujeito começava a passar na época. Depois de Freud, juntamente com Lacan, em havendo Inconsciente, ficou complicado sustentar a noção de sujeito...*

...dentro do enunciado que está aprisionado pelo sintoma da língua. Assim, teriam que dizer que o sujeito é um sintoma da língua. Como não podiam cair nessa naquele momento, tiveram que procurar um sujeito na estratosfera. Jakobson, então, brilhantemente inventou o tal sujeito da enunciação. Mas sujeito de enunciação não é sujeito, e sim turbulência das formações. Às vezes, até infectada de sintoma desconhecido, inconsciente, mas que não casa necessariamente com o sintoma da língua.

● P – *Você fala em modificação da identificação por um acidente cerebral, por exemplo, mas, por efeito da ressonância da identidade na identificação, a Pessoa pode buscar modificar a identificação na qual foi colocada.*

Esta é a Rebeldia da Pessoa, é a Revolta da Pessoa Real. Já falei a respeito da idéia de liberdade, mas não com esta articulação. Liberdade de fato só é possível no regime do Real, da Rebeldia do Anjo, na Revolta, a qual não é revolução. A idéia de revolução é a de um *status quo* que pretendo transformar em outro conhecido por mim. Ou seja, é troca de sintoma, e pior, nem é aleatória, pois tenho tal formação sintomática e quero passar a ter tal outra formação sintomática. Não há liberdade alguma aí, uma vez que estou aprisionado a uma formação e pretendo aprisionar-me a outra que já sei qual é. Quer dizer, só peço para me trocarem de cadeia. Por isso, desde Freud, não podemos acreditar em revolução, mas acreditamos em Revolta e em Rebeldia, que é, toda vez que se faz referência à Identidade Real, estar fora e contra qualquer formação. O que quero? Não sei, mas estou fora dessa. “Hay gobierno? Soy contra!” – como está na piada do tal cubano (que não acredito que o seja). Ou, então, “melhor não!” – como diz o Bartleby de Herman Melville.

**51.** Pessoas são **Formações Elementares**, isto é, formações cuja composição é Primário, Secundário e Originário. Onde houver Primário, Secundário e Originário, há Pessoa. Isto, embora tenha feito há um tempo atrás a ressalva de que chamo de Pessoa as IdioFormações daqui, as que nós conhecemos. Mas depois que nos acostumarmos com a cara de algum ET, começaremos também a chamá-lo de Pessoa. Não se trata de indivíduo ou de sujeito, ainda que, dada

nossa renitência nessas formações, a tendência seja de pensar Pessoa como indivíduo ou sujeito. Não é indivíduo, pois este, na melhor das hipóteses, é o pólo situado sobre cada uma das formações carnaís de Primário, Secundário e Originário, ou seja, situado na carne dessa formação. Uma Pessoa não é necessariamente individual, coisa que já se sabe até na ordem jurídica, em que há o que chamam de pessoa física e pessoa jurídica. Como isto está na ordem do Ser, de certo conhecimento, não nos interessa muito. Interessa sim poder-mos ter Pessoas em nível, por exemplo, grupal, pois uma polarização sobre diversas Pessoas acaba constituindo uma Pessoa, a qual lá está, tem formação primária, secundária e originária, e pode ser dispersa em várias formações. Tentaram chamá-la de pessoa jurídica, mas esta é apenas um caso de Pessoa. Para nós, uma polarização quando abrange diversas formações que constituem Primário, Secundário e Originário, é uma Pessoa.

Por outro lado, pode-se pensar que, uma vez descrita a idéia de Pessoa, com formação primária, secundária e originária, então, em termos de política, o que se pode incentivar seja uma política da Pessoa. Não é o caso, pois a Pessoa é constituída (por Primário, Secundário e Originário) e não constituinte. Não há sujeito algum ali que constitua, ela é efeito. Então, como não vamos fazer política disso – pois como acompanhá-riamos? –, o que podemos fazer é uma **Política das Formações Constitutivas das Pessoas**. O que há a visar são as formações, a política das formações e da afirmação das formações. Sobretudo, a afirmação inarredável do Real, da Pessoa enquanto Haver. O que importa imediatamente para a Pessoa não é seu direito, e sim o Direito das Formações que a compõem. Vemos isto com clareza na política de Mundo contemporâneo: pessoas diferentes – negros, mulheres, gays, etc. – exigindo que, no nível político, seja respeitada certa formação que compete à Pessoa. É, pois, Política de Formações.

● P – *Ao falar sobre o fetiche no Centro Cultural Banco do Brasil, em 1999, você disse que deveria haver “direito ao fetiche” registrado em algum código.*

Absoluto direito a todo tipo de formação, qualquer uma, mesmo que prejudicial. Isto é outra questão: há o direito de existência dessa formação, de-

pois vê-se como organizar o mundo de modo que o malefício seja o mínimo. Minha implicância, sobretudo política, com a tendência de uma política do sujeito é que, nela, determina-se o que é e o que não é sujeito, sujeito válido e não válido, e trabalha-se por exclusão. Ou seja, não se é contra o fetiche, mas, para falar de maneira mais genérica, valorizam-se determinadas práticas – que até podem ser prejudiciais, mas estão valorizadas –, excluem-se outras e faz-se a política da manutenção da barreira, da execração e da destruição das práticas não incluídas. Só que há um negócio chamado Retorno do Recalcado, que vai aporrinhar para o resto da vida.

Para a Política das Formações Constitutivas da Pessoa, toda e qualquer formação é válida só por haver. Podem alegar que assim será a guerra, será o que diz Hobbes sobre a guerra de todos contra todos. Mas isto não é novidade, pois sempre foi e será a guerra de cada um contra todos e de todos contra cada um. Como organizar a guerra é outra história, pois, para organizá-la em sentido compatível com o que está por vir, é preciso fazê-lo somente a partir da afirmação de todas as formações, e não por exclusão. No máximo, por suspensão e contenção.

Repetindo, o que importa imediatamente para a Pessoa não é o direito da Pessoa, e sim o Direito das Formações que a compõem, quaisquer que sejam. Outro tratamento é a gerência dos conflitos e dos consensos entre essas formações. **A Pessoa vive em Solitariedade, em Saudade de sua Identidade e no risco do Fado, do acontecimento.**

- P – *Desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, a execução é mediada por uma formação que faz a exclusão.*

Segundo Hegel, chama-se polícia, ou seja, o Estado.

- P – *Já a postura do Direito das Formações exige outra postura política de acompanhamento e de fazer a dança dessas formações.*

O fundamental para a prática futura, de Quarto Império em direção ao Quinto, é a transformação radical de não ter um Estado, ou seja, um arcabouço policial, como disse Hegel, de exclusão. No máximo, podemos ter contenção, administração e reorganização. Não se trata de *isso pode e aquilo não*, tudo

pode, depende de lugar, de situação, de não atrapalhar o vizinho, etc., o que é uma política mais sutil e mais complexa.

● P – *Sua proposta de Diferocracia é neste sentido e implica outras idéias de Estado e de Direito.*

Entramos num Mundo, ou seja, num modo de ser que foi acossado pelo Haver quando se deu de cara com a falta de fundamentos para o Mundo tido. Observem que a quebra dos fundamentos é do Mundo que se tinha, então passamos a conviver com uma turbulência de práticas que não têm mais cabimento na ordem atual do Estado ou do Direito. Joga-se, finge-se, empurra-se uma lei para cá, outra para lá, mas o arcabouço é descabido.

**52.** A Estrutura (Fundamental) é o Próprio Haver – enquanto cumprimento d'Alei (=  $A \rightarrow \tilde{A}$ ). Alei está considerada na *Thesis* como sendo da *Physis*. Isto é mais próximo de Freud, mas afastado de Lacan.

● P – *Com essa afirmação, qualquer ocorrência se subordina à Alei, não há partição.*

Só há uma Alei, a tese é monista.

Há Estruturas na *Realidade* – as quais podem ser *descritas* de algum modo. São as Formações do Haver. As Formações (ou estruturas) Mínimas dentre as Formações do Haver são sempre supostamente desconhecidas. É importante entender isto, se não caímos no estruturalismo por procurar garantir o que se passa como estrutura no conhecimento do mínimo da estrutura, do mínimo das formações. Toda vez que se indica um mínimo de estrutura, um mínimo de formação, só pode ser no nível do precário. É preciso sempre supor que desconhecemos o mínimo de formação. Os físicos têm o sonho de que encontrarão a estrutura mínima, mas isto é acreditar demais na possibilidade de descrição.

● P – *Parece haver no modo de conhecimento como da física e, de maneira diferente, em sua teoria, um movimento de unificação do campo. Então, como caminhar com a idéia da unificação mantendo a precariedade do mínimo? A crença epistemológica parece ser de que a unificação depende do mínimo.*

Não depende. A crença epistemológica em vigor – ou melhor, epistemológica *tout court*, pois aqui falo de uma gnoseologia e não quero essa pecha – é justamente a de não saber pensar em como unificar o campo sem ter a descrição compatível, se não, coincidente, com o real da estrutura mínima. Esta é a besteira da ciência, mas não estou falando de unificação, e sim de Um. O Um do campo está posto de maneira radical, sem descrição de mínimo algum. É a homogeneidade suposta do campo. O campo é homogêneo. Como? Sei lá! É uma aposta. Acho ótimo os físicos correrem atrás da homogeneidade, pois me dão subsídios. Certamente, quebrarão a cara, já que a estrutura mínima que possam encontrar está na ordem do Ser, portanto, da discursividade da física, e não na ordem do Real. Há que conviver com o fato de estar sempre produzindo a estrutura mínima. O que podemos ter é uma excelente teoria, que, declarando mínimas tais e quais estruturas, consiga bem lidar com as formações do Haver, com a realidade. Foi assim com Newton: suas medidas deram certo enquanto o problema era aquele, quando mudou, acabou.

● P – *Você aposta na homogeneidade do Haver. Este é o modo segundo o qual aborda conhecimento, propondo-o como transa de formações com dependência conceitual do raciocínio de Quebra de Simetria, de fractalização, de ressonância de Quebra de Simetria Originária. Ou seja, a homogeneidade está operando na suposição de que, mesmo que não se consiga ou jamais se consiga descrever sua estrutura mínima, ela opera em minha ignorância e em meu conhecimento.*

A homogeneidade é suposta ao Haver, o qual é homogêneo em termos não de substâncias (no plural), e sim de modo de formação. O modo de formação é que é homogêneo. A suposição é de que todas as formações se formam do mesmo modo, segundo Alei,  $A \rightarrow \tilde{A}$ , Quebra de Simetria, produção de Revirão...

Repetindo, as Formações (ou Estruturas) Mínimas dentre as Formações do Haver são sempre supostamente desconhecidas. Isto se põe assim porque, sendo Polar o Conhecimento (Foco + Franja), há sempre que supor a

efetiva participação de zonas da Franja que não estão agoraqui computadas no Conhecido, embora atuando nele. E isto não é senão a generalização da idéia de Inconsciente em Freud.

Somos todos viciados na teoria dos conjuntos. Parece loucura dizer isto, pois ela nem é tão antiga, mas, muito antes de sua existência, atua na simples fronteira entre um país e outro, no simples muro que separa uma casa de outra. Já lá estava germinando e funcionando antes de alguém organizá-la como teoria. Ela é uma ideologia pesada. Mas, para seguir dentro de nosso modo de pensar, é preciso a todo modo evacuar as intervenções desse teorema dos conjuntos, sair dos círculos de Euler, que eu mesmo já utilizei didaticamente para dar a entender certas coisas. É preciso jogar fora, não pensar em termos de conjunto, e sim de Pólos, Focos e Franjas. Vejo freqüentemente pessoas tentarem trabalhar com nossa teoria, colocar seus elementos, mas, logo na segunda frase estarem outra vez na teoria dos conjuntos por não conseguirem pensar escapando desse ideograma. Na teoria dos conjuntos não existe um conjunto que não o seja. Em nossa teoria, existe um pólo que não o é, pois não sabemos, apenas polarizamos e focalizamos. Se quisermos descrever o pólo, ficará difícil. Há uma porção de coisas nele funcionando a que não temos o menor acesso. Podemos sim continuar descrevendo, mas onde termina esse conjunto? Não tem conjunto. O máximo a fazer é operar com o foco que temos no momento, lembrando das franjas. Para quê? Acrescentar o foco, fazer o trabalho de crescimento do foco daquele pólo. Como só podemos operar no regime do conhecimento, do Ser, com a focalização daqui e agora, operamos sempre no regime do erro. Sempre faremos errado, e não há Narciso que agüente isto.

**53.** Em nosso caso, o conceito de Elemento, ou melhor, de formação elementar, não discerne um mínimo absoluto, mas tão somente o mínimo provisório possível. A noção de Elemento (ou Estrutura, se quiserem) é conjetural (mesmo num hiper-estruturalismo, como tentado por Lacan) e varia em função do momento teórico de sua fabricação. Basta melhor aproximação, como diz

Bachelard, ou basta se aproximar mais um pouco, como digo, para se verificar isto. Os conceitos de Foco e Franja (para todo Pólo), no nível do Ser, permitem insistir na busca dos Elementos e de suas articulações, mas não permitem reconhecer como elementar nenhum “elemento” encontrado, aliás, provisoriamente a cada passo.

Já o reconhecimento do Real como Cais Absoluto (no nível do Haver) permite o reconhecimento de um Valor Absoluto – e, portanto, de uma Política da Força e da Vontade. Quando se fala do Haver, acaba o relativismo. Há um valor absoluto que é o Haver, o qual, como disse, permite uma Política da Força e da Vontade. Não sei para quê, mas há.

● P – *Você definiu a limitação como força de focalização. A política quanto à agonística das forças de focalização seria seu trato no entendimento de que são sintomáticas e de que é preciso operar no nível de sua suspensão?*

Nem sei se é preciso, pois não estou falando de uma ética, e sim dizendo que há um valor absoluto que força a barra e há que reconhecê-lo, inclusive para além das forças das formações em vigor. Quando pensamos em termos de dominação de Estado, com políticas de sujeito e objeto e, portanto, políticas de exclusão, não reconhecemos o valor da forçação e o tratamos sem reconhecimento. Neste caso, quando dizem *isso não pode*, significa que nem pode existir. Nossa política diz que pode sim e que temos que nos virar para dar conta disso que há. A situação da *política do sujeito*, como prefiro chamar, é muito cômoda, pois diz que isso não pertence a subjetividade aceitável alguma. Se não é aceitável, sequer é subjetividade, é uma excrescência. Então, as soluções políticas são pensadas sem essa inclusão. Numa Política de Quarto Império, temos que entender que se há tal formação, é porque há, e tem o direito de haver, e não se discute. O que se pergunta é como transar com ela. Ela está incluída como um possível.

Assim, o que chamo de NovaMente afirma tanto: 1) a insistência no acrescentamento do Conhecimento (como condição pessoal de possibilidade de Manejo do Mundo); quanto 2) a insistência no Absoluto do Haver para a Pessoa (em suas transas com o Mundo). Insistência nos dois lados, no Ser e



no Haver. Reconhece, portanto, a Bipolaridade de toda IdioFormação. E, no segundo caso apontado acima, é bipolar enquanto segunda potência do binário.

• **P** – *Se estamos tão habituados às políticas de exclusão, ao considerar as grandes aglomerações em termos de administração e gerência ad hoc dos conflitos, como pensar a partir do que você traz?*

Começar a pensar assim é situar assim, situar o que acabei de dizer: fazer a crítica das políticas de sujeito. A tal esquerda insiste em brigar pela inclusão. Mas como pode fazer isto mediante um aparelho que é de exclusão? É aí que a coisa não funciona. Supõe-se que a direita, por definição, seja exclusiva, embora não o seja sempre necessariamente. Então, a esquerda quer ser inclusiva, mas, em sua última instância de funcionamento atual, tem agido com o mesmo aparelho com o qual funciona a direita. Os conteúdos são diferentes, mas o aparelho é o mesmo, de exclusão. Por exemplo, a esquerda não inclui a direita. Foi a brincadeira que levou Sócrates à cicuta. Quis ver a democracia incluí-lo: “Se vocês são democratas e eu não sou – ele era alguém com mentalidade aristocrata –, então incluam Sócrates, se puderem”. Eles caíram na armadilha e o excluíram. Ou seja, não há democracia. Sócrates provou o que queria.

01/SET

**54.** Freud não brincava ao afirmar que, acima de tudo, está a **Necessidade**. Engels também tinha razão em supor que a ciência do capital poderia ser rebatida sobre as ciências da natureza. A Nova Psicanálise considera o Haver *sub specie necessitatis* – a *Ananke* (Ανάγκη) dos gregos e de Freud como determinação de última instância, a qual, de uma vez por todas, coloca o necessário do Haver – e também considera o Haver *sub specie aeternitatis*: a permanência e o eterno retorno do Haver em seu périplo pelo Pleroma (não confundir com Nietzsche).

O que a *Physis* encontra de necessário está explicitado a cada caso de sua consideração. Mas é preciso entender que o necessário modal que a cada caso se explicita não é o que deve ser aqui levado em conta, e sim o Necessário Absoluto (que a cada vez é uma ressonância do Haver) de, para cada caso, haver a limitação (o fechamento ou *lock* sistêmico de que trata o *conatus* de Espinosa) que se encontra explicitada a cada caso. Sendo que este fechamento se põe espontaneamente (*sponte sua*), ou seja, como chamam, de natureza. Donde, estou falando sobre a *Physis*.

Na *Thesis*, o necessário é o mesmíssimo encontrado na *Physis*. Sendo que, em não havendo em seu Produtor mais espontaneidade do que aquela da própria havência do Produtor de *Thesis* acrescentada da espontaneidade das Formações primárias (etossomáticas, na semelhança das produções de favos pelas abelha, por exemplo), a cada caso de *Thesis*, aquele *lock* (espontâneo para a *Physis*) tem que ser produzido, a partir da (a) Necessidade Absoluta, como (b) necessidade modal (necessidade de limite para que se possa considerar uma formação, se não, a coisa se perde no infinito) ali posta por indústria do Produtor da *Thesis*. Nem por isso essa necessidade é menor do que a do nível (a) de que falei e logo pode tornar-se necessidade no nível (b) por implicação sistêmica de sua inserção: é o que se verifica na dureza de um sintoma secundário bem solidificado mediante recalque (o que fez Einstein dizer que “é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”). Lidamos, pois, com uma coisa dura e fechada que é essa produção sintomática que tem as características do necessário por importação do Necessário Absoluto do Haver.

O que quer que haja, só há porque terá sido possível. E no que havente porque possível, então **há necessariamente** – sua eventual extinção não sendo prova de sua não necessidade. Portanto, trata-se aí de **absoluto reconhecimento dos fatos**. É o que Nietzsche chamava de *amor fati* e Espinosa de *amor intellectualis dei* (lembrando que seu deus é Real, é o Haver, que ele chamava de Natureza). Lembrar também que, para a Nova Psicanálise, **só há fatos, não há interpretações**. Isto é fundamental, pois não vamos fingir que seja possível interpretar. Interpretar é escapar de um fato e

criar outro. Metalinguagem é um nome para um fato que se pretende ligado com outro fato. Daí as nossas durezas.

**55. • P – Há uma hierarquia lógica entre o necessário e o contingente?**

Sim. O necessário da contingência é ressonância do Necessário Absoluto. Ele só pode ser visto como necessário depois da contingência que o esconde, não há antes, só há depois. É interessante lembrar desta questão, pois devemos associar com o **só-depois** (*nachträglich*), de Freud, no nível da *Physis* e, inclusive, da *Thesis*.

• P – *No nível da prática, da abordagem das formações sintomáticas, considerar o sintoma como necessário – ele há! – muda o modo de tratamento, o qual deve ser remetido ao Necessário Absoluto para que se possa...*

...pelo menos dar conta da, digamos, relatividade do contingente. E no que se reconhece o necessário dentro da contingência do sintoma, ficamos em uma situação difícil, se não impossível, de ser lidada, que é a da Clínica. Se a lei do só-depois é inarredável e funda os sentidos dos fatos, das falas, dos eventos, dos acontecimentos circunstanciais dentro do Haver, é preciso humildemente entender que **toda Cura é tarde demais**. Isto é trágico, terrível, pois cada um tem a certeza de que é um babaca justo no momento em que consegue se curar. É preciso não se dar conta de que é babaca para ter a fé que se tem no sintoma. Se nos damos conta, não comemos, ficamos fazendo graça, palhaçada.

• P – *A liberdade, no sentido de Eleutéria e Exousía, é também tardia?*

É tardia, sempre pífia, mas funciona. Se a lei do só-depois funciona inarredavelmente, toda cura, não importa em que momento aconteça, é tarde demais. A coisa emerge, comparece, pôde ser reconhecida como necessária... e seus desenvolvimentos são tardios, pois apareceram só-depois. Qualquer pessoa que realmente consegue fazer alguma análise pode ser testemunha de que, toda vez que se dá conta, pensa se não podia ter visto aquilo antes. Não podia. E mais, a dureza do sintoma é quase impeditiva de comparecer ao só-depois. Por isso é boba a idéia do primeiro Freud de pensar que bastava a

pessoa tomar noção do que havia no inconsciente para ficar curada. Não deixa de ser um só-depois, mas a dureza do sintoma está armada com todas as conexões, todos os links, que são as forças recalcantes. Então, há um trabalho a ser feito, que, depois, Freud veio a chamar de *perlaboração* (Durcharbeit), para deslocar aquela idéia. Freud e Lacan deixaram claro em seus atos que, como o sintoma é duro, repetitivo e escroto, às vezes, em análise, há quase uma luta corporal com o analisando para ver se sai do lugar. Isto é trabalhoso e, freqüentemente, os analistas têm preguiça de brigar outra vez com aquela titica que já conhecem.

**56.** Vejamos dois livros interessantes. Um é *Mundos impossíveis* (Evergreen Paisagem, 2006), que trata da lógica de construção de objetos, paisagens, etc., criados por artistas como Escher, Magritte e outros. São objetos ditos impossíveis porque podem ser desenhados, mas não podemos tê-los em terceira dimensão. O outro livro é *Parece mas não é: sessenta experiências filosóficas para aprender a duvidar*, de Nicola Ubaldo (São Paulo: Editora Globo, 2007). São exercícios de dubitação, a maioria tendo a ver com o que chamam de ilusão de óptica, de ilusões lógicas, etc. Ao considerar esse tipo de coisa, precisamos nos dar conta de que não existem mundos impossíveis, pois, se fossem impossíveis, não existiriam. Como alguém conseguiria publicar esses impossíveis todos se não existissem? Isto é importante para nossa relação não só com o mundo em geral, mas com a clínica e com o sintoma em particular. É tão idiota quando vemos o sintoma (dos outros – o nosso é bacana) que parece uma impossibilidade e nos perguntamos “como pode existir um negócio desses?” A **existência** é o que o Haver, enquanto Real, suscita como construção de Mundo. Então, tudo que existe é Mundo e não há Mundos impossíveis, nem na cabeça de Lewis Carroll ou da Alice do País das Maravilhas. Isto tem a ver com a afirmação de que, para nós, o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. O que interessa é entender a *diferença de arquivos* dos conhecimentos, saber qual é o arquivo e quais são as conexões entre os arquivos em que esses Mundos estão registrados.

Isto é importante, pois a psicanálise precisa lidar diretamente – tanto em sua produção quanto na tentativa, embora tardia, de cura do sintoma – com as questões da **superstição**, da **magia** e do **milagre**. Vejam que esse autor, Nicola Albano, trata os acontecimentos de seu livro como ilusórios e que o próprio Freud escreveu *O Futuro de uma ilusão* (1927) para mostrar que a religião é uma ilusão. Mas o que é mesmo uma ilusão como essas supostas de óptica, etc.? Se é que devemos manter o termo, *uma ilusão é um erro de situação do arquivo*. O que produz ilusão é situar errado o arquivo a que estamos nos referindo: tiramo-lo de uma região onde é arquivo de um fato nem um pouco ilusório e o colocamos em outra. Há que entender bem isto, se não, trataremos de maneira errada a lida com os sintomas do Mundo. Ao observar um analisando, vemos que a maior parte de sua estada no Mundo dá a impressão de ser ilusória, mas não adianta chamar de ilusão, pois só o é porque os arquivos estão em lugares errados. No diretório certo, o arquivo não é ilusório, e sim absolutamente correto.

Ao tratar de mundos impossíveis, de ilusões de óptica e de lógica, o filósofo e o crítico de arte confundem em vez de esclarecer os leitores. Dizem que todos estão tendo uma ilusão, pois se realmente vissem, saberiam que o que lhes parece uma espiral é na verdade uma seqüência de círculos. Mas são eles que tornam ilusório um fato que não o é. Quando olho e percebo de certo modo, neste nível de percepção, contando com certo tipo de arquivo de formações que estão em jogo me dando aquela espiral, não há ilusão, pois é o que posso fazer com esses arquivos e formações. Se mudo de perspectiva e tomo outros arquivos, outras formações, vejo que, do ponto de vista da construção do tal objeto, não há espiral alguma, mas, do ponto de vista da percepção, há sim. Se não pensarmos assim, não nos daremos conta de como lidar com os sintomas. Aliás, é o Mundo que está tomado por sintomas graves, e não só a pessoa que vai ao consultório, pois esta ainda faz a tentativa de se livrar de alguns. É, portanto, preciso de mínimo de clareza sobre a condição de “ilusão” de determinados sintomas não como meramente ilusórios, e sim porque os arquivos estão fora de lugar. Suponho que qualquer um com um mínimo de

experiência clínica já notou, quanto a um sintominha barato e simples, que a pessoa está conectando e encaixando completamente fora de situação. Não é que o que esteja dizendo seja absurdo, apenas está fora de lugar.

● P – *Se abordar já interpretativamente, estarei trocando de ilusão?*

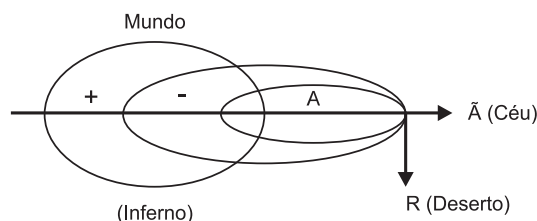
É o que faz a maioria dos ditos terapeutas: querem negociar para o outro trocar sua ilusão pela dele, ou seja, seis por meia dúzia.

Dizer que não há ilusão alguma a não ser o deslocamento do arquivo é compatível com minha afirmação de que o que quer que se diga, o que quer que se consiga colocar como mundo, é da ordem do conhecimento. Eventualmente, pode estar fora de situação e parecer que não temos condições de lidar por ser da ordem do absurdo, mas é simplesmente um fato concreto cujo arquivo foi colocado fora de lugar e conectou coisas que não devia. A obra de Freud está lotada do reconhecimento disto. Leiam, por exemplo, uma frase sua de 1897, quando era quase um ignorante: “Não existe no inconsciente nenhum índice de realidade, de modo que é impossível distinguir uma da outra, a verdade e a ficção investida de afeto”. Se tomamos uma ficção – isto é, um arquivo – e a deslocamos para um lugar errado, o que acontece? A ficção, o texto de um escritor, é um fato concreto, escrito, há, mas em que nível de registro, em que posição? Se o deslocamos para uma posição em que uma prova de realidade desfizesse a necessidade de aquilo estar naquele lugar, aí entramos no delírio ou na alucinação. Vejam que tomar uma coisa, mesmo posta no lugar errado, é um deslocamento, e não que a coisa seja ilusória.

Por exemplo, em que nível *Macunaíma* é um personagem, uma pessoa concreta? No nível da escrita ficcional. *Macunaíma* existe? Existe na obra de Mário de Andrade, mas se tomar esse arquivo, deslocar e quiser que ele venha a meu Falatório, aí serei doido, pois desloquei de uma situação para outra, onde aquilo não tem entrada. Freud, na citação acima, está chamando atenção para que se tome qualquer existente como existente. O texto de Schreber existe? Sim, mas trata-se de saber em que posição está colocado. Por isso, Freud inventou as tais *provas de realidade* – o que, aliás, é outra maneira absurda de falar, pois o que temos é **Prova de Situação**.

Simbólico, em grego, é *symballeîn*, *jogar junto*. No caso do signo lingüístico, coloca-se junto uma coisa com outra (no sentido de Saussure, por exemplo, junta-se significante com significado). Mas, para além do simbólico (de Lacan), a psicanálise precisa lidar muito diretamente com o **DIABÓLICO**, que, em grego, é *diaballeîn*, *colocar separado*. Não é a besteirada que as igrejas gostam de falar. O diabo é Lúcifer, aquele que tem lucidez, que sabe separar a merda do cocô, que sabe que são duas coisas diferentes. Daí o nome Psico-Análise: separar os níveis, os registros, as conexões. Por isso, no início da história da psicanálise, Freud disse: *acheronta movebo*, se não puder comover os deuses, moverei as águas do inferno. Mas ditos analistas querem só lidar com o simbólico. Como este é muito afeito às durezas sintomáticas e, com frequência, à deliração e às alucinações, isto é, a confundir as situações, a coisa fica preta. Há até “analista” católico, por exemplo. O Secundário é separador, sobretudo como alélico. A obra de Freud, como da maioria dos pensadores, mostra o tempo todo a necessidade de dualização: tudo tem seu avesso. A existência dos alelos é diabólica, assim como o binário (0,1) da escrita computacional.

57. Surge, então, algum maluco dizendo que “o Mundo vai acabar”. Coisa que, aliás, também digo, pois já está acabando... São os apocalipses dos joãozinhos. De que o mundo acaba, não temos dúvida, mas o esquisito nos ditos profetas apocalípticos é confundirem o Mundo com o Haver. Ora, como o Haver muda de Mundo, então, de repente acaba o Mundo mesmo. Nosso momento é interessante, pois é de fim de Mundo, mas já vem outro nascendo, que ainda custamos a perceber. Então, se há as delirações dos profetas, é por estarem falando de algo concreto, de um mundo que odeiam, que querem que acabe e que, às vezes, vêem que está se deteriorando. E se as pessoas começam a procurar datas do fim, cataclismos geográficos, etc., então, é a loucura, é colocar os arquivos em lugares errados. Mas eles estão falando de Mundo, e não de Haver.



Mundo é o que está circunscrito (os alelos + e –) pela linha pontilhada no desenho acima. Não é o lugar Real (R) que, este, é o Real do Haver. Já o ã é o não-Haver, o Céu. Aliás, não fiquem preocupados, pois todos irão para o céu – o que é o mesmo que dizer que toda vaca vai para o brejo. No Inferno, já estamos. Diferente de Sartre que dizia que “o inferno é os outros”, digo que o inferno é o Mundo.

Acontece que só se consegue aproximar do Céu passando pelo deserto do Real. Esta é a operação psicanalítica: desautorizar – isto é, tirar da autoria e da autoridade –, levar para o deserto para lá ver que o céu está logo ali. Mas não *chegaremos*, só *iremos* para Lá. Então, todos vão para o céu, só que não chegam. E já é muito conseguir ir. Na verdade, não existe *O* Mundo, e sim Mundos, que nascem, crescem, morrem e se sucedem. Por isso, começam e acabam. A maior resistência que o analisando apresenta em sua análise é o horror do fim do Mundo... dele. Quando percebe que o esforço do analista é para deslocar de volta os arquivos que estão nos lugares errados, vê que seu Mundo vai acabar. Como tem horror a esse deslocamento, aí é o fim do Mundo, pois não quer sair do lugar. Na verdade, se a análise fosse possível, ele mudava de Mundo, seria uma Alma de Outro Mundo.

Há pouco, falamos do subtítulo deste Falatório, *Eleutéria e Exousía*, liberdade e audácia. Como a única liberdade é a audácia, há que acentuar o *e* do subtítulo: **Liberdade é Exousía**. Isto é, só há liberdade como revolta contra as formações em vigor. Não é fazer uma revolução e mudar disto para aquilo, pois seria outra formação em vigor: uma revolução sempre cai no mesmo lugar. **A liberdade está, pois, no fato de manter a revolta contra as formações em vigor, o que, genericamente, pode tornar-se Rebelião de**



**muitos Anjos – que somos nós. Mas a tal liberdade é apenas a liberdade dessa rebelião, sem nenhum objetivo.** Quando há objetivo, é tentativa de produzir um mundo novo e impô-lo aos outros. Tenho na cabeça outro Mundo e quero impor que venha a vigorar. Revolução sempre dá errado. A francesa, a russa, a americana, todas deram errado, pois o Mundo Novo tem que nascer. Não podemos trazê-lo pronto, desenhado como ficção e querer colocá-lo no nível de uma realidade, que é outro lugar de registro. Se há um objetivo, já caímos em outra prisão. Então, é hora de outra rebelião. Trata-se, portanto, permanentemente, de invocar a HiperDeterminação.

**58.** Vivemos um momento de sintomas gravíssimos no nível das religiões e, sobretudo, da existência de Deus. A impossibilidade de conversar já virou guerra. Há os fanáticos que *sabem*, sabe-se lá como, que Deus existe, e outros, não menos fanáticos, que *sabem* que não existe. Afinal, existe ou não? Segundo o registro do que trouxe hoje, não há menor dúvida de que existe, basta ver os estragos que faz na face do planeta. Se está em vários livros, sagrados ou não, na fala das pessoas e conseqüentemente construiu igrejas, prédios, guerras, mortes, como não existe? O que certo fanatismo quer é que Ele exista no modo do Real. Ai, não dá. Desde que tenha *existência*, não há a menor dúvida, pois está no Mundo, mas querer encontrar essa Pessoa *realmente*, é coisa de maluco. Acho um erro dos chamados novos ateus a briga que fazem, que agora está em recrudescência em diversos livros. Sua guerra é importante, mas como querem dizer que Deus não existe, confundem tudo. É preciso ser ateu justamente porque Deus existe. Se não existisse, por que a briga? É como o autor que escreveu que não existe a espiral, que é ilusão de óptica. Como, se estou vendo? Só é uma ilusão quando consideramos que os fanatismos religiosos – aliás, como disse Freud, as religiões teístas em vigor são ilusões – colocam o que é da ordem de certa produção de Mundo como havência.

● P – *Não seria um processo de reificação?*

Sim. É uma tentativa de se organizar como **psicose**. O psicótico e sua psicose existem, seu delírio está falando de algo que existe, que é um conheci-

mento, mas que ele quer atribuir a um lugar que não lhe compete. A tentativa denegatória e temerosa tem sido de dizer que aquilo não existe. O que Schreber escreve existe. Freud chega mesmo a reconhecer que ele era colega. Só está fora de lugar quando atribui a possibilidade de prova de realidade a um fato de ficção. O Deus deslocado de situação é o elemento de recalque num transtorno psicótico, ou melhor, numa formação de Morfose Regressiva. Onde, o delírio religioso. Aquele que participa desse delírio ou dessa alucinação não precisa ser psicótico, pois só está alugado a uma construção psicótica. Os ditos neuróticos, os Morfóticos Estacionários, como os chamo, estão sempre necessitados de atravessadores para a (não)realização de suas vidas. Daí aproveitarem essas invenções dos Regressivos para serenar suas comichões psíquicas. Esta adesão dos Estacionários a uma produção Regressiva é o pior de tudo. Já os Morfóticos Progressivos se aproveitam de ambos, Estacionários e Regressivos, para instaurar para eles próprios uma boa situação de fruição perene e substanciosa. Então, todos ficam atolados no brejo, mas numa boa...

Daí a força dessas doenças. É igual ao que acontece nas afecções individuais. Nossos analisandos estão no mesmo atoleiro, pois têm o atoleiro geral da ideologia em que foram produzidos, com formações religiosas, morais, etc., e mais o atoleiro de suas efemérides de vida. Toda vez que nos deparamos com uma formação que chamávamos de neurose, uma formação Estacionária, podemos observar que ela é nitidamente uma futura ou paralela construção Regressiva. Isto a ponto de, às vezes, escutando um analisando, perdermos a noção do limite. Como sabem, minha posição é de não mais querer saber da definição lacaniana de psicose. Volto à freudiana, que é quantitativa.

**59.** O que, nos meios religiosos, chamam de fé é o fanatismo de uma crença. Um dos truques dos religiosos, ou seja, das neuroses de religião, para fazer as pessoas se confundirem – o que é uma maneira de capturar as pessoas – é confundir fé com crença. Já falei a este respeito longamente no Falatório de

2000 (*Arte da Fuga*). **Fé**, é preciso ter, pois é simplesmente tesão, apostar. **Crença**, é botar fé numa certa construção. O Diabólico da psicanálise pretende tomar cada um e separar fé de crença: **tenha sempre fé... em crença alguma**. Sequer acredite na psicanálise, caso contrário, já será ficar doente. Pode apostar nela, mas não pôr sua crença, se não, virará religioso ou doente como outro qualquer. Existem os fanáticos psi, que geralmente são religiosos de outra área que se decepcionaram, tomaram aquela mesma neura, colocaram dentro da psicanálise e passaram a se ajoelhar para Freud. Fé não tem conteúdo, é apenas uma aposta fervorosa, em última instância, no absoluto do Haver. Portanto, qualquer conteudização, se não for meramente circunstancial, é merecedora de suspeita.

Como as crenças, ou seja, essas formações morfóticas (regressivas, progressivas ou estacionárias), se instalam? E como, além de se instalar, se reforçam e se tornam poderosas ao extremo, constituindo um mundo impossível de se conviver? Sabemos que as instalações se dão por causa justamente da Quebra de Simetria. Se há Quebra de Simetria, há Recalque Originário. E se há Recalque Originário, há possibilidade de Recalques Secundário, Primário, etc. Tudo facilita para virarmos o neo-animal que somos. Hoje, temos certa crítica dos fundamentos supostos, sobretudo, do conhecimento, temos também uma aceleração radical dos movimentos de informação e de comunicação, ou seja, uma plethora de funções desarticuladoras das certezas ideologicamente montadas. Em primeira instância, isto resulta em quê? No reforço absoluto das ideologias, como faz qualquer neurótico no consultório. Se mexermos no sintoma, ele o reforçará, pois seu mundo periga acabar, e entrará em guerra ideológica com o analista. Hoje, vemos com nitidez inúmeras emergências sintomáticas denunciatórias disso.

Por exemplo, depois que acabaram com os comunistas, ficou difícil arranjar alguém para perseguir. Como a diferença sexual e as diferenças supostas raciais estão se colocando politicamente como normais, também tornou-se difícil persegui-las. Ou seja, como tiraram seus objetos de perseguição, as pessoas ficaram em pânico por não ter como dizer que são

diferentes. Se não tiver o ruim, como serei o *bão*? Portanto, sobretudo por não haver uma facção política que os defenda, inventaram depressa a caça às bruxas dos **pedófilos**. Há o partido dos gays, dos negros, das mulheres, mas o dos pedófilos está sem bandeira. Então, vão pagar o pato. Mas, ao analisar a situação atual de *boom* da pedofilia sexual, a favor ou contra, observamos uma veemência excessiva em torno do fato e nos perguntamos o porquê desta veemência. Não é apenas por ser o único a não ter bandeira, e sim, como já tratei anteriormente e agora digo com mais precisão, por procurar inculpar esse tipo de pedofilia – que, estudada cientificamente, não é necessariamente danosa (às vezes, sendo o contrário) – para livrar a cara da **pedofilia ideológica**, que é a pedofilia religiosa, filosófica, partidária, etc. Aliás, sempre mais violenta e eficaz no processo de lesão cerebral das crianças.

Como já lhes disse, é uma guerra entre pedófilos, em que a produção das afecções psíquicas se dá no nível do investimento nas crenças e na pedofilia da maioria (esta, às vezes, chamada de pedagogia). Trata-se de meter as crianças num registro fortificado. Ou seja, ao invés de as ensinar a pensar e relativizar, enfiam-lhes forçosamente uma religião, uma ideologia, uma moral, etc. Como no sexo há gozo ejetivo, aí não pode, então vai-se gozar apenas na ideologia. Sem levar isto em conta, não será possível considerar movimento algum de cura. Por exemplo, como falar em “psicanálise de criança” se o pobrezinho tem pai e mãe? Eis aí um lugar que torna impossível a psicanálise. Não que seja mais possível em outros lugares, mas aí é claro. A criança ainda tem certa disponibilidade, mas, ao menor deslocamento, bate-se de frente com mãe e pai, que são os escudos da ideologia da igreja, da escola, da família, etc. Se acolhermos diretamente a demanda da criança e a levarmos a um registro de abstração, isto será explosivo.

15/SET

60. Da vez anterior, disse que facilmente ocorre confusão na situação dos arquivos. E por que é tão fácil o deslizamento de um programa, ou de um arquivo, para outro? Como sabem, o Primário, tal qual o defino, é constituído de *autossoma* e *etossoma*, e, no nível etossomático, não há tanta distância entre o comportamento dos animais e o dos ditos humanos. Este pode ser mais complexo, mas é etossomático também. No entanto, por causa da Hiper-Determinação, do Originário, nossa espécie saltou para o Secundário. Dizem que este salto é a linguagem, a qual seria a referência fundamental da espécie. Não é o que digo, mas há um afastamento gradual em relação ao Primário, e o Secundário passa a ser o registro de referência da espécie, mais do que qualquer outro. Isto, apesar de o Primário não ter desaparecido, pois os comportamentos dele advindos continuam aí. Foi, aliás, um engano (não tanto de Freud, mas) de muitos psicanalistas supor que a teoria psicanalítica pudesse lidar apenas com o Secundário. Então, há fortes emergências do Primário na espécie, inclusive em seu comportamento, mas, com o tempo, a *gerência dos registros* foi passando para o Secundário.

No Secundário, tirante paralisações sintomáticas, o deslizamento é fácil, pois ele não tem a pregnância do Primário, o qual é constituído de maneira espontânea – natural, como chamam – e forjado em elementos materiais pouco maleáveis. Já o Secundário é bastante maleável. É preciso um processo de forte recalque e limitação para que as formações secundárias possam coalescer em sintomas tão graves como os que vemos. De modo geral, também acoplados a alguns elementos do Primário. Então, deslizar de uma formação secundária para outra é algo mais fácil. Sobretudo, se uma força recalcante de muita expressividade não pesar sobre a formação que estiver deslizando. Deslizamento este que é responsável pelo que podemos chamar genericamente de **superstição**. Digamos que este seja o nome genérico para certos acoplamentos que se fazem no nível do Secundário sem a menor razão de ser em outros níveis: religião, pensamento mágico, etc. Aliás, podemos chamar, em qualquer ordem, o que acontece no regime da superstição como **vontade de magia**, que é o aparelho supersticioso que

todos têm. É a vontade de intervenção na realidade – digamos, no Primário –, e mesmo na seqüência do tempo, mediante o Secundário, sem mediação alguma. Por exemplo, fala-se uma frase e acontece algo. É a idéia de milagre, de rezar para Papai do Céu para as coisas acontecerem.

Nossas efetivas intervenções no Primário, aquelas cujo processo podemos acompanhar, são mediadas. **A ciência**, por exemplo, **é uma modificação no Primário mediante o Secundário**. Ou seja, é produção de uma teoria, mas que também exige a produção de uma técnica, uma mediação, para poder mexer no Primário. O cientista não fica pensando ou rezando e as coisas acontecem. Ele precisa pensar, montar um aparelho teórico e um aparelho técnico, o qual, em qualquer situação, é justamente aquele que dá a possibilidade de o Secundário intervir no Primário. Trata-se, pois, de uma técnica, de uma *arte de intervenção*, que é mediadora da relação do Secundário com o Primário. No entanto, deslizar de uma formação para outra é a coisa mais fácil de ocorrer. Como o Inconsciente é meio doidinho, desliza fácil de uma coisa para o que nada tem a ver: associações de idéias, contigüidades, semelhanças... Portanto, no processo de intervenção no Primário, há um caminho de mediação que é de mão dupla. A dita ciência articula algo em relação de Primário com Secundário, articula também a produção de uma técnica e mexe no Primário. No entanto, quando mexe no Primário, acontecem algumas conseqüências que podemos trazer de volta, mexer na articulação secundária, e assim por diante. Há, pois, a mediação exigida para que haja eficácia na intervenção.

As epistemologias esquecem de dar o devido valor ao processo de mediação que existe na ciência. Esta não delira no Secundário e acha que, depois, o Primário se modificará porque ela delirou. Ao contrário, já se estrutura teoricamente na relação de Primário com Secundário e, depois, tem que produzir elementos de mediação para intervir no Primário e este se modificar adequadamente segundo o interesse da demanda.

● P – *Quando, nos anos 1960, McLuhan afirma que o meio é a mensagem, as pessoas levaram tempo para entender que a mediação é a própria brincadeira.*

Sem o meio, sem alguma técnica de intervenção, de mediação, a coisa não acontece. Mas ele foi mais longe ao querer mostrar que o meio é a mensagem enquanto tal.

**61.** Vejamos o conceito genérico de **superstição**. Em todos os momentos, em todas as áreas, o tempo todo temos que lidar com sua possibilidade. Mesmo quando supomos pensar com pureza teórica, é preciso desconfiar, pois há forte tendência a deslizar de uma formação para outra – e isto é superstição. Parece estar longe da idéia que fazemos da superstição no cotidiano, mas é a mesma coisa. No Iluminismo, a luta maior era contra a superstição, em seu sentido mais genérico. Na famosa frase de Voltaire, “*Écrasez l’infâme*”, a infame de que falava e da qual queria se afastar era a superstição, que está na religião, na magia, etc. O que Lévi-Strauss chamava de *eficácia simbólica* funciona? Sim. É uma intervenção direta do Secundário no Primário? Não. É o mesmo que lidar com uma histeria. A questão da intervenção aí é de Secundário para Secundário, e não de Secundário para Primário. Se é possível a histérica entrar em desconversão, embora não seja tão fácil, é por estar conversando. Uma conversão histérica não é uma passagem imediata de Secundário para Primário, e sim uma disposição mental da pessoa produzindo, por exemplo, paralisias, prejudicando o parto, como se não fosse possível a criança sair, etc. Ou seja, o Primário está paralisado, tenso, mas não primariamente, e sim por determinação secundária. Não é imediato.

Ocorre o mesmo com o **milagre**, que é algo em que se acredita desde a pré-história. Dizer ôôh! e pensar que vai chover por causa disto é algo que se faz até hoje. Não é à toa que o Bené canoniza gente que faz milagre. Aliás, é preciso tomar cuidado, pois, se, de repente, fizermos uma mentirinha que parece milagrosa por questões puramente supersticiosas, viraremos santo. Um dos modos mais freqüentes de a superstição aparecer é a coincidência. Vê-se isto bastante no consultório. É difícil mexer aí, pois o troço desliza e pessoas que são intrinsecamente supersticiosas não percebem onde foi que deslizou e tomam o deslizamento pronto como se fosse uma verdade de intervenção no

Primário. Algo acontece coincidentemente, logo isso foi por causa daquilo. O Secundário deslizou na temporalidade. Como as duas coisas aconteceram mais ou menos próximas, parece que, no tempo, uma é seqüência de outra, ou que é coincidente, concomitante com outra. Portanto, imediatamente o deslizamento se faz da ordem secundária do entendimento do tempo para a ordem primária do entendimento dos fatos concretos.

● P – *Jung caiu nessa?*

O tempo todo. Ele foi operar o Inconsciente e viu que lá desliza mesmo. Então, pensou que deveria tratar esse deslizamento como concretude. Sua obra está cheia disso, tanto que começou a ver fantasmas e coisas do tipo.

● P – *É o que chama de sincronicidade, a coincidência significativa.*

É acreditar que há certa magia, que, de repente, as coisas se juntam no tempo, fazem uma relação e uma passagem imediata de Secundário para Primário. **É possível fazer todo tipo de milagre, mas com mediação. É o que a ciência costuma fazer, mas podendo explicar todos os passos de sua mediação.**

**62.** O problema em nossa prática é que o deslizamento é freqüente. Como segurá-lo, como mostrar que é puro deslizamento o tempo inteiro? Há que fazer força, pois é tão macio, tão *soft* que as pessoas não acreditam que não seja verdade e acham que é o analista que está falando besteira. Entendam que o deslizamento acontece o tempo todo, que há enorme facilidade em pensar *se isto, logo aquilo*, mas o *logo* aí não é lógico, não tem consistência, é pura associação de idéias, proximidade, contigüidade. No entanto, pensa-se que é um construto capaz de modificar as relações com a realidade. E mais, existe um lugarzinho dito analítico onde isso comparece sem parar e que é um dos fenômenos que mais atrapalham qualquer entendimento em termos de análise. Ainda não vi ninguém perceber que esse lugar é de superstição. Trata-se da **Denegação**, cujo processo Freud mostrou com clareza como funciona no texto *Die Verneinung* (1925). É a negação daquilo que a pessoa sabe que é afirmativo. Ela nega não porque não saiba, mas justo porque *sabe* que é afirmativo.



Qual é a intenção, com que sentido, com que propósito alguém denega o que já sabe que é afirmativo? Sabemos como faz, mas para quê? Como funciona? *A intenção de cada uma de nossas denegações é a suposição de que, se manipularmos o Secundário, poderemos modificar as articulações do Secundário ou mesmo as do Primário.* As articulações estão lá e as denego por querer supor que, ao dizer *não* ao que é *sim*, posso modificar o que foi dito – o que é uma modificação no Secundário – ou mesmo modificar algo no Primário simplesmente por negá-lo. Isto porque denegar no Secundário é denegar materialmente uma articulação que já se deu, o que é da mesma ordem que a suposição de fazer uma intervenção no Primário mediante o Secundário. Mesmo que a denegação recaia somente sobre o Secundário, está se intrometendo num acontecimento que é materialmente dado, que foi uma articulação que se fez, na língua, no cérebro, etc. Por exemplo, tal realidade de fala se deu, denego-a e assim modifico a realidade. Ou seja, estou sendo mágico. Portanto, quer me parecer que *é importante reconhecer que a própria denegação cabe no conceito de superstição.* Trata-se, então, de uma intervenção denegatória no próprio Secundário que funciona da mesma maneira que uma intervenção suposta imediata no Primário. Quando dizemos algo, isto é supostamente produção do Secundário, mas, uma vez dito, tem uma materialidade. Se a denego, estou fazendo um ato que não tem diferença *do ato* de intervir no Primário mediante o Secundário.

Eu disse e desdigo. Não estou mentindo, e sim desdizendo o que só disse para mim e não para os outros. O segredo da denegação é não dizer primeiro o que era para, depois, dizer que não era. Não estou me desmentindo, pois oculto a primeira parte do sintagma. Então, só denego. É como Freud descobriu: por trás da negação, há sempre afirmação. Ora, esse procedimento é supersticioso, é a suposição de que, deslizando de uma formação secundária para outra, estaremos intervindo no Primário. Qual é o Primário que recebeu intervenção no caso da pura e simples denegação? A frase posta, dita – que tem materialidade própria, sintomática, pois não foi dita em qualquer língua ou situação. É o que faz com que se confundam os níveis: passa-se de

um registro para outro, de uma formação para outra, como se fosse a coisa mais espontânea do mundo. E é mesmo, pois é espontâneo no Secundário. Nele, podemos utilizar a articulação que quisermos. No início da produção do surrealismo, por exemplo, as frases se faziam no aleatório, que chamavam *cadavre exquis*, cadáver delicado. Alguém faz um pedaço da frase, outro, desconhecendo a do primeiro, faz o pedaço seguinte, e assim por diante. Depois, junta-se tudo e aquilo vira um poema. É uma amostra clara de que podemos juntar alhos com bugalhos à vontade em nível secundário. Fará sentido ou não. Em termos de poesia, os surrealistas achavam que sim. Sentido faz, mas há alguma possibilidade de mudança no Primário por causa do sentido feito? O poeta surrealista, no nível da aparição secundária, acaba enfiando uma materialidade no mundo: está impressa, podemos ler os poemas e acompanhar seu processo de produção de sentido. Mas há um deslizamento aí, pois, mediante o Secundário, conseguir intervir na materialidade da própria prolação do Secundário não é o mesmo que intervir nas formações primárias dadas como tal. Como é tão perto uma coisa da outra, facilmente deslizamos. É engraçado Freud ter dito a André Breton (1896-1966), quando este o procurou, que o surrealismo nada tinha a ver com o que dissera. Quem teria a ver com ele seria Salvador Dalí (1904-1989), que desenhava sonhos e coisas assim. A meu ver, Freud não se deu conta – e era difícil, pois tudo estava no início – de que ali estava o próprio modelo do processo denegatório, supersticioso.

Interessa-nos entender como, mais do que supúnhamos, o procedimento supersticioso está o tempo todo presente, sobretudo no trabalho de consultório. É preciso ter paciência, pois é tão sutil que nem sempre podemos dizer imediatamente ao analisando que ele fez o deslocamento. Como, no regime do cotidiano, esses deslocamentos se fazem a todo momento e são tratados como plausíveis, ele não vai aceitar. E mais, fazem uma confluência tal que produz em sua cabeça uma maçaroca sintomática de coisas que nada têm a ver. Vejam o caso de determinado sintoma que lhe é muito pesado, ou seja, que lhe é muito prezado, pois arranja uma razão para sua vida. “Foi por isso que tudo deu errado”, acha ele – que “não sabia” que iria dar errado de qualquer

maneira... É um acontecimento de sua história tomado como verdadeiro pólo capaz de carrear  $n$  acontecimentos,  $n$  formações sintomáticas. Ele é elevado à condição de nobreza da razão de todos os acontecimentos e o analisando sai exibindo-o pela vida. Então, quando mostramos que ali está uma porção de deslizamentos de formações que nada têm a ver, que o sintoma de que fala é isolado e foi acoplado depois, ele tem dificuldade em aceitar, pois toma o pacote por inteiro, o qual é muito forte e significativo. Sobretudo, não quer abrir mão, pois, se o fizer, que história terá para contar?

● P – *No caso da historiografia, esta acaba se reduzindo a enclaves de significação que são prezados como arranjos e orientam a produção do chamado conhecimento histórico enquanto narrativa. É difícil sugerir a idéia do deixar disperso, de não criar conexões.*

Dizem que a história se repete, mas o que se repete é o sintoma. A história não se repete jamais. Dizem também que aprendemos com o passado, mas estou aqui há setenta anos e não aprendi quase nada.

● P – *Também afirmam que o esquecimento é prejudicial por ser preciso resgatar a memória.*

Há memória que é melhor jogar fora, esquecer, pois sua lembrança atrapalha outros encaminhamentos. Às vezes, cabe resgatá-la, pois o que foi feito antes serve e pode ser aproveitado. Portanto, não se trata de ficar a favor ou contra a memória, e sim de utilizá-la *ad hoc*, conforme o caso. Mas a tendência geral é historiográfica. Se perguntarmos para um analisando o que ele deseja e o porquê de ele nos procurar, ele logo terá uma história para contar. Faz um texto romanceado, cujos núcleos são seus apegos sintomáticos. Ele os preza, pois têm um sentido glorioso, foram seus lutos, seus sofrimentos, suas guerras. Se dissermos para largar daquilo, ele freqüentemente dirá que tratamos as coisas com leviandade. E mais, é preciso lembrar que todos nós fazemos este tipo de besteira.

**63.** Chegamos, então, à **diferença necessária entre o simbólico e o diabólico**, de que falei da vez anterior. Alguns autores entendem o simbólico como

“diminuição aumentativa”: um acoplamento que faz o símbolo dizer mais do que a coisa, a proliferação de sentido e de associações pelo somatório de duas apresentações, duas emergências, por exemplo. Torna-se, então, um caroço significativo. É uma diminuição aumentativa porque acoplamos, o que diminui, e aquilo começa a ter significações imensas.

● P – *Corresponde à idéia de estrutura?*

É a idéia de estrutura do estruturalismo que é compromissada totalmente com a idéia de simbólico, mas nem toda estrutura deve ser entendida no sentido estruturalista. Trata-se de um mínimo que prolifera.

É preciso entender que o que pode lidar com o simbólico é o diabólico, o qual é capaz de, no processo de tratamento, lidar com a maçaroca sintomática. Lacan, por exemplo, deixou claro que o simbólico não é senão o metafórico. Ele fez a seqüência: “simbólico → metafórico → sintomático”. E é assim mesmo, pois trata-se da produção por acoplamentos, com frequência totalmente indevidos. Já o diabólico é justamente tomar o simbólico e separá-lo em seus casos. É o que Freud traz com o nome de *ana-lysis*: analisar, separar, desmembrar. Segundo ele, um processo de vinculação do tipo que chamou de transferência é capaz de assumir a maçaroca sintomática de modo a poder separar, ou seja, *analisar* sua constituição. Mas, desde o início, ele dizia que o processo de vinculação também é sintomático. Então, se há que produzir um processo de vinculação para, de dentro dessa vinculação, ser possível fazer a análise, por outro lado, se não houver a análise dessa mesma vinculação, não valeu, pois ela fica como sintoma último. O mais difícil na análise é a análise da transferência. As pessoas se confundem – sobretudo analisando psi, pois os não-psi, os que são ignorantes, são, nesse ponto, melhores analisando por não terem frases feitas na cabeça para embargar suas análises – e pensam que eliminar a transferência é brigar com o analista, acabar com a “dependência”... Mas se estão preocupados com isto, então isto é que é a transferência para eles. Se não, estariam pouco se lixando se dependem ou não.

● P – *Ao fazer a crítica do metafórico, da ordem simbólica, em vários momen-*

*tos você encarece o mecanismo articulatório, cuja primeira instância, mais genérica, é a analogia.*

A analogia já instalada numa língua, o que é sintomático.

● P – *A operação de análise, de separação, seria retomar a composição do processo analógico fundante desse mecanismo?*

Sim, mas muitas vezes isto é impossível. Foi aí que Freud inventou a idéia de *construção*: se não é possível retornar a esse momento de fundação, então há que reconstruí-lo, reinventá-lo, para termos uma explicação. Mas eis uma questão interessante: por que preciso de explicação para abandonar um acoplamento indevido? Se preciso de explicação, não estou retornando a uma vontade sintomática? Vejam que estou inectivando o doutor Freud. A questão teórica é: ao descobrir no processo analítico que o analisando faz um acoplamento simbólico, sintomático, metafórico, indevido, e que é preciso separar as duas coisas, Freud acha mais fácil descobrir como se juntou ou reinventar uma história para o analisando acreditar. Minha proposta, parecida com a atividade teórica e prática do próprio Lacan, é simplesmente de cortar mostrando que isto nada tem a ver com aquilo, de separar para ver o que acontece.

● P – *Mas a explicação não ajuda no esvaziamento?*

Sim, mas põe outra vontade sintomática. Esta é a questão que está no ar desde Lacan, não começou hoje. Até podemos usar desse expediente freudiano, pois, às vezes, nem estamos explicando o acoplamento, e sim a situação na qual, talvez, certo acoplamento foi feito. Mas, como se diz em bom brasileiro, o que o *U* tem a ver com as *Alças*? Estão pertinho um do outro, mas não têm a ver. É esta a confusão que ocorre o tempo todo e é o cerne da razão sintomática.

● P – *Foi por isso que Freud esbarrou com o tal rochedo da castração no final da análise?*

O rochedo da castração era ele, o sintoma de Freud, pois castração não tem rochedo e, aliás, nem existe. É um erro grave de sentido do século XIX. É um sintoma de época, um sintoma judaico que Freud carregou por acreditar piamente que Édipo fosse algo universal, que homem fosse homem

e mulher, mulher, os quais se debateriam por terem que dar conta de uma castração que não suportavam: uns com o protesto macho, e as outras com a inveja do pênis. Nunca vi mulher com inveja de pênis, os homens é que ficam querendo saber quem tem maior e morrem de inveja. Quando vêem um jumento, então, aí morrem de humilhação... Mas o pobrezinho do Freud lutava com aquilo desesperadamente, batia lá e o troço não quebrava, aí fez a metáfora do rochedo. Quando damos de frente com um problema que não se resolve, o rochedo está lá ou aqui? Deve-se ter muita fé nas idéias de sujeito e objeto para pensar que o rochedo está do lado de fora. O rochedo sou eu.

● P – *O que você traz, então, é compatível com nossa época e com o que virá, pois o vetor de Quarto Império indica uma funcionalidade diabólica anterior e supõe que os acoplamentos sejam pura dispersividade.*

É um dos fenômenos que acontecem hoje em função do mero atrito tecnológico. A tecnologia, com sua velocidade de dispersão, está produzindo desacoplamentos no meio social e na cabeça das pessoas, sobretudo dos mais jovens. Os mais velhos não conseguem entender, por exemplo, como aquilo não vira sintoma. Então, certos comportamentos, como não são sintomatizados, são quase neutros. Em minha geração, era inimaginável alguém de quinze anos pensar que pudesse *ficar* com alguém, pois o sintoma não aceitava esta idéia. Se der uma ficadinha, vem ciúme, vêm as apropriações. A garotada fica experimentando as coisas, pode até tropeçar de vez em quando, pois o Primário também agarra sintomaticamente, mas lida como se não houvesse necessidade de acoplamento. Anteriormente, o acoplamento era necessário e ritualizado, pois não podia não ter vinculação. Hoje, tem mais ou menos. Alguns mais velhos se sentem mal diante disso, mas não os jovens, pois não lhes aconteceu acoplamento sintomático nesse nível.

● P – *Qual é a diferença entre acoplamento sintomático e articulação?*

Uma articulação é só uma articulação, um acoplamento é uma articulação que não mais se consegue separar. Se formos capazes de articular “livremente”, articulamos qualquer coisa com qualquer outra. No entanto, se fizermos uma articulação e não conseguimos mais desarticular, aí nucleamos,

é um sintoma. Sintomas são articulações, formações, que estão solidificadas. Quando mexemos numa coisa, a outra vem junto, e não perguntamos por quê, já que é outra coisa. A lógica do sintoma é: *se isto, então aquilo*. O que há a ser desfeito é esse processo lógico, pois não remete a algum acoplamento definitivo, tudo é articulatório. *O diabólico, como esvaziamento da inflação simbólica, é demonstração de que o simbólico é apenas um agregado*. Quando é esquartejado, perde sua força, o que é perder sua configuração. A força é, digamos, gestáltica e é o que nos aprisiona.

- P – *O diabólico seria uma função contrária ao funcionamento do Inconsciente?*

O Inconsciente é diabólico, é o inferno. Aliás, como indicou Freud: “Se não posso comover os Deuses supremos, moverei as águas do Inferno”. É tão fácil deslizar de uma formação secundária para outra que a coisa começa a deslizar. É fácil porque o Inconsciente é assim. Ao mesmo tempo que desliza para lá ou para cá é separado, pois é capaz de qualquer coisa, até do que Deus duvida. Aliás, Deus não duvida, é obsessivo. Então, se o Inconsciente é capaz de qualquer tipo de articulação, como e por que parou em tais articulações e se coagulou? É claro que, se não se coagular, não há sobrevivência. Assim, as articulações não se coagulam por questões secundárias, e sim por questões primárias. O dia inteiro produzimos recalcamientos nas crianças – tira a mão daí, tira a mão do fogo, etc. –, pois se as deixarmos soltas farão *o diabo* e morrerão. A massa recalcante é enorme por ser praticada pelas formações primárias, que são recalcentes, e quando isso desliza, já que o Inconsciente está funcionando, começamos a produzir recalques, acoplamentos, até por razões de sobrevivência: isto com aquilo pode, com aquilooutro não. Saímos juntando coisas que talvez fiquem grudadas para sempre.

- P – *O ficar, então, desfez acoplamentos com casamento, virgindade, fidelidade?*

É um acoplamento da cultura que foi desfeito. A virgindade era total, e não apenas sexual, pois se referia a qualquer parte do corpo, até à cabeça. Qualquer perda de virgindade significava vinculação definitiva. Grande quantidade de menininhas supunha estar grávida só por ter beijado algum menino. Hoje, pode-se usar pílula, camisinha, etc., está tudo separado. É pre-

ciso lembrar que nunca deixaram as crianças em paz, mesmo porque não é possível. Se considerarmos a relação entre a psicanálise e a pedagogia “normal”, leremos Anna Freud perdida entre o recalçamento e o desrecalçamento. É possível produzir um processo educativo que mantenha um movimento de báscula de recalçamento e desrecalçamento? Isto jamais aconteceu nas culturas. Qualquer delas sempre enfia seu *pacote cultural* na criança sem questionamento algum.

● P – *Seria possível por via do juízo forclusivo?*

É uma bela frase teórica: *Se houvesse uma educação que já instalasse o juízo forclusivo em vez do recalque!* Mas é praticamente impossível ou muito difícil, embora deva ser a meta de reflexão da psicanálise. Será possível, no processo educativo, por etapas, recalcar, haver entendimento de sua necessidade e de sua separação de novo, podendo isto transformar-se em expediente de uso, e não em uma crença? *O problema é os processos educativos virarem crença*. Só tardiamente, se for subvertida por algum pensamento forte, ainda que filosófico, ou por um processo analítico, é que a pessoa se dará conta de que foi enganada, de que aquele acoplamento não é necessário nem permanente. Muita gente inteligente acha que esta ininterrupta produção e reconsideração do recalque é possível. Bertrand Russell (1872-1970), por exemplo, pedia que houvesse um trabalho da inteligência para entendermos que aquilo é aquilo só porque é aquilo, mais nada. Com frequência, vemos pessoas doentes apenas do acoplamento cultural. De sua religião, por exemplo. Não adianta mexer em outro lugar, pois a doença está lá.

Por diversas razões e acontecimentos, entramos no círculo histórico, é o caso de dizer, em que a sexualidade tornou-se monstruosa na cultura. Se é assim, não há como todos não adoecerem, pois ela não tem deslizamento, não corre solta na fala ou nos atos. Então, pessoas vêm ao consultório cheias de problemas por algo mais bobo do mundo. Às vezes, adoecem o resto da vida porque alguma formação secundária poderosa – acoplada a mil outras formações secundárias e mesmo a formações primárias – decretou que aquilo



é monstruoso. É o caso do tal rochedo da castração de que falávamos: era de Freud porque era da cultura. Então, como chegar ao fim da análise, ultrapassar o rochedo, se o rochedo é o Mundo? Há que analisar o Mundo e desfazer tudo isso. Aí, a pessoa já morreu.

● P – *É por isso que a proposta de Summerhill não deu certo?*

Conheço muito bem aquilo, pois foi meu tema de monografia de graduação. A. S. Neill (1883-1973) era empolgante na época, mas bastante incompetente. O erro de base está em que não se pode tomar um grupo comum de crianças – e vejam que os alunos dele eram supostamente delinquentes, eram os que não davam certo nas demais escolas – e sugerir um processo de autogestão onde esta não encontra embasamento algum. É impossível e uma tolice, pois não há base para autogestão nas crianças. No Brasil, Luiz Alves de Matos foi diretor da escola experimental da universidade em Friburgo. Não sei se ainda existe, mas lá fizeram um processo democrático de autogestão e os alunos resolveram achar que a democracia existe. Um dia, um garoto é pego transando com outro. Os demais, em plena madrugada, certamente para denegar que também podiam estar na mesma intenção, fizeram uma assembléia para expulsá-los. Naquela mesma hora, acabou a autogestão. Então, diante de um bando de garotos desesperados, precisando denegar – se não, seriam eles lá transando – e fazendo uma assembléia para expulsar imediatamente, o diretor acabou com a autogestão. Como fazer autogestão no conhecimento de que a garotada é toda neurótica? Acaba igual ao que acontece num Congresso Nacional.

● P – *A denegação da sexualidade na cultura não está pedindo uma nova pedagogia?*

Atualmente, o carro está correndo na frente dos bois. Como a pedagogia não tem procedimentos próprios de crescimento e só pensa a besteira pensada, ela é empurrada pelos acontecimentos. O professor fica desesperado na sala de aula, não sabe o que fazer, pois aquilo não funciona mais. Poderíamos ter, por exemplo, uma postura de desenvolvimento semelhante à da tecnologia, que não é empurrada por nada, está no laboratório e vai

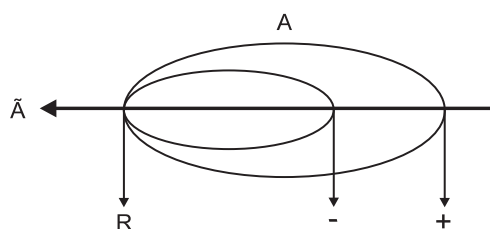
produzindo. Nos discursos de entendimento e orientação do social só se pensa para trás, e não para a frente. Vejam que há Estados que, ainda que momentaneamente, são progressivos – não estou dizendo que são progressistas – por perceberem que é preciso mexer antes ainda da demanda do povo. Às vezes, fazem leis progressivas, que abrem as coisas e que até o povo estranha. Se pensássemos um pouco em termos de política, pedagogia, etc., seríamos progressivos: antes ainda de as pessoas perceberem, dar-se-ia um empurrãozinho. Não é o que acontece, as leis vêm sempre em atraso, depois que já não dá para segurar. Então, se mesmo em Estados progressivos já é tarde demais, no outro caso é um dinossauro. Em que lugares o Estado consegue antecipar-se aos movimentos? Eventualmente, acontece em países nórdicos, por exemplo, em que a lei vem antes da demanda, pois perceberam para onde o processo se encaminhava e decidiram ir logo para lá.

Isto é mais aceitável na **moda**. Ninguém pediu para mudar a roupa, mas as pessoas sentem que as coisas estão iguais e começam a mudar. É o que chamam de *tendência*. O pior é que só mudam a roupa, a cabeça permanece a mesma. Um Estado progressivo observa a tendência e começa a modificar as leis e os comportamentos para permitir que as coisas se organizem de outro modo. Já o Brasil tem um Estado Dinossauro, em que é preciso um esforço enorme para modificar uma coisinha... que muitas vezes já está plenamente em exercício no Mundo. Como a lei só vai mudar muito depois, torna-se reacionária e perversa. Aí, algum deputado vai à televisão dizer que tem que cumprir a lei. Não tem, pois a lei está posta só para ver se organiza a situação. Se for imbecil e celerada, temos que passar por cima. Se percorrêssemos as prisões do Brasil, talvez descobríssemos que cinquenta por cento dos presos poderiam estar na rua, bastava mudar um pouco a lei. Afinal, não fizeram nada diferente do que fazemos todo dia, só que não nos pegaram.

29/SET

64. Há certa dificuldade, primeiro, em entender, depois, em manejar o conceito de **Pessoa**. Acho natural, pois, desde sempre, estamos habituados tanto a reconhecer nossa presença – que chamo simplesmente de Haver – como resultante da confluência de uma série de formações (mentais ou não), quanto a supor uma distância irrecuperável entre a posição que tomamos por hábito e aquela do que costumam chamar de objeto. Desfazer essa aparência, ou aparição, é bastante difícil e, reconheço, é algo que tem que ser feito por via conceitual, pois, por via perceptiva e habitual, temos grande dificuldade pelo hábito e por causa dessa “ilusão” perceptiva. De outra vez, falei sobre o que um livro chamava de formas impossíveis ou ilusões de óptica. Na verdade, como disse, o que chamamos de ilusão é ilusão até certo ponto, pois, do ponto de vista desde o qual se tem a ilusão, não há ilusão alguma. Quando olho para determinada forma, impressa, por exemplo, que supostamente me faz uma ilusão de óptica, só me faz ilusão desde outra visada que não aquela pela qual sou “iludido”. Entre aspas, pois não há ilusão de espécie alguma, e sim diferença de locação do olhar. O que chamam de sujeito e objeto é uma “ilusão” desse tipo. Quando se considera, como faz a história da filosofia, por exemplo, que a resultante das formações em jogo que posso perceber a partir do meu lugar de presença aqui e agora é algo separado do restante do mundo, digamos assim, então colocam-se as idéias de sujeito e objeto.

Entretanto, do mesmo modo que a não ilusão de óptica é uma ilusão do ponto de vista de outra construção de olhar e de visão, também digo que **sujeito e objeto são uma ilusão do ponto de vista do que chamo Pessoa**. A operação que apresento propõe uma mudança de visão na suposição de que esta mudança venha acaso propiciar um entendimento mais amplo, preciso e contundente da estrutura da mente.



No Revirão, o R, do Real, é o ponto Neutro, em que coloco a possibilidade de entendimento do Haver enquanto tal e o Haver como pura presença. É teoricamente importante saber que **o Haver não está nem aí**. Se não, pensamos no *Dasein*, de Heidegger, aquele que está aí, que é mais perto do Ser, da ordem do mundo, já que se encontra no mundo, como o nome mesmo diz. Alguns o traduzem de maneira feiosa por ser-aí, mas como *sein* pode significar estar, estar-aí seria melhor. Então, o entendimento do Haver enquanto tal não é *Dasein*, não está nem aí, só *está*, e nem podemos indicar onde, pois está em *pura presença*. E qualquer deslocamento desse lugar é resultado de uma causação do mesmo Haver. O Haver causa esses movimentos, mas não os faz. **O Haver só há, sem tempo, lugar, quando ou onde. Ele é presença pura**. Já fiz até a metáfora do soco na boca do estômago: tudo acaba e só se sente a porrada. O Haver pode ser, no máximo, experiência de gozo como dor ou júbilo, tanto faz. É experiência de cada um separadamente. Separadamente não quer dizer sujeito, e sim singularidade. Para falar em sujeito há que entrar na ordem da linguagem, separar essa aparência, de um lado, e as outras, do outro.

**Haver é pura presença. Presente este sem lugar, sem passado ou futuro.** O Ser, o mundo, é que tem passado e futuro. Quando se conjectura sobre essa presença, dolorosa ou jubilosa, começa-se a produzir temporalidade, discursividade, etc. Do latim *praesentia*, presença é um substantivo formado por *prae esse*: *estar diante, estar à frente*. Vejam que tem conotações que salvam a idéia de sujeito (‘estar diante’), mas prefiro o ‘estar à frente’ para nossa conotação, que amplio para o sentido de *antes ainda de esse, de ser*: **o Haver se a-presenta antes de mais nada e sem mais nada**. Presença, nesta acepção, não se opõe a ausência. Na situação de presença de Haver, a ausência não tem registro possível, assim como tampouco a tem o não-Haver. Essa presença é bruta diante de não-Haver, que não tem registro possível. Portanto, a ausência não tem registro possível aí, é **presença em estado bruto sem oposição**. O chato é que essa experiência, essa presença absoluta, é o caso de dizer, pode ser afetada de amnésia por parte do próprio presente quando está *alienado à ordem do Ser e do Mundo*. O processo de alienação ao Ser, que todos sofre-

mos, é produtor de amnésia da nossa experiência de Haver quando estamos achacados pelo Mundo, que é alienante. **O presente sem ausência**, portanto, **é eterno**, não tem temporalidade.

65. Para acompanhar todo o processo que apresento, é importante entender a diferença que tento estabelecer entre a aparência de Sujeito e o conceito de Pessoa. Pensem que, quando estou supostamente diante de algo, a língua não sabe falar de maneira outra que não: *eu estou diante de algo*. Dizem que há línguas que não têm sujeito ou, pelo menos, a primeira pessoa. Não as conheço, mas deve ser interessante aprender uma língua dessas. Suponho que seja parecida com a posição da criança quando se chama de *terceiro* – aquela situação que Jakobson traduziu em falta de entendimento dos embreadores, das passagens –, *que é, a meu ver, a maneira correta de a gente se chamar*. Se pudéssemos nos chamar corretamente, nos referiríamos a *ele*, pois quem está falando isso é a língua. O que tenho a ver com isso? A língua é um sintoma que se apoderou de mim.

- P – *Pelé parece ter entendido isto. Só diz: “O Pelé fez, falou...”*

Ele está certíssimo. Estou tentando aprender. Lacan, apesar de ser o dono do sujeito do inconsciente, freqüentemente se chamava de Lacan. Acho que ele se perdia, ou perdia seu sujeito, que já era inexistente, esburacado...

Temos, então, a impressão de que estamos aqui, há o objeto lá e eu sou não-sei-quem. Tudo isso jogado na alienação do mundo. Mas, mesmo dentro desta alienação, podemos fazer um refinamento dos conceitos, abandonar o que a filosofia trouxe até hoje e até a necessidade de Lacan manter o nome de sujeito para o buraco que instalou entre os significantes, e tentar visualizar de outro modo. A categoria – no sentido de conceitos gerais – de sujeito, tal como instalada na língua e na filosofia, põe imediatamente a de objeto. O nome *sub-jectum*, por mais que lhe tenha sido dado um desvio conceitual como o de Lacan, está dizendo que há um troço, um cara, um centro aqui dentro, e um *ob-jectum*, algo colocado diante dele. Em nosso caso, o abandono das categorias de sujeito e objeto se deve à perda de distinção, conceitual e operacional,

ocorrida entre essas categorias filosóficas. O esforço de abandonar essa distinção vem sendo feito há tempo na filosofia e em toda parte. Já conversamos aqui sobre o deslocamento, por exemplo, de Descartes para Kant. Em Descartes, o sujeito era sujeito mesmo e o objeto era objeto mesmo, com a aparência que acabamos de descrever. Kant supôs, e levamos séculos acompanhando sua suposição, que, na abordagem das coisas para produção de conhecimento – portanto, na relação entre sujeito e objeto –, não era o objeto que determinava ou emprestava os elementos para o conhecimento, e sim o tal sujeito transcendental, que, com suas formas *a priori*, já informava, ou enformava, o objeto. Então, existem formas *a priori* dentro da mente, as quais determinam o objeto. Ou seja, o conhecimento é determinado a partir das formas *a priori*.

O recorte de Kant foi dizer que há as formas *a priori* e as experiências que conduzem a resultados que se dão a partir delas. Há, então, as formas *a priori* e as experiências *a posteriori*. Para nós, é impossível distinguir o que é *a priori* do que é *a posteriori*. Não temos, desde Freud, para além da ilusão linguageira e da aparência de Mundo, condição de reconhecer essa separação na temporalidade ou mesmo na localização das formas. Se falarmos em formas *a priori*, estaremos localizando certas formas em algum lugar – no cérebro, digamos –, e outras, em outro. Então, aquelas formas vêm assim porque são constituídas assim, o objeto lá fora empresta algumas experiências, e, nessa relação, se dá o conhecimento ou simplesmente a experiência. Mas se não colocarmos um núcleo subjetivo com suas formações diante do mundo e pensarmos rigorosamente, veremos que é impossível distinguir formações observantes e observadas, ou formações considerantes e consideradas. Depois de Kant, muitos também fizeram isto, mas de outro modo. A fenomenologia, por exemplo, tentando retornar aos objetos e às formações que consideramos pertinentes ao objeto em contraposição às formas *a priori* de Kant. E Freud, não evocando teoria alguma de sujeito. Ele falava em *das Ich* e, embora fizesse referências à linguagem e à língua – que foi onde Lacan deitou e rolou para produzir toda sua teoria –, **nunca falou em sujeito**. Às vezes, citava filósofos antecessores, mas talvez de maneira errada, pois não era bem isto que

estava dizendo. **Não há sujeito freudiano declarado.** Lacan, mediante filosofia francesa e alemã, é quem introduz a categoria de sujeito em psicanálise. Torceu-a brilhantemente e a transformou em mero buraco, mas continua lá. Assim, o sujeito lacaniano, embora intervalar, inapreensível senão por representação significativa, como ele diz, permanece distinto e oposto ao objeto que se chama *petit a*. Ou seja, ainda em Lacan, temos sujeito para cá e objeto para lá. Foi o que pôde ser pensado pelo século XX – e é o que o encerra.

Depois de colocado este último sujeito, os próprios movimentos das franjas dentro das redes estão mexendo demais, e evidentemente, nas coisas. Não é por gosto de ser diferente e fazer algo para além do já dito que temos necessidade de mexer aí, e sim porque boa quantidade de elementos que eram franjais está passando para o foco de nosso momento e está degradingolando as possibilidades de continuarmos a dizer aquilo. Não estamos inventando ficções para o futuro, e sim correndo atrás e tentando dar conta dos fatos. Então, o sujeito foi para o bebeléu, e quando falo em Pessoa trata-se de um pobre diabo resultante de todas as injunções do Inferno.

**66.** A ideologia da separação entre sujeito e objeto é responsável pela ideologia da chamada Teoria dos Conjuntos. Pouco importa se disserem que o que coloco também vira ideologia. A questão é que mudei de registro. Se é de uma ideologia para outra, não interessa, pois ninguém consegue pensar em termos de mundo sem ideologizar de algum modo. É preciso lembrar que não se está falando de algum real, e sim de uma ideologia que impõe a idéia de um corte, uma separação radical entre sujeito e objeto. Essas idéias de corte, separação, fechamento, etc., são as que estão na teoria dos conjuntos. É a idéia de podermos distinguir claramente um conjunto, suas pertinências, não pertinências, etc., o que pode ter uma pragmaticidade, ser útil como tem sido durante muito tempo, mas quero criticar afirmando que, do ponto de vista que coloco, é falso.

● P – *Podemos dizer que há um cacoete ocidental de não conseguir pensar fora do modelo de identidade da lógica aristotélica. A gramática tentou insti-*

*tuir a noção de sujeito-objeto a duras penas, e como está toda retalhada de incongruências a respeito dessa noção teve que inventar regras que não funcionam. A impressão que temos é de que forçaram o modelo aristotélico, tanto é que se chama de análise lógica ao invés de análise sintática, e essa análise, depois, se tornou precária. É uma forçação de barra para que coubesse dentro daquele modelo, apesar de a própria língua extrapolá-lo. Temos exemplos na confusão entre substantivo e verbo, entre quem sofre a ação e quem a pratica, na oscilação da noção de sujeito entre passivo e ativo, no problema dos verbos ser e haver.*

● P\* – *Mas é preciso fazer uma distinção fundamental entre gramática, que é uma prescrição de uso, e lingüística, que é a descrição do funcionamento da língua. A lingüística já trata a questão de sujeito e objeto de forma mais próxima do que você está dizendo. Por exemplo, há algumas correntes que não falam mais em sujeito, e sim num sintagma controlador do acordo verbal.*

*Não é uma maneira disfarçada de dizer que é o sujeito?*

● P\* – *Não. Esse acordo só vai dar a noção de qual forma será colocada no final do verbo, se ei ou a, por exemplo, sem valor centrado semanticamente num dentro ou num fora. Ou, então, como pensar o acordo verbal do verbo falar, se é o primeiro ou segundo que fala? A noção de sujeito deixa de ser aquele que fala. E o objeto é o que o verbo requisita para que, naquela significação, o sentido que se vai dar na frase possa se fazer. É bem diferente da noção antiga que a gramática emprega.*

Obrigado pela explicação, mas, a meu ver, não desdiz o que foi colocado anteriormente. Em diversos momentos de pensamento surge essa reflexão. Em Freud, já está, e em Lacan, mais ainda, mas o apego às formas da língua faz muita confusão. Essa visão lingüística contemporânea é importante para nós porque mostra, se não prova, que é no seio da língua que essa coisa funciona com independência total de qualquer situação fora da língua. Como frequentemente só sabemos nos comunicar pela língua que se instalou sintomaticamente, confundimos as formações do sintoma língua com outras que estão em jogo e que nada têm a ver com esse sintoma, a não ser o de o



utilizar para mexer no Mundo. Quando digo “eu sou isto assim-assim”, estou dentro da língua e não mais do que dentro dela. E se me perguntarem quem é *Eu*, a língua não sabe responder, pois só sabe responder que é isto assim-assim, dar uma nomeação lingüística, falar em sintagma controlador, por exemplo. Aliás, é bacana dizer sintagma, pois pode ser de qualquer tamanho.

● P – *A idéia de controle não é ainda psicológica?*

O detalhe é que, na definição dada há pouco, quem controla é um sintagma, não é ninguém, ainda que seja próximo do psicológico. Do ponto de vista da armação puramente técnica da lingüística, há um sintagma e é ele o controlador. É como se tivéssemos uma máquina, um carro, em que há o motor e um aparelho controlador da velocidade. Não se está falando de ninguém, é o acordo verbal. Os lingüistas também estão buscando sair da vocação ocidental.

● P – *Mas o sintoma da língua não é justamente o núcleo, talvez irreduzível, de haver sempre controle que indica uma direção? Se tirarmos isso, acaba a língua.*

Este é um problema da língua.

● P – *Mas é sintomático.*

Para nós, sim. Para a língua, não. Ela é a máquina e, como máquina, está funcionando: tal pecinha controla tal outra, a qual empurra uma outra que vai para lá... Os lingüistas estão buscando sair desse problema.

● P\* – *Existe uma noção, chamada teoria dos protótipos, em que determinado elemento de determinada classe gramatical é mais prototípico, mas, à medida que se vai para as franjas desse núcleo, ele transita de uma classe para outra, vai mudando de classe.*

Ou seja, é um desclassificado.

● P\* – *Não existe a idéia de que isso é um adjetivo e adjetivo para sempre será. Ele tem a característica de ser mais adjetivo, e outro terá a característica de ser mais outra coisa.*

Invoco essas informações para verem que não estou falando sozinho. São propostas que preocupam os pensadores em vários lugares. É muito bom

que a lingüística se torne uma teoria descritiva desses mecanismos, e não fique dizendo que *Eu* é alguém.

A última invocação de sujeito que tivemos próximo de nós, foi a de Lacan, que fez de modo que desaparecesse, ficasse meramente intervalar, mas que, mesmo intervalar, está lá o tempo todo botando as unhas de fora e mostrando suas intervenções na ordem discursiva. E nós, o tempo todo, querendo capturar, de algum modo, onde ele está. Ora, tratar a psicanálise no regime da língua é, de alguma forma, querer capturar esse sujeito para além de sua situação meramente lingüística. Não quero tratar nada com esse cara, pois acho que ele não existe, é uma assombração. Já o era em Lacan, mas ainda muito presente, pertinente. Aqui, quero que seja uma assombração que não faz parte do campo. Quero me retirar da relação sujeito-objeto.

67. É preciso imaginar que o que quer que se trame na ordem da mente, portanto, mais do que do pensamento, na ordem do Inconsciente – e quando uso a palavra Inconsciente, vocês sabem que abranjo o que quer que haja, pois é um termo expansivo –, do Haver, é constituído como **Rede**. Esta, se quiserem, é a nossa ideologia, a qual pretende dar um passo a mais. E quando temos uma rede intrincadíssima para qualquer lado – e podem imaginá-la, por exemplo, einsteiniana, espaço-temporal, embora o Inconsciente não tenha propriamente tempo, mas, nas relações de mundo, acaba-se constituindo espaço e tempo, que são formas *a priori* do doutor Kant –, o que podemos distinguir são pólos e mais nada. A única coisa que pode acontecer é polarizarmos uma rede. Talvez, então, precisássemos começar a pensar a respeito da estrutura do Inconsciente do modo como a lingüística está tratando a língua, como uma maquinaria.

Temos, pois, uma rede infinita para qualquer lado, a qual é polarizada. Polarizar é simplesmente apontar determinado lugar dentro da rede. O pólo apenas indica uma situação – é uma questão topológica – de determinado lugar sem tamanho, sem nada. Quando focalizo o pólo, focalizo-o maior ou menor, pois o franjal desse pólo é infinito, já que, mesmo não a vendo, faço a suposição de que a rede é infinita e conectada de todas as ma-

neiras para todos os lados. O franjal está influenciando o tempo todo em todos os acontecimentos que supostamente advenham do pólo, mas não tenho como situar isso justo por ser franjal. É preciso ampliar o foco, invadir as franjas para que elas parem de invadir sem se ter focalizado. O problema é estar diante de uma rede infinita em que algo se polariza, algo se focaliza, ou seja, emerge como foco maior, e as franjas invadem, só que não são computadas. É preciso estar ampliando o foco para que as franjas, computadas, permitam maior entendimento da situação. Na verdade, quando descobriu o Inconsciente e conceituou o Recalque na intenção de levantar o recalque para a pessoa ter maior consciência, o que Freud fez foi simplesmente levantar as franjas do que focalmente estava aparecendo.

Há algum sujeito nesse troço? Não. Nós é que somos pessoas invadidas, tomadas, situadas, como quiserem dizer, pois a língua é uma coisa horrível. Há horas em que temos que ser matemáticos, se não, vamos falar e começamos a dizer besteira. O que chamo de uma Pessoa, esse havente que apareceu aí, tem a estrutura igual à de qualquer coisa que haja. Por isso, se polariza, se focaliza, se torna franja, se “franjaliza”, se quiserem, independentemente de qualquer centro. E mais, independentemente de qualquer separação entre algo e algo. Ao distinguir teoricamente entre foco e franja, apenas faço uso de uma ferramenta capaz de mostrar minha ignorância do que é franjal, mas, na realidade, a franja está funcionando. Eu, ou seja, algum centro de registro que chamo de Eu – seja uma escrita ou outra coisa –, é que não tem registro dessas influências, mas elas estão lá. Então, todas essas formações estão em jogo no que chamo de uma **Pessoa**, que posso abstrair na língua chamando de Eu. Tenho o mau hábito de me separar das coisas, de pensar que o limite da superfície de meu corpo separa algo, mas não separa nada. Se fizer uma separação real, o corpo morre, pois tem que estar diretamente ligado ao ambiente por questões de troca, de alimentação, de respiração. Portanto, simplesmente faz um contorno de aparência de separação.

Chamar de sujeito e objeto é no mínimo erro grave. **O que se tem são formações em transa com formações**, resultando em certo tipo de for-

mações que, mediante outras formações, posso chamar do que quiser, inclusive, erradamente, de sujeito e objeto, que são categorias que fingem que há separação. Se pensarmos em termos de rede, com polarização, focalização e franja, a distância entre as formações que transam será zero e ficaremos sem condição alguma de chamar isso de sujeito e aquilo de objeto. Portanto, só é possível tentar descrever – mediante, é claro, outras formações – a transa entre as formações, desvelar que formações estão em jogo, jogando umas com as outras, daí resultando tal impressão, tal aparência.

- P – *O foco será maior ou menor em função do resultado da transa?*

Sim. Como se dão transas e formações supostamente metidas neste dito corpo meu e passam por aqui, fico com a impressão de que a coisa é aqui, mas, na verdade, como um foco se amplia, ou mesmo um pólo se situa? Ele se situa porque se situa. Como se situa no jogo das formações, fico com a impressão de que polarizei algo quando polarizou-se para eu. Vejam que é preciso retirar o sujeito do campo, pois atrapalha muito o entendimento. As formações transam, emergem, se polarizam. Há formações para lá, para cá, aquelas que nem sei se estão para cá ou para lá, só sei que transam e, quando isso acontece, emerge uma polarização, que emerge focalizada, e com todas as suas franjas. E quanto mais formações acontecem de transar aí, talvez maior seja a focalização. Parece que estamos dizendo que se é ninguém. E é verdade. Faz uma ferida narcísica? Acho que já estava em Freud.

- P – *Qualquer perspectiva tópica, para você, depende de uma abordagem dinâmica e econômica? Sua idéia de atectonia, por exemplo. Talvez em Freud o raciocínio tópico tenha prevalecido.*

É preciso dar mais importância à economia e à dinâmica, pois a tópica é apenas reconhecimento da formação que está em jogo. Em nossos termos, quando Freud diz que aqui há tal elemento do inconsciente, isto é simplesmente franjal e pode retornar porque nunca deixou de estar ligado, está simplesmente embargado ou porque as formações não o incluíram ainda, ou porque há várias formações que querem excluí-lo. Para Freud, as formações recalcentes não conseguem excluir as recalçadas, mas conseguem forçar algum tipo de amné-

sia, ou seja, que algumas formações fiquem enfraquecidas, tornem-se elementos franjais por haver outras embargando que sejam transáveis imediatamente. É pura dinâmica.

68. Observem que uma consideração do tipo que faço prejudica radicalmente em nível político, por exemplo, o conceito de **Classe**, que é falso, “subjetivo”. Se os sociólogos não fossem kantianos e dessem alguns passos, mesmo na descrição do fenômeno sociológico, perceberiam que é impossível definir uma classe social. Ela é cheia de transgressões, de passagens.

● **P** – *Já pensaram o Rio de Janeiro como uma cidade partida, como se tivesse um muro...*

O pior é que tem mesmo, pois quem está organizando o Rio de Janeiro é um certo sujeito. Há que tirá-lo do comando. É uma ideologia de fundo, e fica-se em luta com efeitos secundários, terciários, quaternários desse ideologema, mas não se mexe nele. Enquanto houver alguém que *se* nomeia e é nomeado governador *como sujeito*, não poderá funcionar, pois justo onde se quer abrandar as grandes diferenças de classe, é ali mesmo que está presente a idéia de classe supondo fazer o trabalho do abrandamento. Não conseguirá, pois é preciso retirar o conceito. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade, e não ao de atitude ou de expedientes administrativos. Mentalidade não se muda porque se quer ou se vai fazer uma revolução, mesmo porque as pedagogias que se pretendem libertárias, são aprisionadoras em termos de função “subjetiva”. Quanto à lingüística, é fácil entender, pois caímos fora como sujeito e vemos as máquinas lá, mas é o “sujeito” vindo do lado de cá. Quero ver o lingüista, ele também, cair fora dessa relação. Ele até suporta que, na lingüística, não haja mais sujeito, mas não que não seja um sujeito que esteja vindo isto na lingüística...

● **P** – *Um garoto tomou uns trechos do filme Tropa de Elite e fez uma piada falando mal da torcida do Botafogo. Em dois dias, foi ameaçado de morte e não pode mais sair de casa. Ele mexeu numa rede muito poderosa e não se sabe aonde isso vai, vão matar o sujeito que...*

Se formos rigorosos, entenderemos que não foi o garoto que misturou as imagens e fez o filme, e sim que as misturas o pegaram e ele vai pagar por isso. Se pegamos uma gripe, sabemos que a pegamos, que os micróbios nos atacaram e que não a produzimos. Mas quando acontece uma coisa dessas, ninguém se lembra de que o garoto foi infectado pela rede. Em vez de entender como está funcionando na rede e tentar mexer nela, situamos um suposto “sujeito” e o enchemos de porrada para ver se a rede muda. Ou seja, pegamos aquele elemento e o colocamos na cadeia, achando que tudo se resolve. É imbecilidade sem tamanho, mas é o que fazemos.

69. Sugeriram a leitura de um livro de Luciano Canfora (1942-), que é um autor muito inteligente, intitulado *Crítica da Retórica Democrática* (São Paulo: Estação Liberdade, 2007). Vejam que coisa deliciosa na página 105: “Não mais dinheiro-mercadoria-dinheiro” – que era o arcabouço geral, os três níveis, até Marx: tenho dinheiro, que adquire mercadoria e é transformada em dinheiro –, “mas dinheiro que produz *tout court* outro dinheiro”. Temos, então, a relação:

$$D \rightarrow M \rightarrow D$$

$$M \rightarrow D \rightarrow M$$

$$S_1 \rightarrow \$ \rightarrow S_2$$

Lacan articulou sua idéia de sujeito na vocação languageira e articulou a idéia de discurso como resultante dessa armação por ele destacada dentro da ordem languageira: o sujeito é o que um significante representa para outro significante, e significante é o que representa um sujeito para outro significante. Bem bolado, porque perfeitamente compatível com a idéia de século XX, herdada do século XIX, com todo aquele marxismo e aquela idéia de economia em que temos dinheiro que passa a mercadoria e a dinheiro. Mais compreensível até é o que vem em seguida: vende-se uma mercadoria e ganha-se dinheiro para adquirir outras mercadorias ( $M \rightarrow D \rightarrow M$ ). O que, na seqüência, é: o significante que pega o dólar (\$), o sujeito de Lacan, e passa para outro significante. O dólar é o mediador. Ultimamente, anda desvalorizado, mas naquela época o

sujeito estava muito bem de dólar. Aliás, quando Serge Leclair (1924-1994) esteve no Rio, disse numa conferência que tinha mudado a concepção de sujeito e escreveu no quadro negro o S com duas barras (\$\$). Ele, que era uma boa pessoa e uma ótima cabeça, ficou danado comigo, pois lhe perguntei se estava preferindo o cruzeiro ao dólar...

Temos, então, que o sujeito é o que o significante representa para outro significante; o dinheiro é o que uma mercadoria representa para outra mercadoria; e a mercadoria é o que representa o dinheiro para outra mercadoria. O que Canfora propõe com sua frase mais ou menos terrível é substituir a fórmula anterior por:

$$D \rightarrow D \rightarrow D$$

Dinheiro que faz dinheiro que faz dinheiro. Como o regulador da economia *mundi* hoje não é senão o mercado financeiro, regulador de qualquer coisa, das duas uma, ou a mercadoria virou sujeito ou o sujeito virou mercadoria – escolham. Dizer que a mercadoria virou sujeito é um pouco difícil, pois a mercadoria não anda se exprimindo imediatamente por aí. Mas é um pouco mais fácil dizer que o sujeito virou mercadoria. É muito evidente, aliás, basta ligar a televisão: o sujeito defendido pela ideologia que vigorou até final do século XX virou mercadoria. Repetindo, ele, sujeito pertinente a essa ideologia, virou mercadoria, e as pessoas que se consideram sujeito foram junto. E o nome disso é *prostituição universal*. Se me retiro da ordem anterior, tanto faz dizer que o dinheiro é a mercadoria por excelência ou que o sujeito é a mercadoria por excelência. Então, posso dizer que só há significantes, sem sujeito. Tanto faz dizer que o dinheiro é o que representa o dinheiro para outro dinheiro, como a mercadoria é o que representa a mercadoria para outra mercadoria – e o nome dessa mercadoria é: sujeito.

Quando o dinheiro vira a mercadoria precípua, o sujeito também vira mercadoria. É, portanto a prostituição universal: as pessoas no mundo situadas como sujeito são mera mercadoria. Apenas no Imundo, no Real, elas não são negociáveis. Nada tenho contra: Daspu, sou a favor. É preciso, pois, perder a vergonha de entender que é assim, coisa que a psicanálise sabe desde Freud,

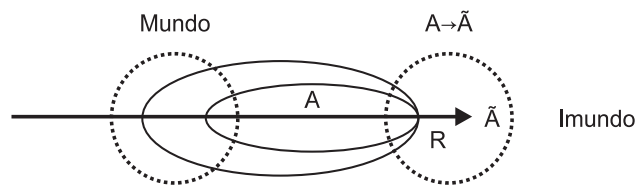
mas tudo tem se passado envergonhadamente, inclusive entre psicanalistas. Mesmo a dissolução do sujeito feita por Lacan é a demons-tração disso. Não vamos, então, fingir não saber que tudo está situado no mesmo nível de mercado – e se quisermos fazer algo quanto a isso, deve ser dentro do regime do que é. Ainda estamos com processos políticos em que se dizem coisas como “é preciso acabar com a exploração do homem pelo homem”. Para colocar o quê no lugar? Só se for o contrário, como dizia Lacan.

21/OUT

**70.** A *ética* da psicanálise é determinada por seu **estatuto místico**, que é determinado pela Alei (*Haver quer não-Haver*), a qual, para possibilitar a lida com o Mundo, impõe que o estatuto da psicanálise seja místico. Não se trata de beatice, e sim de que, em todas as áreas do chamado misticismo, o exemplo é de afastamento e de indiferenciação em relação ao Mundo. Exemplo este que, em referência à Alei, é tomado como indicador do estatuto da psicanálise enquanto místico. A ética que a Nova Psicanálise pode oferecer está determinada por este estatuto. Vejam, então, que uma coisa está em sequência e em consequência da outra. Esta ética não é pieguice ou obrigação moral, ainda que em sentido kantiano. É simplesmente o comportamento necessário para chegar onde o estatuto indica. Se quisermos lá chegar, o comportamento necessário será este que está dito no estatuto: afastamento do mundo no sentido da indiferenciação com referência ao Real, portanto, ao Imundo. A psicanálise é uma imundice, chega a ser nojenta: não é mundana, e sim imunda. O psicanalista, aquele situado diante do mundo na referência ao Imundo, ao Real, sempre está situado como estrangeiro em relação ao Mundo, a qualquer um, até do da psicanálise. Ele não encontra morada em Mundo algum, apenas lida, transa com ele. A pessoa do psicanalista está mergulhada no Mundo, mas o psicanalista enquanto tal, no exercício de sua prática, é desse Mundo.



10/NOV/2007



Esta seqüência é importante, pois, apesar dos esforços de Lacan, que pouco conseguiram nessa área, perdeu-se a noção da diferença posta pela psicanálise. Sobretudo no mundo contemporâneo, em que a vaca já foi para o brejo há bastante tempo, dado que, por não haver muita referência assentada, a dispersão e os dispersóides são capazes de mexer em qualquer construção discursiva. É importante porque Lacan fez esforço para mostrar a diferença entre psicanálise e psicologia, mas lhe era muito difícil mostrá-la. A diferença, para ele, seria entre o inconsciente e sei-lá-o-quê; deveríamos apreendê-la nas transas significantes do inconsciente em desconexão para com as transas da consciência... Para nós, torna-se mais clara. A maioria dessa gente que se chama de psicanalista hoje está fazendo psicologia, e da barata. Ou seja, fora do estatuto que apresentei, o que se faz é psicologia. A diferença está em que a psicologia se dá *no Mundo*. São transas discursivas *no Mundo*, sua referência são os acontecimentos mundanos e as articulações feitas em tornos deles. Podem ter serventia local, mas para a psicanálise trata-se do que se faz na transa obrigatória com o Mundo tendo por *referência* o Real, e não o Mundo. O Mundo não é referência suficiente, pois a psicanálise é estrangeira a ele. Qualquer Mundo é passível de ser submetido à sua referência fundamental, perdendo portanto qualquer indicação necessária, pois tudo ali é contingente. A psicologia, em sua prática, faz parte da cultura. Se a psicanálise lida com discursos misturados à cultura, seu estatuto e seu referencial escapam completamente de qualquer formação cultural. **A postura do analista é esta e é exterior a qualquer formulação a respeito da psicanálise.** Aliás, a psicanálise só pode dar alguns passos, muito raros, porque o lugar do analista é fundamental e exterior a qualquer formulação a respeito dela. Se fosse mera psicologia, estaria engasgada em si mesma desde o começo. Não é um pro-

gresso científico ou de conhecimento que a determina, e sim sua *postura* que, talvez, eventualmente, determine algum movimento do dito a seu respeito.

A Psicanálise tampouco é Filosofia, como se tem insistido depois da bobagem lacaniana de misturá-la, ainda que fosse sem a intenção de fazê-lo. Dá para misturar a filosofia com certos discursos a respeito da psicanálise, mas a postura do psicanalista não é a do filósofo. Esta é de relação com o mundo, referenciada a ele e procurando saberes que dêem conta dele. Se a psicanálise eventualmente dá conta do mundo é justo por se lixar para ele. Sua referência é o escape do mundo, por sua indiferenciação. A psicanálise dá passos, que podem ou não ser chamados de progresso, forçados pela HiperDeterminação, que é a referência ao Real; e não forçados pela sobredeterminação, que é a chicana dos saberes. Não quer isto dizer que, na chicana da psicanálise com o mundo, ela não possa lançar mão de tal ou qual dito de um filósofo. Não confundi-la, entretanto, com a filosofia ou com a ciência, embora em sua produção de saberes com referência ao Real ela se aproxime mais da função científica do que de qualquer outra. Que os epistemólogos briguem para saber o que é ou não ciência, isto não é problema da psicanálise. Que Karl Popper diga que a psicanálise não é falsificável, é problema de sua teoria a respeito do que poderia ser uma razão epistemológica. A postura da psicanálise também é científica, ou seja, na referência ao Originário, ela busca no mundo experiências verdadeiramente laboratoriais para ajeitá-las de algum modo. Se seu discurso não chega à *precisão* e a provisão das ciências exatas, não importa, mas sim que sua postura leva a tentar produzir saberes segundo sua referência própria, saberes urgidos por sua experiência fundamental. A psicanálise pode usar qualquer expediente – psicológico ou outro –, desde que funcione para cumprir seu estatuto, e não para se cumprir como mero expediente.

**71.** A técnica da psicanálise por excelência é algo muito antigo. Uma descrição perfeita dela pode ser encontrada no capítulo “*Dead Words, Living Words, and Healing Words: The Disseminations of Dogen and*

*Eckhart*”, de David Loy, publicado nas páginas 33-51 do livro *Healing Deconstruction: Postmodern Thought in Buddhism and Christianity* (Atlanta Georgia: Scholars Press, 1996), também editado por ele. (Lembro, de passagem, que já lhes disse que essa bobagem que hoje querem chamar “desconstrução”, no início do século XX foi chamada *Psicanálise* por Freud). Loy escreve que, nas últimas instruções a seus sucessores, antes de morrer, Hui-neng – monge chinês (638-713) – “ensinou mais sobre como ensinar: ‘sempre que um homem lhes colocar uma questão, respondam com seu antônimo, de modo que um par de opostos se formará, como *ir* e *vir*. Quando a interdependência de ambos é inteiramente abolida, não há, em sentido absoluto, nem ida nem vinda’. Se alguém estiver fixado em uma visão, desafiem-no com a visão oposta – não para convertê-lo àquela visão, mas para deslocá-lo de todas as visões de modo a poder escapular entre elas”. O ensino de Hui-neng, que é principalmente reverenciado no Japão, foi recolhido na obra *Doutrina dos tesouros da lei*, e se tornou um dos cânones do pensamento Zen. Ele é fundador da escola do sul do Budismo Zen, que prega a *iluminação instantânea*, ou seja, espera-se que a coisa pegue no tranco e acordemos. Outras escolas pregam a *iluminação progressiva*, em que se espera progressivamente chegar lá. Quanto a mim, tenho a impressão de que precisamos de *trancos progressivos*: um tranco depois do outro. Vejam, então, que, fundamentalmente e em última instância, a técnica é esta. E tudo isso se possibilitando em situações extremamente precárias.

● P – No colégio onde estudei, o CEAT (Centro Educacional Anísio Teixeira), contavam que Anísio Teixeira ao iniciar uma discussão ia até o ponto de vencer o outro quanto à sua idéia. Quando isso acontecia, começava a fazer ao contrário. Na época, me pareceu que ele fosse alguém briguento...

É meu mestre. Não era briguento, e sim uma pessoa muito ativa e participante, que realmente fazia isso. Tomava um pensamento qualquer, um filósofo, por exemplo, desenvolvia, discutia e mostrava que era ótimo. Quando ficávamos convencidos, mostrava seus defeitos, demolia-o em seguida e nos deixava perplexos. Talvez tenha sido meu melhor analista.

72. Freud ensinou que as seqüências, de fatos ou de falas, tomam pleno sentido só-depois (*nachträglich*). Todos parecem já entender isto, sobretudo depois de Lacan fazer aquele grafo com ponto de interrogação, que é mera explicação comunicacional do só-depois. O que os ditos analistas em geral têm se recusado a aprender é que **o sentido que nos chega só-depois, só nos chega é tarde demais**. Há um autor craque em apresentar isto, Henry James (1843-1916), em cuja obra a idéia de fundo é a do *too late*. É melhor forjarmos um *mot-valise* para a psicanálise: TARDEMAIS. É sempre tardemais. É claro que sempre resta entendimento – e é o que podemos fazer. Já os psicólogos, que não têm o referencial que temos, acham que intervêm *antes-ainda* e resolvem os problemas. Falam em prevenção, são prevenidos, mas a única prevenção possível é, desde o começo, fazer a referência a não-Haver. Aí não tem erro, sempre dará errado, ou seja, está certo.

A postura do psicanalista, em sua referência ao Real, é saber que o sentido só consegue se apresentar depois de terminada uma seqüência. E quando é apresentado, é tardemais, não serviu para resolver problema algum para a frente, mas só para entender o que já não tem jeito para trás. Isto é lastimável, mas é a verdade da coisa. E não é inútil, pois, de tanto aprender que só-depois chegamos ao tardemais, acabamos nos referindo, com toda freqüência possível, à base fundamental que é não-Haver. Isto distensiona o processo: lidamos com as coisas, mas com certo afastamento por sabermos que não *dará certo*. Aliás, o sonho da psicologia é resolver alguma coisa antes e, no final, dar *certo*. Não *dará certo*. O máximo possível é distensionar e indiferenciar, o que, aliás, dá um bem-estar incrível.

● P – *A cabeça filosófica ou psicológica, que é geralmente a nossa, além do só-depois e do tardemais, esperaria uma terceira possibilidade ainda referida ao mundo, coisa que você suspende ao afirmar que a psicanálise é o distensionamento dos dois pela referência a um Impossível Absoluto, que não é lugar de Mundo, e sim de Imundo.*

O Impossível Absoluto é o não-Haver, mas basta referenciar-se ao lugar de Indiferenciação do Real, que, por tabela, é referência a ele. A postura

da psicanálise, sendo indiferenciadora, é libertária, coisa que psicologias e filosofias não conseguem ser. Observem o exemplo do marxismo, anotado historicamente e escandaloso diante dos saberes do mundo: uma filosofia, que, como todas, ao dar com os burros n'água, mostrou não ser libertária, muito pelo contrário. Se tomarmos a psicanálise em seus discursos hoje, com ditos analistas a psicologizando, ela não passará de ser uma porcaria dessas. Mas esse é o mal-entendido da burrice pós-Lacan, em que acham que psicanálise e filosofia sejam a mesma coisa.

- P – *A posição de Indiferença significa um lugar onde nada vale?*

É o contrário, é onde tudo vale, *valetudo*.

- P – *Onde tudo é bom?*

Onde tudo há. Fazer escolhas é transar o Mundo, mas se a referência for a escolha, estaremos ferrados. Se for a Indiferença, estaremos apenas lidando, e não seremos aprisionáveis por ele. Como disse outras vezes, *apostar não é crer*.

- P – *Mas quando apostamos, diferenciamos, votamos nisso, e não naquilo. Então, como conciliar a Indiferença onde tudo vale e depois o Mundo?*

Ao apostar, nossa referência é o Real, a Indiferença. No mundo, fazemos algumas escolhas... e quebramos a cara.

- P – *Com base em quê fazemos escolhas?*

Em nossos sintomas, nos sintomas do Mundo. A diferença é não estarmos aprisionados por ele, e sim lidando, jogando. No momento, apostamos aqui, pois *parece* que é mais interessante.

- P – *É uma aposta cega?*

A aposta é sintomática e interesseira. Mas, mesmo fazendo isso, podemos não *crer* e só *apostar*. Há enorme diferença de uma coisa para outra. Aposta-se porque há interesses, mas não se está aprisionado sintomaticamente. Tanto é que, depois, pode-se fazer a crítica. Observamos que, ao contrário, a normalidade é o fanatismo por qualquer coisa, pelo time de futebol, pelo partido político, pela mãe... E levar alguém a um mínimo de reflexão crítica é praticamente impossível, pois o sintoma não deixa. A postura do analista, a

qual tenta transmitir ao mundo, é de que é sintomático como qualquer outro, entretanto tem uma referência que o suspende. Logo que se refere a ela, fica o mais possível independente e pode ter elasticidade maior do que qualquer apego a significados. Como disse, não devo ter apego nem à teoria que produzo, pois certamente não presta. Isto porque, se for brilhante, será para nada, tardemais, só servirá para outro fazer seu próprio tardemais. Produz-se um tardemais só para outro tardemais ter vez, para empurrar o processo para a frente.

**73.** Freud era um homem de pleno século XIX, esforçando-se para enfiar seu mundo no século XX. No que, como se sabe, teve sucesso: conseguiu dar um salto e acompanhar o movimento para o que se pode chamar de século XX, porém tardemais. É tardemais, pois quando começaram a perceber o que se passava no pensamento freudiano, já era preciso reformular tudo. Aí vem Lacan, reformula, ninguém entende nada, fica aquela zona, alguns fazem um pequeno esforço, têm certa noção do que ele diz – e agora, quase trinta anos após sua morte, todos são lacanianos, ou seja, o coitado morreu mesmo. Ele era um homem do começo de século XX, esforçando-se para levar seu mundo ao fim desse século. Freud enfiara o século XX no Mundo, Lacan se virou para exterminá-lo e, de certa forma, conseguiu. Como sabem, digo que Lacan é um pensamento terminal. Pensam que é um pensamento para o futuro, mas não é, fechou o século XX. Isto é importante, pois essas fatias temporais não passam de ser fatias de construção sintomática em vigor, impondo-se como algo capaz de empurrar os processos para adiante.

Enfim, acabou a baboseira. A vaca do século XX finalmente chegou ao brejo, está lá atoladinha. É isto que dizemos que é dar com os burros n'água. É preciso acordar e perceber que a vaca do século XX, vamos encontrá-la completamente atolada. Hoje, aliás, ela anda espalhada pela cidade [referência à *Cow Parade*]: o brejo é esta cidade. Não há mais recursos por aí, em lugar algum, nem nas ciências duras. O que acontece no campo da física, por exemplo, é uma contestação radical do século XX, da estrutura de pensamento que

vigorou até o fim do chamado estruturalismo. De repente, todos se perdem e começam a chamar de pós-moderno, que não quer dizer coisa alguma, mas é algo que está nascendo por aí, cujo nome ainda não brotou direito. Freud, em 1900, começa o século XX, mas como aquilo não pareceu grande coisa, em 1905 Einstein apresenta uma teoria de século XX. Há também o marxismo, que vem trazido de coisas anteriores. É um século cheio de vontade científica e saberes mais ou menos configurados e de completude. É isto que foi para o brejo. Não estou dizendo que se estragou o essencial do pensamento deles, que pode ser renovável, e sim que a mentalidade do século XX acabou.

Por isso, é lamentável ainda ver a propagação de posições típicas do século XX como se fossem o importante do momento, como se fossem novidade. O lacanismo que corre o mundo já morrera na mão de Lacan, não é mais preciso morrer na mão de outros. Podemos ainda pensar em termos de estruturas, pois estruturas existem, mas o estruturalismo acabou. Não é por nada que me esforço – e nunca saberei se com ou sem sucesso – em desatolar a vaca e recomendar a ciranda novamente. É este o sentido de NovaMente: desatolar a vaca e começar tudo de novo, novamente por um outro mesmo jogo. Tomo uma frase de Lacan em um discurso sobre seu ensino: “Eu me exercitei em me colocar numa posição de ensino muito particular, a qual consiste em começar novamente de certo ponto, certo terreno, como se nada houvesse sido feito. **A psicanálise quer dizer isto**”. Ele começou *novamente*, como se nada tivesse sido feito, porque houve análise. Se ela há, os círculos se apagam, é preciso recomendar novamente, como se nada tivesse acontecido. Talvez digam que estou redondamente enganado, pois está aí corrente o sucesso do lacanismo. Não se enganem, esta é justamente a prova de sua derrocada. Essa lambança não significa que Lacan tenha sido “assimilado”, mesmo porque, se o foi, todos terão conseguido voltar para o século XX.

74. A psicanálise, assim concebida, poderia ser exemplar. Aliás, desde o começo, a cada momento, ela poderia ser exemplar para o Mundo. Quando falo em Diferocracia, em contraposição à baboseira cultuada que chamamos

Democracia, não estou supondo que será possível uma revolução ou uma transposição da democracia para a diferocracia. Não será. Se for, coloquem alguns séculos pela frente. A diferença é de horizonte e de postura. Se o mundo não pode, não consegue, não tem cacife ou condições para entrar no processo da diferocracia, a psicanálise tem e os psicanalistas também. A exemplaridade da psicanálise está justamente aderida a seu estatuto, a sua ética e, fundamentalmente, a sua Alei.

A psicanálise tem conseguido muito pouco, pois sua verve entre os chamados analistas é o mais frequente denegatório. Pessoas se arrumam socialmente em grupos, instituições, coisas assim, supostamente psicanalíticas, mas o próprio modo de fazer isto é denegatório. Está-se fingindo, mediante uma articulação societária, a aderência a um discurso, e o que temos é a evidência de uma sociedadezinha familiar tão estúpida como qualquer outra, em detrimento do discurso que se pretendeu invocar. É algo parecido com o que Lacan dizia sobre não servir a psicanálise à canalha, pois ela ficaria besta. Se esse discurso funcionasse, a exemplaridade de Mundo e para o Mundo seria a Instituição Psicanalítica, mas as que conheço são péssimo exemplo. O exercício da ética, do comportamento que leva à funcionalidade do estatuto no regime da Indiferenciação, da Indiferença como referência, faria com que cada um dos analistas tivesse o mínimo de experiência e de referencial para acolher e entender todas as diferenças na discussão, mas com serenidade. É o mesmo que a diferença entre aposta e crença. Como foi dito de meu mestre Anísio Teixeira, ele era capaz de discutir veementemente a favor de uma teoria e dizer que não acreditava nela, apenas a conhecia, e que, se a observássemos, veríamos que tem furos, que há outros pensamentos, que temos, o tempo todo, que manter a distância. Não é o que acontece nas ditas instituições psicanalíticas, muito menos na minha. O tempo todo a referência é a sintomática individual ou de grupo. Como não se lida com a sintomática tendo por referência a Indiferenciação, o que temos não é diferente de uma briga de cachorros no meio da rua.

Por que a psicanálise desde o começo tem uma pega institucional que não existe, por exemplo, nas ciências? Por ser um discurso que trata das re-



lações de Mundo e, no que o faz, precisa constituir um Mundo onde possa exercer sua postura. É um laboratório. Um escritor pode dar as costas, mandar todos às favas e ser solitário, mas isto não é funcional do ponto de vista psicanalítico. Para constituir a própria psicanálise, precisamos de dois laboratórios fundamentais: o da Cura, em qualquer situação, individual ou não; e o Institucional, que é um micromundo para se fazer experiências do discurso psicanalítico intervindo nele. É justo o que esses micromundos não permitem por se montarem para constituir sintomas poderosos que não deixam a psicanálise funcionar e para proteger o Mundo da psicanálise. A exemplaridade da psicanálise é política também. Não vai modificar o mundo, mas pode exemplarmente apresentar-se como uma postura. Quem sabe se o Mundo não pode se aproveitar disso e chegar a um outro lugar político? Isto é, portanto, experimental e laboratorial no tratamento analítico, de qualquer modo que compareça, inclusive no tratamento institucional.

Uma instituição psicanalítica, se existisse – e denuncio que não existe –, seria exemplar disso. Cada um estaria procurando sua referência para que a instituição fosse exemplar de outro estatuto político, coisa que é muito perigosa. Observem que os saberes que circulam pelo Mundo até fazem pequenas associações, mas que não são determinantes ou exemplares da produção, pois esta se dá em outro lugar. Um físico pode pertencer a uma associação de físicos, mas sua produção não depende dessa inclusão. A da psicanálise depende de seu laboratório, precisa ter essa estruturação. No que precisa disso, fica com cheiro de religião e o grupo começa a imitar as sociedades de fora, a imitar a Família, a Igreja, o Estado... Imitam o mundo idiota, sem fazer o exercício de, no regime societário, manter sua referência e, mediante ela, procurar indiferenciar a cada momento.

75. O que chamo **A Rebelião dos Anjos** já está se realizando. Infelizmente, à revelia – o termo é preciso, tem o mesmo radical – dos conhecimentos e das ordenações. Isto é perigoso, pois a rebelião está acontecendo por movimentos espontâneos. Tecnologia, funcionalidades do mundo, etc., estão produzindo

processos de rebelião à revelia dos conhecimentos e das ordenações. A psicanálise pode esclarecer e orientar esse movimento, mas só quando assumir a Indiferença do Real como seu lugar de referência, e não enquanto fingir que é psicologia ou Associação de Pais e Professores. Ela perde sua perspectiva e vira essa (não imundice, mas) mundice. (o sujo é o Mundo, o Imundo é limpinho). A ideologia burguesa é que fez reversões e trocou as palavras de lugar. Tomou uma região, certo grupo de pessoas, excluiu o resto, fez uma faxina e disse que ali é o limpo e lá o sujo, mas isto é a oposição limpo / sujo *dentro* do Mundo. Do ponto de vista da psicanálise, ali é uma sujeira, pois o Real é que está limpinho porque está purinho.

Repetindo, a psicanálise poderia perfeitamente esclarecer e orientar o movimento de rebelião. No início deste ano, falei em *Eleutéria*, o estado do homem livre, e *Exousía*, ter poder, recursos, para uma liberdade moral. A referência a esta postura da psicanálise, onde existir, estará no movimento das duas situações indicadas por essas palavras gregas. Portanto, a rebelião, se conseguisse dar conta de si mesma e ser orientada por alguma visão, significaria **Conhecimento + Revolta**. Ou seja, a Rebelião dos Anjos, orientada e esclarecida, se dá por fato de conhecimento e revolta. Quando fiz uma associação desta psicanálise com a Gnose foi no sentido de que **há conhecimento por experiência do ponto de Real**. E quando me refiro a esse ponto, que minha Pessoa conhece por experiência, não posso, como estrangeiro ao Mundo, não me revoltar com as paralisias e imposições do Mundo. Esse conhecimento me dá esse direito – não direi *dever*, pois não se trata disto –, essa *possibilidade* aumenta as *possibilidades* diante do mundo e pede que o conhecimento do mundo também seja feito e produzido. Não se trata, pois, de restar na inocência e na ignorância deixando que a Rebelião se dê à revelia de qualquer entendimento. Mas é o que acontece no Mundo de hoje: não é possível parar a Rebelião que está em curso, mas à revelia de qualquer entendimento, por falta de referências. Isto porque as referências disponíveis são demasiadas sintomáticas. Basta olhar o que acontece no Mundo. A “psicanálise” está na mesma situação, ao invés de lutar para manter alguma sus-

10/NOV/2007

pensão e ser exemplar para esse mundo cuja referência é sempre sintomática. Ela não tem conseguido ser exemplar. Ao contrário, tem imitado o Mundo. Isto é O Fracasso.

Conhecimento + Revolta. Revolta contra o mundo tal como imposto. A revolta se realiza na lida com o mundo, enquanto conhecimento da experiência de Haver e produção de conhecimento do mundo a partir dessa experiência. Portanto, já que está claro o que é a revolta e que é o conhecimento que permite essa revolta e a rebelião, **para a frente, vamos**, se é que vamos, **pensar o que seja o conhecimento segundo esta perspectiva**. É preciso distinguir os dois termos, pois o tonus das pessoas não é de Revolta, e a Rebelião acaba sendo um efeito aleatório e mal entendido dos acontecimentos. Justo o que indico é o contrário: que a psicanálise sirva exemplarmente para que haja Pessoa reconhecendo sua Revolta e a aplicando, e não, como um fantoche no mundo, resultante de uma rebelião que se produz à revelia porque as pessoas são apenas empurradas pelos acontecimentos. É preciso estar na participação e no atendimento dos acontecimentos. O que está acontecendo não é nada bom, em todos os sentidos. Desde a posição dos ecologistas, que dizem que os homens não sabem lidar com o Mundo e o emporcalham, até as posições políticas de guerra, estão todos sendo levados num processo de ebulição sem exemplaridade. Nas diversas épocas, aparece em algum lugar a exemplaridade que cada uma vai buscar para se encaminhar. Não vejo, para a nossa, exemplaridade melhor do que a psicanálise. Quando ela tenta refletir o que já acontece no Mundo. E já vem tardemais como sempre. Ela não está dizendo o que acontecerá, e sim o que já acontece sem norte, sem maior entendimento, sem esclarecimento – e isto é perigoso. O que chamam *quebra de fundamentos* é simplesmente que os valores estão se indiferenciando por questões acontecimentais e ainda se insiste em refletir psicológica, filosófica ou politicamente quando nenhum desses discursos se parece com o fato. E é preciso que o discurso seja parecido com o fato para poder dar conta dele e organizá-lo. O que digo é que esta psicanálise se parece com o fato que já está visível no Mundo.

Se fôssemos exemplares – e não vamos mentir dizendo que somos –, poderíamos dizer ao mundo que não só temos um discurso que se mostra capaz de manter um processo de neutralização permanente, como funciona também do ponto de vista institucional. Então, teríamos esse laboratório para mostrar, mas não o temos. O que acontece de ruim é que o mais frequentemente os chamados analistas querem distância da postura analítica e imitam o mundo externo e ultrapassado.

- P – *No caso dos físicos, o que vemos são laboratórios – o acelerador de partículas, por exemplo – direcionados para o Mundo do século XXI.*

E mesmo abandonando teorias do século XX. Eles estão perdidos, não sabem fazer uma teoria nova com eficácia explicativa, mas fazem assim mesmo – a teoria das cordas, por exemplo – para saber onde dará, já que, para trás, sabem que não dá mais.

- P – *Há relação entre indiferença e niilismo?*

A Indiferença significa que tudo tem sentido, tudo vale, e não se sabe por que tal outra coisa não pode valer. Indiferença não é ato de desinteresse: tudo tem algum valor e tem situação possível. Diante de uma situação, trata-se de indiferenciá-la, ou seja, de entendê-la buscando dessintomatizar as relações. É como diz Hui-neng, se penso em algo, tentarei pensar o contrário, que é possível também, para ver se amacia. Aí, estaremos *lidando* com aquilo, e não *sendo* aquilo. O filósofo é aquilo, sintomatiza, veste a camisa, e não usa apenas a ferramenta. Um matemático é mais interessante, pois, para ele, aquilo é uma ferramenta. Notem que é mais difícil tomar uma ferramenta e apenas lidar com o cotidiano, o mundo e as pessoas com ela, mas é o que é necessário. Assim é a cabeça do analista: lida, tem limitações sintomáticas, está no embate, mas não se mistura. Freud já falava em *neutralidade* do analista. Quando alguém se torna analista, um indício de sua passagem da Análise Propedêutica para a Análise Efetiva é observar se ele se trata assim. Ao cutucá-lo, busca-se ver se tem disponibilidade e disposição analítica. Se a resposta for sem perplexidade, não há analista algum ali. Ou seja, diante de qualquer indicação a seu respeito, vem o ego com unhas e dentes.

- P – *Sem esta perspectiva, todas as transações geram só guerras de mundo. Não há saída possível.*

Tento ver se, quem sabe?, a psicanálise seja exemplar dessa postura, mas ela não tem funcionado.

- P – *Quanto à sua frase “o mundo sou eu”, ela só faz sentido se pensada na consideração desse mundo como base de todo o processo.*

O pior é que é verdade. Mesmo sem a referência que indico – e é isto a Rebelião à revelia –, a coisa está se dando, e *o mundo sou eu mesmo* para cada um. É isto que está sendo percebido e vindo à tona para qualquer um, do mais ignorante ao mais conhecedor. Essa é a grande guerra do mundo contemporâneo. Estão se lixando para as regras, e isto é dito fundamentado na falta de fundamentos. Ou seja, a falta de fundamentos é um fundamento. Então, alguém pode ser fundamentalista da falta de fundamentos. O chamado terrorista, por exemplo. Na falta de fundamentos, vale o dele. Isto quando o pensamento exemplar seria: na falta de fundamentos, vale suspensão, suspeição e conversa. É o que chamo de Diferocracia, que não é poder de maioria, reconhecimento de vontade geral, e sim o interesse de cada um e sua administração de algum modo.

- P – *Lacan chamava as instituições psicanalíticas de SAMCDA, Sociedade de Amparo Mútuo Contra o Discurso Analítico, e você apontava, em 1980, para a instalação do que chamou de perversidade social.*

- P – *A frase “o mundo sou eu” não aponta para duas perspectivas opostas? Na do Eu como Pessoa, essa Pessoa está no Mundo, acompanhando seus acontecimentos, sendo contemporânea e avessando suas disponibilidades. Na do Eu entendido como ego, sem referência à HiperDeterminação, aí é egocracia, guerra, perversidade.*

Uma não invalida a outra. Quanto ao fato de lidarmos com uma pessoa de morfose forte e com grande inserção sintomática, a frase não está excluída: essa pessoa pode egoicamente dizer “o mundo sou eu”, pois a coisa chegou lá. Há que tentar soluções a partir do reconhecimento disto. Não é o caso de dizer que não se trata de Eu aí. Trata-se de Eu sim, e temos que buscar

saber o que fazer com isso. Não pretendo ser político, resolver o mundo ou fazer revolução. Pergunto apenas se os ditos psicanalistas não podem ser um pouco de exemplo.

10/NOV

## ANEXO

### SÍNDROME DE TRANSFERÊNCIA INSTITUCIONAL

No interesse do acerto teórico, já se fez intervenção com a introdução do Grupo de Estudos chamado Revirão<sup>1</sup>. Agora, no interesse da eficácia clínica, faz-se intervenção com as considerações que seguem:

Certa vez, um tolinho que andou entre nós, de carona, arranhou uma outra carona para Paris e foi fazer *une tranche* com uma analista importante da então já falecida Escola Freudiana. Foi lá contar, timentim por timentim, o que havia acontecido por aqui, quando da diáspora do Colégio Freudiano. A esperança era de que aquela senhora deixasse clara a inadequação da Instituição e a incompetência de seu instaurador. Ela escutou, escutou e recortou: “Se tudo isso aconteceu, foi porque ali houve análise”. Então, ora pois!

Naquele tempo (como quase sempre, sobretudo entre ditos psicanalistas) a agressividade venceu.

E continua vencendo, como era de se esperar. Sendo que alguns analisandos declaram, numa atitude de repulsa, estarem enojados de tal situação – para a qual, aliás colaboram visivelmente em cada Oficina ou Sessão.

---

<sup>1</sup> Referência à suspensão da apresentação pública do Falatório de 2006, *AmaZonas: a Psicanálise de A a Z* (Rio de Janeiro: NovaMente, 2008), no segundo semestre, para que, sob a orientação de um grupo de estudo indicado pelo autor, fosse realizada uma retomada da teoria e uma revisão dos conceitos apresentados até então.

A gente sempre se pergunta tola e por que justo entre psicanalistas (ou apenas supostos, ou simplesmente propostos) o nível de agressividade interpessoal é tão alto e os atos agressivos tão frequentes.

Haja vista ao texto de Lacan: *L'Agressivité en Psychanalyse*. Aqui tomado apenas como exemplar, uma vez que por toda a obra de Freud – e repetidamente em seus subseqüentes subseqüazes – resta bem claro que não há escapatória dessa emergência que não é, de modo algum, de se estranhar.

Oficina Clínica, bem como Set Analítico, ISSO É A BOCETA DE PANDORA. Pandora, vocês conhecem. É aquela que bens e males deixou escapar da caixinha de vingança que os deuses lhe doaram só para infernizar Prometeu...

A Boate de Pandora é o HiperICS que, fechado, até dá para a gente disfarçar – mas quando se abre...

Na Transa Analítica, qualquer que ela seja, mormente quando entre tantos, como numa Oficina, a Caixota, ou Cachola está aberta, ou pelo menos intermitentemente se abrindo e se fechando, que nem asas de Borboleta, como é aliás o nome grego da Mente (*Psyche*) – portanto de lá escapa todo tipo de não-sei-o-quê de Amor e de Ódio, numa que Lacan chamou de *HainAmoration* (em inglês pode ser *LoveHating* – em português traduzi por AmÓdio, que me parece menos expressivo).

As duas faces do arrojo em Metapsicologia, ou melhor, em Psiconomia, são: Acolhimento e Agressividade. É com estes ingredientes que podemos contar.

O Institucional-Psicanalítico não é o Suetto Social. Não se rege efetivamente pela Norma de nenhuma Sociedade Civil ou por qualquer Lei Estatal, nem se pauta por nenhuma Ética que não seja a da própria Psicanálise enquanto tal. Como se vê, estamos sempre embrulhados em maus lençóis.

Os ditos Analistas, ou simples postulantes, que se analisem o máximo possível – no esforço de conseguir, passo a passo e muito lentamente como soe acontecer, cada vez maior poder de INDIFERENCIAÇÃO, de modo a vir a suportar a exposição quase que permanente aos raios de AmÓdio que enfrentarão para sempre em sua existência enquanto tais. Quem não conseguir



*Síndrome de Transferência Institucional*

suportar tamanha ebulição que se retire do Campo (dito Freudiano), se não, terão que lidar perenemente com esse desassossego por todo o resto de suas vidas se referidas a esta opção.

O que é para entender é que nossa Oficina clínica é simplesmente Normal: as pessoas que nela restam, sempre retornam – e retornam para exercitar essa HainAmoration infame da qual não puderam ainda se desvencilhar. É o que há para fazer – enquanto se sustenta a tentativa de uma Cura com a qual eventualmente venham a topar.

(Recreio, 06/JAN)



## SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.  
Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação –  
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS,  
Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Univer-  
sidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris  
VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fun-  
dador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise).  
Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e  
Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de  
sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas,  
realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.



## ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte  
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu  
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa  
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico  
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: Psicanálise & Polética

Quatro sessões, sobre Las Meninas, de Velázquez, reunidas em Corte Real, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: A Música

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: Escólios

Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: Grande Ser Tão Veredas

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos

Publicados em O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Júízo Final

Publicados em O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: *"Psychopathia Sexualis"*  
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”

Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.

Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: Psicanálise: Arreligião

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão

Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.

33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.

34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair].

35. 2009: Clownagens [em andamento].





Formato  
*16 x 23 cm*

Mancha  
*12 x 19 cm*

Tipologia  
*Times New Roman e Amerigo BT*

Corpo  
*11,0 | 16,5*

Número de Páginas  
*210*